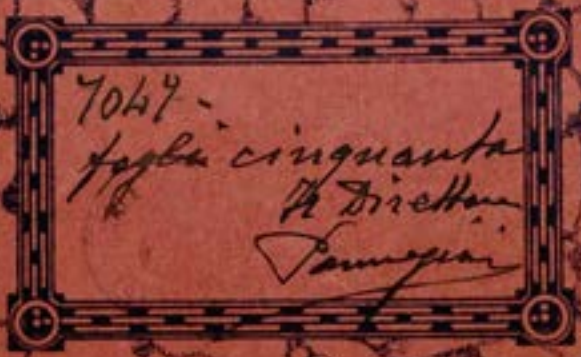

CADERNOS DO CÁRCERE
Caderno 1

GIUS. LATERZA & FIGLI
BARI

Antonio Gramsci

Tradução IGS - Brasil

1ª Edição

CADERNOS DO CÁRCERE
Caderno 1

Antonio Gramsci

Tradução IGS - Brasil
1ª Edição

International Gramsci Society - Brasil (IGS-Brasil)
Gestão 2022-2024

Coordenação Nacional

Presidente	Anita Schlesener (UTP)
Coordenação Científica	Maria Margarida Machado (UFG)
Coordenação de Comunicação	Marília Gabriella Machado (Unesp/Marília)
Secretária	Michelle Fernandes Lima (UEM)
Tesouraria	Percival Tavares da Silva (UFF)

Conselho Nacional
Douglas Christian Ferrari de Melo (UFES), Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva (UNB); Marcos Aurélio da Silva (UFSC), Marcos Francisco Martins (UFSCar), Marina Maciel Abreu (UFMA), Matheus Daltoé Assis (UFMS).

Conselho Fiscal
Helton Messina da Costa (UFF), Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos (Unesp/Marília), Rodrigo Lima Ribeiro Gomes (UFF).

Revisores
Helton Messina da Costa, Marília Gabriella Machado e Rodrigo Lima Ribeiro Gomes

Projeto e edição gráfica
Caliel Machado Luna

Diagramação
Maria Margarida Machado

Imagem de Capa
Reprodução da capa do manuscrito original obtida através da biblioteca digital da Fondazione Gramsci — https://gramsci.digital-library.it/it/quaderni-dal-carcere

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gramsci, Antonio, 1891-1937
Cadernos do cárcere [livro eletrônico] : caderno 1 (XVI) : 1929 - 1930 : primeiro caderno / Antonio Gramsci ; tradução Rocco Lacorte, Alex Calheiros , Lucas Moura Vieira. -- Rio de Janeiro : IGS-Brasil, 2024.
PDF

Título original: Quaderni del Carcere.
ISBN 978-65-83079-05-3

1. Filosofia 2. Gramsci, Antonio, 1891-1937 3. Marxismo 4. Política I. Título.

24-205313 CDD-320.532

Índices para catálogo sistemático:

1. Antonio Gramsci : Marxista revolucionário : Vida e obra 320.532

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

©1975, 2001 e 2007 Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino

Este material traduzido pela IGS–Brasil foi licenciado segundo a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivs 4.0 Internacional (**Licença CC BY-NC-ND 4.0**). Termos de uso completos disponíveis em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Não é permitida a publicação desta tradução em formato impresso sob quaisquer circunstâncias. Sua distribuição em qualquer formato deve ser sempre gratuita, seguindo os termos de licença.

APRESENTAÇÃO

A International Gramsci Society – Brasil tem a grata satisfação de apresentar aos leitores dos escritos de Antonio Gramsci a tradução brasileira da edição crítica dos *Cadernos do Cárcere*, organizada por Valentino Gerratana e publicada pela Editora Einaudi, de Turim, em 1975 (Primeira Edição). A tradução aqui apresentada é resultado de um trabalho iniciado em 2019 por iniciativa da Gestão da IGS-Br (2019-2022) e que assumimos o compromisso de dar continuidade e finalização. Formou-se na ocasião um grupo de vinte pesquisadores e estudiosos do pensamento de Gramsci que, a partir de uma atividade coletiva e voluntária coordenada pelo Prof. Giovanni Semeraro, realizaram a árdua tarefa de traduzir os 29 *Cadernos* na ordenação disposta por Gerratana. Ficou para um segundo momento a tradução do instrumental crítico, que compõe, ao todo, mais de mil páginas, das quais 592 correspondem a notas ao texto, a parte mais significativa do aparato crítico, por oferecer indicações das fontes utilizadas por Gramsci, bem como esclarecimentos sobre acontecimentos e personagens mencionados nos *Cadernos.* Esta tradução e disponibilização online dos 29 *Cadernos,* de forma gratuita na página da IGS/Brasil, contou com a autorização da Fundação Gramsci e da Editora Einaudi, agradecemos ao Diretor Francesco Giasi por esta intermediação.

A importância e a relevância da tradução dos 29 *Cadernos* na ordem estabelecida por Gerratana após pesquisa criteriosa se apresentam no fato de que, com a ampliação do interesse pelos escritos de Gramsci no Brasil, tornou-se indispensável transpor para o português a obra completa, tanto para o aprofundamento teórico quanto para a superação de algumas dificuldades interpretativas. A edição crítica organizada por Gerratana pressupôs uma pesquisa aprofundada para a periodização dos *Cadernos*, escritos entre 1929 e 1935, abrindo o caminho para novos debates e estimulando a compreensão das ideias e o conhecimento da contribuição do pensamento de

Antonio Gramsci. E não é possível uma análise aprofundada desse autor e uma interpretação pertinente da sua obra, sem instrumentos de pesquisa adequados.

A primeira edição publicada na página da IGS-BR apresenta os *Cadernos* em volumes separados para facilitar a consulta; cada volume tem um ISBN[1] para eventuais citações. A tarefa a seguir será constituída de Seminários voltados a analisar e retificar possíveis fragilidades da tradução, para a organização da segunda edição reformulada. Reiteramos a nossa grata satisfação de publicar no site da IGS-BR, para acesso de modo gratuito, a versão brasileira completa da edição crítica dos *Cadernos do Cárcere*.

Anita Helena Schlesener
Presidente da IGS/Brasil
(Gestão 2022-2024)

SOBRE A NOVA TRADUÇÃO DOS CADERNOS DO CÁRCERE NO BRASIL

A nova tradução em português dos *Cadernos do Cárcere* é um evento de grande importância cultural e, em sentido amplo, político.

Testemunhei, em parte, a idealização da primeira tradução parcial de uma edição não antológica e temática dos *Cadernos* em língua portuguesa no final de 1997, depois do primeiro colóquio da International Gramsci Society, que ocorreu naquele ano em Nápoles. Realmente, poucos meses depois, Carlos Nelson Coutinho comunicou-me a ideia de uma ampla tradução (mas não completa) dos *Cadernos* no Brasil, enriquecida de um amplo aparato crítico,

1 O registro dos ISBNs desta primeira edição contou com a colaboração de Cleide Litiman, funcionária da Secretaria Geral da Anped, que intermediou o processo de cadastro junto à Câmara Brasileira de Livro.

adequado a explicar aos leitores brasileiros os muitos aspectos e referências a fatos e personagens presentes nos *Cadernos*. Um trabalho desafiador e muito útil, por mérito – além de Coutinho – de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, três antigos amigos que, precisamente no colóquio de Nápoles, tinham novamente se encontrado renovando uma antiga paixão por Gramsci e o comunismo italiano.

Aquela edição idealizada e conduzida por Coutinho, publicada em seis volumes entre 1999 e 2002, junto à Editora Civilização Brasileira, porém, não era completa. Foi definida pelo próprio Carlos Nelson como uma edição crítico-temática, pois privilegiava os "cadernos especiais", temáticos, em detrimento dos textos de "primeira redação" (que, mais tarde, seriam retomados, reescritos e, algumas vezes, modificados por Gramsci). De qualquer modo, a edição publicada pela Civilização Brasileira teve uma importância relevante para a difusão de Gramsci no Brasil. No entanto, o próprio Coutinho, alguns anos mais tarde, confidenciou-me que tinha se arrependido de não ter inserido nesta edição todas as notas gramscianas de "primeira redação", isto é, de não haver traduzido integralmente as notas de reflexão crítica e de teoria dos *Cadernos do Cárcere*.

Por que esta mudança de opinião? Esta era fruto de uma importante transformação nos estudos sobre Gramsci que havia envolvido o próprio Coutinho. Na verdade, desde o final do século passado havia crescido, em nível internacional, a atenção dos estudiosos de Gramsci no sentido do aspecto "diacrônico" do seu pensamento, na direção do entrelaçamento entre as notas dos *Cadernos* e a história e a reflexão política de Gramsci, no cárcere ou na clínica de Formia.

Em outras palavras, havia crescido notavelmente a atenção para o caráter de *work in progress* das notas carcerárias do grande marxista e comunista sardo. Tanto que, como se sabe, atualmente está em andamento uma nova edição crítica dos *Cadernos* organizada por Gianni Francioni, Giuseppe Cospito e Fabio Frosini, edição que procura aprofundar as referências cronológicas, a pesquisa das fontes, etc. Desta edição saíram em língua italiana os primeiros oito

cadernos gramscianos e os *Cadernos de Tradução*, até agora inéditos, enquanto os cadernos seguintes ainda devem ser publicados.

Por todos estes motivos mencionados acima, quando eu soube que a IGS-Brasil havia decidido iniciar um grande empreendimento coletivo para uma nova tradução integral dos *Cadernos do Cárcere*, manifestei meu interesse e apoio à iniciativa. O conhecimento dos *Cadernos* na forma como foram escritos por Gramsci é, atualmente, o melhor ponto de partida para ler e estudar a maior obra deste autor. Esta obra já está integralmente disponível em espanhol (onde recentemente foi lançada uma segunda tradução pela Editora Akal). Eu pessoalmente manifesto a esperança de que novas traduções completas das obras gramscianas (dos *Cadernos*, mas possivelmente também das *Cartas do Cárcere*, dos escritos pré-carcerários e das cartas precedentes à prisão) estejam disponíveis ao menos em todas as principais línguas do mundo.

Uma tradução tão abrangente quanto esta nova edição em língua portuguesa, levada a termo em um período bastante limitado, graças ao empenho militante de muitos estudiosos e estudiosas da IGS-Brasil, apresenta inevitáveis problemas de amálgama da terminologia usada pelos vários tradutores, para exprimir temas e problemas gramscianos. Certamente uma atenção especial a esta e a outras questões relacionadas será dada pelo grupo que levou adiante este esforço coletivo tão relevante.

O tempo, o debate público, o cotejo entre os estudiosos e os leitores nos dirá muito – nos próximos anos – sobre o resultado alcançado com esta edição e também, eventualmente, sobre o seu aperfeiçoamento. Contudo, permanecerá válida a direção que esta edição indica: traduzir e ler Gramsci *inteiramente*, em primeiro lugar aquele dos *Cadernos*, contextualizar sempre mais, no tempo e no espaço os seus escritos, as suas afirmações, as suas palavras, no contexto político e cultural nos quais nasceram, perquirindo também as variações e inclusive as contradições internas aos seus escritos – para melhor compreender o alcance atual do seu pensamento, a sua validade ou a sua tradutibilidade (conceito gramsciano de extraordinária relevância) no nosso mundo de hoje.

Desta perspectiva, o trabalho que a IGS-Brasil levou a termo é, sem dúvida, de grande importância e nos faz compreender como as obras de Gramsci devem ser seriamente lidas e estudadas. Por isso, saúdo a nova tradução dos *Cadernos do Cárcere* para o português e agradeço todas e todos aqueles que dela participaram e à IGS-Brasil no seu conjunto por ter dado vida a esta iniciativa.

Sigamos em frente com Gramsci: Nino vive conosco se a sua leitura também nos ajudar a compreender a realidade da sociedade atual.

Guido Liguori
International Gramsci Society

AGRADECIMENTOS

A tradução dos *Cadernos do Cárcere* de Gramsci, realizada voluntária e gratuitamente por sócios da IGS-BR, foi submetida a revisão e padronização de profissionais, aos quais se retribuiu financeiramente. Realizamos uma campanha de arrecadação financeira entre os sócios da IGS-Brasil que ajudou a cobrir, parcialmente, essa despesa. Constam a seguir os doadores a quem se agradece pelo espírito coletivo: André Silva Martins (UFJF); Ascisio dos Reis Pereira (UFSCar); Danuta Estrufika C. Luiz (UEPG-PR); Dermeval Saviani (UNICAMP); Dilma Andrade de Paula (UFU); Douglas Christian F. de Melo (UFES); Emilie Faedo della Giustina (UFF); Erika Laurinda Amusquivar (UnB); Eurelino T.; Ivete Simionatto (UFSC); Leonardo Seabra Puglia (FCSMA-RJ); Lincoln Secco (USP); Luzinete de Souza Oliveira (ES); Márcia Aparecida Jacomini (UNIFESP); Marcos Aurélio da Silva (UFSC); Marcos Francisco Martins (UFSCar); Marcos Del Roio (UNESP); Mª Del Carmen Cortizo (UFSC); Mª Margarida Machado (UFG); Mª Socorro R. Militão (UFU); Marilia Etienne Arreguy (UFF); Marina Maciel Abreu (UFMA); Pedro Cláudio C. B. Bocaiuva Cunha (UFRJ); Raúl Burgos (UFSC); Renê Trentin Silveira (UNICAMP); Rodolfo S. P. Darrieux (RJ); Victor Leandro C. Gomes (UFF); Zuleide Simas da Silveira (UFF); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE/UFF); Núcleo de Estudos Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (TRAPPUS/PUC-Rio). Agradecemos também ao CNPq, pelo financiamento ao projeto: "Contribuições de Gramsci para pensar a educação de pessoas trabalhadoras" – coordenado pela Profª Mª Margarida Machado (UFG), que viabilizou a diagramação desta 1ª Edição, e ao projeto: "Traduzir, atualizar, potencializar os desafios postos pelos *Cadernos do Cárcere* de A. Gramsci" – coordenado pela Profª Mª Socorro Ramos Militão (UFU), financiado por emenda da Deputada Federal por Minas Gerais, Dandara Tonantzin Silva Castro (PT), que viabilizou o lançamento desta 1ª Edição dos *Cadernos do Cárcere* pela IGS-Brasil.

PREFÁCIO

Etapas das traduções dos Cadernos do cárcere no Brasil

Na segunda metade dos anos 1960, quando estava já instaurada a ditadura civil-militar no Brasil, a Editora Civilização Brasileira, além de uma seleção das *Cartas do cárcere* (1966)[1], publicou uma parte substancial[2] dos seis volumes dos *Quaderni del carcere*, de A. Gramsci, organizados por P. Togliatti e F. Platone e publicados pela Editora Einaudi de Turim[3]. Essa "Edição temática", estruturada com base nos temas centrais tratados nos "cadernos especiais" de Gramsci, havia sido concebida pelos editores italianos para "agrupar as notas gramscianas por assuntos e temas homogêneos, e organizar tais agrupamentos em uma série de volumes indepen-

1 Com a seleção e tradução de Noênio Spínola, a Civilização Brasileira publica 233 *Cartas do cárcere*, de Gramsci, tendo como base a edição italiana organizada por S. Caprioglio e E. Fubini, *Lettere dal carcere*, publicada pela Einaudi de Turim, em 1965, que continha 428 cartas.

2 A Editora Civilização Brasileira publicou, em 1966: *Concepção dialética da história* (Título dado ao 1º volume italiano *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*); em 1967: *Os intelectuais e a organização da cultura; Maquiavel, a política e o Estado moderno*; em 1968: *Literatura e vida nacional* (contendo só uma seleção da edição original). Os volumes *Il Risorgimento* e também *Passato e Presente* não foram traduzidos. Para mais detalhes desse processo de publicação, cf. C. Nelson Coutinho, "Introdução" a Antonio Gramsci, *Cadernos do cárcere,* vol. 1, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, pp. 32-38.

3 Togliatti, P., - Platone, F. (a cura di), *Quaderni del carcere di Gramsci*, 6 voll, Einaudi, Torino, 1948-1951. Os títulos dos seis volumes da "edição temática" italiana são os seguintes: *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce* (1948); *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura* (1949); *Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno* (1949); *Il Risorgimento* (1950); *Letteratura e vita nazionale* (1950); *Passato e Presente* (1951). Em 1977, com base na "edição crítica" de V. Gerratana, L. Gruppi organiza uma nova edição "riveduta e integrata" da "edição temática", publicada pela Editora Riuniti de Roma.

dentes"(Gerratana, 1975, p. XXXIII)[4]. Na prática, ao editar os cadernos manuscritos de Gramsci produzidos na prisão, a "Edição temática" excluía os textos "miscelâneos", notas de primeira redação, e depurava algumas partes dos cadernos que podiam gerar atritos com a orientação oficial do partido e a ortodoxia soviética (Liguori, 1996, pp. 56-57)[5]. Embora importante, por ter proporcionado uma aproximação fundamental à obra carcerária de Gramsci, com o tempo, a tradução incompleta da "edição temática" realizada no Brasil se mostrou problemática e insuficiente, não só pelas questões inerentes à edição de Togliatti-Platone, mas, principalmente, ante a "Edição crítica do Instituto Gramsci", realizada sob os cuidados de Valentino Gerratana e publicada pela Editora Einaudi, em 1975[6].

Essa "Edição crítica" reproduz integralmente as anotações contidas nos *Cadernos do cárcere* "tal como foram escritas por Gramsci", dispondo-as conforme uma "ordem cronológica da redação reconstruída na base de dados objetivos [...] e conservando entre parêntese as velhas numerações postas por Tânia" (Gerratana, Ibid., p. XXXV). Além disso, enumera todas as notas e as organiza de modo a colocar em evidência as de primeira redação (Textos A), sinalizadas com fonte menor, as de redação única (Textos B) e as de segunda redação (Textos C). Com os três volumes que reproduzem as anotações de Gramsci contidas nos 29 cadernos manuscritos e um "Apêndice" de oito páginas, posto no final do último caderno, contendo alguns "Extratos dos Cadernos de tradução"[7] , a "Edição crítica" publicou no quarto volume um precioso "Apparato critico" com os seguintes conteúdos: Descrição dos Cadernos; Notas ao

4 Gerratana, V., "Prefazione" in: Id (org.), *Antonio Gramsci. Quaderni del carcere*, Edizione critica dell'Istituto Gramsci, 4 voll, Einaudi, Torino, 1975.

5 Liguori, G., *Gramsci conteso. Storia di um dibattito 1922-1996*, Riuniti, Roma, 1996.

6 Gerratana, V. (a cura di), *Antonio Gramsci. Quaderni del carcere*, Edizione critica dell'Istituto Gramsci, 4 voll, Einaudi, Torino, 1975.

7 Além dos 29 cadernos, há quatro cadernos (A, B, C, D) contendo só traduções feitas por Gramsci entre 1929 e 1932. Na "Descrição dos Cadernos" que consta no "Apparato critico", encontra-se uma documentação analítica desses exercícios de tradução.

texto; Índice das obras citadas nos Cadernos; Livros e opúsculos do Fundo Gramsci não citados nos Cadernos; Índice dos periódicos citados nos Cadernos; Índice por assuntos; Tábua das concordâncias; Índice dos nomes.

Assim, para suprir os diversos problemas que apresentava a tradução parcial da "Edição temática" realizada no Brasil nos anos 1960, entre os anos de 1999 e 2002, foram publicados, sempre pela Editora Civilização Brasileira, seis volumes contendo uma nova tradução dos *Cadernos do cárcere*, de Antonio Gramsci[8]. Responsáveis pelo desenho da edição e pela tradução, C. Nelson Coutinho (editor), M. Aurélio Nogueira e L. Sérgio Henriques (coeditores) optaram por uma solução em que, "embora tome certamente como base a edição Gerratana, a presente edição brasileira incorpora não só os critérios adotados na velha 'edição temática', mas também algumas das sugestões propostas por Gianni Francioni" (Coutinho, 1999, p. 32)[9]. Dessa forma, tendo "como eixos articuladores os 'cadernos especiais'", os seis volumes da nova edição brasileira traduzem todos os "cadernos especiais" como se encontram na edição Gerratana e, no final de cada um, acrescenta-se uma seção intitulada "Dos cadernos miscelâneos", na qual são alocadas as notas de redação única (Textos B) relacionadas com o tema do "caderno especial" em questão (Ibid., p. 40), e "Notas ao texto", em sua maioria, extraídas das notas explicativas do "Apparato critico" de V. Gerratana e da edição norte-americana de J.A. Buttigieg (2007)[10]. Nos apêndices do último volume (6º), estão situados: "Uma antologia de textos A" (pequena amostra dos Textos A, de primeira redação); um "Índice geral dos Cadernos" (inclusive dos Textos A, indicando os parágrafos dos Textos C, nos quais foram reelaborados); uma "Datação dos

8 Coutinho, C. Nelson (editor) - Nogueira, M. Aurélio e Henriques, L. Sérgio (coeditores): *Antonio Gramsci: Cadernos do cárcere*, 6 vols., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999-2002.

9 Coutinho, C. N., "Introdução" a *Antonio Gramsci: Cadernos do cárcere*, vol. 1, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

10 Buttigieg, J. A., *Prison Notebooks* (vols. 1-3) por Antonio Gramsci, Columbia University Press, New York, 1992-2007.

parágrafos segundo a proposta de G. Francioni"[11]; um "Índice dos principais conceitos" e o "Índice onomástico".

Não há dúvida de que, levando também em conta a tradução em dois volumes das *Cartas do cárcere*[12], baseados na edição italiana organizada por A. A. Santucci (1996)[13], e uma seleção de textos pré-carcerários reunidos nos dois volumes de *Escritos Políticos*[14], o admirável empreendimento de C. Nelson Coutinho, M. Aurélio Nogueira e L. Sérgio Henriques representa um enorme avanço em relação aos textos de Gramsci postos à disposição dos leitores brasileiros até então. No entanto, sem diminuir o valor dessa tradução, nem o reconhecimento e a nossa gratidão aos autores desse trabalho, suscita perplexidade o critério que levou essa nova edição a suprimir - por "não ter maiores méritos científicos" (Coutinho, 1999, p. 41) - as notas de primeira redação (Textos A) aproveitadas e reelaboradas por Gramsci nos textos de segunda redação (Textos C) e a seleção feita pelos editores das notas de redação única (Textos B) que teriam alguma relação com o tema do caderno em questão. Passadas mais de duas décadas, a estruturação dessa edição, motivada essencialmente para "não ampliar quantitativamente nossa edição, tornando-a assim menos acessível a um público que pretendemos o mais amplo possível" (Ibid., p. 41) e intencionada a evitar que "o leitor iniciante" se perca "no labirinto das anotações carcerárias" (Ibid., p. 44), vem apresentando alguns limites e não atende plenamente às novas demandas de estudos e às exigências das pesquisas que foram evoluindo. De fato, inclusive graças à publicação dessa nova edição, na medida em que a difusão da obra e do pensamento de Gramsci foi se ampliando no Brasil e os estudos e pesquisas foram se tornando mais abrangentes e minuciosos, sentiu-se a neces-

11 Francioni, G., *L'officina gramsciana. Ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*, Bibliopolis, Napoli, 1984.

12 Henriques L. Sérgio (org.), *Antonio Gramsci: Cartas do cárcere*, 2 vols., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

13 Santucci, A. A., *Antonio Gramsci: Lettere dal carcere*, 2 voll, Ed. Sellerio, Palermo, 1996.

14 Coutinho C. Nelson (org.), *Antonio Gramsci: Escritos Políticos*, 2 vols., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004.

sidade crescente de traduzir integralmente a "Edição crítica do Instituto Gramsci" (aos cuidados de V. Gerratana), padrão mundial de referência e base para traduções em diferentes línguas, enquanto se espera que a ciclópica *Edizione Nazionale delle opere di Antonio Gramsci* venha a ser finalizada[15].

Quando, portanto, a equipe eleita na Assembleia de Marília/SP para a Direção da IGS-Brasil (2019-2022) apresentou a proposta de realizar a tradução integral da "Edição crítica" dos *Quaderni del carcere de A. Gramsci* organizada por V. Gerratana, houve imediato e amplo consenso. De fato, mesmo com algumas imperfeições e diante das questões levantadas, principalmente, pelos estudos filológicos de G. Francioni (1984, pp. 15-46) em relação ao método genético-diacrônico e às novas propostas de cronologia dos *Cadernos do cárcere*, a "Edição crítica" oferece o material completo das anotações que Gramsci registrou progressivamente tanto nos cadernos "especiais" como nos cadernos "miscelâneos" e nos de redação única. Ao apresentar integralmente os textos que Gramsci escreveu nos 29 cadernos[16] e distinguir as notas de primeira redação (Textos A), de redação única (Textos B) e as de segunda redação (Textos C), a "Edição crítica" revela melhor o modo de trabalhar de Gramsci, possibilita perceber as modificações nos seus planos de estudos e a evolução do seu pensamento, além de proporcionar

15 *Edizione Nazionale delle opere di Antonio Gramsci*, planejada para publicar o corpus inteiro da obra gramsciana, com a colaboração de vários grupos de trabalho coordenados por G. Francioni e sua equipe (G. Cospito e F. Frosini). O projeto, em andamento, promovido pelo Istituto della Enciclopedia Italiana e o Istituto Fondazione Gramsci di Roma, tem a previsão de numerosos volumes divididos nas três seções: escritos antes do cárcere, obras do cárcere e epistolário. Até hoje, vieram a público os quatro *Quaderni di traduzione* que não constam da edição crítica de Gerratana; dois vols. do epistolário: as cartas escritas entre 1906 e 1922 (vol. I) e os escritos do ano de 1917 (vol. II); os primeiros quatro cadernos de notas teóricas na nova edição crítica de G. Francioni, todos publicados pelo Istituto della Enciclopedia Italiana.

16 Gramsci escreveu 33 cadernos, sendo quatro dedicados a exercícios de tradução, excluídos da "Edição crítica" de Gerratana. Só no final do caderno 29, como Apêndice, Gerratana coloca poucas páginas de alguns "Extratos dos Cadernos de tradução".

uma visão geral dos assuntos que desenvolveu mais amplamente, dos que abordou parcial e sucintamente e dos numerosos pró-memórias deixados para ulteriores pesquisas. Acima de tudo, o acesso à leitura integral das notas carcerárias permite verificar que o trabalho de coleta do material de primeira redação registrado nos "cadernos miscelâneos", como o próprio Gramsci os denomina, não é um depósito aleatório de notas, um amontoado caótico e amorfo de reflexões reunidas a esmo, mas um extenso campo de pesquisa que já revela uma orientação básica de objetivos e uma metodologia de trabalho, reúne um conteúdo significativo de investigações interconectadas, mostra o amplo laboratório das suas ideias e as linhas de fundo que irão confluir na articulação dos temas aglutinadores sistematizados nos "cadernos especiais", assim chamados por Gramsci.

Motivada pela importância significativa desses aspectos, a proposta de traduzir integralmente a "Edição crítica" dos *Cadernos do cárcere*, mesmo sem nenhum suporte financeiro, recebeu a adesão generosa de 22 professores estudiosos da obra de Gramsci, todos sócios da IGS-Brasil, que se dispuseram voluntariamente a fazer parte da equipe de tradutores[17].

Nesse trabalho coletivo, além da "Edição temática", da "Edição Crítica" (inclusive eletrônica) e da "Edizione anastatica dei ma-

17 Tradutores dos Cadernos "especiais": 10 (Ana Maria Said/Gianni Fresu) – 11 (Giovanni Semeraro/Rodrigo Lima) – 12-20-21 (Maria Margarida Machado) – 13 e 18 (Anita Schlesener/Maria Socorro Militão) – 16 (Ivete Simionatto/Maria del Carmen Cortizo) – 19 (Marcos Del Roio/Leandro Galastri/Tatiana Oliveira) – 22 (Lincoln Secco/Silvia de Bernardinis) – 23 (Rocco Lacorte/Alex Calheiros/Lucas Moura Vieira) – 24 e 25 (Massimo Sciarretta/Ricardo Salles) – 26-27-28-29 (Luciana Aliaga/Deise Rosálio). Tradutores dos Cadernos "miscelâneos": 1 (Rocco Lacorte/Alex Calheiros/Lucas Moura Vieira) – 2 (Massimo Sciarretta/Giovanni Semeraro) – 3 (Ivete Simionatto/Maria del Carmen Cortizo/Giovanni Semeraro) – 4 (Rita Coitinho/Marcos Aurélio da Silva) – 5 (Ana Maria Said/Marcos Aurélio da Silva/Giovanni Semeraro) – 6 (Luciana Aliaga/Deise Rosálio/Maria Margarida Machado/Giovanni Semeraro/Helton Messini) – 7 (Ana Maria Said/Marcos Aurélio da Silva) – 8 (Giovanni Semeraro/Rodrigo Lima) – 9 (Leandro Galastri/Tatiana Oliveira/Giovanni Semeraro) – 14 (Anita Schlesener/Maria Socorro Militão) – 15 (Ivete Simionatto/Maria del Carmen Cortizo) – 17 (Maria Margarida Machado).

noscritti" (Francioni, 2009)[18], tivemos a vantagem de consultar traduções anteriores, empreendimentos editorais realizados em outros idiomas, especialmente, nas línguas espanhola e inglesa, e a possibilidade de levar em conta numerosos estudos filológicos que nesses últimos anos se multiplicaram e lançaram muita luz sobre a complexidade do pensamento de Gramsci e a intensa trama conceitual que permeia a sua obra. Como se sabe, nas notas dos Cadernos, além do trânsito nas mais diversas áreas do conhecimento e da ampla visão que Gramsci tem da política, da filosofia, da história, da cultura, da educação, da literatura, do universo popular etc., Gramsci é protagonista de primeira linha em um período crucial da história contemporânea: as duas grandes guerras, a Revolução de 1917, a fundação do Partido Comunista da Itália (PCd'I), a expansão e a crise do movimento operário na Itália e na Europa, o surgimento e a dominação do fascismo e do nazismo.

Traduzir, portanto, uma obra extensa e complexa como os Cadernos do cárcere com uma equipe numerosa de tradutores não deixa de ser um exercício fecundo e promissor, mas a tarefa não está isenta de problemas. Por um lado, de fato, oferece a vantagem de tornar o trabalho menos oneroso, promove uma interlocução enriquecedora entre seus integrantes e proporciona uma diversidade de pontos de vista. Mas, por outro lado, exige um ritmo que respeite as condições de trabalho de cada um e um delicado acordo para estabelecer convergências básicas em relação à organização formal do texto, à interpretação de questões complexas e controvertidas, à heterogeneidade de estilos, ao uso de linguagem, à pontuação e modelagem da escrita, ainda mais pelo fato de que a maioria das notas carcerárias foram escritas "ao correr da pena" (Q 11, p. 1365) e nas condições precárias da vida carcerária. Com o passar do tempo e a maior habilidade adquirida no trabalho de tradução, as dúvidas e incertezas que cercavam o início do novo empreendimento foram se desfazendo e deram lugar a sentimentos de entusiasmo e gratifi-

18 Francioni, G.(org.), *Antonio Gramsci: Quaderni del carcere. Edizione anastatica dei manoscritti*, 18 voll, Istituto della Enciclopedia Italiana - L'Unione Sarda, Roma-Cagliari, 2009.

cação. De certa forma, traduzir os *Cadernos do cárcere* nos fez sentir parte de uma experiência singular e de uma viagem incomum, áspera, desafiadora e fascinante: partilhar com o autor o tormento da elaboração dos conceitos, a responsabilidade na busca de expressões mais adequadas, o labor e a alegria ao vislumbrar novos horizontes de conhecimento e revolucionárias propostas sociopolíticas.

Avanços e desafios da tradução dos Cadernos do cárcere

Para entrar no emaranhado de questões que surgem para traduzir a extensa obra derivada das anotações carcerárias que Gramsci deixou com suas peculiares características, entre outros cuidados, levamos em conta os critérios metodológicos e as cautelas filológicas que o próprio autor apontou em diversas ocasiões, principalmente, no *Caderno 16*. No §2 desse caderno, de fato, apresenta-se um conjunto de recomendações quando "se quer estudar o surgimento de uma concepção de mundo que nunca foi exposta sistematicamente pelo seu fundador", alertando para que se busque o seu autêntico sentido "em todo o desenvolvimento do trabalho intelectual" e que se possa "fazer preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com o máximo escrúpulo de exatidão" (p. 1840). E tais cuidados adquirem ainda mais importância "quando se trata de uma personalidade na qual a atividade teórica e a prática estão indissoluvelmente entrelaçadas, de um pensamento em contínua criação e perpétuo movimento, que sente vigorosamente a autocrítica" (p. 1841). Embora Gramsci esteja se referindo essencialmente aos escritos de Marx, essas indicações se tornam demasiadamente oportunas quando se analisa a sua própria obra, uma vez que, na prática, Gramsci não deixou nenhum livro definitivo e impresso da sua imensa produção. Trata-se, portanto, de um autor póstumo, cuja obra foi progressivamente editada pelas mãos de diversos estudiosos e continua sendo organizada e editada integralmente até hoje.

Juntamente com os avanços da hermenêutica, da moderna crítica literária e dos estudos filológicos, essas considerações são fundamentais para reconstruir a trama complexa e dinâmica que constitui o projeto de estudos e o modo de escrever de Gramsci, para

percorrer as etapas da evolução do seu pensamento e se adentrar no contexto histórico, político e cultural no qual se situam seus escritos e a sua atuação de intelectual e militante político. Por isso, além da bagagem técnica e filológica, do domínio das línguas e de uma boa dose de conhecimentos sobre a obra do autor, a tradução exige também decifrar a linguagem típica da sua época e visitar os bastidores do intenso trabalho de outros tradutores e os problemas enfrentados pelos editores. Nesse sentido, o nosso trabalho não tem a pretensão de invalidar as traduções anteriores, mas de oferecer mais um instrumento de leitura e pesquisas para um público que vem se ampliando e aprimorando no Brasil. Pois, com a tradução integral da edição Gerratana, será possível ler os cadernos de Gramsci como foram escritos, não como foram selecionados e organizados.

Ter em mãos e poder percorrer todas as notas e apontamentos de primeira (Textos A) e segunda redação (Textos C) e os de redação única (Textos B) oferece a possibilidade de observar não só a forma peculiar e admirável de "Como trabalhava Gramsci" (Francioni, 2009)[19], mas de captar melhor a interligação inseparável entre os cadernos "miscelâneos", os "especiais" e de redação única, de descobrir as recorrências e as sucessivas abordagens de assuntos, a incansável reelaboração de ideias, a "estrutura reticular" das notas e a "escritura em espiral" (Francioni, 1984, p. 22) do autor, o refinamento da sua argumentação, a ampliação de conceitos, as complexas articulações das partes em torno de temas aglutinadores, a linha unitária que perpassa os seus planos de estudos, as artérias centrais da reflexão carcerária, as questões inacabadas, as que ficaram apenas mencionadas e deixadas em aberto. Tendo a visão da arquitetura geral, ainda que incompleta e truncada em algumas partes, aparecem mais claramente não só a conexão e o desenvolvimento das vértebras principais da obra de Gramsci, mas emergem também a visão poliédrica e a sua personalidade permanentemente crítica e aberta que se adentra com perspicácia nas mais diversas esferas da política e do conhecimento, evidenciando, assim, também, o valor de

19 Francioni, G., "Come lavorava Gramsci", in: "Introduzione" ao vol. 1 de Gramsci, A., *Quaderni del carcere. Edizione anastatica dei manoscritti,* cit., 2009.

muitas notas, assuntos, questões e páginas consideradas de pouca importância e secundárias, inclusive as tiradas divertidas e bem-humoradas. Nesse sentido, adquirem também valor, por exemplo, a extensa coleta de bibliografias, o amplo repertório de revistas, periódicos, jornais e artigos consultados, a visão geral da história e o interesse por questões de caráter nacional e internacional, a interlocução com os mais diversos autores, o elenco dos livros escolhidos e encomendados por ele, minutas de cartas[20], inclusive, as pequenas observações registradas telegraficamente, os breves apontamentos de pró-memória, as referências a assuntos aparentemente banais. Até as páginas interrompidas e não preenchidas dos cadernos acabam revelando intenções e limites do autor. Dessa forma, todo o conjunto do material levantado nas investigações de Gramsci, inclusive o meramente sinalizado e incompleto, assume grande significação para entender melhor o intenso retículo de temas tratados, a trama complexa das notas e o amplo leque de esferas exploradas pelo pensador encarcerado, tornando, assim, essa obra gigantesca não só uma fonte de inspiração, mas também a base fundamental da elaboração de uma nova concepção de mundo, herança a ser completada, aprofundada e levada coletivamente mais adiante.

Na verdade, tanto o conteúdo como o método utilizado e o projeto desenvolvido por Gramsci nos *Cadernos*, longe de serem um produto improvisado e circunstancial, apresentam todos os conotados de uma cuidadosa investigação científica, de ampla documentação, de refinada fundamentação teórica e de pesquisa de longo respiro que "demanda grandes bibliotecas" (Santucci, 1996, p. 441, carta de 03/08/1931), um incalculável legado que exige o envolvimento e a parceria dos leitores na mesma tarefa. As repetidas recomendações sinalizadas por Gramsci de que suas notas são "primeiras aproximações" e as inúmeras insistências para "verificar", "pesquisar", "consultar", "aprofundar", "levar em conta", além da frequente recorrência de "aspas", de "parece-me", de "etc." e das inúme-

20 Minutas de cartas, elencos de livros, contas, cálculos etc., anotados por Gramsci em diversas páginas dos *Cadernos*, são transferidos por Gerratana na "Descrição dos Cadernos" do "Apparato critico".

ras referências bibliográficas, não representam apenas indicações de pistas abertas a serem retomadas quando ele tivesse melhores condições de tempo e de trabalho, mas revelam também a consciência de que, mais do que deixar o legado de um conteúdo acabado e solidificado, Gramsci está apontando para um imenso território a ser explorado e aprofundado não só por um indivíduo isolado no cárcere, mas por um trabalho "coletivo" e de longo prazo. Nesse sentido, os *Cadernos do cárcere* podem ser considerados como um mapa precioso que aponta caminhos imprescindíveis para as "classes subalternas" e os povos subjugados se organizarem politicamente para reivindicar seus direitos fundamentais, conquistar a hegemonia e construir uma nova civilização.

Por isso, embora Gramsci tenha reelaborado e agrupado muitas das suas anotações preliminares em torno de temas aglutinadores nos "cadernos especiais", ao estudar todo o conjunto das notas, fica evidente que o processo permanente de investigação e de aprendizagem adotado por Gramsci não permite estabelecer uma divisão rigorosa entre o "método de pesquisa" e o "método de exposição". Entre os cadernos "miscelâneos", "especiais" e de redação única, a distinção é só metodológica, não orgânica e substancial. Mesmo se concentrando e confluindo na redação dos cadernos "especiais", por questão de tempo e pressionado pela saúde que vinha se debilitando rapidamente, Gramsci nunca deixou de continuar a investigar e explorar novas fronteiras de conhecimento e reelaborar as suas reflexões. Adotando, portanto, o critério de separação entre os "miscelâneos" e os "especiais" na edição da obra de Gramsci, corre-se o risco de desconsiderar a extensão dos seus horizontes e reduzir o significado da multiplicidade dos assuntos abordados, mesmo os rascunhados, menos elaborados e aprofundados. Além disso, ao descartar a parte dos seus escritos considerada preliminar, acabam sendo obscurecidos aspectos fundamentais do seu pensamento: a visão histórica, dialética e orgânica da realidade sempre em movimento, imbricada com a "complexidade molecular da vida real" (Santucci, 1996, p. 222, carta de 19/11/1928) e o árduo labor para o seu entendimento e a sua transformação. Como se sabe, de fato,

um dos principais objetivos da vida política e da obra carcerária de Gramsci foi aprofundar e levar adiante a concepção de mundo inaugurada por Marx.

Quando, portanto, Gramsci resolve se dedicar a um trabalho "desinteressado" e "für ewig" (Santucci, 1996, p. 55, carta de 19/03/1927), de longo respiro e alcance duradouro, não está sendo tomado por um surto de titanismo e delírio de grandeza, males dos quais nunca padeceu, mas da clara consciência de que, como ele comenta muitas vezes, a partir de Marx, se desencadeia na história um movimento que "renova de cima a baixo" (Q 11, §27, p. 1436) toda a concepção de mundo existente até então e inicia-se um período revolucionário "que provavelmente durará séculos" (Q 6, §33, p. 882). Ou seja, deu-se início a uma enorme e desafiadora tarefa que investe todos os aspectos da vida humana e que demanda todas as energias das classes subjugadas com seus intelectuais para elaborar também as armas teóricas mais avançadas e refinadas.

Ter, portanto, acesso aos escritos integrais e à obra completa de Gramsci, que inclui os escritos pré-carcerários e o epistolário, leva a não se limitar a leituras parciais, a pesquisas centradas em assuntos segmentados e análises apressadas, a estudos de conceitos e de temas isolados, ao atalho dos verbetes e a frases fora de contexto. Contrariamente a quem pratica uma anatomia de partes separadas do corpo inteiro, o método de Gramsci ensina a se dedicar incansavelmente a estudar e pesquisar, com visão histórica, abrangente e progressiva, a natureza processual e dialética da realidade, conectando a multiplicidade das suas expressões na totalidade do contexto no qual estamos inevitavelmente inseridos.

Portanto, poder entrar na mina escavada por Gramsci, propiciada pela "Edição crítica" de Gerratana, além de uma visão de conjunto, oferece aos estudiosos de Gramsci no Brasil "um instrumento de leitura que permita seguir o ritmo de desenvolvimento com o qual a pesquisa gramsciana se desdobra nas páginas dos *Cadernos*" (Gerratana, 1975, p. xxv). Ou seja, como o próprio Gramsci sinaliza,

cria as condições para sintonizar-se com o seu "ritmo do pensamento em movimento" (Q 16, §2, p.1841) e para "reviver seu *fluxo* e seu *continuum*" (Baratta, 2004, p. 101)[21].

Abraçamos, de fato, a complexa e delicada tarefa de traduzir a obra carcerária de Gramsci conscientes de que o trabalho não se reduz a uma transposição técnica e mecânica do texto, a resgatar o sentido mais exato das suas ideias no seu contexto, mas implica realizar um transplante de matéria viva de um campo teórico, político, histórico e linguístico para um outro corpo vivo e palpitante, ou seja, operar a passagem para um diferente universo cultural que comporta inevitavelmente não só a mediação de uma interpretação cuidadosa, propriedade conceitual e atualização terminológica, mas, também, a empatia com o projeto de sociedade que emana dos escritos de Gramsci, hoje, como nunca, de grande atualidade e urgência. Assim, além das "cautelas filológicas" (Q 16, §2, pp. 1840-44) e da contextualização no ambiente no qual Gramsci operou, para sermos fiéis ao pensamento e ao seu método, precisamos também praticar o que ele chamava de "filologia vivente", ou seja, traduzir concretamente o seu legado, levando em conta as interpelações provenientes do nosso contexto histórico e da atuação teórica e política realizadas pelo "organismo coletivo através da 'coparticipação ativa e consciente', da 'copassionalidade', da experiência dos particulares imediatos, por um sistema que se poderia chamar de 'filologia vivente'" (Q 11, § 25, p. 1430).

Esperamos, portanto, que a tradução integral dos textos de Gramsci contidos na "Edição crítica do Instituto Gramsci" (aos cuidados de V. Gerratana) não leve os leitores e estudiosos a se enclausurar no seu laboratório, mas, sem dissociar as "cautelas filológicas" da "filologia vivente", possam desenvolver a capacidade de interagir, atualizar, desdobrar, potencializar e recriar o seu pensamento na teoria e na prática do próprio contexto histórico. Como já observei, "não podemos cair na contradição de encarcerar Gramsci nas grades de um texto canônico e definitivo, até porque

21 Baratta, G., *As rosas e os Cadernos – o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*, Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2004.

toda a atividade filológica, por mais rigorosa e exitosa que seja, é sempre histórica, datada e sujeita a ser questionada e reconstruída. Sendo inseparavelmente intelectual e político militante, Gramsci solicita não só um trato cuidadoso com seus textos, mas nos desafia a 'ler e continuar a escrever' uma obra deixada incompleta, a ser atualizada com o nosso labor teórico e a nossa atuação política" (Semeraro, 2019, p. 56)[22].

Giovanni Semeraro

Coordenador do GT de Tradução
IGS - Brasil

22 Semeraro, G., "A 'tradução' de Gramsci no mundo", in Bianchi, A.- Mussi, D.- Areco, S., *Antonio Gramsci: filologia e política*, Zouk, Porto Alegre, 2019.

NOTA A ESTA EDIÇÃO

Esclarecimentos sobre a padronização utilizada

Como já destacado na Apresentação e no Prefácio, a tradução em língua portuguesa e a disponibilização online dos *Cadernos do Cárcere* de Antonio Gramsci, têm por finalidade contribuir para que leitores, pesquisadores e militantes possam acessar esses escritos na íntegra.

O trabalho de padronização dos textos está, essencialmente, baseado no ordenamento das notas realizado pela Edição Crítica do Instituto Gramsci, a cura de Valentino Gerratana. Assim, com algumas adaptações, a nossa edição utilizou os seguintes critérios:

- A indicação das páginas de seu início e término de cada caderno, conforme a Edição Gerratana, na folha de rosto.
- Manutenção de parêntese angulado no número do parágrafo de cada nota, como consta na edição Gerratana. Ex.: §⟨1⟩.
- Sinalização do número de página correspondente ao texto manuscrito de Gramsci que está posto na margem da página pela edição Gerratana. Ex.: |1|, |1A| ("A" no lugar de "bis") etc.
- Manutenção das referências bibliográficas nas línguas utilizadas por Gramsci.
- Manutenção das palavras em itálico que constam no corpo das notas.
- Para poder diferenciar os títulos de livros, deixados em itálico, foram colocados os títulos de artigos em letra de fonte regular e entre parênteses curvas " ".
- Manutenção dos parênteses angulados « » que Gramsci usa quando cita as revistas e jornais.

- Inclusão em rodapé da tradução das citações mais extensas feitas por Gramsci em outras línguas, para deixar fluir a leitura do texto.
- Posicionamento entre colchetes [ ] de alguma palavra ou expressão do italiano sem correspondência na língua portuguesa, antes de operar a conversão na expressão consoante no português.
- Quando estritamente necessário, para tornar uma frase mais clara, recorreu-se à possibilidade de colocar entre colchetes [ ] algum termo de acréscimo sinalizado como N.T.
- Manutenção das referências postas por Gerratana a (os) outro (s) caderno (s) no fim das notas, mas, com fonte em caixa alta na cor roxa.
- Vertidos para o português os nomes dos autores mencionados por Gramsci (salvo nomes já usados no original, como por exemplo, K. Marx, F. Engels, V. Lenin).
- Enumeração em cor roxa e entre colchetes [ ] para indicar as "Note al Testo" que constam no "Apparato Critico" do volume IV da edição de Gerratana. Assim que nos for possível, pretendemos traduzir também estas "Note al Testo".
- Sinalização a partir de asterisco verde no corpo das notas para indicação dos comentários/observações do editor em rodapé, expressos como: "No ms" (Nel manoscritto).

Resolvemos não traduzir a "Cronologia della vita de Antonio Gramsci" que consta no Iº volume da Edição Crítica de Gerratana, considerando que os leitores podem encontrar esses dados na bibliografia a respeito disponível no Brasil.

Além da Edição Crítica de Gerratana e de outras traduções, os leitores podem consultar os *Cadernos do Cárcere* na versão anastática dos manuscritos, disponibilizados pela Fundação Gramsci/Itália, no endereço: *https://gramsci.digital-library.it/en/quaderni-dal-carcere*.

No processo de tradução e revisão podem ter ocorrido eventuais falhas e erros. Receberemos, portanto, com gratidão as sinalizações que nos forem enviadas ao E-mail da IGS/Brasil: *igs.brasil1@gmail.com* para corrigir e melhorar os textos em próximas edições.

Maria Margarida Machado

Coordenação Científica da IGS/Brasil
(Gestão 2022-2024)

CADERNO 1 (XVI)
1929-1930

Primeiro caderno

Corresponde à Edição Gerratana: pp. 003-140

|PRIMEIRO CADERNO (8 DE FEVEREIRO DE 1929) |1|

Notas e apontamentos

Temas principais:

1) *Teoria da história e da historiografia*.

2) *Desenvolvimento da burguesia italiana até 1870*.

3) *Formação dos grupos intelectuais italianos:* desenvolvimento, atitudes.

4) *A literatura popular dos "romances de folhetim" e as razões de seu persistente sucesso.*

5) *Cavalcante Cavalcanti*: a sua posição na estrutura* e na arte da Divina Comédia.

6) *Origens e desenvolvimento da Ação Católica na Itália e na Europa*.

7) *O conceito de folclore*.

8) *Experiências da vida no cárcere.*

9) *A "questão meridional" e a questão das ilhas.*

10) *Observações sobre a população italiana*: sua composição, função da emigração.

*** NO MS "ESTRUTURA" SUBSTITUI EM INTERLINHA A PALAVRA CANCELADA "ECONOMIA".**

11) *Americanismo e fordismo.*

12) *A questão da língua na Itália*: Manzoni e G. I. Ascoli.

|1A| 13) *O "senso comum"* (cf. 7)

14) *Revistas tipo*: teórica, crítico-histórica, de cultura geral (divulgação).

15) *Neogramáticos e neolinguistas* ("essa mesa redonda é quadrada").

16) Os filhotes do Padre Bresciani.

|§ ⟨1⟩. *Sobre a pobreza, o catolicismo e o papado.* Lembrar da |2| resposta dada por um operário católico francês ao autor de um livrinho sobre *Ouvriers et patrons*, memória premiada em 1906 pela Academia de Ciências Morais e Políticas de Paris. A resposta reagia de modo epigramático à objeção apresentada-lhe que, de acordo com a afirmação de Jesus Cristo, devem existir sempre ricos e pobres: "Pois bem, deixaremos pelo menos dois pobres para que não digam que Jesus errou [1]." Essa questão geral deveria ser examinada em toda a tradição e doutrina da Igreja Católica. Afirmações principais feitas nas encíclicas dos últimos papas, isto é, dos mais importantes desde quando a questão tem adquirido uma importância histórica: 1) A propriedade privada, especialmente a "fundiária", é um "direito natural", que não pode ser violado nem mesmo com altos impostos (desta afirmação derivaram os programas das tendências "democrata-cristãs", para a distribuição da terra, mediante indenização, aos camponeses pobres, bem como as suas doutrinas financeiras); 2) Os pobres devem contentar-se com sua sorte, já que as distinções de classe e a distribuição da riqueza são disposições de deus, e seria ímpio tentar eliminá-las; 3) A esmola | é um dever |2A| cristão e implica a existência da pobreza; 4) A questão social é antes de mais nada moral e religiosa, não econômica, e deve ser resolvida com a caridade cristã e com os ditames da moralidade e o juízo da religião. (Ver *Código Social* e *Sillabo*) [2].

CF. CADERNO 20 (XXV), PP. 17-18.

§ ⟨2⟩. *Faccia a faccia col nemico,* de Luigi Galleani, editado nos Estados Unidos (Boston?) por volta de 1910, por «Cronache sovversive». É um amálgama compilatório sobre os processos dos individualistas (Ravachol, Henry etc.), pouco útil em geral [1]. Algumas observações:

Em Livorno, em seu discurso, [o deputado - N.T.] Abbo, repetiu a introdução da declaração de princípios de Etievant, reproduzida em apêndice ao livro [de Galleani - N.T.]; a frase sobre a "linguística", que suscitou hilaridade geral, é retomada literalmente; Abbo sabia de memória a primeira parte da declaração, com certeza [2].

Este destaque pode servir para fazer notar como se construíam sua cultura esses tipos de homens e como tal literatura fosse difundida e popular.

Em todas as declarações dos acusados se infere que um dos motivos fundamentais das suas ações é o "*direito ao bem-estar*" que concebem como um direito natural (entende-se, para os franceses, que ocupam a maior parte do livro). Vários acusados repetem a frase de que "uma orgia de senhores consome o que bastaria para mil famílias operárias". Não há tampouco qualquer referência às relações de produção. A declaração de Etievant, reproduzida integralmente em apêndice, é típica, porque nela se busca construir um sistema justificativo dos individualistas da ação; naturalmente as mesmas justificações são válidas para todos, para os juízes, para os jurados, para o verdugo: todo elemento social está encerrado na rede de suas
|3| sensações, como | um porco aprisionado num tonel de ferro, e daí não pode escapar: o individualista joga a "bomba", o juiz condena, o verdugo corta a cabeça. Não há saída. Trata-se de um voluntarismo que, para justificar-se moralmente, nega a si mesmo de modo tragicômico. A análise dessa declaração [de Etievant - N.T.] mostra como essas "ações" individuais ressulatavam de um desconcerto moral da sociedade francesa, que desde 1870 chega até o dreyfusismo, no qual encontra um desafogo coletivo.

Em relação a Henry, no volume é reproduzida uma carta de um certo Galtey (me parece, mas seria necessário verificar) [3] a propósito do amor reprimido de Henry pela esposa dele [de Galtey – N.T.]. Essa mulher, tomando conhecimento de que Henry se apaixonara por ela (parece que não se dera conta), declara a um jornalista que, se soubesse, talvez tivesse se entregado. O marido dela, na carta, declara nada ter a objetar sobre as declarações de sua mulher e explica: se um homem não tem conseguido encarnar o sonho romântico de sua mulher sobre o cavaleiro encantado (ou algo parecido), pior para ele: deve admitir que um outro o substitua. É típica esta mistura de cavaleiros encantados e de racionalismo materialista.

Em sua declaração no processo de Lyon de 1894 (ver), Kropotkin afirma com certeza que dentro de dez anos haverá a reviravolta final: o tom de confiança é notável [4].

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 33-34.

§ ⟨3⟩. *Relações entre Estado e Igreja*. O «Vorwärts» de 14 de junho de 1929, em um artigo sobre a Concordata entre a Cidade do Vaticano e a Prússia ⟨escreve⟩que "Roma considerou que tivesse caducada (a legislação anterior, que já constituía de fato uma concordata), no rastro das mudanças | políticas ocorridas na Alema- |3A| nha" [1]. Isto poderia ser um precedente muito importante e a ser recordado.

CF. CADERNO 16 (XXII), P. 15BIS

§ ⟨4⟩. *Direito natural e catolicismo*. Os atuais polemistas contra o direito natural evitam cuidadosamente de lembrar que ele é parte integrante do catolicismo e de sua doutrina. Seria interessante uma pesquisa que demostrasse a estreita relação que existe entre a religião e os "princípios imortais" [de 1789 N.T.]. Os próprios católicos da hierarquia admitem estas relações quando afirmam que com a Revolução Francesa se iniciou uma "heresia", isto é, reconhecem que se trata da cisão doutrinal de uma mesma mentalidade e concepção geral. Poder-se-ia dizer, portanto, que não são os princípios da Revolução Francesa que superam a religião, mas as doutrinas que superam esses princípios, isto é, as doutrinas da força contrapostas ao direito natural.

CF. CADERNO 27 (XI), PP. 5-6.

§⟨5⟩. *Relações entre Estado e Igreja*. Na «Vossische Zeitung» de 18 de junho de 1929 Hoepker-Aschoff, ministro democrático das Finanças da Prússia, colocava assim a questão evidenciada mais acima pelo «Vorwärts»: "Igualmente, não é possível desconhecer a fundamentação das teses de Roma, que, na presença de tantas mudanças políticas e territoriais ocorridas, requeria que se adaptassem

os acordos às novas circunstâncias." No mesmo artigo, Hoepker-Aschoff recorda que o Estado prussiano "sempre sustentara que os acordos de 1821 ainda estavam em vigor" [1]. (E o período da Kulturkampf ?).

CF. CADERNO 16 (XXII), P. 15 BIS.

§ ⟨6⟩. "Para elogiar um livro, não é de modo algum necessário abri-lo; mas, se se toma a decisão de criticá-lo, é sempre prudente
|4| lê-lo. Pelo menos enquanto | o autor estiver vivo...". *Rivarol* [1].

CF. CADERNO 23 (VI), P. 9.

§ ⟨7⟩. *Margherita Sarfatti e as "justas".* Na resenha de Goffredo Bellonci de Il *Palazzone* de Margherita Sarfatti [«Italia letteraria», 23 de junho de 1929] [1] lê-se: "[...] de grande veracidade aquela timidez da virgem que se detém, pudica, diante do leito matrimonial, embora sinta que 'ele é benigno e acolhedor para as futuras justas amorosas' ". Este *pudor* que sente com as expressões técnicas dos novelistas licenciosos é impagável: terá sentido também as futuras "muitas milhas" e seu "manto de pelo" bem sacudido.

CF CADERNO 23 (VI), PP. 19-20.

§ ⟨8⟩. *Geração velha e nova.* A velha geração dos intelectuais fracassou, mas tem tido uma juventude (Papini, Prezzolini, Soffici etc.). A geração dos jovens de hoje não tem sequer esta fase de brilhantes promessas: asnos feios, mesmo quando pequeninos (Titta Rosa, Angioletti, Malaparte etc.).

CF. CADERNO 23 (VI), P. 22.

§ ⟨9⟩. *Soffici.* Um provinciano sem ingenuidade e espontaneidade.

§ ⟨10⟩. *Sobre Maquiavel*. Costuma-se, de modo excessivo, considerar Maquiavel como o "político em geral", válido para todos os tempos: eis aqui, já, um erro de política. Maquiavel ligado a seu

tempo: 1) lutas internas na república florentina; 2) lutas entre os Estados italianos por um equilíbrio recíproco; 3) lutas dos Estados italianos por um equilíbrio europeu.

Influi em Maquiavel o exemplo da França e da Espanha, que têm alcançado uma forte unidade estatal [1]. Ele faz uma "comparação elíptica", como diria Croce [2], e deduz as regras para um Estado forte em geral e italiano em particular. Maquiavel é um homem inteiramente de sua época e sua arte política representa a filosofia do tempo, que tende à monarquia nacional absoluta, a forma que pode permitir um desenvolvimento | e uma organização burguesa. Em |4A| Maquiavel, encontra-se *in nuce* a separação dos poderes e o parlamentarismo; sua "ferocidade" é contra os resíduos do feudalismo, não contra as classes progressivas; o príncipe deve pôr fim à anarquia feudal, e é isto o que faz Valentino na Romanha, apoiando-se nas classes produtoras, camponeses e comerciantes. Dado o caráter militar do chefe do Estado, como se requer num período de luta para a formação e a consolidação do poder, a indicação de classe contida na *Arte da guerra* deve ser entendida para a estrutura geral estatal: se os burgueses das cidades pretendem pôr fim à desordem interna e à anarquia externa, devem apoiar-se nos camponeses como massa, constituindo uma força armada segura e fiel [3]. Pode-se dizer que esta concepção essencialmente política é de tal forma dominante em Maquiavel que o leva a cometer erros de caráter militar: ele pensa especialmente na infantaria, cujas massas podem ser recrutadas com uma ação política, e, por isso, desconhece o valor da artilharia. Em síntese, deve ser considerado como um político que deve se ocupar de arte militar, na medida em que isso é necessário para sua construção política, mas o faz de modo unilateral, porque não está ali o centro de seu pensamento.

CF. CADERNO 13 (XXX), PP. 5 A - 6.

§ ⟨11⟩. *Sobre a originalidade na ciência. Einaudi*: "Uma teoria não deve ser atribuída a quem a intuiu, ou acidentalmente a enunciou, ou expôs um princípio do qual podia ser deduzida, ou ainda *relatou* desligadamente as *diversas noções*, que *aspiravam* a ser re-

compostas em unidade." Falta a parte positiva acenada em seguida na frase: "em que outro livro foi assumida como objeto 'desejado' |5| de 'particular' | tratamento a seguinte proposição etc.?" Croce: "Uma coisa é expor uma observação incidental, que se abandona posteriormente sem desenvolver; outra, estabelecer um princípio do qual são percebidas as consequências fecundas; outra enunciar um pensamento genérico e abstrato, e outra coisa de pensá-lo real e concretamente; finalmente, outra coisa é inventar, e outra é repetir de segunda e de terceira mão." A enunciação de Einaudi é muito defeituosa e cheia de curiosas impropriedades linguísticas, mas é derivada de Croce (Einaudi, «Riforma Sociale», 1929, p. 277; Croce, *Materialismo storico*, IV, p. 26) [1].

CF. CADERNO 10 (XXXIII), PP. 5 A - 6.

§⟨12⟩. *Giovanni Papini*. O "pio autor" da «Civiltà Cattolica».

CF. CADERNO 23 (VI), P. 22.

§ ⟨13⟩ *Alfredo Panzini*. Escreve F. Palazzi na «Italia che scrive» (junho de 1929) [1] a proposito de *I giorni del sole e del grano*: "[...] sobretudo se ocupa e se preocupa com a vida campestre como dela se pode ocupar um patrão que quer estar tranquilo sobre as capacidades laborais das bestas de trabalho que possui, tanto as quadrúpedes como as bípedes, e que, quando vê um campo cultivado, pensa imediatamente se a colheita será tal qual espera.". Em suma, Panzini negreiro.

CF. CADERNO 23 (VI), P. 22.

§ ⟨14⟩. *Fortunato Rizzi***ou do italiano mesquinho*. Louis Reynaud, que deve ser um discípulo de Maurras, escreveu um livro: *Le Romantisme* (Les origines anglo-germaniques. Influences étrangères et traditions nationales. Le réveil du génie français), Paris, Colin [1], a fim de expor amplamente e de demonstrar uma tese própria do nacionalismo integral: a de que o romantismo é contrá-

* NO MS: "GIOVANNI RIZZI"

rio ao gênio francês e é uma importação estrangeira, germânica e anglo-alemã. Nesta | proposição, para Maurras e sem dúvida também para Reynaud, a Itália é e deve estar com a França; ou, antes, em geral as nações católicas, o catolicismo, são solidárias contra as nações protestantes, o latinismo contra o germanismo. O romantismo é uma infecção de origem germânica, infecção para a latinidade, para a França, que foi sua grande vítima: em seus países de origem, Inglaterra e Alemanha, o romantismo será ou foi algo sem consequências, mas na França ele se tornou o espírito das sucessivas revoluções de 1789 em diante, tem destruído ou devastado a tradição etc. etc. |5A|

Ora, eis como o prof. Fortunato Rizzi, autor de um livro ao que parece mediocríssimo (o que não é de espantar, a julgar pelo modo como ele trata das correntes de pensamento e de sentimentos) sobre o século XVI, vê o livro de Reynaud, num artigo ("Il romanticismo francese e l'Italia") publicado nos «Libri del giorno» de junho de 1929 [2]. Rizzi ignora os "antecedentes", ignora que o livro de Reynaud é mais político do que literário, ignora as proposições do nacionalismo integral de Maurras no campo da cultura e vai buscar, com sua lanterninha de italiano mesquinho, os traços da Itália no livro. Caramba! A Itália não existe, a Itália, portanto, é negligenciada, é desconhecida! "É verdadeiramente singular o silêncio quase absoluto no que se refere à Itália. Dir-se-ia que, para ele (Reynaud), a Itália não existe nem jamais existiu: não obstante, ele deve tê-la encontrado diante dos olhos a cada | momento". Reynaud recorda |6| que o século XVII, na civilização europeia, é francês. E Rizzi: "Seria preciso um esforço heroico para notar, pelo menos de passagem, o quanto a França do século XVII deve à Itália do século XVI? Mas a Itália não existe para os nossos bons irmãos transalpinos." Que tristeza!

Reynaud escreve: "les anglais, puis les allemands, nous communiquent leur *superstition* de l'antique [Os ingleses, depois os alemães, comunicam-nos sua 'superstição' do antigo"N.T.]." E Rizzi: "Oh! Vejam de onde a França recolhe a *adoração* pelos antigos! Da Inglaterra e da Alemanha! E o Renascimento italiano, com seu

maravilhoso poder de difusão na Europa e — sim, precisamente aí — também na França? Cancelado da história...” Outros exemplos são igualmente divertidos: “Ostentada ou inconsciente indiferença, ou ignorância, com relação à Itália” a qual, segundo Rizzi, não acrescenta valor à obra, mas, ao contrário “sob certos aspectos, a atenua muito e diminui”. Conclusão: “Mas nós, que somos os filhos primogênitos, ou melhor (segundo o pensamento de Balbo), filhos únicos de Roma, nós somos senhores de raça e não praticamos pequenas vinganças etc. etc.”, e, portanto, reconhece que a obra de Reynaud é ordenada, aguda, erudita, muito lúcida etc. etc.

Rir ou chorar. Recordo este episódio: falando de um Fulano, um articulista recordava que um antepassado do herói fora lembrado por Dante na *Divina Comédia*, “este livro de ouro da nobreza italiana”. De fato, era lembrado, mas num círculo do Inferno: isto não importa para o italiano mesquinho, que não percebe, por causa de sua mania de grandeza típica do nobre decaído, que Reynaud
|6A| — não falando | da Itália em seu livro — pretendeu lhe prestar a maior homenagem, de seu ponto de vista. Mas a Rizzi importa o fato de que Manzoni só tenha sido lembrado numa notinha de pé de página!

§ ⟨15⟩. *Sobre as universidades italianas*. Por que não exercem em nosso país aquela influência de reguladoras da vida cultural que exercem em outros países?

Um dos motivos deve ser buscado no fato de que, nas universidades, o contato entre professores e estudantes não é organizado. O professor ensina, de sua cátedra, à massa dos ouvintes, isto é, dá a sua lição e vai embora. Somente na época da preparação da tese de conclusão do curso ocorre que o estudante se aproxima do professor, pede-lhe um tema e conselhos específicos sobre o método da pesquisa científica. Para a massa dos estudantes, os cursos não são mais do que uma série de conferências, ouvidas com maior ou menor atenção, todas ou apenas uma parte: o estudante confia nas apostilas, na obra que o próprio professor escreveu sobre a matéria ou na bibliografia que indicou. Existe um maior contato individual entre os professores e estudantes que pretendem especializar-se

numa determinada disciplina: este contato se forma, no mais das vezes, casualmente, e possui uma importância enorme para a continuidade acadêmica e para o êxito das várias disciplinas. Constitui-se, por exemplo, graças a causas religiosas, políticas, de amizade familiar. Um estudante torna-se assíduo de um professor, que o encontra na biblioteca, convida-o para casa, aconselha-lhe livros para |ler e pesquisas a tentar. Cada professor tende a formar uma |7| "escola" própria, tem seus pontos de vista determinados (chamados de "teorias") sobre determinadas partes de sua ciência, que gostaria de ver defendidos por "seus seguidores ou discípulos". Cada professor pretende que, de sua universidade, em concorrência com as outras, saiam jovens "destacados" que deem sérias "contribuições" à sua ciência. Por isso, na própria faculdade, existe concorrência entre professores de matérias afins na disputa de alguns jovens que já se tenham distinguido por causa de uma resenha, de um artiguinho ou em discussões escolares (onde elas são realizadas). Neste caso, o professor realmente guia o seu aluno; indica-lhe um tema, aconselha-o no desenvolvimento, facilita-lhe as pesquisas, mediante conversas assíduas acelera-lhe a formação científica, permite-lhe publicar os primeiros ensaios nas revistas especializadas, coloca-o em contato com outros especialistas e se apodera dele definitivamente.

Este costume, salvo casos esporádicos de igrejinhas, é benéfico, já que integra a função das universidades. Deveria deixar de ser fato pessoal, iniciativa pessoal, para tornar-se função orgânica: não sei até que ponto, mas parece-me que os seminários de tipo alemão cumprem esta função ou buscam desenvolvê-la. Em torno de certos professores, há um amontoado de postulantes que esperam atingir mais facilmente uma cátedra universitária. Muitos jovens, ao contrário, particularmente os que vêm dos liceus provincianos, estão desorientados tanto no ambiente social universitário quanto no ambiente de estudo. Os primeiros seis meses do curso servem para orientar-se sobre o caráter específico | dos estudos universitários |7A| e a timidez nas relações pessoais nunca deixa de existir entre professor e aluno. Nos seminários, tal coisa não se verificaria, ou, pelo menos, não na mesma medida.

De qualquer modo, esta estrutura geral da vida universitária não cria, já na universidade, nenhuma hierarquia intelectual permanente entre professores e massa de estudantes; após a universidade, mesmo aquelas escassas ligações se dissolvem e, no país, inexiste qualquer estrutura cultural que se apoie sobre a universidade. Foi este um dos elementos que determinaram o êxito da dupla Croce-Gentile, antes da guerra, na constituição de um grande centro de vida intelectual nacional; entre outras coisas, eles lutavam também contra a insuficiência da vida universitária e contra a mediocridade científica e pedagógica (e mesmo moral, por vezes) dos professores oficiais.

§ ⟨16⟩. *Ignóbil pijama*. Bruno Barilli, num artigo da «Nuova Antologia» (16 de junho de 1929) [1], chama o uniforme carcerário de "aquela espécie de ignóbil *pijama*". Mas, talvez, já muitas maneiras de ver e de pensar sobre as coisas carcerárias foram mudando. Quando estava no cárcere de Milão, li na *Domenica del Corriere* um "Carta do leitor", que dizia mais ou menos o seguinte: "No trem, duas pessoas se encontram e uma delas diz que esteve vinte anos na prisão. — 'Claro, que por razões políticas', diz a outra." Mas a veia epigramática não está nessa resposta, como poderia parecer pela
|8| referência. Pela "carta" | revela-se que ter estado na cadeia já não causa repulsão, porque se pode ter sido preso por motivos políticos. E as "cartas do leitor" são um dos documentos mais típicos do senso comum popular italiano. E Barilli chega a estar abaixo desse senso comum: filisteu até mesmo em comparação com os filisteus clássicos da *Domenica del Corriere*.

§ ⟨17⟩. *Riccardo Balsamo-Crivelli*. A propósito de "Cartas do leitor" da *Domenica del Corriere*, deve-se notar essa observação do Sr. Domenico Claps («L'Italia che scrive», junho de 1929) num artigo sobre Riccardo Balsamo-Crivelli (que, no título e no sumário, é confundido com Gustavo!): "Quem diria que esse livro (*Cammina... cammina...*) seria adotado como texto de língua na Universidade de Frankfurt?" [1]. Que pena!, uma vez que, antes da guerra, empregavam como texto de língua, na Universidade de Estrasburgo, as "cartas do leitor"! Naturalmente, por Universidade, é preciso

entender apenas o seminário de filologia românica; quem escolhe não é o professor, mas somente o leitor de italiano, que pode ser um simples estudante universitário italiano; e, por "texto de língua", cabe entender o texto que dê aos estudantes alemães um modelo da língua falada pela média dos italianos e não da língua literária ou artística. A escolha das "cartas do leitor", portanto, é muito sensata; e o Sr. Domenico Claps é também ele um "italiano mesquinho", ao qual Balsamo-Crivelli deveria mandar os padrinhos.

|8A| § ⟨18⟩. *O erro de Maurras. Notas sobre o partido monarquista francês.* O partido monarquista em regime republicano, assim como o partido republicano em regime monarquista ou o partido nacional em regime de sujeição nacional, não pode deixar de ser um partido sui generis: deve ser, isto é, se pretende obter um sucesso relativamente rápido, a central de uma federação de partidos, mais do que um partido caracterizado em todos os pontos particulares de seu programa de governo. O partido de um sistema geral de governo e não de um governo particular. (Um lugar à parte, nesta mesma série, porém, cabe aos partidos confessionais, como o Centro alemão e os diversos partidos populares – cristão-sociais). Cada partido se funda sobre uma classe e o partido monarquista na França funda-se nos resíduos ainda tenazes da velha nobreza agrária e numa pequena parte de intelectuais. Com que contam os monarquistas para se tornarem capazes de tomar o poder e restaurar a monarquia? Contam com o colapso do regime parlamentar-burguês e com a incapacidade de qualquer outra força organizada existente de ser o núcleo político de uma ditadura militar previsível ou por eles mesmos preordenada. De nenhuma outra maneira suas forças sociais de classe estariam em condições de conquistar o poder. Na expectativa disso, o centro dirigente desenvolve esta atividade: 1) ação organizadora político-militar (militar no sentido de partido), para agrupar do modo mais eficaz possível a muito estreita base social sobre a qual o movimento se apoia historicamente. Sendo | |9| esta base constituída por elementos em geral mais escolhidos pela inteligência, cultura, riqueza, prática de administração etc., do que qualquer outro movimento, é possível ter um partido notável, até

imponente, mas que se esgota em si mesmo, isto é, que não dispõe de reservas para lançar à luta numa crise decisiva. Portanto, só é notável em períodos normais, quando os elementos ativos se contam por dezenas de milhares, mas se tornará insignificante (numericamente) nos momentos de crise, quando os elementos ativos se poderão contar por centenas de milhares, e talvez milhões (Continua) [1].

CF. CADERNO 13 (XXX), P. 25.

§ ⟨19⟩. *Noticias sobre as relações entre judeus e cristãos no Risorgimento.* Em 1921, o editor Bocca recolheu em três volumes, com prefácio de um certo D. Parodi, uma série de *Confessioni e professioni di fede di Letterati, Filosofi, uomini politici ecc*., aparecidas anteriormente na revista «Coenobium» de Bignami, como respostas a um questionário sobre o sentimento religioso e suas variadas relações [1]. A coletânea pode ser interessante para quem quiser estudar as correntes de opinião no final do século passado e no princípio do atual, ainda que seja falha sob muitos aspectos. Raffaele Ottolenghi, ao invéz de seguir o questionário, faz, segundo o seu caráter, uma incursão lírico-sentimental de recordações suas de "judeu" piemontês. Extraio de sua escrita algumas notícias sobre a condição dos judeus no período do Risorgimento.

Um judeu, veterano de Napoleão, retornou à sua cidade com uma mulher francesa: o bispo, ao saber que a mulher era cristã, mandou os gendarmes expulsá-la, contra sua vontade. O bispo se apossava das crianças judias que, durante qualquer conflito com os pais, ameaçassem se tornar cristãs. (Brofferio registrou estes fatos em sua história) [2].

Depois de 1815, os judeus expulsos das universidades e, portanto, |9A| das profissões | liberais.

Em 1799, durante a invasão austro-russa, aconteceram pogroms de judeus; em Acqui* somente a intervenção do bispo conseguiu salvar o

*NO MS ORIGINARIAMENTE: "EM ALBA (PARECE-ME QUE OTTOLENGHI FOSSE DE ALBA, MAS TALVEZ ESTEJA ENGANDO)". PALAVRAS DEPOIS CANCELADAS E SUBTITUIDAS POR GRAMSCI COMO ACIMA.

bisavô de Ottolenghi dos fuzis da multidão [3]. Recorda um pogrom em Siena, onde judeus foram mandados à fogueira, e o bispo se recusou a intervir a seu favor.

Em 1848, o pai de Ottolenghi voltou de Turim a Acqui, com o uniforme da guarda nacional; irritação dos reacionários; espalhou-se o boato do sacrifício ritual de um menino cristão por parte de Ottolenghi pai; sinos tocando a rebate; a vinda dos aldeões do campo para saquear o Gueto. O bispo se recusou a intervir; Ottolenghi foi salvo pelo prefeito, com uma detenção simulada até a chegada das tropas. Os reacionários e os clericais queriam que as inovações liberais de 1848 aparecessem como uma "invenção" dos judeus. (A história do menino Mortara) [4].

CF. CADERNO 16 (XXII), P. 32, E CADERNO 19 (X), PP. 95-96.

§ ⟨20⟩ *Salvator Gotta*. Oremus nos altares, e flatulências na sacristia [1].

CF. CADERNO 23 (VI), P. 19.

§ ⟨21⟩. No 1° volume das *Confessioni e professioni di fede* já citadas [1] estão incluídas as respostas dos seguintes literatos etc. italianos: Angiolo Silvio Novaro, Prof. Alfredo Poggi, Prof. Enrico Catellani, Raffaele Ottolenghi, Prof. Bernardino Varisco, Augusto Agabiti, Prof. A. Renda, Vittore Marchi, diretor do jornal *Dio e Popolo*, Ugo Janni, pastor valdense, A. Paolo Nunzio, Pietro Ridolfi Bolognesi, Nicola Toscano Stanziale, diretor da «Rassegna Critica», Dr. Giuseppe Gasco, Luigi Di Mattia, Ugo Perucci, professor primário, Prof. Casimiro Tosini, diretor de Escola Normal, Adolfo Artioli, Prof. Giuseppe Morando, diretor da «Rivista Rosminiana», diretor do Liceu Ginásio de Voghera, Prof. Alberto Friscia, Vittorio Nardi, Luigi Marrocco, publicista, G. B. Penne, Guido Piccardi, Renato Bruni, Prof. Giuseppe Rensi.

CF. CADERNO 16 (XXII), P. 32.

|10| |§ ⟨22⟩. No 2º volume das *Confessioni e professioni di fede* são contidas as respostas dos seguintes italianos: Del Greco Francesco, prof. diretor de manicômio, Alessandro Bonucci, prof. universitário, Francesco Cosentini, prof. universitário, Luigi Pera, médico, Filippo Abignente, diretor do Carattere, Giampiero Turati, Bruno Franchi, redator-chefe da «Scuola Positiva di Diritto Criminale», Manfredi Siotto-Pintor, prof. universitário, Prof. Enrico Caporali, Giovanni Lanzalone, diretor da revista «Arte e Morale», Leonardo Gatto-Roissard, tenente das tropas alpinas, Pietro Raveggi, publicista, Widar Cesarini-Sforza, Leopoldo De Angelis, Prof. Giovanni Predieri, Orazio Bacci, Giuseppe Benetti, publicista, Prof. G. Capra-Cordova, Costanza Palazzo, Pietro Romano, Giulio Carvaglio, Leone Luzzatto, Adolfo Faggi, Prof. universitário, Ercole Quadrelli, Carlo Francesco Gabba, senador, Prof. universitário, Dr. Ernesto Lattes, publicista, Settimio Corti, Prof. de filosofia, Bruno Villanova d'Ardenghi (Bruno Brunelli), publicista, Paolo Calvino, pastor evangélico, Prof. Giuseppe Lipparini, Prof. Oreste Ferrini, Prof. Luigi Rossi Casè, Prof. Antioco Zucca, Vittoria Fabrizi de' Biani, Prof. Guido Falorsi, Prof. Benedetto De Luca, publicista, Giacomo Levi Minzi, bibliófilo da Biblioteca de São Marcos, Prof. Alessandro Arrò, Bice Sacchi, Prof. Ferdinando Belloni-Filippi, Nella Doria-Cambon, Prof. Romeo Manzoni.

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 32 - 32 BIS.

§ ⟨23⟩. No 3º volume das *Confessioni e professioni di fede:* Romolo Murri, Giovanni Vidari, professor universitário, Luigi Ambrosi, professor universitário, Salvatore Farina, Angelo Flavio Guidi, publicista, Conde Alessandro d'Aquino, Baldassarre Labanca, prof. universitário de História do Cristianismo, Giannino Antona-Traversi, autor dramático, Prof. Mario Pilo, Alessandro Sacchi, prof. universitário, Angelo De Gubernatis, Giuseppe Sergi, prof. universitário, Adolfo Zerboglio, prof. universitário, Vittorio Benini,
|10A| prof., |Paolo Arcari, Andrea Lo Forte Randi, Arnaldo Cervesato, Giuseppe Cimbali, prof. universitário, Alfredo Melani, arquiteto, Giovanni Preziosi, Silvio Adrasto Barbi, professor, Prof. Massimo

Bontempelli, Achille Monti, prof. universitário, Velleda Benetti, estudante, Achille Loria, Prof. Francesco Pietropaolo, Prof. Amilcare Lauria, Eugenio Bermani, escritor, Ugo Fortini del Giglio, Luigi Puccio, advogado, Maria Nono-Villari, escritora, Gian Pietro Lucini, Angelo Valdarmini, prof. universitário, Teresina Bontempi, inspetora de escolas maternais no Cantão Ticino, Luigi Antonio Villari, Guido Podrecca, Alfredo Panzini, Amedeo Massari, advogado, Prof. Giuseppe Barone, Giulio Caprin, Gabriele Morelli, advogado, Riccardo Gradassi Luzi, Torquato Zucchelli, tenente-coronel honorário (sic), Ricciotto Canudo, Prof. Felice Momigliano, Attilio Begey, Antonino Anile, prof. universitário, Enrico Morselli, prof. universitário, Francesco Di Gennaro, Ezio Maria Gray, Roberto Ardigò, Arturo Graf, Pio Viazzi, Innocenzo Cappa, Duque Colonna Di Cesarò, Pasquale Villari, Antonio Cippico, Alessandro Groppali, prof. universitário, Angelo Marzorati, Italo Pizzi, Angelo Crespi, E. A. Marescotti, F. Belloni-Filippi, prof. universitário, Francesco Porro, astrônomo, Fortunato Rizzi, prof.

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 32 BIS - 33.

§ ⟨24⟩. *Os filhotes de Padre Bresciani.* Exame de uma parte substantiva da literatura narrativa italiana, especialmente desta última década. A pré-história do brescianismo moderno: 1º) Antonio Beltramelli, com os *Uomini rossi*, *Il Cavalier Mostardo* etc. [1]; 2º), Polifilo (Luca Beltrami), com as diversas histórias sobre *Casate Olona* [2]; 3º) a literatura bastante vasta, mais tecnicamente de "sacristia", em geral pouco conhecida e estudada, na qual seu caráter propagandístico é abertamente confessado: trata-se da "boa literatura". No meio do caminho entre | a literatura de sacristia e o brescianis- |11|
mo laico, situam-se os romances de Giuseppe Molteni, dos quais conheço somente L'*Ateo* [3]. A aberração moral deste livro é tipica: nele se reflete o escândalo Dom Riva-Irmã Fumagalli [4]. Molteni chega a afirmar que, [precisamente] por sua qualidade de padre, obrigado ao voto de castidade, é necessário compadecer Dom Riva (que violentou e infectou uma trintena de donzelas de pouca idade) e acredita que a esse massacre pode ser contraposto, como

moralmente equivalente, o vulgar adultério de um socialista ateu. Molteni é um homem muito conhecido no mundo clerical: tem sido crítico literário e articulista de toda uma série de cotidianos e periódicos católicos.

O brescianismo laico assume uma certa importância no pós-guerra e vai se tornando cada vez mais a "escola" literária preeminente e oficial.

Ugo Ojetti, *Mio figlio ferroviere* [5]. Características gerais da literatura de Ojetti. Suas diversas atitudes "ideológicas". Escritos sobre Ojetti de Giovanni Ansaldo, nas revistas onde Ansaldo colaborava [6]. Mas a manifestação mais típica de Ugo Ojetti é sua carta aberta ao Padre Rosa, publicada no «Pègaso» e reproduzida na «Civiltà Cattolica» com o comentário do padre Rosa [7]. Ojetti, depois do anúncio da concilição ocorrida entre o Estado e a Igreja, não só estava convencido de que doravante todas as manifestações intelectuais italianas seriam controladas de acordo com um estreito conformismo católico e clerical, mas já se adaptara a esta ideia, e dirigiu-se ao Padre Rosa, com um estilo melosamente adulatório das benemerências culturais da Companhia de Jesus, para solicitar uma "justa" liberdade artística. Não se pode dizer, à luz dos eventos posteriores (discursos do Chefe do Governo), se foi mais abjeta a |11A| prostração | de Ojetti ou mais cômica a firme ousadia do Padre Rosa, que, de qualquer modo, dava uma lição de caráter a Ojetti, obviamente ao modo dos jesuítas. O caso Ojetti é representativo de vários pontos de vista: mas a covardia intelectual de um tal homem supera toda medida.

Alfredo Panzini - já na pré-história com algumas passagens da *Lanterna di Diogene* (o episódio da "lívida espada", por exemplo) -, *Il padrone sono me, Il mondo è rotondo* [8] e quase todos os seus livros da última década. Sobre o recém *I giorni dei sole e del grano* ver os juízos de F. Palazzi já anotado [9]. Na *Vita di Cavour,* existe um aceno ao Padre Bresciani, verdadeiramente espantoso [10]. Toda a literatura pseudo-histórica de Panzini deve ser reexaminada do ponto de vista do brescianismo laico.

O episódio Croce-Panzini, referido recentemente na «Critica», é um caso de jesuitismo pessoal, além de literário [11].

Salvator Gotta no seu *Ciclo dei Vela* [12] deve cair especificamente no brescianismo, além de [genericamente] em toda sua produção.

Margherita Sarfatti e o *Palazzone*. Cf. nota anterior sobre as suas "justas". Sobre este ponto teria matéria para divertir-se muito: recordar o episódio lendário de Dante e a prostituta de Rimini (?), relatado na coletânea Papini (Carabba [editora N.T.]) de lendas e anedotas sobre Dante; para dizer que de "justas [amorosas N.T.]" pode falar o homem, não a mulher; recordar a expressão de Chesterton, na *Nova Jerusalém*, sobre a chave e a fechadura a respeito da luta entre os sexos: para dizer que o "ponto de vista" da chave não pode ser o da fechadura. Recordar que G. Bellonci, o "refinado" conhecedor de coisas artísticas | e que flerta prazerosamente com |12| a erudição preciosa (barata) a fim de brilhar nos jornalecos, ache natural que a virgem Fiorella pense nas justas [13].

Mario Sobrero, *Pietro e Paolo,* pode entrar no quadro geral por causa do claro-escuro [14].

Francesco Perri, *Gli emigranti*. Este Perri não será, aliás, o Paolo Albatrelli dos *Conquistatori*? Em todo caso levar em conta também os *Conquistatori* [15]. *Gli Emigranti*: a característica mais evidente é a vulgaridade, mas não a vulgaridade do principiante ingênuo, que, neste caso, poderia ser o material bruto não elaborado, mas que pode vir a sê-lo, trata-se de uma vulgaridade opaca, material, não de primitivo, mas de decadente. Romance verista (ver artigo de Perri em «Fiera Letteraria») [16]; mas pode existir um "verismo" não historicista? O próprio verismo é uma continuação do velho romance histórico no ambiente do historicismo moderno (do século XIX). Em *Gli emigranti*, inexiste qualquer referência cronológica. É esta uma coisa casual? Não parece. Duas referências genéricas: o fenômeno da emigração meridional, que teve um decurso histórico e uma tentativa de invasão das terras senhoriais [usurpadas], que também pode ser [feito] reentrar em uma época

determinada. Historicamente o fenômeno migratório tem criado uma ideologia (o mito da América), assim como a uma ideologia está ligado o fenômeno das tentativas esporádicas, [mas endêmicas] de invasão das terras antes da guerra (inteiramente diverso é o movimento de 1919-1920, que é generalizado, e tem uma organização implícita no combatentismo meridional). Em *Gli emigranti*, um e outro fenômeno se refletem de modo tosco, brutal, sem preparação nem genérica nem específica, de modo mecânico. É evidente
|12A| que Perri conhece | o ambiente popular camponês: calabrês não de modo imediato, por experiência própria sentimental e psicológica direta, mas pela mediação de velhos esquemas regionalistas (e, se ele é o Albatrelli, deve-se levar em conta suas origens políticas). O fato da ocupação de terras em Pandure nasce de intelectuais, sobre uma base jurídica, e termina em nada, como se nem sequer tivesse tocado nos hábitos de uma aldeia patriarcal. Puro mecanismo. Assim também a emigração. Esta aldeia de Pandure, com a família de Rocco Blèfasi, é (para empregar uma frase de Leonida Rèpaci) um para-raios para todos os males.

Insistência sobre erros de palavras, é típica no brescianismo. As "caricaturas" (O Galeoto etc.) são compadecíveis. A ausência de historicidade é "buscada", para poder pôr em um saco, caoticamente, todos os motivos folclóricos genéricos, que são na realidade muito bem diferenciados no tempo e também no espaço.

Leonida Rèpaci, *L'ultimo Cireneo* [17]. Pode-se ver como o dispositivo tem sido armado.

Umberto Fracchia. Não li nada dele: me parece que em *Angela Maria* [18] há elementos que podem ser reconduzidos nesse quadro. Na trama geral, ocupam o primeiro lugar Ojetti-Beltramelli-Panzini. O caráter jesuítico é mais evidente [neles], e mais importante é o lugar que lhes é reservado nas avaliações mais correntes (além de um certo reconhecimento oficial: Beltrmelli e Panzini na Academia) [19]. Ver os livros de divulgação crítica (típico deve ser o livro recente de Camillo Pellizzi) [20]. (*Continua*) [21].

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 17-22

§ ⟨25⟩. *Achille Loria*. A propósito de Achille Loria é preciso recordar os principais | documentos onde se encontram as principais |13| "bizarrias" [1]:

1º "*Sull'influenza sociale dell'aeroplano*" in «Rassegna Contemporanea», dirigida por Colonna de Cesarò e por (Vincenzo) Picardi de 1912: neste artigo se encontra a teoria da emancipação operária da coerção da fábrica por meio dos esvoaçamentos nos aeroplanos untados de visgo. O artigo todo é um monumento monstruoso de insensatez e estultices: a queda do crédito bancário, o desencadeamento das patifarias sexuais (adultérios, seduções); a matança sistemática dos porteiros por causa da queda de binóculos; a teoria sobre o grau de moralidade de acordo com a altitude em relação ao nível do mar, com a proposta prática de regenerar os delinquentes construindo os presídios nas montanhas, ou em imensos aeroplanos que estejam sempre nas altas camadas atmosféricas etc. [2].

2º A conferência pronunciada em Turim durante a guerra e publicada na «Nuova Antologia» (de 1916 ou 1917) onde o único "documento concreto" sobre a *Dor universal* (esse também deve ser o título da conferência) referido era a lista de quanto custa a "claque" aos atores de teatro (segundo uma estatística elaborada por Reina) e onde se encontra o seguinte raciocinio: "a natureza previdente tem criado um antídoto contra esse envenenamento universal da dor, ao dar aos pobres-diabos obrigados a pernoitar ao ar livre uma pele mais grossa" [3].

3º Artigo publicado no «Palvese» de Trieste em torno de 1910 ou 1911 sobre a ciência da linguagem e intitulado mais ou menos: "*Perché i bergamaschi triplicano e i veneziani scempiano*".

Esse artigo fora enviado por Loria ao Comitê organizado em Trieste para homenagear Attilio Hortis no cinquentenário de sua | atividade literária e [que] devia fazer uma Miscelânea em honra |13A| do homenageado (com efeito saída em torno daquele período). O Comitê não podia publicar o artigo por causa de sua tolice, mas tampouco queria desrespeitar Loria, que era um expoente ilustre da

ciência italiana: resolveu então escrever ao Loria que a Miscelânea era já completa e que seu artigo fora passado para o (semanário) literário «O Palvese» O artigo expõe um aspecto (o linguístico) da teoria loriana sobre a influência da altimetria sobre a civilização: os montanheses, moralmente mais puros, são fisicamente mais robustos e "triplicam" as consoantes; a gente das planícies, ao contrário (e pior ainda se se trata de populações que estão ao nível do mar, como os venezianos), ao contrário, [além de] moralmente depravada, é também fisicamente degenerada e deturpa as consoantes [4].

4º O prefácio à 1ª edição do *Curso de Economia Política* importante também porque aí se encontra a história da sua "redescoberta" do materialismo histórico: aí encontra-se exposta sua teoria da conexão entre "misticismo" e "sífilis" [5].

5º O escrito na «Riforma Sociale» de setembro-outubro de 1929: "Documenti ulteriori a suffragio dell'economismo storico" [6]. Estes cinco documentos são os mais vistosos de que me recordo, mas a questão é interessante precisamente porque, no caso de Loria, não se trata de um "cochilo" intelectual ocasional, ainda que com recaídas. Trata-se de um filão, de uma continuidade sistemática, que acompanha toda sua carreira literária. Tampouco se pode negar que Loria seja um homem de um certo talento e que tenha um certo juízo
|14| [7]. Em toda uma série de | artigos, as "bizarrias" aparecem aqui e ali, e também de um certo tipo, isto é, ligadas a determinadas maneiras de pensar. Por exemplo, viu-se a "teoria" altimétrica aparecer na questão do avião e na "linguística". Assim, num pequeno artigo publicado na «Proda» (ou «Prora», saía em Turim durante a guerra, dirigido por um certo Cipri-Romanò, jornaleco um pouco desonesto, certamente de muito baixas especulações às margens da guerra e do antiderrotismo) os protagonistas da guerra mundial eram divididos em místicos (os impérios centrais) e positivistas (Clemenceau e Lloyd George) [8]: ricos de elementos são a poesia "*Al mio bastone*" publicada na «Nuova Antologia» (durante da guerra) [9] e o artigo sobre o epistolário de Marx (também na «Nuova Antologia») [10].

A "afetação literária" notada por Croce em Loria [11] é um elemento secundário do seu desequilíbrio, mas tem uma certa importância

na medida em que se manifesta continuamente. Um outro elemento é a pretensão a uma "originalidade" intelectual a todo custo. Um certo oportunismo de baixa extração não falta frequentemente: recordo de dois artigos, publicados a breve distância de tempo, um na «Gazzetta del Popolo» (ultrarreacionária) e o outro no «Tempo» de Pippo Naldi (nittiano), sobre o mesmo assunto (a Rússia) e com uma imagem de Macaulay que num deles era usada em um sentido e, no outro, no sentido oposto [12].

A respeito da observação de Croce sobre os "servos a passeio" e sobre sua importância na sociologia loriana [13], deve-se recordar um artigo da «Gazzetta del Popolo» de 1919 ou 1920, no qual fala-se dos intelectuais como dos que seguram a "escada de ouro" pela qual sobe o povo, com advertências ao povo para que trate bem desses intelectuais etc. [14].

Loria não é um caso teratológico individual: é o exemplar mais completo e acabado de uma série de representantes de uma certa camada intelectual de um determinado período; | em geral, dos inte- |14A|
lectuais positivistas que se ocupam da questão operária e que mais ou menos acreditam aprofundar, ou corrigir, ou superar o Marxismo. Enrico Ferri - Arturo Labriola - o próprio Turati poderiam fornecer uma safra de observações e anedotas [15].

Em Luzzatti, poderia se fazer uma colheita em um outro campo.

Mas não se deve esquecer de Guglielmo Ferrero [16] e Corrado Barbagallo. Em Barbagallo, talvez, a manifestação ["loriana" N.T.] é mais ocasional e episódica do que nos outros: também seu escrito sobre o capitalismo antigo, publicado na «Nuova Rivista Storica» de 1929, é extremamente sintomático (com a nota um pouco cômica, que se segue ao artigo subsequente de Sanna) [17]. Portanto, em geral, o Lorianismo é um caráter de certa produção literária e científica do nosso país (muitos documentos dele se encontram na «Critica» de Croce, na «Voce» de Prezzolini, na «Unità» de Salvemini) ligado à escassa organização da cultura e por isso à falta de controle e de crítica.

CF. CADERNO 28 (III), PP. 1-7.

§ ⟨26⟩. *O ossinho de Cuvier*. Observação ligada à nota anterior. O caso de Lumbroso [1]. A partir de um ossinho de rato se construía, às vezes, uma cobra de mar [2].

CF. CADERNO 28 (III), P. 7.

§ ⟨27⟩. *Sequelas do baixo romantismo?* A tendência da sociologia de esquerda, na Itália, para ocupar-se da criminalidade. Ligada ao fato de que à tal corrente aderiram Lombroso e outros que então pareciam a suprema expressão da ciência? Ou uma sequela do baixo romantismo de 1848 (Sue etc.)? Ou ligada ao fato de que, na Itália, impressionava a esses homens a grande quantidade de crimes de sangue, e eles pensavam que não podiam ir adiante sem ter explicado "cientificamente" este fenômeno?

CF. CADERNO 25 (XXIII), P. 7.

§ ⟨28⟩. *Direito natural*. Ver as duas pequenas notas anteriores na p. 2 e na p. 3 bis [1]. Na polémica presente contra o direito natural
|15| não se deve buscar uma intenção científica qualquer |. Trata-se de exercitações jornalísticas não muito brilhantes, que se propõem a tarefa propagandística de destruir estados de ânimo muito difusos e que são considerados perigosos.

A este respeito, ver o opúsculo de Adriano Tilgher sobre *Storia e Antistoria* [2], do qual emergiria que nunca como hoje a mentalidade iluminista, da qual nasceu a teoria do direito natural, está difundida. O opúsculo de Tilgher, de certo modo, é uma confirmação de tal difusão, pois Tilgher com ele busca um pequeno lugar no novo sol. Parece-me que quem estude com uma certa profundidade (abstração feita da sua linguagem artificiosa) as contradições "psicológicas" que nascem no terreno do historicismo, como concepção geral da vida e da ação, seja Filippo Burzio. Pelo menos a sua afirmação: "estar acima das paixões e dos sentimentos, mesmo sintindo-os" [3], me parece rica de muitas consequências. Com efeito, este é o nó da questão do "historicismo", no qual Tilgher sequer toca: "como é possível ser crítico e homem de ação ao mesmo tempo, de modo

que não só um aspecto não enfraqueça o outro, mas antes o reforce" [4]. Tilgher cinde muito mecanicamente os dois aspectos de toda personalidade humana (dado que não existe e nem jamais existiu um homem inteiramente crítico e outro inteiramente passional), ao invés de tentar determinar como em diversos períodos históricos os dois aspectos se combinem, de modo que no mundo da cultura prevaleça uma ou outra corrente. (Terei que rever novamente o opúsculo do Tilgher).

CF. CADERNO 27 (XI), P. 5, E CADERNO 26 (XII), P. 4.

§ ⟨29⟩. *O sarcasmo como expressão de transição nos historicistas.* Em um artigo de Bonaventura Tecchi, "Il Demiurgo di Burzio" («Italia letteraria», 20 de outubro de 1929) [1], do qual é tomada a sugestão citada acima de Burzio, acena-se frequentemente ao elemento "ironia" como característica dessa posição. "Ironia" é justo em relação à literatura, | para indicar o distanciamento do |15A| artista ante o conteúdo sentimental de sua criação: mas, no caso da ação histórica, o elemento "ironia" seria precisamente literário (bastaria simplesmente dizer "literário") e indicaria uma forma de distanciamento vinculada ao ceticismo mais ou menos diletante (devido a desilusão, a cansaço, ou também a uma "atitude de super-homem". Ao contrário, neste caso (isto é, da ação histórica), o elemento característico é o "sarcasmo", e numa sua certa forma, isto é, "apaixonado". Em Marx se encontra a expressão mais alta, até esteticamente, do "sarcasmo apaixonado". Que deve ser distinguido de outras formas, nas quais o conteúdo é oposto ao de Marx. Diante das "ilusões" populares (crença na justiça, na igualdade, na fraternidade, isto é, nos elementos da "religião da humanidade"), Marx se expressa com "sarcasmo" apaixonadamente "*positivo*", isto é, se compreende que ele não quer ridicularizar o sentimento mais íntimo daquelas "ilusões", mas sua forma contingente, vinculada a um determinado mundo "perecível", o seu cheiro de cadáver, por assim dizer, que emana da maquiagem. Ao contrário, existe um sarcasmo de "direita", que raramente é apaixonado, mas é sempre "negativo", puramente destruidor, não só da "forma" contingente,

mas do conteúdo "humano" daqueles sentimentos. (A propósito desse "humano", ver no próprio Marx qual significado precisa lhe conferir, especialmente na *Sagrada Família*) [2]. Marx tenta conferir a certas aspirações uma nova forma (portanto, tenta inovar
|16| essas aspirações), não de destruí-las: o sarcasmo de direita tenta | destruir, ao contrário, precisamente o conteúdo dessas aspirações, e, no fundo, o ataque à sua "forma" não é nada além de um expediente "didático".

Esta nota sobre o "sarcasmo" deveria também analisar algumas manifestações dele: tem existido uma manifestação "mecânica", de papagaios (ou que se tornou tal pelo "abuso"), que deu lugar também a uma espécie código, ou jargão, e que poderia produzir observações penetrantes (por ex., quando as palavras "civilização" ou "civil" são sempre acompanhadas do adjetivo "suposta", pode nascer a dúvida de que se crê na existência de uma "civilização" abstrata, exemplar, ou pelo menos as pessoas se comportam como se acreditassem, quer dizer, se obtém precisamente o resultado oposto ao que provavelmente se pretendia obter); e é necessário analisar seu significado em Marx, de uma expressão transitória, que tenta colocar um distanciamento das velhas concepções esperando que as novas concepções, com a solidez adquirida através do desenvolvimento histórico, dominem até adquirir a força das "convicções populares". Estas novas concepções já existem em quem utiliza o "sarcasmo", mas numa fase ainda "polêmica"; se fossem expressas "sem sarcasmo", seriam uma "utopia", porque somente individuais ou de pequenos grupos. Aliás, o próprio "historicismo" não pode concebê-las como passíveis de expressão sob essa forma apodítica ou de pregação; o "historicismo" cria um "gosto" novo e uma nova linguagem. O "sarcasmo" se torna o componente de todas essas exigências que podem aparecer como contraditórias. Mas seu elemento essencial é sempre a "passionalidade".

Deste ponto de vista é preciso examinar as últimas affirmações de Croce no prefácio de 1917 ao *Materialismo storico*, a propósito
|16A| da "maga Alcina" [3]. | Recordar o artigo de L. Einaudi na «Riforma Sociale» [4], sobre esse prefácio de Croce, para discutir a

importância cultural de Marx a respeito do renascimento da historiografia econômica.

CF CADERNO 26 (XII), PP. 5-7.

§ ⟨30⟩. *Orano e Loria*. Na nota anterior sobre Loria esqueci de recordar as "esquisitices" de Paolo Orano. Lembro agora de duas delas: o artigo "Ad Metalla", no volume *Altorilievi* (ed. Puccini, Milão) [1], tipicamente "loriano", e seu pequeno volume sobre a Sardenha (creio seja um dos primeiros livros de Orano), onde fala do "líquido ambiente" [2]. Nos retratos literários [3] deve haver, se recordo bem, muito a investigar, e também em todas as outras publicações [4].

CF. CADERNO 28 (III), P. 8.

§ ⟨31⟩. *Cartas de Sorel a Croce*. Nas cartas de Sorel a Croce, pode-se desencavar mais de um elemento sobre o "lorismo" ou "lorianismo". Por exemplo, o fato de que, na tese de conclusão de curso de Arturo Labriola, se escreve como se se acreditasse que o *Capital* de Marx tem sido elaborado a partir da experiência econômica francesa, e não da inglesa [1].

CF. CADERNO 28 (III), P. 8.

§ ⟨32⟩ *Loria e Lumbroso*. Alberto Lumbroso deve ser posto na série loriana, mas sob outro ponto de vista e noutro campo. Poder-se-ia fazer uma introdução geral, que serviria precisamente para demonstrar como Loria não seja uma exceção única, mas trate-se em boa parte de um fato geral de cultura, que a um certo ponto teve sua "tumefação" no campo da "sociologia". Nessa parte precisamente podem dar elementos a «Critica», a «Voce» e a «Unità». (Recordar, por exemplo, a "casa dos partos" de Tomaso Sillani, a "borracha de Vallombrosa" | de Filippo Carli, de quem é notável |17| também um longo artigo na «Perseveranza» sobre o próximo retorno triunfal da navegação à vela [1]; a literatura econômica dos protecionistas de tipo antigo é repleta de muitas preciosidades des-

te tipo, da qual um recordo pode ser encontrado nos escritos de Belluzzo sobre as possíveis riquezas ocultas nas montanhas italianas) [2]. Todos estes elementos bastante genéricos do "lorianismo" poderiam servir para "tornar agradável" a exposição. Assim, poder-se-ia recordar como limite "absurdo", pois ultrapassa o caso clínico (tecnicamente clínico), a candidatura de Lenzi no IV° distrito de Turim, com o "avião-cisne" e a proposta de reduzir a pó as montanhas italianas, estorvos, para transportar o material para a Líbia e fertilizar assim o deserto de areia [3].

O caso de Lumbroso é muito interessante, porque seu pai era um erudito de grande nível (Giacomo Lumbroso) [4]; mas a metodologia da erudição não se transmite por geração e nem mesmo pelo contato intelectual, até o mais assíduo, pelo que parece.

Cabe indagar, no caso de Lumbroso, como é que seus dois poderosos volumes sobre as *Origini diplomatiche e politiche della guerra* [5] puderam ser acolhidos na Coleção Gatti. A responsabilidade do sistema é aqui evidente. O mesmo vale para Loria e a «Riforma Sociale», e para Luzzatti [6] e o *Corriere della Sera* (sobre Luzzatti, cabe recordar o caso do "florilégio" de São Francisco, publicado como inédito pelo *Corriere della Sera* de 1913 – parece-me – [7] com um comentário econômico muito divertido, precisamente por Luzzatti, que pouco antes havia publicado uma edição dos *Florilégios* na Coleção Notari; o assim chamado "inédito" era uma variante enviada a Luzzatti por Sabatier. De Luzzatti são famosas as frases, entre as quais "Quem sabe é o atum", num pequeno artigo do *Corriere*, que posteriormente tem dado a sugestão ao livro de Bacchelli [8]).

CF. CADERNO 28 (III), PP. 8-10.

|17A| |§ ⟨33⟩ *Freud*. A difusão da psicologia freudiana parece dar como resultado o nascimento de uma literatura tipo século XVIII; ao "selvagem", numa forma moderna, é substituído o tipo freudiano. A luta contra a ordem jurídica é feita através da análise psicológica freudiana. Ao que parece, esse é um aspecto da questão. Não

pude estudar as teorias de Freud e não conheço o outro tipo de literatura assim chamada de "freudiana" Proust-Svevo-Joyce [1].

§ ⟨34⟩. *Pragmatismo americano.* Poder-se-ia dizer do pragmatismo americano (James) [1] o que Engels tem dito do agnosticismo inglês? (Parece-me no prefácio inglês à *Passaggio dall'Utopia alla Scienza*) [2].

§ ⟨35⟩. *Revistas tipo*. Teórica: "historiografia" especialmente. Muito unitária, portanto, poucos colaboradores "principais", isto é, que escrevam o corpo principal de cada fascículo. O tipo mais corrente não pode ser que aquele médio, de uma revista ligada à atualidade e cujos artigos sejam de tipo divulgador, expositivo. A experiência tem ensinado que também nesse tipo é necessária uma certa homogeneidade, ou pelo menos uma forte organização redacional interna que fixe muito claramente (e na escrita) o terreno comum de trabalho.

O primeiro tipo pode ser [dado pela] a «Critica» de B. Croce [+ a «Politica» de Coppola].

O segundo tipo pela «Voce» de Prezzolini primeira e segunda forma [+ «Unità» de Salvemini].

Um terceiro tipo muito interessante se pode cavar dos números mais bem feitos do «Leonardo» de L. Russo [+«L'Italia che scrive» de Formiggini].

Uma organização unitária de cultura que organizasse esses três tipos com uma editora de coleções "de livros" ligadas às revistas, iria satisfazer as exigências daquela massa de público, que é mais ativa intelectualmente e que mais importa fazer pensar e transformar.

CF. CADERNO 24 (XXVII), PP. 9-10.

| § ⟨36⟩. *Lorianismo*. Recordar do livro do Prof. Alberto Magnaghi sobre os geógrafos despropositados: esse livro é um modelo do gênero. Não lembro do título exato e tampouco do nome do editor. Creio que não tenha sido comercializado [1]. |18|

Recordar do primeiro volume (ed. Lumachi ou Ferr. Gonnelli) sobre a *Cultura Italiana* di Papini e Prezzolini [2].

CF CADERNO 28 (III), P. 10.

§ ⟨37⟩. *Turati e o lorianismo*. O discurso sobre as "assalariadas do amor" me parece que deva ser ligado ao lorianismo [1]. De Turati podem ser coletados alguns traços de "mau gosto" do tipo "lambe, povo soberano, lambe mas ouça" [2].

CF. CADERNO 28 (III), P. 10.

§ ⟨38⟩. *Revistas tipo*. Terceiro tipo. Crítico-histórico-bibliográfico. Exames analíticos de livros, para leitores que não podem, em geral, ler os próprios livros.

Um estudioso que examina um fenômeno histórico, visando elaborar um trabalho sintético, deve realizar toda uma série de operações preliminares, que só em pequena parte, em última análise, resultam utilizáveis. Este trabalho, ao contrário, é utilizável para este tipo de revista, dedicado a um tipo determinado de leitor, ao qual é necessário, além da obra sintética, apresentar a atividade analítica preliminar em seu conjunto. O leitor comum não tem, e não pode ter, um hábito "científico", que só se adquire com o trabalho especializado: por isso, é necessário ajudá-lo através de uma atividade literária oportuna. Não basta fornecer-lhe "conceitos" históricos; sua concreticidade lhe escapa: deve-se, por isso, oferecer-lhe séries inteiras de fatos específicos, muito individualizados. Um movimento histórico complexo decompõe-se, por um lado, no tempo e no espaço e, [por outro lado], em diversos planos (problemas especiais), eles também decomponíveis no tempo e no espaço. Um exemplo: a Ação Católica. Ela tem tido sempre uma diretiva central e centra-
|18A| lizada, mas também uma grande variedade | de atitudes regionais nas diversas épocas [1]. A Ação Católica nascida especificamente depois de 1848 era muito diferente da atual, reorganizada por Pio XI. A posição da A. C. logo depois de 1848 pode ser caracterizada com a mesma observação que um historiador tem feito a propósi-

to de Luís XVIII: Luís XVIII não conseguia se convencer de que na França, depois de 1815, a monarquia precisava ter um partido político específico para se sustentar [2]. Todos os raciocínios feitos pelos historiadores católicos para explicar o nascimento da A. C., e as tentativas para reconectar esta nova formação a movimentos e atividades anteriores, são extremamente falaciosos. Depois de 1848, em toda a Europa (na Itália a crise final assume a forma específica do falimento do neoguelfismo), a luta com a concepção "religiosa" da vida é superada vitoriosamente pelo liberalismo (entendido como concepção da vida, além de ação política positiva). Antes disso, formavam-se partidos contra a religião, mais ou menos efêmeros; agora a religião "deve" ter um partido próprio, não pode mais falar (não oficialmente, já que a Igreja jamais confessará esse estado de coisas) como se ainda se considerasse ser a premissa necessária, universal, de todo modo de pensar e de agir. Muitos hoje não conseguem mais nem persuadir-se de que assim tenha sido um dia. Para dar uma ideia deste fato se poderia oferecer o seguinte exemplo: - hoje ninguém pensa seriamente em fundar um partido contra o suicídio (é possível que exista em alguma parte alguma associação contra o suicídio, mas é outra coisa), porque não existe um partido que procure [persuadir] os homens de que é necessário suicidar-se em massa (embora tenham aparecido indivíduos, e até pequenos grupos, que defenderam formas similares de niilismo radical, parece, na Espanha): a "vida" é a premissa necessária | para |19| qualquer manifestação de vida, evidentemente. A religião tem tido uma função parecida e disso há abundantes traços na linguagem e nos modos de pensar dos camponeses: cristão e homem significa a mesma coisa ("Não sou cristão!" – "E então o que você é, um animal?"). Os presos dizem: "cristãos e prisioneiros" (No início, em Ustica, me admirava porque na chegada do barco a vapor, algum preso dizia: "são todos cristãos, há só cristãos, não há sequer um cristão": no cárcere, ao contrário, é mais comum dizer "burgueses e detentos" ou em tom de bincadeira "burgueses e soldados", embora os meridionais digam também "cristãos e detentos"; seria interessante estudar toda a série de passagens semânticas pelas quais, em francês, de "cristão" se chegou a "crétien" (de onde "cretino" em ita-

liano) e até mesmo "grédin"; o fenômeno deve ser semelhante àquele pelo qual "vilão", de "homem do campo", acabou por significar "mal-educado" e até "patife", ou seja, o nome "cristão" usado pelos camponeses para indicar a si mesmos como "homens" se desvinculou, na forma mais popular, de "cristão" em sentido religioso e teve o mesmo destino de "manant". Talvez, também o russo "krestianin", "camponês" tem a mesma origem, enquanto "cristão" religioso, forma mais culta, manteve a aspiração do X grego.

Talvez, a essa concepção esteja ligado o fato de que (precisa ver se é verdade) muitos camponeses russos que nao conheciam pessoalmente os judeus, acreditavam que os judeus tivessem o rabo ou outro atributo animalesco [3].

O exame histórico do movimento da A. C. pode dar lugar, analiticamente, a diversas series de pesquisas e estudos.

Os Congressos Nacionais. Como são preparados pela imprensa
|19A| central e local. | O material oficial preparatório: relatórios oficiais e de oposição.

A Ação Católica foi sempre um organismo complexo, mesmo antes da constituição da Confederação branca do Trabalho e do Partido Popular, o qual não pode não ser considerado parte politicamente integrante da A. C., ainda que oficialmente fosse separado dela. A mesma complexidade ocorria e ocorre no campo internacional.: a A. C. oficialmente está centrada na pessoa do Papa, que é centro internacional por excelência, mas de fato existe mais de um organismo que funciona como centro internacional mais explicitamente politico, como o Ofício de Malines que compilou o *Codice Sociale* ou como um ofício de Friburgo para a ação sindical (apurar) [4].

Realização dos Congressos. – O que é colocado na ordem do dia e o que é omitido para evitar discordâncias radicais. – A ordem do dia deveria resultar dos problemas concretos que entre um congresso e outro se impuseram para a solução, além dos pontos gerais doutrinários em torno dos quais se formam as correntes e as frações. Em que base são escolhidas ou renovadas em parte as direções? Com base

em uma tendência genérica, à qual se dá uma confiança genérica, ou depois do próprio Congresso ter fixado uma orientação concreta e precisa de atividade? A democracia interna de um movimento (o grau maior ou menor de democracia interna, ou seja, de participação da base do P. às decisões e à fixação do programa) pode ser medida e julgada também, e talvez, especialmente, conforme este critério. – Outro elemento importante é a composição social dos Congressos, dos oradores e da direção eleita, em relação à composição social do P. – Os jovens e suas relações com os adultos. Os Congressos se ocupam do movimento juvenil | que deveria ser a fonte maior* para o recru- |20|
tamento e a melhor escola para o próprio P.? – Que influência têm sobre os Congressos de P. as organizações subordinadas ao P. (ou que deveriam estar subordinadas): o grupo parlamentar ou os dirigentes sindicais etc? Nos Congressos é oferecida [organicamente]* uma posição especial aos deputados e aos dirigentes sindicais?

CF. CADERNO 24 (XXVII), P.10, E CADERNO 20 (XXV), PP. 11-14.

§ ⟨39⟩ *Répaci* [Os filhotes de Padre Bresciani]. Em sua novela (autobiográfica) *Crepuscolo* (Fiera Letteraria, 3 de março de 1929), escreve: "Naquela época eu já alinhava dentro de mim, fortificando-as a cada dia sobre as mais íntimas raízes do instinto, aquelas belas qualidades que mais tarde, nos anos a vir, teriam feito de mim uma fábrica de infortúnios: o amor pelos vencidos, ofendidos, humilhados, *o desprezo pelo perigo para defender a justa causa*, a independência do caráter que evidencia a retidão, o louco orgulho que luta bravamente até mesmo por cima das ruínas etc. etc." [1].

CF. CADERNO 23 (VI), P. 22.

§ ⟨40⟩. *A "fórmula" de Léon Blum*. Le pouvoir est tentant. Mais seule l'opposition est confortable. [O poder é tentador. Mas só a oposição é confortável, N.T.] [1].

* NO MS ORIGINARIAMENTE "UMA DAS MAIORES FONTES", EM SEGUIDA CORRIGIDO COM "A MAIOR FONTE".

* NO MS "ORGANICAMENTE" É ACRESCENTADO EM INTERLINHA COMO VARIANTE DE "OFICIALMENTE", QUE NÃO ESTÁ CANCELADO.

§ ⟨41⟩ *Lorianismo.— Luzzatti.* Recordar o episódio na Câmara dos Deputados [ou no Senado] em 1911 ou 1912, quando foi proposta uma cátedra especial de "filosofia da história" na Universidade de Roma, para Guglielmo Ferrero. O ministro Credaro, me parece em resposta ao Croce (portanto ao Senado), que tinha falado contra a cátedra, justificou, entre outras coisas, a "filosofia da história" alegando a importância que os filósofos haviam tido no desenvolvimento da história (sic), exemplo... Cícero. Luzzatti concordou com toda seriedade: "É verdade, é verdade!" [1].

CF. CADERNO 28 (III), P. 10.

§ ⟨42⟩. *Os filhotes de Padre Bresciani. - Curcio Malaparte — Kurt Erich Suckert.* A ostentação do nome estrangeiro, no período do pós-guerra. – Seu pertencimento à organização italiana de Gu-
|20A| glielmo Lucidi, que imitava a | «Clarté» francese e o «Controle democratico» inglês e publicava a «Rivista (o Rassegna) Internazionale» [1]; na coleção dessa revista pública "La rivolta dei santi maledetti", depois "brescianamente" corrigida na edição subsequente e, creio, retirada do comércio num terceiro período [2].

Em relação à "exibição" do nome estrangeiro notar uma corrente geral dos "intelectuais" italianos "moralizadores", que eram levados a pensar que, no "exterior", as pessoas eram mais "honestas" do que na Itália, além de mais "capazes" e mais "inteligentes" etc. Esta "mania pelo estrangeiro" assumia formas tediosas [e por vezes repugnantes], como em Graziadei [3], mas era bastante difundida e dava lugar a uma "pose" esnobe: lembrar do breve colóquio com Giuseppe Prezzolini, em Roma, em 1924, e sua desconsolada afirmação: "Deveria ter conseguido a tempo para meus filhos a nacionalidade inglesa" ou algo similar [4]. Este estado de espírito não tem sido característico apenas de alguns grupos intelectuais italianos: mas tem sido bastante difundido, em determinadas épocas, também na Rússia, por exemplo. Confunde-se todo o povo com algumas camadas corrompidas da pequena burguesia, múito numerosas especialmente nos países agrícolas pouco desenvolvidos, que podem ser comparadas ao lumpen-proletariado das cidades

industriais (na máfia siciliana e na camorra meridional estes tipos abundam): cai-se no pessimismo porque as "prédicas" moralizadoras deixam as coisas tais como estão e chega-se á conclusão implícita de "inferioridade" de um povo inteiro, portanto, não resta nada a fazer.

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 23-24.

§ ⟨43⟩. *Revistas tipo*. Terceiro tipo – crítico-histórico-bibliográfico. No exame dos partidos |: fixar o desenvolvimento que têm |21| tido no tempo e no espaço os problemas concretos mais importantes - Questão sindical - relações entre o partido e os sindicatos - questão Agrária - etc.etc. Cada questão dois aspectos: como foi tratada teoricamente e como foi enfrentada praticamente.

Outra rubrica é a da imprensa, nos seus diferentes aspectos: imprensa diária, imprensa periódica, brochuras.

O grupo parlamentar. Quando se trata de uma determinada atividade parlamentar, precisa ter em conta alguns critérios de investigação e juízo: quando um deputado de um partido de massas fala no parlamento, pode haver três versões do seu discurso: 1ª a versão das atas parlamentares, que normalmente é revista e corrigida e muitas vezes edulcorada *post festum*; 2ª a versão do órgão oficial do partido ao qual o deputado pertence: esta é combinada pelo deputado de acordo com o correspondente do jornal, de modo a não ofender certas susceptibilidades da maioria oficial do partido e não criar obstáculos prematuros a certas combinações em curso; 3ª a versão dos jornais de outros partidos ou dos assim chamados órgãos da pública opinião (jornais de grande difusão), que é feita pelo deputado de acordo com os respectivos correspondentes, de modo a favorecer certas combinações em curso: estes jornais mudam de período para período e de acordo com as mudanças das respectivas direções políticas.

O mesmo critério pode ser aplicado ao campo sindical, a respeito da interpretação a ser dada a certos movimentos concretos e também à direção geral de uma dada organização sindical. Exemplos: a

«Stampa», o «Resto del Carlino», o «Tempo» (de Naldi) têm
|21A| servido | como caixas de ressonância e como instrumento de combinações políticas tanto para os socialistas como para os populares. Um discurso parlamentar socialista ou popular era apresentado sob um certo aspecto por um destes jornais para o seu público, enquanto era apresentado sob um outro aspecto pelos órgãos socialistas ou populares. Os jornais populares chegavam até silenciar para o seu público certas afirmações dos seus deputados que tendiam a tornar possível uma aproximação com os socialistas etc. etc. - Deste ponto de vista, é indispensável levar em conta as entrevistas dadas pelos deputados a outros jornais e os artigos publicados em outros jornais. - A homogeneidade política de um partido pode ser testada também com este critério: quais são os endereços preferidos pelos membros destes partidos na sua colaboração com jornais de outros partidos ou assim ditos de "opinião pública": o atrito interno manifesta-se por vezes apenas desta forma, os dissidentes escrevem artigos em outros jornais, assinados e não assinados, dão entrevistas, sugerem motivos polémicos, não desmentem as opiniões que lhes são atribuídas etc. etc [1].

Nas revistas deste tipo são indispensáveis algumas rubricas: - um dicionário enciclopédico político-científico-filosófico. Neste sentido: em cada número são publicadas uma ou mais pequenas monografias de caráter enciclopédico sobre conceitos políticos, filosóficos, científicos, que aparecem frequentemente nos jornais e nas revistas e que a média dos leitores dificilmente compreende ou até deturpa. Na realidade, cada movimento político cria uma sua própria linguagem, ou seja, participa no desenvolvimento geral de uma
|22| determinada linguagem, introduzindo | novos termos, enriquecendo com novos conteúdos termos já em uso, criando metáforas, utilizando nomes históricos para facilitar a compreensão e o juízo sobre determinadas situações políticas actuais etc. etc. As explanações devem ser verdadeiramente práticas, isto é, devem se conectar com necessidades realmente sentidas e ser, pela forma de exposição, adequadas à média dos leitores. Possivelmente, os redatores devem ser informados dos erros mais difusos chegando até às próprias fon-

tes dos erros, ou seja, a publicação de mercadoria científica avariada do tipo «Biblioteca popolare Sonzogno» ou dicionários (Melzi, Premoli etc.) ou enciclopédias populares mais difusas. Estas explanações não devem ser apresentadas logo em uma forma orgânica (por exemplo, ordem alfabética ou de matéria) nem conforme uma economia pré-estabelecida de espaço, como se uma publicação de conjunto estivesse em vista, mas sim devem ser colocadas em relação com outras publicações daquela revista ou de outras revistas conectadas que tenham abordado este ou aquele tema: a amplitude da exposição deve ser determinada a cada vez, não pela importância intrínseca do assunto, mas pelo interesse imediato (isso seja dito apenas em geral): em suma, não deve ser apresentado como um livro publicado em fascículos, mas como uma rubrica interessante por si só, a cada vez, da qual talvez poderá surgir um livro.

Ligada à anterior está a rubrica das biografias, não pelo fato de que o nome do biografado entra no dicionário enciclopédico por um determinado conceito político, mas na medida em que toda a vida de um homem pode interessar à cultura geral de um determinado estrato social. Por exemplo, pode | acontecer que no dicionário |22A| enciclopédico se deva falar de Lord Carson para acenar à crise do regime parlamentar ainda antes da guerra mundial e precisamente na Inglaterra, no país onde o regime parlamentar era mais eficiente; isto não significa que se deva fazer a biografia de Lord Carson. Uma pessoa de cultura média está interessada só em dois dados biográficos: 1º Lord Carson, em 1914, pegou em armas no Ulster para se opor à aplicação da lei do Home Rule irlandês, aprovada pelo Parlamento, que "pode fazer tudo, menos que um homem se torne mulher"; 2º Lord Carson não só não foi punido, mas se tornou ministro pouco depois, ao estorar da guerra. — Diversamente, de um outro, toda a biografia é de interesse, portanto, rubrica separada.

Uma outra ribrica pode ser a das autobiografias políticas-intelectuais. Se bem feitas, podem ser do maior interesse jornalístico e de grande eficácia formativa. Sinceridade, simplicidade. Como uma pessoa supera o seu ambiente, através de quais impulsos externos e de quais crises de pensamento e de sentimento. (Poucas, mas boas).

Uma outra rubrica, esta fundamental: o exame histórico-bibliográfico das situações regionais. Muitos gostariam de estudar situações locais, que são de grande interesse, mas não sabem como fazê-lo, por onde começar: não conhecem o material bibliográfico, não sabem como pesquisar em bibliotecas etc. Trata-se, portanto, de dar a urdidura de um problema concreto [ou de um tema científico], |23| indicando os livros que trataram dele, os artigos | das revistas especializadas etc., na forma de resenhas bibliográfico-críticas, com especial circulação para publicações pouco comuns ou em línguas estrangeiras. Isso pode ser feito para as regiões, de diferentes pontos de vista, para problemas gerais da cultura etc. etc.

Um exame sistemático dos jornais e revistas para a parte que interessa às rubricas principais (fundamentais) – Apenas citação dos autores, títulos, dados com breves referências de tendências (cada número) – Resenhas de livros. Dois tipos de resenhas. Informativo-crítica: supõe-se que o leitor não possa ler o livro, mas que lhe interesse conhecer seu conteúdo geral. — Teórico-crítico: supõe-se que o leitor deva ler o livro em questão e, por conseguinte, ele não é resumido, mas são tratadas criticamente as objeções que lhe devem ser feitas ou desenvolve-se alguma parte que nele foi sacrificada etc. Este segundo tipo de resenha é mais adequado ao outro tipo de revista («Critica» - «Politica») [2].

Um exame crítico-bibliográfico da produção literária dos autores fundamentais para a teoria geral. Um exame semelhante para os autores italianos, ou para as traduções italianas de autores estrangeiros; esta análise deve ser muito minuciosa e especificada, porque é preciso levar em conta que através deste trabalho e desta elaboração só se pode chegar à fonte autêntica de toda uma série de concepções erróneas que circulam sem controle. É preciso ter em conta que em todas as regiões, sobretudo em Itália, dada a riquíssima variedade de tradições locais, existem grupos e núcleos caracterizados por motivações ideológicas e psicológicas próprias; "cada país tem ou ⟨tem tido⟩ o seu santo local, portanto, o seu culto e a sua capela". A elaboração unitária de uma consciência coletiva requer múltiplas |23A| condições e | iniciativas. A difusão, por um centro homogêneo, de

um modo de pensar e de operar homogêneo é a condição principal, mas não deve e não pode ser a única. Um erro muito difundido consiste em pensar que toda camada social elabora sua consciência e sua cultura do mesmo modo, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos intelectuais profissionais. O intelectual é um "profissional" que tem suas próprias "máquinas" especializadas e o seu "tirocínio", que tem um seu "sistema Taylor". É ilusório atribuir a todos esta capacidade "adquirida" e não inata. É ilusório pensar que uma "ideia clara", difundida de modo oportuno, insira-se nas diversas consciências com os mesmos efeitos "organizadores" de clareza difusa. É um erro "iluminista". A capacidade do intelectual profissional de combinar habilmente indução e dedução, de generalizar, de deduzir, de transferir de uma esfera à outra um critério de discriminação, adaptando-o às novas condições etc., constitui uma "especialidade", não é um dado do "senso comum". Eis, portanto, que não basta a premissa da "difusão orgânica, por um centro homogêneo, de um modo de pensar e de operar homogêneo". O mesmo raio luminoso passa por prismas diversos e dá refrações de luz diversas: se se pretende obter a mesma refração, é necessária toda uma série de retificações nos prismas singulares. A "repetição" paciente e sistemática é o princípio metodológico fundamental. Mas a repetição não mecânica, material: a adaptação de cada princípio às diversas peculiaridades, sua apresentação e reapresentação em todos os seus aspectos positivos e em suas negações tradicionais, organizando sempre cada aspecto parcial na totalidade. Descobrir a real identidade | sob a aparente diferenciação e contradição, e |24| descobrir a substancial diversidade sob a aparente identidade, eis a mais essencial qualidade do crítico das ideias e do historiador do desenvolvimento social. O trabalho educativo-formativo que um centro homogêneo de cultura desenvolve, a elaboração de uma consciência crítica que ele promove e favorece sobre uma determinada base histórica que contenha as premissas materiais para tal elaboração, não pode limitar-se à simples enunciação teórica de princípios "claros" de método; esta seria pura ação "iluminista". O trabalho necessário é complexo e deve ser articulado e graduado: deve haver dedução e indução combinadas, a identificação e a dis-

tinção, a demonstração positiva e a destruição do velho. Mas não de modo abstrato, e sim concreto: com base no real. Mas como saber quais são os erros enraizados ou mais geralmente difundidos? Evidentemente, é impossível uma "estatística" dos modos de pensar e das singulares opiniões individuais, que possa fornecer um quadro orgânico e sistemático: só resta mesmo a revisão sistemática da literatura mais difundida e mais popular, combinada com o estudo e a crítica das correntes ideológicas precedentes, cada uma das quais "pode" ter deixado um sedimento, combinando-se de várias maneiras com as correntes anteriores e posteriores.

Nesta mesma ordem de observações insere-se um critério mais geral: as mudanças nos modos de pensar, nas crenças, nas opiniões, não ocorrem mediante "explosões" rápidas e generalizadas, mas, geralmente, através de "combinações sucessivas" segundo "fórmulas" variadíssimas. A ilusão "explosiva" nasce da ausência de espírito crítico. Assim como não se tem passado, nos métodos de tração, da diligência a tração animal aos modernos trens elétricos, mas evoluiu-se através de uma série de "combinações intermediárias", que |24A| em parte ainda subsistem (como a | tração animal sobre trilhos etc. etc) e assim como ocorre que o material ferroviário envelhecido nos Estados Unidos ainda continua utilizado durante muitos anos na China, representando neste país um progresso técnico — assim , na esfera da cultura, as diversas camadas ideológicas se combinam variadamente; e o que se tornou "ferro velho" na cidade ainda é "utensílio" na província. Na esfera da cultura, aliás, as "explosões" são ainda menos frequentes e menos intensas do que na esfera da técnica.

Confunde-se a explosão "de paixões" políticas acumuladas num período de transformações técnicas, às quais não correspondem novas formas adequadas de organização jurídica, com as substituições de novas formas de cultura em lugar das velhas.

A menção ao fato de que, por vezes, o que se tornou "ferro velho" na cidade ainda é "utensílio" na província pode ser utilmente desenvolvida [3]. As relações entre população urbana e população rural não são sempre as mesmas. É preciso determinar os "tipos"

de urbano e de rural. Verifica-se o paradoxo que o tipo rural seja mais progressivo do que o tipo urbano. Uma cidade "industrial" é sempre mais progressiva do que o campo que dela depende. Mas, na Itália, nem todas as cidades são "industriais" e são menos ainda as cidades "tipicamente" industriais. As "cem" cidades italianas. Na Itália, a urbanização não é só, nem sequer "especialmente", um fenômeno indústrial. A maior cidade italiana, Nápoles, não é uma cidade industrial. No entanto, até nestas cidades existem núcleos de população tipicamente urbana. Mas qual é a sua posição relativa? Eles estão submersos, comprimidos, esmagados pela outra parte que é rural, de tipo rural, e é a | grandíssima maioria. As cidades do |25| "silêncio". Neste tipo de cidade existe uma unidade "urbana" ideológica contra o campo; existe ainda o ódio e o desprezo contra o "camponês": reciprocamente, existe uma aversão "genérica". Este fenômeno geral, que, na realidade, é muito complexo e se apresenta em formas às vezes aparentemente contraditórias, seria de se estudar no curso do Risorgimento. O exemplo típico das aparentes contradições é o episódio da República Partenopeia de 1799: o campo esmagou a cidade com as hordas do Cardeal Ruffo, porque a cidade negligenciara completamente o campo. No Risorgimento se verifica já embrionariamente a relação histórica entre Norte e Sul como uma relação similar àquele de uma grande cidade e um grande campo: sendo esta relação não já aquela orgânica normal de província e capital industrial, mas assumindo o aspecto de um vasto território, acentuam-se as colorações de contraste nacional [4]. O que no Risorgimento é especialmente digno de nota é o fato de que nas crises políticas o Sul tem a iniciativa: 1799, Nápoles; 1820-1821, Palermo; 1847, Messina; 1847-1848, Nápoles e Sicília.

Outro fato notável é o aspecto particular que assume o movimento na Itália Central, como uma via intermediária entre Norte e Sul: o período das iniciativas populares (relativamente) vai de 1815 a 1848 e culmina na Republica Romana (a Romanha e a Lunigiana devem sempre ser associadas ao Centro). Estas peculiaridades têm uma correspondência mesmo depois: os acontecimentos de junho de 1914 tiveram uma forma particular no Centro (Romanha e

Marcas). A crise de 1894 na Sicília e Lunigiana, repercute em Milão em 1898; 1919 no Mezzogiorno e 1920 no Norte. Esta relativa sincronia mostra a existência de uma estrutura econômico-política
|25A| homogênea (relativamente) de uma parte | e mostra como nos períodos de crise, é a parte mais fraca, periférica, que reage primeiro.

A relação de cidade e campo entre Norte e Sul pode ser estudada nas diversas formas de cultura. Benedetto Croce e Giustino Fortunato estiveram à frente, no início deste século, de um movimento cultural que se contrapõe ao movimento cultural do Norte (futurismo). É digno di nota o fato de que a Sicília se diferencia do Mezzogiorno em muitos aspectos: Crispi é o homem da industria setentrional; Pirandello, em linhas gerais, está mais próximo do futurismo; Gentile e o seu idealismo atual estão também eles mais próximos do movimento futurista, entendido em sentido amplo, como oposição ao classicismo tradicional, como forma de um "romantismo" contemporâneo. Diversa é a estrutura das classes intelectuais — no Mezzogiorno ainda predomina o tipo do "curial" [ou do bacharel], que põe em contato a massa dos camponeses com a dos proprietários fundiários e com o aparato estatal; — no Norte domina o tipo do "técnico" de fábrica, que serve de ligação entre a massa operária e a classe capitalista [5]; a ligação entre massa operária e Estado era estabelecida pelos organizadores sindicais e pelos partidos políticos, isto é, por uma camada intelectual completamente nova (o atual corporativismo, com a sua consequência da difusão em escala nacional deste tipo social, de modo mais sistemático e consequente do que tivesse sido possível fazer o velho sindicalismo, é em certo sentido um instrumento de unidade moral e política).

Esta relação cidade—campo é visível nos programas políticos realizados antes do fascismo: ⟨o⟩ programa Giolitti ou dos liberais democratas é este: criar no Norte um bloco "urbano" (capitalistas-
|26| -operários) | que desse a base ao Estado protecionista para reforçar a industria setentrional, no qual o Mezzogiorno é mercado de venda semicolonial [6]; o Mezzogiorno é "cuidado" com dois sistemas [de medidas]: 1) sistema policial (repressão implacável de todo

movimento de massa, massacres periódicos de camponeses); na homenagem de Giolitti, Spectator da «Nuova Antologia» se admira que Giolitti tenha sempre se oposto tenazmente a toda difusão do socialismo no Mezzogiorno [7], enquanto a coisa é natural e óbvia, porque um protecionismo operário (reformismo, cooperativas, obras públicas) só é possível se parcial, ou seja, porque todo privilégio pressupõe os sacrificados; 2) medidas políticas: favores pessoais à camada dos bacharéis ou escreventes* (empregos públicos, permissão de saque das administrações públicas, legislação eclesiástica menos rigida do que no Norte etc. etc.), isto é, incorporação "a título pessoal" dos elementos meridionais mais ativos à classe dirigente, com particulares privilégios "judiciários", de emprego etc. de modo que o estrato que poderia organizar o descontentamento meridional se tornava um instrumento da política setentrional, um seu acessório "policialesco"; o descontentamento não podia, portanto, assumir um aspecto político e as suas manifestações, exprimindo-se apenas de modo caótico e tumultuoso tornaram-se "esfera" da "polícia". A este fenômeno de corrupção aderiam, ainda que passivamente e indiretamente, também homens ilustres como Croce e Fortunato, pelo fetichismo da "unidade" (episódio Fortunato—Salvemini a propósito da «Unità», contado por Prezzolini na primeira edição de *Cultura italiana*) [8].

Não se deve esquecer este fator político-moral da campanha de intimidação que se fazia contra toda constatação, mesmo totalmente objetiva, de motivos de contraste entre Norte e Sul. Recordar: conclusão do inquérito Pais-Serra sobre a | Sardenha, depois da |26A| crise 1894-1898 [9], e a acusação feita por Crispi aos Fasci sicilianos, de se terem vendido aos ingleses (tratado de Bisacquino) [10] etc.: especialmente entre os intelectuais sicilianos, existia esta forma de exasperação unitária (consequência da popularidade regional de Crispi), que, até mesmo recentemente ⟨se é⟩, manifestada no ataque de Natoli contra Croce pelas alusões na *Storia d'Italia* (cf. a resposta de Croce na «Critica») [11].

*NEL MS ORIGINARIAMENTE ORIGINALMENTE "CURIAL", CORRIGIDO COMO "PAGLIETTA O PENNAIOLI".

O programa Giolitti foi "perturbado" por dois "fatores": a afirmação dos intransigentes no Partido Socialista com Mussolini e seu flerte com os meridionalistas (livre-câmbio, eleições de Molfetta etc.), que destruía o bloco "urbano" e a introdução do sufrágio universal, que ampliava de modo impressionante a base parlamentar no Mezzogiorno e tornava difícil a corrupção individual (muitos para corromper!). Giolitti muda de "parceiro": ao bloco "urbano" substitui o pacto Gentiloni [ou melhor, o reforça para impeder seu colapso completo], isto é, em última análise um bloco entre os industriais setentrionais e os rurais do campo "orgânico e normal" (forças eleitorais católicas especialmente no Norte e no Centro) [12], com extensão de seus efeitos também no Sul, na medida imediatamente suficiente para "retificar" utilmente os efeitos da ampliação da massa eleitoral.

O outro programa é o que se pode chamar do *Corriere della Sera* ou de Albertini e pode ser feito coincidir com uma aliança dos industriais setentrionais (tendo à frente os têxteis, os do algodão, da seda, livre-cambistas) com os rurais meridionais (bloco rural): o *Corriere* apoiou Salvemini em Molfetta (campanha Ojetti) [13], apoiou o ministério Salandra, apoiou o ministério Nitti, isto é, os
|27| primeiros dois ministérios formados por meridionais |(os sicilianos devem ser considerados à parte) [14].

O sufrágio universal já em 1913 havia suscitado os primeiros sinais daquele fenômeno que terá a máxima expressão em 1919-1920-1921, em consequência da experiência politico[-organizativa] adquirida pelas massas camponesas durante a guerra, ou seja, a ruptura relativa do bloco rural meridional e a separação entre os camponeses, guiados por uma parte dos intelectuais (oficiais na guerra) pelos grandes proprietários; tem-se o sardismo, o partido reformista siciliano (grupo Bonomi com 22 deputados sicilianos), e o "rinnovamento" na Itália meridional com tentativas dos partidos regionais de ação (revista «Volontà» com Torraca, «Popolo romano» etc.) [15]. Nestes movimentos, a importância da massa camponesa varia gradualmente da Sardenha ao Mezzogiorno à Sicília, de acordo com a força organizada e a pressão exercida ide-

ologicamente pelos grandes proprietários, que têm na Sicília um máximo de organização e possuem, ao contrário, uma importância relativamente pequena na Sardenha. Igualmente variável é a independência relativa dos respectivos intelectuais [16].

Por intelectuais, deve-se entender não [só] aquelas camadas comumente compreendidas nesta denominação, mas, em geral, toda a massa social que exerce funções organizativas em sentido lato, seja no campo da produção, seja no campo da cultura, seja no campo administrative-político: correspondem aos suboficiais e oficiais subalternos no Exército (e também a uma parte dos oficiais superiores com exclusão dos estados maiores no sentido mais restrito do termo).

Para analisar a função social dos intelectuais, é preciso investigar e examinar sua atitude psicológica em relação às grandes classes que eles põem em contato nos diversos campos: têm uma atitude "paternalista" para com as classes instrumentais? Ou "acreditam" ser uma expressão orgânica deles? Possuem atitude "servil" em relação às classes dirigentes ou se consideram dirigentes eles próprios, parte integrante das classes | dirigentes? |27A|

Na história do Risorgimento, o assim chamado Partido de Ação tinha uma atitude "paternalista", por isto, não conseguiu, a não ser em mínima medida, pôr as grandes massas em contato com o Estado. O assim chamado "transformismo" é ligado a este fato: o Partido de Ação é incorporado molecularmente pelos moderados e as massas são decapitadas, não absorvidas no âmbito do novo Estado.

Da relação "cidade-campo" deve partir o exame das forças motrizes fundamentais da história italiana e dos pontos programáticos a partir dos quais se deve estudar a orientação do Partido de Ação no Risorgimento: 1º a força urbana setentrional; 2º a força rural meridional; 3º a força rural setentrional-central; 4º-5º a força rural da Sicília e da Sardenha.

Estabelecida a posição de "locomotiva" da primeira força, é preciso examinar as diferentes combinações "mais úteis", para formar um "trem" que progrida o mais rapidamente na história. A primei-

ra força começa a ter os problemas "próprios", de organização, de articulação por homogeneidade, de direção política e militar; mas permanece fixado que, até "mecanicamente", se tal força adquiriu um certo grau de unidade e de combatividade, ela exerce uma função diretiva "indireta".

Nos diversos períodos do Risorgimento, fica claro que a postura desta força em posição de intransigência e de luta contra o domínio estrangeiro determina uma exaltação das forças progressivas meridionais; daí a sincronia relativa, mas não a simultaneidade, nos movimentos de 1820-1821, de 1831, de 1848; se realiza em 1859-1860 uma sincronia em sentido inverso, isto é, o Norte inicia, o Centro adere pacificamente, ou quase, e no Sul o Estado dos Bourbon entra em colapso sob a pressão dos garibaldinos, relativa-
|28| mente | fraca: isto acontece porque o P. d' A. (Garibaldi) intervém, depois que os moderados (Cavour) haviam organizado o Norte e o Centro; ou seja, não é a mesma direção política e militar (moderados – Estado sardo ou P. d' A.) que organiza a simultaneidade relativa, mas a colaboração (mecânica) das duas direções, que se integram de forma exitosa.

A primeira força deve-se depois colocar o problema de organizar em torno de si as forças urbanas das outras áreas nacionais. Este problema é o mais difícil: ele se apresenta carregado de contradições e de motivos que desencadeam ondas de paixão. Mas sua solução, justamente por isto, era o ponto crucial. As forças urbanas são socialmente homogêneas, logo devem se encontrar numa posição de perfeita igualdade. Teoricamente isto é verdade, mas historicamente a questão se apresenta de modo diverso: as forças urbanas do Norte estão claramente à frente de sua área nacional, enquanto para as forças urbanas do Sul, isto não se verifica [pelo menos] em igual medida. As forças urbanas do Norte deviam portanto fazer entender às do Sul que a sua função diretiva só podia consistir unicamente em assegurar a direção do Norte sobre o Sul na relação geral de cidade-campo, ou seja, a função diretiva das forças urbanas do Sul não podia ser outra coisa que uma "função" da mais vasta função diretiva do Norte. A contradição mais dolorosa nascia desta ordem

de fatos: a força urbana do Sul não podia ser considerada como algo em si, independente daquela do Norte; colocar a questão assim significaria afirmar, prejudicialmente, um insanável dissídio "nacional", dissídio tão grave que nem mesmo a solução federalista poderia compor; viria a se tratar de nações diversas, entre as quais só se poderia realizar uma aliança diplomático-militar contra o inimigo comum, a Áustria (a única "comunidade" [e solidariedade], em suma, consistiria apenas em ter um inimigo "comum"). Ora, na realidade, existiam só | alguns aspectos da questão nacional, mas não |28A| "todos" os aspectos e nem sequer os mais essenciais. O aspecto mais grave era a frágil posição das forças urbanas meridionais em relação às forças rurais, relação desfavorável que às vezes se manifestava numa autêntica e própria submissão da cidade ao campo. A ligação entre forças urbanas do Norte e do Sul, devia ajudar estas a se tornarem autônomas, a adquirir consciência de sua função histórica dirigente de modo "concreto", e não puramente teórico e abstrato, sugerindo-lhes as soluções a serem dadas aos grandes problemas regionais. Era natural que se encontrassem oposições no Sul; a tarefa mais difícil cabia às forças urbanas do Norte, que não só deviam convencer seus "irmãos" do Sul, mas deviam começar convencendo a si mesmas desta complexidade do sistema político: praticamente, isto é, a questão consistia na existência de um forte centro de direção política, com o qual necessariamente deveriam colaborar fortes e populares individualidades meridionais e das ilhas. O problema, portanto, de criar uma unidade Norte-Sul está estreitamente ligado e, em grande parte, absorvido no problema de criar uma coesão entre todas as forças urbanas nacionais. (O raciocínio acima exposto vale de fato para as três áreas meridionais, Nápoles, Sicília, Sardenha). A força rural setentrional-central apresenta uma série de problemas que a força urbana do Norte deve se colocar para a relação regional cidade-campo. Era preciso distinguir duas correntes nela: a laica e a clerical. A força clerical tinha seu peso máximo no Lombardo-Vêneto, a laica no Piemonte, "peso máximo", com influências marginais mais ou menos amplas não só entre Piemonte | e Lombardo-Vêneto, mas entre estas duas regiões-tipo e as outras |29| setentrionais e centrais e, em menor medida, também medirionais

e insulares. Resolvendo bem estas relações imediatas, as forças urbanas setentrionais teriam dado um ritmo a todas as questões análogas em escala nacional.

Sobre este probelma o Partido de Ação falhou completamente. Não se pode dizer que tenha falhado o partido moderado porque ele queria soldados para o exército piemontês e não exércitos garibaldinos muito grandes. Por que o Partido de Ação não apresentou em toda a sua extensão a questão agrária? Que não a apresentassem os moderados era natural: a formulação dada pelos moderados ao problema nacional requeria um bloco de todas as forças de direita, inclusive as classes dos grandes proprietários fundiários. A ameaça feita pela Áustria de resolver a questão agrária em favor dos camponeses, ameaça que se efetivou na Galícia contra os latifundiários poloneses, não só semeou a desordem entre os interessados, determinando todas as oscilações da aristocracia, por exemplo (fatos de Milão em fevereiro de 1853 e ato de homenagem das mais ilustres famílias milanesas a Francisco José, justamente às vésperas dos enforcamentos de Belfiore) [17], mas paralisou o Partido de Ação. Mazzini, depois de fevereiro de 1853, mesmo com alguns acenos, não soube decidir-se (ver o epistolário daquele período) [18]. Conduta dos garibaldinos na Sicília em 1860: esmagamento implacável dos movimentos dos camponeses insurgidos contra os barões na medida em que Garibaldi avançava — operação repressiva de Nino Bixio. Nas *Noterelle de uno dei mille* de G. C. Abba [há] elementos para demonstrar que a questão agrária era a chave para fazer entrar em ação as grandes massas — recordar dos diálogos de Abba com o frade que vai ao encontro dos garibaldinos logo depois do desembarque em Marsala [19] — Em algumas novelas de G. Verga
|29A| elementos pitorescos | destes tumultos camponeses [20] — formação da Guarda Nacional para sufocar estes motins com terror e o fuzilamento em massa (este lado da Expedição dos Mil até agora não foi estudado).

A não formulação da questão agrária levava à quase impossibilidade de resolver a questão do clericalismo e da atitude do Papa. Sob este aspecto, os moderados foram muito mais ousados do que

o Partido de Ação: é verdade que eles não distribuíram os bens eclesiásticos entre os camponeses, mas deles se serviram para criar uma nova camada de grandes e médios proprietários ligados à nova situação política, e não hesitaram em meter a mão nas Congregações. O P. d'A., ao contrário, estava paralisado pelas veleidades mazzinianas de [uma] reforma religiosa, que não só não interessava às grandes massas, mas tornava-as passíveis de um incitamento contra os novos heréticos. O exemplo da França estava ali a demonstrar que os jacobinos, que haviam conseguido arrebentar os girondinos na questão agrária, e não só impedir a coalizão rural contra Paris mas multiplicar nas províncias os seus adeptos, foram prejudicados pelas tentativas de Robespierre de instaurar uma reforma religiosa.

Seria preciso estudar atentamente a política agrária real da República Romana e o verdadeiro caráter da missão repressiva dada por Mazzini a Felice Orsini na Romanha e nas Marcas: neste período e até os anos 1870 sob o nome de brigantaggio [banditismo N.T.] entendia-se geralmente o movimento dos canponeses para se apropriar das terras. (Buscar especialmente na Correspondência e nos artigos de jornais as opinições de Marx e de Engels sobre a questão agrária na Itália de 1848 a 1860) [21].

CF. CADERNO 20 (XXV), PP. 14-16; CADERNO 24 (XXVII), PP. 10-16; CADERNO 19 (X), PP. 96-108.

| § ⟨44⟩. *Direção política de classe antes e depois de chegar ao governo*. Todo o problema das várias correntes políticas do Risorgimento, de suas relações recíprocas e de suas relações com as forças homogêneas ou subordinadas das diversas partes (ou setores) históricas do território nacional, se reduz a este dado fundamental: que os moderados representavam uma classe social relativamente homogênea, de modo que sua direção sofreu oscilações relativamente limitadas, ao passo que o Partido de Ação não se apoiava especificamente em nenhuma classe histórica e as oscilações sofridas por seus órgãos dirigentes se compunham, em última análise, segundo os interesses dos moderados: isto é, historicamente o Partido de Ação foi guiado pelos moderados (a afirmação de Vítor Ema- |30|

nuel II de "ter no bolso" (ou algo semelhante) o Partido de Ação [1] é exata, e não só pelos seus contatos pessoais com Garibaldi; o Partido de Ação, historicamente, foi guiado por Cavour e por Vítor Emanuel II). O critério histórico-político sobre o qual precisa basear as próprias pesquisas é este: que uma classe é dominante em dois modos, isto é, é "dirigente" e "dominante". É dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Por isso, uma classe já antes de ir ao poder pode ser "dirigente" (e deve sê-lo): quando exerce o poder, torna-se dominante, mas continua a ser também "dirigente". Os moderados continuaram a dirigir o Partido de Ação mesmo depois de 1870 e o "transformismo" é a expressão política desta ação de direção; toda a política italiana de 1870 até hoje é caracterizada pelo "transformismo", ou seja, pela elaboração de uma classe dirigente nos quadros fixados pelos moderados depois de 1848, com a absorção dos elementos ativos surgidos das classes aliadas e mesmo das inimigas. A direção política se torna um aspecto do domínio, na medida em que a absorção das elites das classes inimigas leva à decapitação destas últimas e à sua impotência. Pode |30A| e deve | haver uma "hegemonia política" mesmo antes da ida ao Governo e não se deve contar apenas com o poder e a força material que ele dá para exercer a direção ou hegemonia política. A política dos moderados mostrou claramente esta verdade e é a solução deste problema que tem tornado possível o Risorgimento nas formas e nos limites em que ele tem se realizado de revolução sem revolução [ou de revolução passiva, de acordo com a expressão de V. Cuoco [2]]*. Com quais formas os moderados conseguiram estabelecer o aparelho de sua direção política? Nas formas que se podem chamar de "liberais", isto é, através da iniciativa individual, "privada" (não por um programa "oficial" de partido segundo um plano elaborado e constituído anteriormente à ação prática e organizativa). Isto era "normal", dada a estrutura e a função das classes representadas pelos moderados, das quais os moderados eram a camada dirigente, os "intelectuais" em sentido orgânico. Para o Partido de Ação, o problema se apresentava de outro modo e diferentes sistemas deveriam

*** ACRESCENTADO NA MARGEM EM ÉPOCA POSTERIOR.**

ter sido empregados. Os moderados eram "intelectuais", "condensados" já naturalmente pela organicidade de suas relações com as classes de que eram a expressão (para toda uma série deles, realizava-se a identidade de representado e representante, de expresso e expressivo, isto é, os intelectuais moderados eram uma vanguarda real, orgânica das classes altas, porque eles pertenciam economicamente às classes altas: eram intelectuais e organizadores políticos e, ao mesmo tempo, dirigentes de empresa, grandes proprietários-administradores de terras, empresários comerciais e industriais etc.). Dada esta "condensação" ou concentração orgânica, os moderados exerciam uma poderosa atração, de modo "espontâneo", sobre toda a massa de intelectuais existentes no país em estado "difuso", "molecular", em função das necessidades, ainda que satisfeitas de modo elementar|, da instrução pública e da administração. Revela-se |31| aqui a verdade de um critério de investigação histórico-político: não existe uma classe independente de intelectuais, mas cada classe tem os seus intelectuais; mas, os intelectuais da classe historicamente progressiva exercem um tal poder de atração que terminam, em última análise, por subordinar a si os intelectuais das outras classes e por criar o ambiente de uma solidariedade entre todos os intelectuais com laços de natureza psicológica (vaidade etc.) e, muitas vezes, de casta (técnico-jurídicos, corporativos).

Este fenomeno se verifica "espontaneamente" nos períodos em que aquela determinada classe é realmente progressiva, isto é, faz avançar toda a sociedade, satisfazendo não só suas exigências vitais, mas ampliando continuamente os próprios quadros para uma contínua ocupação de novas esferas de atividade industrial-produtiva. Quando a classe dominante tem esgotado sua função, o bloco ideológico tende a fragmentar-se e, então, à "espontaneidade" se segue a "coerção" sob formas cada vez menos disfarçadas e indiretas, até as medidas propriamente policiais e aos golpes de Estado.

O Partido de Ação não podia ter este poder de atração e, aliás, ele mesmo era atraído, seja pela atmosfera de intimidação que o tornava hesitante em acolher em seu programa determinadas reivindicações populares, seja porque algumas de suas maiores personali-

dades (Garibaldi, por exemplo) tinham, ainda que irregularmente ("oscilações"), uma relação pessoal de subordinação com os líderes dos moderados. Para que o P. d'A. se tornasse uma força autônoma e, em última análise, conseguisse pelo menos imprimir ao movimento do Risorgimento um caráter mais acentuadamente popular e democrático (mais além não podia ir, dadas as premissas fundamentais do |31A| próprio movimento), deveria ter contraposto à ação "empírica" dos moderados (que só era empírica no modo de dizer) um programa orgânico de governo que abarcasse as reivindicações essenciais das massas populares, em primeiro lugar dos camponeses. À atração "espontânea" exercida pelos moderados devia, isto é, contrapor uma atração "organizada", segundo um plano.

Como exemplo típico de atração espontânea dos moderados, deve-se recordar o fato do nascimento do movimento "católico-liberal", que tanto impressionou o Papado e em parte conseguiu paralisá-lo e desmoralizá-lo, levando-o em uma posição mais à direita da que poderia ter ocupado e, portanto, isolando-o parcialmente; o Papado tem aprendido a lição e, por isso, tem sabido manobrar brilhantemente em tempos mais recentes. O modernismo, primeiro, e o popularismo, depois, são fenomenos análogos ao dos "católico-liberais" do Risorgimento: eles são devidos em grande parte ao poder de atração "espontânea" exercida pelo movimento operário moderno. O Papado (sob Pio XI) golpeou o modernismo como tendência reformadora da religião, mas desenvolveu o popularismo, isto é, a base econômica do modernismo, e hoje, com Pio XI, faz disso o fulcro de sua política mundial.

No entanto, o Partido de Ação deveria ter tido um programa de governo, o que sempre lhe faltou. Ele, substancialmente, sempre foi, mais do que qualquer outra coisa, um organismo de agitação e propaganda dos moderados. As divergências e os conflitos internos do Partido de Ação, os ódios tremendos que Mazzini suscitou contra sua pessoa por parte dos mais conspícuos homens de ação (Garibaldi mesmo, Felice Orsini etc.) foram determinados por essa falta de direção política. As polêmicas |32| internas são, em grande parte, igualmente abstratas como a pregação de Mazzini, mas delas

se podem extrair úteis indicações históricas (sirvam para todos os escritos de Pisacane, que, de resto, cometeu erros militares gravíssimos, como a oposição à ditadura militar de Garibaldi na República Romana). O Partido de Ação segue a tradição "retórica" da literatura italiana. Confunde a unidade cultural com a unidade política e territorial. Comparação entre os jacobinos e o Partido de Ação: os jacobinos lutaram estrenuamente para assegurar a ligação entre cidade e campo; foram derrotados porque tiveram que sufocar as veleidades dos operários; seu continuador é Napoleão e hoje são os radical-socialistas franceses.

Na literatura política francesa esta necessidade da ligação entre cidade e campo era vivíssima: recordar *Mistérios do povo* de Eugène Sue, muito difundidos também na Itália em torno de 1850 (no *Piccolo mondo antico*, Fogazzaro recorda que Franco Maironi* recebia clandestinamente da Suíça os *Mistérios do povo*, que foram queimados pelo carrasco em Viena — creio) e que insistem, com particular regularidade, na necessidade de ligar os camponeses à cidade; Sue é o romancista da tradição jacobina e um antepassado de Herriot e Daladier sob muitos pontos de vista (lenda napoleônica no *Judeu Errante*, anticlericalismo em todos os livros, mas especialmente no *Judeu Errante,* reformismo pequeno-burguês nos *Misterios de Paris* etc etc) [3]. O Partido de Ação era implicitamente antifrancês devido à ideologia mazziniana (cf. na «Critica» o artigo de Omodeo "Primato francese e iniziativa italiana", ano 1929, p. 223) [4]; mas, tinha na história italiana a tradição à qual se conectar. A história das Comunas é rica de experiências a propósito: a burguesia nascente busca aliados nos camponeses contra o Império e contra o próprio feudalismo local | (é verdade que a questão se torna com- |32A|
plexa graças à luta entre burguesia e nobreza agrária para disputar a mão de obra: os burgueses têm necessidade de mão de obra e esta só pode ser dada pelas classes rurais; mas os nobres querem os camponeses ligados ao solo; fuga de camponeses para as cidades, onde os nobres não podem capturá-los. De todo modo, mesmo em situação

*NO MS: "P.MAIRONI".

diversa, aparece na época das Comunas a função diretiva da cidade, que aprofunda os conflitos internos do campo e deles se serve como instrumento político-militar para abater o feudalismo). Mas, o mais clássico mestre de política das classes dirigentes italianas, Maquiavel, também havia colocado o problema, naturalmente nos termos e com as preocupações de seu tempo: nos textos militares de Maquiavel, vê-se bastante bem a necessidade de atrair os camponeses, para criar uma milícia nacional capaz de eliminar as tropas mercenárias [5].

Pisacane, creio, deve ser ligado a essa corrente de Maquiavel; também para Pisacane o problema das satisfações a serem dadas às reivindicações populares é visto prevalentemente do ponto de vista militar. A propósito de Pisacane é preciso analisar a contradição de sua concepção militar: Pisacane, príncipe napolitano, havia conseguido se apropriar de algumas concepções militares derivadas da experiência da Revolução Francesa e das campanhas de Napoleão, transplantadas para Nápoles durante os reinos de José Bonaparte e de Joachim Murat, mas especialmente pela experiência viva dos oficiais napolitanos que haviam militado com Napoleão (ver na «Nuova Antologia» na comemoração de Cadorna, a importância
|33| que tal experiência | militar napolitana, através de Pianell, teve na organização do novo exército italiano) [6]: ou seja, ele compreendeu que sem uma política democrática não pode haver exércitos nacionais de alistamento obrigatório; mas é inexplicável a sua aversão à estratégia de Garibaldi e a sua desconfiança contra Garibaldi; em relação a Garibaldi, ele tem a mesma atitude de desprezo que os estados-maiores do antigo regime tinham em relação a Napoleão.

A individualidade que se deve mais estudar acerca destes problemas do Risorgimento é Giuseppe Ferrari, nem tanto em suas obras ditas maiores, verdadeiras colchas de retalho caóticas e confusas, quanto nos seus opúsculos ocasionais e nas suas cartas [7]. Mas, Ferrari estava em grande parte fora da concreta realidade italiana; ele afrancesara-se excessivamente. Algumas vezes, parece mais sagaz do que realmente fosse, só porque adaptava à Itália os esquemas franceses, os quais representavam uma situação bem mais avançada do

que a italiana. Ferrari, pode-se dizer, se encontrava, em relação à Itália, na posição de um "póstero": num certo sentido, o seu era um "juízo retrospectivo". O político, ao contrário, deve ser um realizador "efetivo e atual"; ele não conseguia construir o elo entre a situação italiana e a francesa mais avançada, mas era precisamente este elo que importava soldar para passar ao sucessivo [8]. Ferrari não soube traduzir o "francês" em "italiano" e, por isto, a sua própria sagacidade se tornava um obstáculo, criava novas seitas e pequenas escolas, mas não incidia no movimento real.

Em muitos aspectos, parece que a diferença entre muitos homens do Partido de Ação e os moderados era mais de "temperamento" do que política. A palavra "jacobinos" acabou por assumir dois significados: um é o significado | próprio, historicamente caracterizado: |33A| um determinado partido da Revolução Francesa, que concebia a revolução de um modo determinado, com um programa determinado, com base em forças sociais determinadas e que explicitou sua ação de partido e de governo com uma determinada ação metódica, caracterizada por uma extrema energia e resolução derivadas da crença fanática no valor tanto daquele programa quanto daquele método. Na linguagem política, os dois aspectos do jacobinismo foram cindidos e se chamou jacobino o homem político enérgico e resoluto, porque fanaticamente persuadido das virtudes taumatúrgicas de suas ideias. Crispi é um "jacobino" só neste sentido. Pelo seu programa, ele foi um moderado puro e simples. Sua "obsessão" jacobina é a unidade político-territorial do país. Este princípio é sempre sua bússola de orientação, não só no período do Risorgimento, mas também no período sucessivo, de seu governo. Homem fortemente passional, ele odeia os moderados como pessoas; vê os moderados como retardatários, heróis de batalhas fictícias, gente que teria selado a paz com os velhos regimes se estes se tivessem tornado constitucionais, gente, como os moderados toscanos, que haviam se agarrado à casaca do grão-duque para não deixá-lo fugir; ele confiava pouco numa unidade feita por não unitários. Por isto, liga-se à monarquia, que, ele percebe, será resolutamente unitária por interesses dinásticos e abraça o princípio-feito da hegemonia

piemontesa com uma energia e um entusiasmo inexistente nos próprios políticos piemonteses. Cavour havia advertido para não tratar
|34| o Mezzogiorno com estados de sítio e Crispi, no entanto, | logo estabelece o estado de sítio na Sicília devido ao movimento dos Fasci: acusa os dirigentes dos Fasci de tramar com a Inglaterra a separação da Sicília (tratado de Bisacquino [9]). Liga-se estreitamente aos latifundiários [sicilianos], por ser a classe mais unitária por medo das reivindicações camponesas, ao mesmo tempo que sua política geral tende a reforçar o industrialismo setentrional com a guerra de tarifas contra a França e o protecionismo alfandegário. Ele não hesita em lançar todo o Mezzogiorno numa crise comercial tremenda, para reforçar a indústria que pode dar ao país uma verdadeira independência e ampliar a classe dominante: é a política de fabricar o fabricante. O Governo dos moderados, de 1861 a 1876, havia só e timidamente criado as condições externas de um desenvolvimento econômico —ordenamento do aparelho estatal, estradas, ferrovias, telégrafos — e havia saneado as finanças oneradas pelas dívidas do Risorgimento; o governo da Esquerda buscou remediar ao ódio suscitado no povo pelo fiscalismo da Direita, mas conseguira apenas ser uma válvula de segurança: era a política da direita com homens e frases de esquerda. Crispi, ao contrário, empurrou realmente à frente a sociedade italiana, foi o verdadeiro homem da nova burguesia. Sua figura é diminuida pela desproporção entre os fatos e as palavras, entre as repressões e o objeto da repressão, entre o instrumento e o golpe vibrado; manejava uma colubrina enferrujada como se fosse uma peça moderna de artilharia. Também a política colonial de Crispi está ligada à sua obsessão unitária. Nisto, soube compreender a inocência política do Mezzogiorno; o camponês meridional queria a terra; Crispi não lhe queria dar essa terra na própria Itália, não queria fazer "jacobinismo econômico"; lhe
|34A| delineou | a miragem das terras coloniais a serem exploradas. O imperialismo de Crispi é um imperialismo oratório passional, sem nenhuma base econômico-financeira. A Europa capitalista, rica de capitais, os exportava nos impérios coloniais que então foi criando. Mas a Itália, não só não tinha capitais para exportar, mas devia recorrer ao capital estrangeiro para suas próprias limitadíssimas

necessidades. Faltava uma base [real] ao imperialismo italiano, e a base real foi substituída pela "passionalidade": capitalismo-castelo no ar combatido pelos próprios capitalistas, que teriam visto com olhos mais favoráveis o emprego na Itália das ingentes somas gastas na África. Mas, no Mezzogiorno, Crispi foi popular pela miragem da terra.

Crispi marcou fortemente os intelectuais sicilianos, especialmente, criou aquele fanatismo "unitário" que tem determinado uma atmosfera permanente de suspeição contra tudo o que possa insinuar separatismo. Naturalmente isto não tem impedido que, em 1920, os latifundiários sicilianos se reunissem em Palermo e pronunciassem um verdadeiro ultimato contra o governo, ameaçando a separação [10], assim como não impede que muitos destes latifundiários continuem a manter a cidadania espanhola e levem o governo espanhol a intervir diplomaticamente (o caso do Duque de Bivona) para proteger seus interesses ameaçados pela agitação dos camponeses [11]. A atitude das classes meridionais de 1919 até 1926 serve para iluminar algumas fraquezas da política "obsessivamente" unitária de Crispi e para destacar algumas correções nela introduzidas por Giolitti (poucas, na realidade, porque, deste ponto de vista, Giolitti se manteve essencialmente na esteira de Crispi).

O episódio dos latifundiários sicilianos em 1920 não | é isolado e dele se poderia dar outra interpretação, dado o precedente das classes altas lombardas, que em algumas ocasiões ameaçaram "agir por si mesmas" (buscar as comparações e os documentos), se não encontrasse uma interpretação autêntica nas campanhas feitas por «Il Mattino» desde 1919 a 1926 (até a defenestração dos irmãos Scarfoglio [12]), que seria excessivamente simplista considerar inteiramente plantadas nas nuvens, isto é, não ligadas de algum modo a correntes de opinião pública e a estados de espírito que permanecem subterrâneos, latentes, potenciais, em virtude da atmosfera de intimidação criada pelo "unitarismo obsessivo". Por duas vezes, «Il Mattino» sustentou esta tese: "que o Mezzogiorno entrou a fazer parte do Estado italiano numa |35|

base contratual, o Estatuto albertino, mas que (implicitamente) continua conservando, de fato, sua personalidade e que tem o direito de sair da unidade, se a base contratual de algum modo vier a faltar, ou seja, se é mudada a constituição". Esta tese foi sustentada em 1919-1920 contra uma alteração constitucional de esquerda, em 1924-1925-1926 contra uma mudança constitucional de direita. É preciso levar em conta a natureza de «Il Mattino» que foi órgão "crispino" com Edoardo Scarfoglio (amizade de Scarfoglio com Carducci), africanista ecc. e que mateve sempre uma atitude expansionista e colonialista, dando o tom à ideologia meridional, criada pela fome de terra e pela emigração orientada para a colonização imperialista. A respeito de «Il Mattino» é preciso recordar também a violentíssima campanha contra o Norte a propósito da manipulação, por parte dos têxteis lombardos, dos cotonifícios meridionais e das tentativas de transportar as máquinas para a Lombardia disfarçadas de ferro-velho. Nessa campanha (de 1923) «Il Mattino» chegou até fazer uma exaltação dos Bourbons e da sua política econômica [13]. Recordar, além disso, a comemoração feita por «Il Mattino» de |35A| Maria Sofia, em 1925, que suscitou | muito escândalo [14].

É certo que, neste comportamento de«Il Mattino» é preciso fazer algumas correções metódicas: o caráter "aventureiro" dos irmãos Scarfoglio, sua venalidade (lembrar que Maria Sofia procurava sempre intervir na política interna italiana por espírito de vingança, quando não com a esperança de restaurar o Reino de Nápoles: recordar o breve artigo de Salvemini na «Unità» de 1914 ou 1915 contra Errico Malatesta, pelos acontecimentos de junho de 1914, onde se insinuava que podiam ter sido patrocinados pelo Estado Maior austríaco através de Zita de Bourbon[15] e o episódio recordado por Benedetto Croce na obra *Uomini e cose della vecchia Italia,* sobre as relações entre Malatesta e Maria Sofia para dar fuga a um anarquista que cometera um atentado e sobre o passo diplomático do Governo italiano junto ao Governo francês em relação a estas atividades de Maria Sofia[16]:

recordar as anedotas da senhora* ⟨...⟩ que em 1919 frequentou Maria Sofia para fazer-lhe ⟨o retrato⟩*, seu diletantismo político e ideológico; mas é preciso lembrar também que «Il Mattino» era o jornal mais difundido no Mezzogiorno e que os irmãos Scarfoglios eram jornalistas natos, isto é, possuíam aquela intuição rápida e "simpática" das correntes passionais populares, que torna possível a difusão da imprensa sensacionalista.

Um outro elemento para avaliar o alcance real da política "unitária obsessiva" de Crispi é o conjunto de sentimentos criados no Norte em relação ao Mezzogiorno. A "miséria" do Mezzogiorno era inexplicável "historicamente" para as massas populares do Norte: estas não compreendiam que a unidade não fora criada numa base de igualdade, mas como hegemonia do Norte sobre o Sul na relação territorial cidade—campo, isto é, que o Norte era um "polvo gigante" que se enriquecia à custa do Sul, que o incremento industrial dependia do empobrecimento da agricultura meridional. Ao contrário, essas massas pensavam | que, se o Mezzogiorno não progredia depois de ter sido |36| libertado dos entraves que o bourbonismo opunha ao desenvolvimento moderno, isto significava que as causas da miséria não eram externas, mas internas: aliás, uma vez que estava enraizada a persuasão da grande riqueza natural da terra, não restava que uma explicação, a incapacidade orgânica dos homens, sua barbárie, sua inferioridade biológica. Estas opiniões já difundidas (o lazzaronismo napolitano era uma lenda de velha data) foram consolidadas e até teorizadas pelos sociólogos do positivismo (Niceforo, Ferri, Orano etc.), assumindo a força das "verdades científicas" num tempo de superstição da ciência [17]. Ocorreu, assim, uma polêmica Norte-Sul sobre as raças e sobre a superioridade do Norte e a inferioridade do Mezzogiorno (livros de N. Colajanni em defesa do Mezzogiorno e a coleção da «Rivista

* NO MS UM NOME APAGADO, NÃO LEGÍVEL.

* NO MS ALGUMAS PALAVRAS APAGADAS, NÃO LEGÍVEIS; A INTEGRAÇÃO REDACIONAL É RETOMADA NO TEXTO C.

Popolare» [18]). No entanto, permaneceu no Norte a crença de que o Mezzogiorno fosse um "peso morto" para a Itália, a persuasão dos maiores progressos que a civilização moderna industrial do Norte teria feito sem este "peso morto" etc. No princípio do século, inicia-se uma forte reação meridional também neste terreno. Congresso Sardo de 1911 sob a presidência do General Rugiu, no qual calculam-se quantos milhões foram extorquidas da Sardenha nos primeiros cinquenta anos de Estado unitário, em favor do continente [19]. Campanhas de Salvemini culminadas na fundação da «Unità», mas já conduzidas na «Voce» (número único da «Voce» sobre a "Questão meridional", publicado também em opúsculo) [20]. Neste século se realiza um certo bloco "intelectual" chefiado por B. Croce e Giustino Fortunato, que se alastra por toda Itália; em toda pequena revista de jovens que tenham tendências liberal-democratas e, em geral, se propo-
|36A| nham | renovar a cultura italiana, em todos os campos, na arte, na literatura, na política, aparece não só a influência de Croce e de Fortunato, mas sua colaboração: exemplo típico a «Voce» e a «Unità», mas também a «Patria» de Bolonha, a «Azione Liberale», de Milão, nos "borellianos" etc [21] [movimento juvenil liberal guiado por Giovanni Borelli -N.T.] etc. Aparece também no *Corriere della Sera* e acaba no pós-guerra, dadas as novas situações, com o surgir na *Stampa* (através de Cosmo, Salvatorelli, Ambrosini) e no giolittismo, com a entrada de Croce no último Governo Giolitti.

Deste movimento, hoje, é dada uma interpretação tendenciosa também por G. Prezzolini, que foi uma sua típica encarnação; mas resta a primeira edição da *Cultura italiana* (1923), de Prezzolini, com suas "omissões", como documento autêntico [22]. Este movimento chega até Gobetti e às suas iniciativas de cultura e encontra nele seu ponto de resolução. Gobetti representa o apex deste movimento e o fim do bloco, isto é, a origem de sua dissolução. A polêmica de Giovanni Ansaldo contra Guido Dorso é o documento mais expressivo de tal ponto desta dissolução, até mesmo por

uma certa comicidade nas atitudes gladiadorias de intimidação do "unitarismo obsessivo" [23]. Deste conjunto de eventos e ideias polémicas deriva um critério para investigar a diversa "sabedoria" das diversas correntes que disputaram a direção política e ideológica do Partido de Ação: a ligação das diversas classes rurais que se realiza em um bloco por meio das diversas camadas intelectuais pode ser dissolvida para chegar a uma nova formação (passagem do bourbonismo ao regime liberal nacional na Itália meridional) somente se se envidam esforços em duas | direções: sobre os camponeses da |37| base, aceitando suas reivindicações elementares e tornando-as parte integrante do novo programa de governo e sobre os intelectuais, insistindo nas motivações que mais os podem interessar. A relação entre estas duas ações é dialética e recíproca: se os camponeses se movimentam, os intelectuais começam a oscilar, e, reciprocamente, se um grupo de intelectuais se coloca na nova base, eles terminam por arrastar consigo frações de massas cada vez mais importantes. Se pode dizer, dada a dispersão e o isolamento da população rural e a dificuldade de concentrá-la em sólidas organizações, que convém iniciar o trabalho político a partir dos grupos intelectuais; mas, em geral, é a relação dialética entre as duas ações que se deve considerar [24]. Pode-se também dizer que é quase impossível criar partidos camponeses no sentido próprio da palavra: o partido nos camponeses se realiza, em geral, como forte corrente de opiniões, não em formas esquemáticas; contudo, até mesmo a existência de um esqueleto de partido é de imensa utilidade, seja para uma certa seleção dos homens, seja para controlar os intelectuais e impedir que os "interesses de casta" os conduzam imperceptivelmente para outro terreno.

Este critério deve ser levado em consideração no estudo de Giuseppe Ferrari, que foi o especialista não escutado de questões agrárias no Partido de Ação. Em Giuseppe Ferrari, também, é preciso estudar bem a sua atitude em relação aos assalariados rurais, isto é, os camponeses sem terra, sobre os quais ele fundamenta uma parte conspícua das suas ideologias, pelas quais ele ainda é procurado e estudado por determinadas correntes modernas (obras de Ferrari

republicadas por Monanni, com prefácio de Luigi Fabbri) [25]. É preciso reconhecer que o problema do assalaridado é dificílimo e, ainda hoje, é árduo encontrar uma solução. Em geral, é preciso con-
|37A| siderar | estes critérios: os assalariados são, até hoje, e mais ainda o eram no período do Risorgimento, simples camponeses sem terra, não operários de uma indústria agrícola desenvolvida com capital concentrado. Por isto, salvo exceções, sua psicologia é a mesma do colono e do pequeno proprietário. (Precisaria rever a polêmica entre os senadores Tanari e Bassini no *Resto del Carlino* e na *Perseveranza*, no fim de 1917 ou de 1918, a propósito da realização da fórmula: "a terra aos camponeses", lançada durante da guerra: Tanari era a favor, Bassini contra, com base na sua experiência de grande industrial agrícola, de proprietário de empresas agrícolas em que a divisão do trabalho havia progredido a ponto de tornar indivisível a terra, devido ao desaparecimento do camponês-artesão e ao surgimento do operário) [26]. Em uma forma aguda, a questão se colocava não tanto no Mezzogiorno, onde o caráter artesanal do trabalho agrícola é demasiado evidente, mas no Vale do Pó, onde tal caráter é mais velado. Também em tempos recentes, porém, a existência do assalariado do Vale do Pó devia-se em parte a causas extraeconômicas: 1) superpopulação, que não encontrava uma saída na emigração, como no Sul, e era mantida artificialmente com a política de obras públicas; 2) vontade dos proprietários que não queriam consolidar a população rural numa única classe de assalariados rurais ou de meeiros e, portanto, alternavam a meação com o arrendamento, servindo-se desta alternância também para selecionar meeiros privilegiados que fossem seus aliados políticos (em todos os congressos de agrários da região do Pó, sempre se discute se convenha mais a meação ou o arrendamento e fica transparente a motivação política da escolha que é feita). Durante o Risorgimento, o problema do assalariado agrícola do Vale do Pó manifestava-se
|38| | na forma de um assustador fenômeno de pauperismo. Assim é visto por Tullio Martello em sua *Storia dell'Internazionale*, escrita em 1871-1872, obra que se deve ter presente porque reflete as paixões políticas e as preocupações sociais do período anterior [27].

Em seguida, a posição de Ferrari é enfraquecida por seu "federalismo", que especialmente nele, que vivia na França, aparecia ainda mais um reflexo dos interesses nacionais e estatais franceses. Recordar Proudhon e seus panfletos contra a unidade italiana, combatida a partir do ponto de vista confesso do interesse estatal francês e da democracia [28]: todas as principais correntes da política francesa eram contrárias à unidade italiana. Ainda hoje, os monarquistas (Bainville, etc.) [29] lutam contra o princípio nacionalitário dos dois Napoleões que teria levado à unificação da Alemanha e da Itália, diminuindo assim a estatura relativa da França.

Foi justamente sobre as palavras de ordem de "unidade e independência", sem levar em conta o concreto conteúdo político, que os moderados formaram o bloco nacional sob sua hegemonia. Como tivessem conseguido êxito o demonstra também esta frase de Guerrazzi numa carta a um estudante siciliano (publicada no Archivio Storico Siciliano por Eugenio de Carlo — Correspondência de F.D. Guerrazzi com o escrivão Francesco Paolo Sardofontana di Riella, resumida no «Marzocco» de 29 de novembro de 1929): "Seja lá o que quisermos — despotismo, república ou o que for —, não vamos nos dividir; com este eixo, pode desabar o mundo, reencontraremos o caminho [30]"; mas, destes exemplos poderiam ser citados aos milhares e toda a operosidade de Mazzini foi concretamente resumida na propaganda para a unidade. (Naturlamente, os moderados após 1848, quando foram reorganisados por Cavour em torno do Piemonte).

A propósito do jacobinismo e do Partido de Ação, um elemento a | ser recordado é que os jacobinos conquistaram com a luta |38A| a sua função de partido dirigente: eles se impuseram à burguesia francesa, conduzindo-a para uma posição muito mais avançada do que a burguesia teria querido "espontaneamente" e até muito mais avançada do que as premissas históricas deviam permitir; daí os contragolpes e a função de Napoleão. Este traço, característico do jacobinismo e, portanto, de toda a Revolução francesa, de forçar a situação (aparentemente) e criar irremediáveis fatos consumados, empurrando para a frente a classe burguesa a pontapés no trasei-

ro, desferidos por um grupo de homens extremamente enérgicos e resolutos, pode ser assim "esquematizado": o Terceiro Estado era o menos homogêneo dos estados; a burguesia constituía a parte mais avançada cultural e economicamente; o desenvolvimento dos acontecimentos franceses mostra o desenvolvimento político desta parte, que inicialmente coloca as questões que interessam unicamente aos seus compomentes físicos atuais, os seus interesses "corporativos" imediatos (corporativis em sentido especial, de imediatos e egoistas de um determinado restrito grupo social); os precursores da revolução são os reformistas moderados, que engrossam a voz mas, na realidade, exigem bem pouco. Esta parte avançada perde, aos poucos, as suas características "corporativas" e torna-se classe hegemônica pela ação de dois fatores: a resistência das velhas classes e a atividade política dos jacobinos. As velhas classes não querem ceder nada e, se concedem alguma coisa, fazem-no com a intenção de ganhar tempo e preparar uma contraofensiva; a burguesia iria cair nestas "armadilhas" sucessivas sem a ação enérgica dos jacobinos, que se opõem a qualquer parada intermediária e mandam à
|39| guilhotina não só os representantes | das velhas classes, mas também os revolucionários de ontem, hoje tornados reacionários. Os jacobinos, portanto, representam o único partido da revolução, uma vez que não apenas percebem os interesses imediatos das pessoas físicas reais que constituíam a burguesia francesa, mas viam também os interesses de amanhã e não só daquelas determinadas pessoas físicas, mas dos outros estratos sociais do Terceiro Estado que amanhã se tornarão burgeses, porque são persuadidos da égalité e da fraternité. É preciso recordar que os jacobinos não eram abstracionistas, ainda que sua linguagem "hoje", em uma nova situação e após mais de um século de elaboração hsitórica, soe "abstracionista". A linguagem dos jacobinos, a sua ideologia, refletia diretamente as necessidades da época, segundo as tradições e a cultura francesa (cf. na *Sagrada Família* a analise de Marx da qual resulta que a fraseologia jacobina correspondia perfeitamente às fórmulas da filosofia clássica alemã [31], à qual hoje se reconhece maior concretude e que deu origem ao historicismo moderno): 1ª necessidade: aniquilar a classe adversária ou, pelo menos, reduzi-la à impotência; criar

a impossibilidade de uma contrarrevolução; 2ª alargar os interesses de classe da burguesia, procurando os interesses comuns entre ela e os outros estratos do Terceiro Estado, colocar em movimento estes estratos, conduzi-los à luta, obtendo dois resultados: 1º opor um alvo mais amplo aos golpes da classe adversária, isto é, criar uma relação militar favorável à revolução; 2º tomar da classe adversária toda zona de passividade em que esta teria certamente criado exércitos vendeanos (sem a política agrária dos jacobinos, Paris teria sido cercada pela Vendeia até suas portas: a resistência da Vendeia propriamente dita está ligada à questão | nacional determinada entre os Bretões pela fórmula da "república una e indivisível", à qual os jacobinos não podiam renunciar sem se suicidarem: os girondinos tentaram se apoiar no federalismo para esmagar os jacobinos, mas as tropas provinciais conduzidas a Paris passaram aos jacobinos: com exceção da Bretanha e de outros pequenas zonas periféricas, a questão agrária apresentava-se separada da questão nacional, como se vê neste e em outros espisódios militares: a provincia aceitava a hegemonia de Paris, ou seja, os rurais compreenderam que os seus interesses estavam ligados aos da burguesia). Os jacobinos, portanto, forçaram a mão, mas sempre no sentido do desenvolvimento histórico real, porque eles fundaram não só o Estado burguês, fizeram da burguesia a classe "dominante", mas fizeram mais (em certo sentido), fizeram da burguesia a classe dirigente, hegemônica, isto é, deram ao Estado uma base permanente. |39A|

Que os jacobinos tenham sempre permanecido no terreno de classe, é demonstrado pelos acontecimentos que assinalaram seu fim e a morte de Robespierre: eles não quiseram reconhecer aos operários o direito de coalizão (Lei Chapelier [e suas consequências na lei do "maximum"]*) e assim quebraram o bloco urbano de Paris: suas forças de assalto, que se agrupavam na Comuna, se dispersaram, desiludidas, e o Termidor prevaleceu: a revolução havia encontrado os seus limites de classe; a política dos "aliados" fizera desenvolver novas questões que então não podiam ser resolvidas [32].

*ACRESCENTADO EM INTERLINHA POSTERIORMENTE.

No Partido de Ação não encontramos este espírito jacobino, esta vontade de se tornar "partido dirigente". É preciso levar em conta as diferenças: na Itália, a luta se apresentava como luta contra os velhos tratados e contra a Potência estrangeira, a Áustria, que |40| os | representava e os sustentava na Itália com o exército, ocupando o Lombardo-Veneto e exercendo um controle sobre o resto do território. Também na França este problema se apresentou, pelo menos num certo sentido, porque num certo ponto a luta interna se tornou luta nacional travada na fronteira, mas os jacobinos souberam tirar dele elementos de maior energia: eles compreenderam bem que para vencer o inimigo externo deviam esmagar internamente os seus aliados e não hesitaram em realizar os massacres de setembro. Na Itália, este vínculo, que também existia, explícito e implícito, entre a Áustria e pelo menos uma parte das classes altas dos nobres e dos proprietários de terra, não foi denunciado pelo Partido de Ação ou, pelo menos, não foi denunciado com a devida energia: de todo modo, não se tornou elemento político ativo. Transformou-se, curiosamente, em uma questão de maior ou menor dignidade patriótica e, em seguida, gerou uma arrastada série de polêmicas acrimoniosas, mas estéreis, até 1898. (Cf. os artigos de "Rerum Scriptor" [G. Salvemini, N.T.] na «Critica Sociale» e o livro de Romualdo Bonfadini, *Cinquanta anni di patriottismo*) [33].

Lembrar, a este propósito, da questão dos "interrogatórios" de Federico Confalonieri; Bonfadini, no seu livro acima citado, afirma que os "interrogatórios" se encontram no Arquivo de Estado de Milão; parece-me que mencione 80 pastas [34]: outros sempre negaram que os "interrogatórios" existissem na Itália e, assim, explicavam sua não publicação; num artigo no *Corriere della Sera* do Senador Salata, encarregado pelo Governo de pesquisar nos Arquivos de Viena sobre a história italiana, dizia-se, por volta de 1924 ou 1925, que os "interrogatórios" haviam sido localizados por ele [35]. Recorde-se o fato de que, num certo período, a «Civiltà Cattolica» desafiou os liberais a publicá-los, afirmando que eles, conheci- |40A| dos, simplesmente fariam saltar pelos ares a | unidade italiana [36]. O fato notável na questão Confalonieri consiste no seguinte: que à

diferença de outros patriotas indultados pela Áustria, Confalonieri, apesar de ter sido um notável homem de Estado, se retirou da vida política ativa e manteve, após sua libertação, um comportamento muito reservado. Toda a questão Confalonieri deve ser examinada, assim como a atitude assumida no processo por ele e seus companheiros, também com um exame mais aprofundado das memórias escritas por cada um, quando as escreveram: pelas polêmicas suscitadas, são interessantes as memórias do francês Alexandre Andryane* publicadas em pequeníssima parte por Rosolino Guastalla em uma edição Barbera, que, me parece, ataca Pallavicino por sua fraquesa, mas dedica muito respeito a Confalonieri [37].

A propósito das defesas feitas, inclusive recentemente, da atitude assumida pela aristocracia lombarda em relação à Áustria, especialmente após a insurreição de fevereiro de 1853 e durante o vice-reinado de Maximiliano, deve-se recordar que Alessandro Luzio, cuja obra histórica é completamente tendenciosa, chega até a legitimar os fiéis serviços prestados à Áustria por Salvotti e C.; nada a ver com o espírito jacobino! [38].

A nota cômica na questão é dada por Alfredo Panzini, que, na *Vita di Cavour*, desenvolve toda uma variação, tão afetada quanto enfadonha e jesuítica, sobre uma "pele de tigre" exposta numa janela aristocrática durante uma visita a Milão de Francisco José!! [39].

De todos estes pontos de vista devem ser consideradas as concepções de Missiroli, Gobetti, Dorso etc., sobre o Risorgimento italiano como "conquista régia" [40].

Se, na Itália, não se formou um partido jacobino, as razões devem ser buscadas no campo econômico, isto é | |41| na relativa fraqueza da burguesia italiana e no clima histórico diferente da Europa. O limite encontrado pelos jacobinos, em sua política do despertar forçado das energias populares francesas para se aliarem à burguesia, com a Lei Chapelier [e a lei sobre o "maximum"]*, se apresentava em 1848

* NO MS O NOME DE ALESSANDRO ANDRYABE É ASCRESCENTADO EM PERÍODO POSTERIOR, EM SUBSTITUIÇÃO DE ALGUMAS PALAVRAS APAGADAS.

* ACRESCENTADO NA MARGEM EM PERÍODO POSTERIOR.

como um "espectro" [41] já ameaçador, sabiamente agitado pela Áustria e pelos velhos governos, mas também por Cavour (além do Papa). A burguesia não podia mais estender sua hegemonia sobre os amplos estratos que pôde abranger na França, é verdade, mas a ação sobre os camponeses era sempre possível. Diferenças entre a França, a Alemanha e a Itália, no processo de tomada de poder por parte da burguesia (e Inglaterra). Na França temos o fenômeno completo, a maior riqueza de elementos políticos. Na Alemanha o fenômeno se assemelha em alguns aspectos ao italiano, em outros ao inglês. Na Alemanha, o 1848 fracassa pela pouca concentração burguesa (a palavra de ordem de tipo jacobino foi dada no 1848 alemão por Marx: "revolução em permanência") [42] e porque a questão se entrelaça com a questão nacional; as guerras de 1864, 1866 e 1870 resolvem a questão nacional e a questão de classe num tipo intermediário: a burguesia obtém o governo econômico-industrial, mas as velhas classes feudais permanecem como estamento governamental com amplos privilégios de casta no exército, na administração estatal e sobre a terra: mas pelo menos na Alemanha estas velhas classes, se conservam tanta importância e guardam tantos privilégios, exercem uma função, são os "intelectuais" da burguesia, com um determinado temperamento dado pela origem de classe e pela tradição. Na Inglaterra, onde a revolução burguesa aconteceu antes do que na França, temos o mesmo fenômeno que na Alemanha de |41A| fusão entre o velho e o novo, não obstante a | a extrema energia dos "jacobinos" ingleses, ou seja, os "cabeças-redondas" de Cromwell; a velha aristocracia permanece como estamento governamental, com certos privilégios, torna-se ela também o estrato intelectual da burguesia inglesa (ver a este propósito as observações de Engels no prefácio inglês, me parece, a *Utopia e Ciência* [43],que é preciso recordar para esta investigação sobre os intelectuais e suas funções históricos de classe).

A explicação dada por Antonio Labriola sobre a permanência no poder, na Alemanha, dos Junker e do kaiserismo, apesar do grande desenvolvimento capitalista [44], obscurece a explicação correta: a relação de classes criada pelo desenvolvimento industrial, com o al-

cance do limite da hegemonia burguesa e a reviravolta das situações de classes progressivas, induz a burguesia a não lutar a fundo contra o velho mundo, mas a deixar subsistir aquela parte de fachada que sirva para ocultar o próprio domínio efetivo.

Esta diversidade de manifestação do mesmo fenômeno nos diversos países deve ser ligada às diversas relações não só internas, mas também internacionais (os fatores internacionais são habitualmente subestimados nestas investigações). O espírito jacobino, audaz, temerário, está certamente ligado à hegemonia exercida pela França por tanto tempo. As guerras de Napoleão, ao contrário, com a enorme destruição de homens, entre os mais fortes e destemidos, enfraquecem* não só as energias francesas, mas também aquelas das outras nações, embora também dêem* formidáveis lições de nova energia.

Os fatores internacionais foram certamente fortíssimos na determinação da linha do Risorgimento. Eles, em seguida, foram exagerados ainda mais pelo partido moderado (Cavour) com finalidade de partido: é digno de nota o | fato, a este propósito, de que |42| Cavour teme como o fogo a iniciativa garibaldina, antes da expedição de Quarto, pelas complicações internacionais que podia criar e depois é levado ele mesmo pelo entusiasmo criado pelos Mil na opinião pública europeia, até ver como factível uma nova guerra contra a Áustria. Existia, portanto, em Cavour uma certa deformação profissional do diplomata, que o levava a ver "excessivas" dificuldades e o induzia a exageros conspirativos e a prodígios, que são em grade parte funambulescos, de sutileza e de intriga. Em todo caso, ele fez bem sua parte como homem de partido; mas, que este partido representasse a nação, mesmo apenas no sentido da mais ampla extensão da comunidade de interesses da burguesia com outras classes, é uma outra questão.

A propósito da palavra de ordem "jacobina" lançada por Marx à Alemanha de 1848-1849, deve-se observar sua complicada fortu-

* NO MS: "ENFRAQUECE".
* NO MS: "DÊ".

na. Retomada, sistematizada, elaborada, intelectualizada pelo grupo Parvus-Bronstein, revelou-se inerte e ineficaz em 1905 e depois: era uma coisa abstrata, de laboratório científico. A corrente que se opôs a ela nesta sua manifestação intelectualizada, ao contrário, sem usá-la "de propósito", a empregou de fato na sua forma histórica, concreta, vivente, adaptada ao tempo e ao lugar, como surgia de todos os poros da sociedade que devia ser transformada, de aliança entre duas classes com a hegemonia da classe urbana [45].

No primeiro caso, temperamento jacobino sem um conteúdo político adequado, tipo Crispi; no segundo caso, temperamento e conteúdo jacobinos segundo as novas relações históricas, e não segundo uma etiqueta intelectualista.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 66-95.

§ ⟨45⟩. *Intelectuais sicilianos*. Rivalidade entre Palermo e Catânia para disputar o primado intelectual da ilha. — Catânia chamada de |42A| Atenas siciliana, aliás, a "sicula Atene". — | Celebridade de Catânia: Domenico Tempio, poeta licencioso, cuja atividade tem lugar após o terremoto de 1693, que destruiu Catânia (Antonio Prestinenza relaciona o tom licencioso do poeta à ocorrência do terremoto: morte — vida — destruição — fecundidade). — Vincenzo Bellini, contraposto a Tempio por sua melancolia romântica.

Mario Rapisardi é a glória moderna de Catânia. Garibaldi lhe escreve: "Na vanguarda do progresso, nós vos seguiremos" e Victor Hugo: "Vous êtes un précurseur". — Rapisardi-Garibaldi-Victor Hugo. — Polêmica Carducci-Rapisardi — Rapisardi-De Felice (em 1º de maio, De Felice conduzia a passeata até o portão de Rapisardi). — Popularismo socialista misturado com o culto supersticioso de Santa Ágata: quando Rapisardi estava na hora da morte, pretendeu-se que retornasse à Igreja: "Assim viveu Argante, e morreu como viveu", disse Rapisardi. — Ao lado de Rapisardi: Verga, Capuana, De Roberto, que porém não são considerados "sicilianíssimos", até porque eram ligados às correntes continentais e eram amigos de Carducci. — Catânia e Abruzzo na literatura italiana do século XIX [1].

§ ⟨46⟩. *Moderados e os intelectuais.* Os moderados deviam predominar entre os intelectuais. Mazzini e Gioberti. Gioberti oferecia aos intelectuais uma filosofia que parecia nacional e original, capaz de situar a Itália no mesmo nível das nações mais avançadas e dar nova dignidade ao "pensamento" italiano; Mazzini só oferecia aforismos e acenos filosóficos que, para muitos intelectuais, especialmente meridionais, deviam parecer palavreado vazio ([o Abade N.T.] Galiani havia "zombado" daquele modo de pensar e de escrever) [1]. Questão da escola. Atividade dos moderados para introduzir o princípio pedagógico do "ensino recíproco" (Confalonieri, Capponi etc.); movimento de Ferrante Aporti e das escolas maternais, ligado também ao pauperismo [2]. Era o único movimento concreto contra a escola "jesuítica" e não podia deixar de ter eficácia, não | somente entre os leigos, aos quais conferia uma |43| personalidade própria, mas também entre o clero liberalizante e antijesuítico (hostilidade contra Ferrante Aporti etc.; o abrigo e a educação da infância abandonada eram um monopólio clerical, e estas iniciativas rompiam o monopólio).

Estas atividades escolares do Risorgimento de caráter liberal ou liberalizante têm uma grande importância para compreender o mecanismo da hegemonia dos moderados sobre os intelectuais. A atividade escolar, em todos os seus graus, tem uma importância enorme, inclusive econômica, para os intelectuais de todos os graus; naquela época, até mais do que hoje, dada a limitação dos quadros sociais e as escassas possibilidades abertas à iniciativa dos intelectuais (hoje: jornalismo, movimento dos partidos etc. ampliaram de modo extraordinário os quadros intelectuais).

A hegemonia de um centro diretivo sobre os intelectuais tem estas duas linhas estratégicas: "uma concepção geral da vida", uma filosofia (Gioberti), a qual ofereça aos seguidores uma "dignidade" a ser posta contra as ideologias dominantes como princípio de luta; um programa escolar que seja interessante e dê uma atividade própria em seu campo técnico àquela fração dos intelectuais que é a mais homogênea e a mais numerosa (educadores, desde os professores primários até os da universidade).

Os congressos de cientistas que se repetiram no Risorgimento tiveram uma dupla eficácia: 1) reunir os intelectuais do nível mais elevado, multiplicando assim sua influência; 2) obter uma mais rápida concentração dos intelectuais dos graus inferiores, que são levados normalmente a seguir os universitários e os grandes cientistas por espírito de casta.

O estudo das Revistas enciclopédicas e especializadas dá um outro aspecto dessa hegemonia. Um partido como o dos moderados oferecia à massa dos intelectuais todas as satisfações para |43A| as exigências gerais que podem ser |oferecidas por um governo (por um partido no governo) através dos serviços do Estado (para esta função de partido "de governo" serviu otimamente, depois de 1848, o Estado piemontês, que acolheu os intelectuais exilados e mostrou em escala reduzida o que seria um futuro Estado unitário).

CF. CADERNO 19 (X), PP. 108-9.

§ ⟨47⟩. *Hegel e o associacionismo.* A doutrina de Hegel sobre os partidos e as associações como trama "privada" do Estado. Ela derivou historicamente das experiências políticas da Revolução Francesa e devia servir para dar uma maior concretude ao constitucionalismo. Governo com o consenso dos governados, mas com o consenso organizado, não genérico e vago tal como se afirma no momento das eleições: o Estado tem e pede o consenso, mas também "educa" este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente. Assim, em certo sentido, Hegel já supera o puro constitucionalismo e teoriza o Estado parlamentar com seu regime dos partidos. Sua concepção da associação não pode deixar de ser ainda vaga e primitiva, entre o político e o econômico, segundo a experiência histórica da época, que era muito restrita e dava um só exemplo acabado de organização, o "corporativo" (política enxertada na economia) [1].

Marx não podia ter experiências históricas superiores às de Hegel (ao menos muito superiores), mas tinha o sentido das massas, por sua atividade jornalística e de agitação. O conceito de organização em Marx ainda permanece preso aos seguintes elementos: organização profissional, clubes jacobinos, conspirações secretas de pequenos grupos, organização jornalística. A Revolução Francesa oferece dois tipos predominantes: os *clubes*, que são organizações não rígidas, do tipo | "comício popular", centralizadas por individualidades políticas, |44| cada uma das quais tem seu jornal, com o qual mantém despertos a atenção e o interesse de uma determinada clientela pouco nítida nas margens, que afinal defende as teses do jornal nas reuniões do clube. Decerto, entre os assíduos dos clubes deviam existir grupos restritos e selecionados de pessoas que se conheciam reciprocamente, que se reuniam em separado e preparavam a atmosfera das reuniões para apoiar uma ou outra corrente, de acordo com o momento e também de acordo com os interesses concretos em jogo. As conspirações secretas, que em seguida tiveram tanta difusão na Itália antes de 1848, desenvolveram-se na França, depois do Termidor, entre os seguidores de segunda linha do jacobinismo, com muitas dificuldades no período napoleônico, por causa da atenta vigilância da polícia, com mais facilidade de 1815 a 1830 sob a Restauração, que foi bastante liberal na base e não tinha certas preocupações. Neste período que vai de 1815 a 1830, deve ter ocorrida a diferenciação do campo político popular, que já se revela bastante significativa nas "gloriosas jornadas" de 1830, nas quais afloram as formações que vieram se constituíndo nos quinze anos anteriores. Depois de 1830 e até 1848, este processo de diferenciação se aperfeiçoa e, com Blanqui e Filippo Buonarroti, gera tipos bastante definidos.

É difícil que Hegel pudesse ter conhecido de perto estas experiências históricas, que, ao invés, eram mais vivas em Marx (sobre esta série de fatos, ver como material inicial as publicações de Paul Louis [2] e o Dicionário Político de Maurice Block [3]; no que se refere à Revolução Francesa, especialmente Aulard [4]; ver também as notas de Andler ao *Manifesto* [5]; no que se refere à Itália, o livro de Luzio sobre a Maçonaria e o Risorgimento, muito tendencioso).

§ ⟨48⟩. *O Jacobismo invertido de Carlo Maurras* (continuação
|44A| do § de p. 8bis) [1]. O desenvolvimento | do jacobinismo (de conteúdo), encontrou seu aperfeiçoamento formal no regime parlamentar, que realiza, no período mais rico de energias "privadas" na sociedade, a hegemonia da classe urbana sobre toda a população, na forma hegeliana de governo com o consenso permanentemente organizado (com a organização deixada à iniciativa privada, portanto, de caráter moral ou ético, porque consenso "voluntario", de um modo ou de outro) [2]. O "limite" encontrado pelos jacobinos com a lei Le Chapelier [ou o maximum]*, é superado e alargado através de um processo complexo, teórico-prático (jurídico-político = econômico), pelo qual se obtém novamente o consenso político (mantém-se a hegemonia) ampliando e aprofundando a base econômica com o desenvolvimento industrial e comercial até a época do imperialismo e da Guerra Mundial. Neste processo, alternam-se insurreições e repressões, ampliações e restrições do sufrágio político, liberdade de associação e restrições ou anulações dessa liberdade, liberdade no campo sindical, mas não no político, formas diferentes do sufrágio, de lista ou para pequena circunscrição, proporcional ou individual, com as várias combinações que dele resultam, o sistema de uma câmara ou das duas câmaras, com vários modos de escolha para cada uma (câmara vitalícia e hereditária, ou somente vitalícia, ela também eletiva, mas não como a câmara baixa etc.), com o equilíbrio variado dos poderes, de modo que o Judiciário é um poder ou uma ordem, independente ou controlada e dirigida pelo governo, com as diversas atribuições do chefe do Estado, com diverso equilíbrio interno dos organismos territoriais (centralismo ou descentralização, menores ou maiores poderes dos administradores, conselhos provinciais, dos municípios); com um equilíbrio diferente entre as forças armadas alistadas e os corpos profissionais (polícia, gendarmeria); com a dependência destes corpos profissionais de um ou de outro poder estatal (da magistratura,
|45| | do ministério do interior ou do estado maior); a maior ou menor parte deixada ao costume ou à lei escrita, de modo que se desenvol-

*** ACRESENTADO EM INTERLINEA POSTERIORMENTE.**

vem formas consuetudinárias que podem serem abolidas em virtude da lei escrita; com a separação real mais ou menos grande entre os regulamentos e as leis fundamentais, com o emprego mais ou menos extenso dos decretos-leis que se sobrepõem à legislação ordinária e a modificam em certas ocasiões, forçando a "paciência" do parlamento. Para este processo contribuem os teóricos-filósofos, os publicistas, os partidos políticos etc., no tocante à parte formal e os movimentos de massa pela parte substancial, com ações e reações recíprocas, com iniciativas "preventivas" antes que um fenômeno ocorra perigosamente e com repressões quando faltam as prevenções ou tem sido tardias ou ineficazes. O exercício "normal" da hegemonia no terreno, que se tornou clássico, do regime parlamentar, é caracterizado por uma combinação da força e do consenso que se equilibram, sem que a força predomine em muito o consentimento, mas antes pareça apoiada pelo consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública (os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados). Entre o consenso e a força se encontra a corrupção-fraude (que é característica de certas situações de difícil exercício da função hegemônica, e apresentando o emprego da força excessivos perigos), isto é, a debilitação e a paralisia causadas ao antagonista ou aos antagonistas pela cooptação de seus dirigentes, veladamente em via normal, abertamente em caso de perigo visualizado, para causar confusão e desordem nas fileiras antagonistas.

No período do pós-guerra, o aparelho hegemônico racha e o exercício da hegemonia torna-se cada vez mais difícil e incerto. O fenômeno é apresentado e tratado | com vários nomes e sob |45A| vários aspectos. Os mais comuns são: "crise do princípio de autoridade" — "dissolução do regime parlamentar". Naturalmente, descrevem-se do fenômeno apenas as manifestações centrais, no campo parlamentar e governativo, e são explicadas pela falência do "princípio" parlamentar, do "princípio" democrático etc., não, porém, do "princípio" de autoridade (esta falência é proclamada por outros). Praticamente, esta crise se manifesta na sempre crescente dificuldade de formar governos e na sempre crescente instabilidade

dos próprios governos e tem sua origem imediata na multiplicação dos partidos parlamentares e nas crises internas [permanentes] de cada um destes partidos (ou seja, ocorre dentro de cada partido o que se verifica em todo o parlamento: dificuldade de governo). As formas desse fenômeno também são, em certa medida, de corrupção e dissolução moral: cada grupelho no interior de partido acredita ter a receita para deter o enfraquecimento de todo o partido, e recorre a todos os meios para ter a direção ou ao menos para participar da direção dele, assim como no parlamento [o partido] acredita ser o único a dever formar o governo para salvar o país ou pelo menos, para dar seu apoio ao governo, a dever participar dele do modo mais amplo possível; daí resultam tratativas ardilosas e minuciosas, que não deixam de ser personalistas de modo que aparecem escandalosas. Talvez, na realidade, a corrupção seja menor do que se acredita. Que os interessados para que a crise se resolva do seu ponto de vista finjam acreditar que se trata da "corrupção" e "dissolução" de um "princípio" poderia até ser justificado: cada um pode ser o melhor juiz na escolha das armas ideológicas que sejam mais apropriadas aos fins que pretende alcançar e a demagogia pode ser considerada uma excelente arma. Mas, a situação torna-se
|46| cômica quando o demagogo não sabe de ser tal, ou seja, quando age praticamente como se acreditasse realmente que o hábito faz o monge, que o boné é o cérebro. Maquiavel e Stenterello [3]. A crise na França. Sua grande lentidão. Os partidos franceses. Eles eram muito numerosos ainda antes de 1914. Sua multiplicidade formal depende da riqueza de eventos políticos na França de 1789 ao Caso Dreyfus. Cada um destes eventos deixou sedimentos e resquícios que se consolidaram em partidos; mas, sendo as diferenças muito menos importantes que as coincidências, na realidade tem reinado no Parlamento o regime dos dois partidos: liberais-democráticos (várias gamas do radicalismo) e conservadores. A multiplicidade dos partidos tem sido útil no passado: tem permitido um vasto trabalho de seleção e tem criado um grande número de homens de governo. Assim, todo movimento de opinião pública encontrava um imediato reflexo e uma composição. A hegemonia burguesa é muito forte e tem muitas reservas. Os intelectuais são muito con-

centrados (Academia, Universidades, grandes jornais e revistas de Paris) e, embora numerosíssimos, muito disciplinados aos centros de cultura. A burocracia militar e civil tem uma grande tradição e tem alcançado uma grande homogeneidade. A fraqueza interna mais perigosa no aparelho estatal (militar e civil) era dada pelo clericalismo aliado aos monárquicos. Mas a massa popular, ainda que católica, não era clerical. No caso Dreyfus, a luta culminou paralisando a influência clerical-monárquica no aparato estatal e dando ao elemento laico uma clara prevalência. A guerra não enfraqueceu, mas fortaleceu a hegemonia; não houve tempo para pensar: o país tem entrado em guerra e quase imediatamente o território tem sido invadido. A passagem da velha disciplina para a nova não tem exigido uma crise demasiado grande: os antigos quadros | militares eram |46A| bastante amplos e suficientemente flexíveis: os oficiais subalternos e os suboficiais eram talvez os mais selecionados do mundo, os mais bem treinados.

Comparação com outros países. A questão dos arditi. A crise dos quadros, o grande número dos oficiais complementares. Os arditi, em outros países, tem representado um novo exército de voluntários, uma seleção militar, que tinha uma função tática primordial. O contato com o inimigo foi buscado só por meio dos arditi, que formaram como um véu entre o inimigo e o exército regular (como as talas no tórax). A infantaria francesa era composta por uma grande maioria de agricultores diretos, isto é, de homens providos de uma reserva muscular e nervosa que tornou difícil o colapso físico provocado pela vida nas trincheiras (o consumo médio de um cidadão francês é de cerca de 1 500 000 calorias por ano, enquanto o do italiano é menor que 1 000 000); na França é mínimo o número de assalariados agrícolas (o camponês sem-terra é servo de fazenda, ou seja, ele vive a mesma vida dos patrões e não conhece a fome do desemprego, nem mesmo sazonal; o verdadeiro assalariado não chega a um milhão de pessoas); além disso, a alimentação nas trincheiras era melhor que em outros países e o passado democrático, rico de lutas, criara o cidadão, no duplo sentido, que o homem do povo não só se sentia alguém, mas também era considerado alguém

pelos superiores, ou seja, ele não era ridicularizado e maltratado por ninharias. Assim, não se formaram aqueles sedimentos de raiva envenenada e camuflada que se formaram em outros lugares. As lutas internas depois do armistício não tiveram grande aspereza e, especialmente, não se verificou a inaudita oscilação das classes rurais. A crise parlamentar francês indica que há um mal-estar difuso no país, |47| mas este | mal-estar até agora não tem assumido um caráter radical, não colocou em jogo questões "intangíveis". Tem tido um alargamento da base industrial e, portanto, um aumento da urbanização. Massas de rurais vieram para a cidade, não porque houvesse desemprego no campo ou fome insatisfeita de terra; porque na cidade se vive melhor, existem mais satisfações etc. (o preço da terra é muito baixo e muitas terras boas foram abandonadas aos italianos). A crise parlamentar reflete (até agora) um movimento normal de massas (não devido a uma crise econômica), com uma busca por novos equilíbrios de partido e um vago mal-estar, premonitório de uma grande crise. A mesma sensibilidade do organismo político leva a exagerar os sintomas do mal-estar. Trata-se, por agora, de uma luta pela divisão dos cargos estatais e dos benefícios estatais, mais do que qualquer outra coisa. Por isso, crise dos partidos médios e do partido radical em primeiro lugar, que representa as cidades médias e pequenas e os camponeses mais avançados. As forças políticas se preparam para grandes lutas futuras e buscam um melhor ordenamento. As forças extra-estatais fazem sentir mais sensivelmente o seu peso e impõem seus homens de modo mais brutal.

Maurras já proclama o esfacelamento e se prepara para a tomada do poder. Maurras é apresentado como um grande homem de Estado e como um grandíssimo realista. Na realidade ele é apenas um jacobino ao inverso. Os jacobinos empregavam uma certa linguagem, seguiam uma certa ideologia; no seu tempo aquela linguagem e aquela ideologia eram ultra-realistas, porque conseguiram fazer marchar as forças necessárias para alcançar os objetivos da Revolução e deram à classe revolucionária o poder. Foram depois separadas do tempo e do lugar e reduzidas a fórmulas: eram uma coisa diversa, |47A| um espectro, palavras vazias e inertes. O cômico | consiste no fato

de que Maurras contrapôs àquelas fórmulas algumas outras, em um sistema lógico-literário formalmente impecável, mas do mais puro iluminismo. Maurras representa o mais puro campeão do "estúpido século XIX" [4], a concentração de todas as banalidades maçônicas mecanicamente invertidas: sua popularidade relativa depende precisamente disso, que seu método agrada porque é o método da razão raciocinante da qual nasceu o enciclopedismo, o Iluminismo e toda a tradição cultural maçônica francesa. Os iluministas tinham criado o mito do selvagem ou algo parecido, Maurras cria o mito do passado monárquico francês; só que este mito foi "história" e as deformações intelectualistas dele podem ser facilmente corrigidas.

A fórmula fundamental de Maurras é "Politique d'abord" [política em primeiro lugar, N.T.], mas ele é o primeiro a não a observar. Para ele, antes da política há sempre a "abstração política", a adoção integral de um programa "ideológico" minuciosíssimo, que prevê todos os detalhes, como nas utopias, que pede uma determinada concepção não da história, mas da história da França e da Europa, isto é, uma determinada hermenêutica.

Léon Daudet escreveu que a grande força da Action Française foi a inabalável homogeneidade e unidade de seu grupo dirigente [5]. Sempre de acordo, sempre solidários política e ideologicamente. Certamente esta é uma força. Mas de caráter sectário e maçônico, não de um grande partido de governo. A linguagem política tornou-se um jargão, formou-se a atmosfera de conventículo: à força de repetir sempre as mesmas fórmulas, de utilizar os mesmos esquemas mentais rígidos, | termina-se, é verdade, pensando do |48| mesmo modo, pois se acaba por não pensar mais. Maurras em Paris e Daudet em Bruxelas pronunciam a mesma frase, sem acordo, sobre o mesmo acontecimento, mas o acordo já existia antes: eram já duas máquininhas de frases instaladas por vinte anos para dizer as mesmas frases no mesmo momento.

O grupo de Maurras se formou por "cooptação": no princípio havia Maurras com seu verbo, depois se juntou Vaugeois, depois Daudet, depois Pujo etc. etc. Quando Valois se afastou foi uma catástrofe

de polêmicas e de acusações. Do ponto de vista de tipo de organização a Action Française é muito interessante. Sua força é constituída destes elementos: os seus elementos de base são tipos sociais selecionados intelectualmente, nobres, intelectuais, ex-oficiais, estudantes, isto é, pessoas que são levadas a repetir, como papagaios, as fórmulas de Maurras e, antes, a tirar delas um proveito "esnobe"; em uma república, pode ser um sinal de distinção ser monarquistas, em uma democracia parlamentar ser reacionários consequentes; são ricos, de modo a poder dar muitos fundos para permitir múltiplas iniciativas que dão a aparência de uma certa vitalidade e atividade; a riqueza de meios e a posição social dos adeptos manifestos e ocultos permite ao jornal e ao centro político ter uma massa de informações e documentos confidenciais que dão ao jornal os meios das polêmicas pessoais: no passado, mas em parte também agora, o Vaticano devia ser uma fonte de primeira ordem (o Vaticano, como centro, a Secretaria de Estado e o alto clero francês; muitas campanhas devem ser feitas de modo velado ou meio velado: uma parte de verdade para fazer entender que se sabe tudo, ou são feitas alusões astuciosas que são compreensíveis pelos interessados). A estas campanhas o jornal confere
|48A| um duplo significado: galvanizar os próprios adeptos | ostentando conhecimento das coisas mais secretas, o que dá a impressão de uma forte organização e de capacidades, e paralisar os adversários com a ameaça de desonrá-los, para fazer alguns se tornarem apoiadores secretos. A concepção prática que se pode extrair de toda a atividade da Action Française é esta: o regime parlamentar republicano se dissolverá inelutavelmente porque ele é um "monstrum" histórico que não corresponde às leis "naturais" da sociedade francesa estabelecidas por Maurras. Os nacionalistas integrais devem: 1) afastar-se da vida real da política francesa, não reconhecendo sua legalidade (abstencionismo etc.), combatendo-a em bloco; 2) criar um antigoverno, sempre pronto a instalar-se nos "palácios tradicionais", por um golpe de mão: este antigoverno já se apresenta hoje com todos os órgãos embrionários, que correspondem às grandes atividades nacionais. Foram feitas muitas exceções a este rigor; em 1919 foram apresentadas algumas candidaturas; nas outras eleições a Action Française apoiou os candidatos de direita que aceitavam alguns de seus prin-

cípios marginais (significa que entre Maurras e os outros o acordo não era perfeito). Para sair do isolamento, foi planejada a publicação de um grande jornal de informação, mas até agora não parece que algo foi feito (existe somente a «Revue Universelle» que cumpre esta tarefa no campo das revistas). A recém polêmica com o Vaticano rompeu o único vínculo que a Action Française tinha com as grandes massas nacionais, vínculo que era, também ele, bastante aleatório. O sufrágio universal introduzido pela República tinha já levado, fazia tempo, ao fato de que as massas católicas aderem politicamente aos partidos do centro e de esquerda, embora estes partidos sejam anticlericais. A fórmula que a religião é um "assunto privado" radicou-se como forma popular da separação da Igreja do Estado. Além disso, o conjunto de associações que compõem a Ação Católica francesa está nas mãos da aristocracia rural (o general Castelnau), sem que o baixo clero exerça aquela função de guia espiritual-social que exercia na Itália (setentrional especialmente). O camponês francês se parece mais com o nosso camponês do Sul, que diz com gosto: "o sacerdote é um sacerdote no altar, mas fora é um homem como todos os outros" (senão pior). A Action Française, através da camada dirigente católica pensava em dominar todo o aparelho de massa do catolicismo francês. Certamente, havia muita ilusão nisso, todavia devia haver também uma parte de verdade, porque a ligação religiosa relaxada em tempos normais se torna mais vigorosa e absorvente em épocas de grande crise político-moral, quando o futuro parece cheio de nuvens tempestuosas. Na realidade, também esta reserva possível desvaneceu para Maurras. A política do Vaticano não quer mais "abster-se" dos assuntos internos franceses: o Vaticano é mais realista do que Maurras e entende melhor a fórmula «politique d'abord». Enquanto o camponês católico tiver que escolher entre Herriot e um Hobereau, escolherá Herriot: é necessário criar o tipo político do "radical católico", isto é, do "popular", é necessário aceitar a República e a democracia e neste terreno organizar as massas fazendo desaparecer (superando) o dissídio entre religião e política, fazendo do padre não só o guia espiritual (no campo individual-privado), mas também o guia social no campo econômico-político.

|49|

A derrota de Maurras é certa: é a sua concepção que é falsa por demasiada perfeição lógica. De resto, a derrota era sentida por Maurras precisamente no começo da crise com o Vaticano, a qual coincidiu com a crise parlamentar francesa de 1925. Quando os |49A| ministérios se sucediam em rotação, a Action Française publicou | estar pronta para tomar o poder. Foi publicado um artigo no qual se chega até a convidar Caillaux para colaborar, Caillaux para quem se anunciava sempre o pelotão de fuzilamento. O episódio é clássico: a política tornada rígida e racionalista tipo Maurras, do abstencionismo apriorístico, das leis naturais siderais que regem a sociedade é condenada ao caos, ao colapso, à abdicação ao momento resolutivo. Deste modo, se vê que as grandes massas de energia não se lançam em reservatórios criados artificialmente, mas seguem as vias da história, se movem de acordo como os partidos que têm sido sempre ativos. À parte a tolice de acreditar que em 1925 pudesse ocorrer o colapso da República devido à crise parlamentar (o intelectualismo leva a estas alucinações monomaníacas), houve um colapso moral, senão de Maurras, que terá também permanecido em seu estado de iluminação apocalíptica, de seu grupo, que se sentiu isolado e apelou a Caillaux.

CF. CADERNO 13 (XXX), PP. 25 A – 29

§ ⟨49⟩. *O "centralismo orgânico" e as doutrinas de Maurras*. O chamado "centralismo orgânico" tem como princípio a "cooptação" em torno de um "possuidor da verdade", de um "iluminado pela razão", que tem encontrado as leis "naturais" etc. (As leis da mecânica e da matemática funcionam como motor intelectual; a metáfora fica em lugar do pensamento histórico) [1]. Ligado ao Maurrasismo.

CF. CADERNO 13 (XXX), P. 30.

§ ⟨50⟩. *Um documento da Amma para a questão Norte-Sul*. Publicado pelos jornais turinenses de setembro de 1920. É uma circular da Amma, acho que de 1916, na qual se ordena às indústrias filiadas não admitirem operários que tenham nascido abaixo de Florença [1].

Cf. a política seguida por Agnelli-Gualino, especialmente em 1925-1926, de chamar a Turim cerca de 25 mil sicilianos para empregar na indústria (casas-casernas, | disciplina interna etc.)[2]. |50| Fracasso da emigração e multiplicação dos delitos cometidos nas áreas rurais vizinhas destes sicilianos, que desertavam as fábricas: notícias de destaque nos jornais, que certamente não atenuaram a crença de que os sicilianos são bandidos.

A questão específica Piemonte-Sicília está ligada à intervenção das tropas piemontesas na Sicília contra o chamado banditismo, de 1860 a 1870. Os soldados piemonteses trouxeram de volta a seus vilarejos a convicção da barbárie siciliana e, inversamente, os sicilianos se persuadiram da ferocidade piemontesa. A literatura de entretenimento (mas também a literatura militar) contribuiu para reforçar estes estados de espírito (cf. a novela de De Amicis sobre o soldado cuja língua foi decepada pelos bandidos) [3]: na literatura siciliana, ⟨que é⟩ mais equânime, porque também se descreve a ferocidade siciliana (uma novela de Pirandello: os bandidos que jogam bocha com crânios) [4]. Lembrar o livro, me parece, de um certo D'Adamo (cf. «Unità», na época da guerra líbica) [5], no qual se diz que sicilianos e piemonteses devem fazer a paz, porque a ferocidade de uns compensa a dos outros.

A propósito da literatura de entretenimento sobre Norte-Sul, recordar *Caccia grossa* de Giulio Bechi [6]: "caccia grossa" quer dizer "caçada humana". Giulio Bechi passou alguns meses na prisão; mas não por ter operado na Sardenha como em terra de conquista, mas por ter se metido numa situação em que senhores sardos o desafiaram para um duelo; o desafio dos sardos, de resto, foi lançado não por Bechi fazer da Sardenha uma selva, mas por escrever que as mulheres sardas não eram bonitas.

Recordar um pequeno livro de memórias de um oficial lígure (impresso numa cidadezinha lígure, Oneglia ou Porto Maurizio), que esteve na Sardenha durante os acontecimentos de 1906, onde os sardos são chamados de "macacos" ou coisa semelhante e se fala do "instinto da espécie", que agita o autor na presença das mulheres [7].

|50A| |§ ⟨51⟩. *Clero como intelectuais.* Pesquisa sobre as diversas atitudes do clero no Risorgimento, em função das novas correntes religiosas-eclesiásticas. Giobertismo, rosminianismo. Episódio mais característico do jansenismo. A propósito da doutrina da graça e de sua conversão em motivo de energia industrial, e da objeção que Jemolo faz à tese justa de Anzilotti [1] (de onde Anzilotti a teria tomado?), cf. em Kurt Kaser, *Riforma e Controriforma*, a propósito da doutrina da graça no calvinismo [2], e o livro de Philip onde são citados documentos atuais dessa conversão [3]. Nestes fatos está contida a documentação do processo de dissolução da religiosidade americana: o calvinismo torna-se uma religião laica, a do Rotary Club, assim como o teísmo dos iluministas era a religião da maçonaria europeia, mas sem o aparato simbólico e cômico da maçonaria e com esta diferença, que a religião do Rotary não pode tornar-se universal: ela é própria de uma aristocracia eleita (povo eleito, classe eleita) que teve e continua a ter sucessos; um princípio de seleção, não de generalização, de um misticismo ingênuo e primitivo próprio de quem não pensa, mas opera como os industriais americanos, que pode ter em si os germes de uma dissolução até mesmo muito rápida (a história da doutrina da graça pode ser interessante para ver a diferente acomodação do catolicismo e do cristianismo às diversas épocas históricas e aos diversos países).

Fatos americanos relacionados por Philip, dos quais resultam que o clero de todas as Igrejas, em certas ocasiões, funcionou como opinião pública, na ausência de um partido e de uma imprensa de tal partido [4].

|51| |§ ⟨52⟩. *Origem social do clero*. A origem social do clero é importante para julgar sua influência política: no Norte o clero ⟨é⟩ de origem popular (artesãos e camponeses); no Sul ⟨é⟩ mais ligado aos "senhores" e à classe alta. No Sul e nas ilhas, o clero, ou individualmente ou como representante da Igreja, possui muitas propriedades fundiárias e se presta à usura. Com frequência, além de guia espiritual, ao camponês parece como proprietário que pesa nos arrendamentos ("os juros da Igreja") e como usurário que tem à sua disposição as armas espirituais e também as temporais. Portanto, os

camponeses meridionais querem padres do vilarejo (porque conhecidos, menos azedos, e porque a família deles, oferecendo um determinado alvo, entra como elemento de conciliação) e, em alguns casos, reivindicam os direitos eleitorais dos paroquianos. Episódios na Sardenha de tais reivindicações [1]. (Recordar o artigo de Gennaro Avolio no número único da «Voce» sobre o clero meridional, onde se acena ao fato de que os padres meridionais têm abertamente vida conjugal com uma mulher e têm reivindicado o direito de se casar) [2]. A distribuição territorial do Partido Popular mostra a maior ou menor influência do clero, bem como sua atividade | |51A| social. No Mezzogiorno* (deve-se também ter presente, além disso, o peso das diversas frações: no sul de Nápoles etc.), predominava a direita, isto é, o velho clericalismo. Conservador. Recordar o episódio das eleições em Oristano, em 1913 [3].

§ ⟨53⟩. *Maurrasianismo e sindicalismo*. Na concepção de Maurras, existem muitos traços semelhantes a algumas teorias catastróficas formais de certo sindicalismo ou economicismo. Ocorreu muito frequentemente esta transposição de concepções nascidas no terreno econômico e sindical para o campo político e parlamentar. Todo abstencionismo politico baseia-se nesta concepção (abstencionismo politico em geral, não só parlamentar). Mecanicamente ocorrerá o colapso do adversário se, com método intransigente, ele for boicotado no campo governamental (greve econômica, greve ou inatividade política). O exemplo clássico italiano é o dos clericais depois de 1870. Na realidade, afinal, depois de 1890 o *non expedit* foi temperado até o pacto Gentiloni. A fundação do P.P. [Partido Popular, N.T.] marcou a total rejeitção deste mecanicismo catastrófico. O sufrágio universal reverteu este plano: com efeito, ele já apresentou os sintomas de novas formações ligadas ao interesse dos camponeses de entrar ativamente na vida do Estado.

CF. CADERNO 13 (XXX), P. 29.

*NO MS ORIGINARIAMENTE SEGUIA: "APENAS EM 'SICÍLIA'". POSTERIORMENTE ESSAS PALAVRAS SÃO COLOCADAS ENTRE PARÊNTESE E O PRÓPRIO GRAMSCI ANOTAVA EM INTERLÍNEA "NÃO".

§ ⟨54⟩. *A batalha da Jutlândia*. O tratamento desta batalha feita por Winston Churchill em suas memórias de guerra. É notável como o plano e a direção estratégica da batalha por parte do commando inglês e do alemão estejam em contraste com a representação tradicional dos dois povos. O comando inglês centralizara "organicamente" o plano no navio-almirante: as outras unidades deveriam "aguardar ordens" a cada vez. O almirante alemão, ao invés, explicara a todos os comandos subalternos o plano estratégico
|52| geral e deixara | a cada unidade certa liberdade de manobra que as circunstâncias poderiam exigir. A frota alemã manobrou muito bem. A frota inglesa correu muitos riscos, apesar de sua superioridade, e não pôde obter resultados estratégicos positivos: porque num determinado momento, o almirante perdeu as comunicações com as unidades combatentes e estas cometeram erros atrás de erros. Rever o livro de Churchill.

CF. CADERNO 13 (XXX), P. 30.

§ ⟨55⟩. *Revistas tipo*. Uma revista tipo é o «Osservatore» de Gozzi, isto é, o tipo de revista moralizante do século XVIII (tipo perfeito na Inglaterra com Addison) [1]; ele teve uma certa importância por difundir uma nova concepção da vida, servindo de elo de passagem para a gente miúda, entre a religião e a civilização moderna. Hoje, o tipo conserva-se especialmente no campo eclesiástico (Mas também o «Asino» e o «Seme» se enquadravam neste tipo [2].

CF. CADERNO 24 (XXVII), P. 16

§ ⟨56⟩. *Apólogo do toco e dos ramos secos*. Os ramos secos são indispensáveis para fazer queimar o toco, não em si e por si. Só o toco, queimando, modifica o ambiente frio em quente. Arditi — artilharia e infantaria. Estas permanecem sempre as reginas.

§ ⟨57⟩. *Reação do Norte aos preconceitos antimeridionais* [1]. 1º Episódio de 1914 em Turim: proposta de candidatura a Salvemini: a cidade do Norte elege o deputado para o campo do Sul. Recusa,

mas participação de Salvemini na eleição como orador [2]. 2º Episódio Giovane Sardegna de 1919, com os anexos e conexos [3]. 3º Brigada Sassari, em 1917 e 1919 [4]. 4º Cooperativa Agnelli em 1920 (seu significado "moral" depois do setembro; motivação da recusa) [5]. 5º Episódio de 1921, em Reggio Emilia [6] (disto Zibordi evita diligentemente de falar em seu opúsculo sobre Prampolini) [7].

São estes fatos que surpreenderam Gobetti e, portanto, provocaram a atmosfera do livro de Dorso [8]. (B.S.: cordeiros e coelhos. Minas-Ferrovias) [9].

§ ⟨58⟩. *Emigração e movimentos intelectuais* [1]. Função da emigração de provocar novas correntes e novos grupos intelectuais. Emigração e Líbia. Discurso de Ferri | na Câmara em 1911, depois |52A| de seu retorno da América (a luta de classes não explica a emigração) [2]. Passagem de um grupo de sindicalistas para o Partido Nacionalista. Conceito de nação proletária em Enrico Corradini. Discurso de Pascoli *La grande proletaria si è mossa* [3]. Sindicalistas-nacionalistas de origem meridional: Forges Davanzati—Maraviglia. Em geral, muitos sindicalistas intelectuais de origem meridional. Sua passagem episódica pelas cidades industriais (no estilo cíclico): seu sucesso mais estável nas regiões agrícolas, da região de Novara ao Vale do Pó e à Púglia. Movimentos agrários no decênio 1900-1910. A estatística mostra naquele período um aumento de 50% dos trabalhadores braçais assalariados, em detrimento especialmente da categoria dos trabalhadores obrigados-schiavandari[= cultivador de terras diretamente dependente de proprietário do qual recebia habitação e uma remuneração em dinheiro ou em natura, N.T.] (estatística de 1911: cf. panorama fornecido pela «Riforma sociale») [4]. No Vale do Pó, aos dindicalistas sucederam os reformistas mais inexpressivos, exceto em Parma e em vários outros centros onde o sindicalismo se une ao movimento republicano, formando a União do Trabalho após a cisão de 1914-1915. A passagem de tantos camponeses ao trabalho braçal assalariado está ligada ao movimento da assim chamada "Democracia Cristã" («l'Azione» de Cacciaguerra saía em Cesena) [5] e ao modernismo: simpatias destes movimentos pelo sindicalismo.

Bolonha é o centro intelectual destes movimentos ideológicos ligados à população rural: o tipo original de jornal que sempre foi o «Resto del Carlino» não se poderia explicar de outro modo (Missiroli-Sorel etc.) [6].

Oriani e as classes da Romanha: o romanholo como tipo original italiano (muitos tipos originais: Giulietti [7] etc.) de passagem entre Norte e Sul.

§⟨59⟩. *Ugo Ojetti*. Buscar o juizo dado sobre ele por Carducci [1].

CF. CADERNO 23 (VI), P. 24.

§ ⟨60⟩. *Papini, Cristo, Júlio César*. Papini em 1912-1913, escreveu em «Lacerba» * o artigo "Gesù Peccatore", sofística coletânea de anedotas e de conjeturas forçadas extraídas dos Evangelhos apócrifos [1]; por causa deste artigo, parecia que ele devesse sofrer uma
|53| ação judicial, o que muito o espantou (sustentou | como plausível e provável a hipótese de relações entre Jesus e João). Em seu artigo sobre o "Cristo romano" (no volume *Gli operai della vigna*) [2] sustenta, com os mesmos procedimentos críticos e o mesmo "vigor" intelectual, que César é um precursor de Cristo, feito nascer em Roma pela Providência. Se ele dará mais um passo adiante, usando dos procedimentos lorianos, chegará à conclusão sobre a relação necessária entre o cristianismo e o contrário.

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 24-25.

§ ⟨61⟩. *Americanismo*. O americanismo pode ser uma fase intermediária da atual crise histórica? A concentração plutocrática pode determinar uma nova fase do industrialismo europeu com base no modelo da indústria americana? A tentativa provavelmente será feita (racionalização, sistema Bédaux, taylorismo etc.). Mas será bem-sucedida? A Europa reage, contrapondo à "virgem" América suas tradições de cultura. Esta reação é interessante, não porque uma assim dita tradição de cultura possa impedir uma revolução

* NO MS: "NO ACERBA".

na organização industrial, mas porque ela é a reação da "situação" europeia à "situação" americana. Na realidade, o americanismo, em sua forma mais completa, demanda uma condição preliminar: "a racionalização da população", isto é, que não existam classes numerosas sem uma função no mundo da produção, isto é, classes absolutamente parasitárias. A "tradição" europeia, ao contrário, é precisamente caracterizada pela existência de tais classes, criadas por estes elementos sociais: a administração estatal, o clero e os intelectuais, a propriedade fundiária, o comércio. Estes elementos, quanto mais velha for a história de um país, tanto mais durante os séculos têm deixado sedimentações de gente ociosa, que vive da "pensão" deixada pelos "antepassados". Uma estatística destes elementos sociais é dificílima, porque muito difícil é encontrar o "verbete" que os possa abranger. A existência de determinadas formas de vida fornece alguns indícios. | O número relevante de grandes |53A| e médios aglomerados urbanos sem indústria é um destes indícios, talvez o mais importante. O assim chamado "mistério de Nápoles". Recordar as observações feitas por Goethe sobre Nápoles e as "consoladoras" conclusões de Giustino Fortunato (opúsculo publicado recentemente pela «Biblioteca editrice», de Rieti, na coleção «Quaderni Critici», de Domenico Petrini [1]; resenha de Einaudi, na «Riforma Sociale» do texto de Fortunato quando saiu pela primeira vez, talvez em 1912) [2]. Goethe tinha razão ao recusar a lenda do "lazzaronismo" orgânico dos napolitanos e ao observar que eles, ao contrário, são muito ativos e laboriosos. A questão consiste, porém, em ver qual resultado efetivo tem esta laboriosidade: ela não é produtiva e não é voltada a satisfazer as exigências de classes produtivas. Nápoles é uma cidade onde os proprietários fundiários do Mezzogiorno gastam a renda agrária: em torno de dezenas de milhares destas famílias de proprietários, de maior ou menor importância econômica, com sua corte de servos e de lacaios à disposição, se constitui uma boa parte da cidade, com suas indústrias artesanais, e suas profissões ambulantes, o esmiuçamento incrível da oferta imediata de mercadorias ou serviços aos desocupados que circulam pelas ruas. Uma outra parte importante é constituída pelo comércio por atacado e pela circulação. A indústria "produtiva" é

uma parte relativamente pequena. Esta estrutura de Nápoles (seria muito útil ter dados precisos) explica grande parte da história da cidade de Nápoles.

O fato de Nápoles se repete para Palermo e para toda uma série de cidades médias e pequenas, não só do Mezzogiorno e das ilhas, mas também da Itália Central (Toscana, Úmbria, Roma) e até mes-
|54| mo da região Setentrional (Bolonha, em parte, Parma, | Ferrara etc.). (Quando um cavalo caga, cem pássaros almoçam.).

Média e pequena propriedade fundiária nas mãos não de camponeses cultivadores, mas de burgueses da cidadezinha ou da aldeia, que a concedem em meação primitiva (ou seja, aluguel in natura) ou em enfiteuse. Este volume enorme de pequena e média burguesia de "pensionistas" e "rentistas" tem criado, na literatura econômica italiana, a figura monstruosa do assim chamado "produtor de poupança", isto é, de uma classe numerosa de "usurários" que do trabalho primitivo de um número determinado de camponeses extrai não só o próprio sustento, mas ainda consegue poupar.

As aposentadorias estatais: homens relativamente jovens e fisicamente capazes que, depois de 25 anos de emprego público (algumas vezes aos 45 anos e com ótima saúde), não fazem mais nada, mas vegetam com as 500-600-700 liras de aposentadoria. Numa família é feito um padre que se torna cônego: o trabalho manual se torna "vergonhoso". No máximo, o comércio. A composição da população italiana já se tornou "malsã" por causa da emigração e da escassa ocupação das mulheres nos trabalhos produtivos. A relação entre população "potencialmente" ativa e aquela passiva é uma das mais desfavoráveis (ver estudo de Mortara nas *Prospettive Economiche* de 1922 [3] e talvez pesquisas sucessivas): ela é ainda mais desfavorável se se levam em conta: 1) as doenças endêmicas (malária etc.), que diminuem a força produtiva; 2) a desnutrição crônica de muitos estratos inferiores do campesinato (como resulta das pesquisas de Mario Camis na «Riforma Sociale» de 1926 — primeiro ou segundo fascículo [4] —, cujas médias nacionais deveriam ser segmentadas por médias de classe; mas a média nacional alcança apenas o padrão fixado pela ciência e, portanto, é óbvia a conclu-

são de uma desnutrição crônica de certos estratos. Na discussão no Senado do orçamento previsto para as finanças de 1929-1930, o Deputado Mussolini reconheceu que, em algumas regiões, a população vive durante períodos inteiros apenas de ervas [5]: ver); 3) o | |54A| desemprego endêmico de algumas regiões agrárias, que não aparece nos censos; 4) esta massa de população absolutamente parasitária (muito notável), que requer a seu serviço o emprego de outra massa enorme de população; e a semiparasitária, isto é, que multiplica de modo anormal (dado um certo tipo de sociedade) determinadas atividades, como o comércio.

Esta situação não se apresenta apenas na Itália; em escala considerável, apresenta-se em toda a Europa, mais na Meridional, cada vez menos em direção ao Norte. (Na Índia e na China deve ser ainda mais anormal do que na Itália, e isto explica a estagnação da história.).

A América sem "tradição", mas também sem esta capa de chumbo: esta, uma das razões da formidável acumulação de capitais, malgrado os salários relativamente melhores do que os europeus. A inexistência destas sedimentações viscosas das fases históricas passadas tem permitido uma base sadia para a indústria e, em especial, para o comércio, e permite cada vez mais a redução dos transportes e do comércio a uma real atividade subalterna da produção, com a absorção desta atividade por parte da própria indústria (ver Ford e quais "economias" fez em termos de transportes e comércio, absorvendo-os) [6]. Esta "racionalização" preliminar das condições gerais da produção, já existente ou facilitada pela história, permitiu racionalizar a produção, combinando a força (— destruição do sindicalismo—) com a persuasão (— salários e outros benefícios—); para colocar toda a vida do país com base na indústria. A hegemonia nasce da fábrica e não tem necessidade de muitos intermediários políticos e ideológicos. As "massas" de Romier [7] são a expressão deste novo tipo de sociedade, na qual a "estrutura" domina | mais imediatamente |55| as superestruturas e estas são racionalizadas (simplificadas e reduzidas em número). Rotary Club e Maçonaria (o Rotary é uma maçonaria sem os pequenos-burgueses). Rotary— América = Maçonaria—Europa. YMCA—América = Jesuítas—Europa.

Tentativas da YMCA na Itália: episódio Agnelli — tentativas de Agnelli em relação ao «Ordine Nuovo», que defendia um seu "americanismo" [9]. Na América, existe a elaboração forçada de um novo tipo humano: mas a fase é só inicial e, por isso, (aparentemente) idílica. É ainda a fase da adaptação psicofísica à nova estrutura industrial, não se verificou ainda (salvo talvez de modo esporádico) nenhum florescimento "superestrutural", portanto, ainda não foi posta a questão fundamental da hegemonia: a luta se dá com armas tomadas do arsenal europeu, e ainda abastardado; logo, parecem e são "reacionárias".

A luta que houve na América (descrita por Philip [10]) é ainda pela propriedade do ofício, contra a "liberdade industrial", isto é, como aquela que houve na Europa no século XVIII, embora em outras condições. A ausência da fase europeia assinalada como tipo pela Revolução Francesa, na América, deixou os operários ainda em estado bruto.

Na Itália, temos tido um início de fanfarra fordista (exaltação da grande cidade — a grande Milão etc. — o capitalismo ainda está em seus inícios etc., com a programação de planos urbanísticos grandiosos: ver «Riforma Sociale» — artigos de Schiavi) [11]. Conversão ao ruralismo e à iluminista desvalorização das cidades: exaltação do artesanato e do patriarcalismo, menções às "propriedades do ofício" e à luta contra a "liberdade industrial" (ver aceno feito criticamente por U. Ricci em carta aos «Nuovi Studi») [12]; em todo caso, não "mentalidade" americanista.

O livro de De Man [13] está ligado a esta questão. É uma reação às duas maiores forças históricas do mundo.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 11-18.

|55A| | § ⟨62⟩. *Questão sexual*. Obsessão pela questão sexual. "Perigos" desta obsessão. Todos os "projetistas" resolvem a questão sexual. Notar como nas "utopias" a questão sexual ocupou amplíssima parte, frequentemente prevalente (a observação de Croce segundo a qual as soluções de Campanella na *Cidade do Sol* não podem ser

explicadas pelas necessidades sexuais dos camponeses calabreses) [1]. Os instintos sexuais são os que sofreram a maior "repressão" por parte da sociedade em desenvolvimento. Sua "regulamentação" parece a mais "inatural", portanto, são mais frequentes neste campo os apelos à "natureza". A literatura "freudística" criou um novo tipo de "selvagem" setecentesco com base "sexual" (incluídas as relações entre pais e filhos). Separação entre cidade e campo. No campo ocorrem os crimes sexuais mais monstruosos e masi numerosos. No inquérito parlamentar sobre o Mezzogiorno, afirma-se que em Abruzo e na Basilicata (maior patriarcalismo e maior fanatismo religioso) ocorre o incesto em 30% das famílias [2]. No campo o bestialismo é generalizado. A sexualidade como função reprodutiva e como "esporte": ideal estético feminino de reprodutora a brinquedo; mas não é só na cidade que a sexualidade tornou-se um "esporte"; provérbios populares – o homem caça, a mulher provoca; quem não tem coisa melhor vai para a cama com a esposa – mostram a difusão do "esporte". A função "econômica" da reprodução não está apenas ligada ao mundo econômico produtivo, é também interna; "arrimo da velhice" mostra a consciência instintiva da necessidade "econômica" de que exista uma certa relação entre jovens e velhos, entre trabalhadores ativos e a parte passiva da população; a demonstração de como são maltratados nas aldeias os velhos e as velhas sem prole leva os casais a desejar filhos; os velhos sem filhos são tratados como os "bastardos". Os progressos da higiene que elevaram | a média da vida humana colocam cada vez mais a |56| questão sexual como uma "questão econômica" em si, que coloca problemas articulados com o tipo de superestrutura. O aumento da média de vida na França, com o baixo índice de natalidade, e com a riqueza natural do país, já coloca um aspecto de problema nacional: as velhas gerações vão estabelecendo uma relação anormal com as jovens gerações da mesma linhagem, e as gerações trabalhadoras se abarrotam de massas de imigrantes estrangeiros que modificam a base: já se verifica, como na América, uma certa divisão do trabalho (profissões qualificadas para os nativos, além das funções diretivas e organizativas, e profissões não qualificadas para os imigrados). A mesma relação se coloca em cada país, entre a cidade, com baixa na-

talidade, e o campo prolífico, colocando um probema econômico bastante grave: a vida industrial exige um aprendizado em geral, uma adaptação psicofísica a condições de trabalho, de nutrição, de habitação etc., que não são "naturais": as características urbanas adquiridas são transmitidas por herança. A baixa natalidade exige uma permanente despesa de aprendizagem e traz consigo uma contínua modificação da composição social-política da cidade, colocando também um problema de hegemonia.

A questão mais importante é a salvaguarda da personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver verdadeirametne alcançado uma independência face ao homem, a questão sexual continuará repleta de aspectos mórbidos e será preciso ter cautela ao tratá-la e ao desenhar conclusões legislativas. A abolição da prostituição legal tratá já consigo muitas dificuldades: além do desenfreamento que sucede a cada crise de compressão.

Trabalho e sexualidade. É interessante como os industriais americanos se interessam pelas relações sexuais dos seus empregados: a mentaldiade puritana, no entanto, esconde uma necessidade evi-
|56A| dente: não pode haver trabalho produtivo intenso | sem uma regulamentação do instinto sexual.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 18-21.

§ ⟨63⟩. *Lorianismo e Graziadei*. Ver em Croce (*Materialismo histórico* etc.) nota sobre Graziadei e o *Paese di Cuccagna* [1]. Ver no livro de Graziadei *Sindacati e salari**, de 1929, a resposta um pouco cômica a Croce depois de quase trinta anos [2]. Esta resposta a Croce, um pouco jesuítica, além do que um pouco cômica, foi determidada indubitavelmente pelo artigo publicado em 1926 no «Unter dem Banner des Marxismus» sobre *Prezzo e sovraprezzo,* artigo que começava precisamente com a citação da nota crociana [3]. Seria interessante investigar, na produção de Graziadei, as possíveis referências a Croce: ele verdadeiramente nunca respondeu, mesmo indiretamente? Contudo, a alfinetada era forte! De qual-

* NO MS "CAPITALE E SALARI"

quer modo, o "respeito" à autoridade científica de Croce, expresso com tanta unção, após trinta anos, é verdadeiramente cômico. O motivo do *Paese di Cuccagna* descoberto por Croce em Graziadei é também interessante porque atinge uma corrente subterrânea de romantismo popular criada pelo "culto da ciência" pela "religião do progresso" e pelo otimismo generalizado do século XIX. Neste sentido deve-se ver se não foi legítima a reação de Marx que com a "lei tendencial da queda da taxa de lucro" e com o "catastrofismo" jogava muita água no fogo: deve-se ver também o quanto estas correntes otimistas impediram um análise mais acurada das proposições de Marx.

Essas observações reconduzem à questão da "utilidade" ou não de todas as notas sobre lorianismo. À parte o fato de um "juízo" desapaixonado sobre a obra global de Loria e da "injustiça" de colocar em evidência apenas as manifestações estrambóticas de seu intelecto, que pode ser discutido em si, permanecem uma série de razões para justificar | estas notas. Os autodidatas são especialmente leva- |57|
dos, pela ausência neles de um hábito científico e crítico, a fantasiar sobre países de Cuccagna e de soluções fáceis para todos os problemas. Como reagir? A melhor soluçãos seria a escola, mas é uma solução a longo prazo, especialmente para grandes massas. Enquanto isso, é necessário, portanto, golpear a "fantasia" com alguns tipos de hilotismo intelectual, que criem a aversão à desordem intelectual (e o senso do ridículo). Esta aversão é ainda pouco, mas já é algo para instaurar uma ordem intelectual indispensável. Como meio pedagógico é muito importante. Recordar episódios típicos: a Interplanetária de 1916-1917, de Rab. [4]; episódio do "moto-perpétuo" em 1925, me parece [5]; figuras do 1919-1920: questão de aluguéis (Pozzoni de Como etc.) [6]. A falta de sobriedade e de ordem intellectual leva também à desordem moral. A questão sexual traz, com suas fantasias, muitas desordens: pouca participação das mulheres na vida coletiva, atração de playboys vulgares por iniciativas sérias etc. (Recordar o episódio narrado por Cecilia De Tourmay [7]: poderia ser verdadeiro, porque é verossímel: soube que em Nápoles, nas reuniões femininas, logo apareceram os defensores do amor

livre com seus opúsculos neomalthusianos etc.). Todos os mais ridículos fantasistas precipitam-se sobre movimentos novos, para vender seus truques de gênios até então incompreendidos, lançando o descrédito. Todo colapso traz consigo desordem intelectual e moral. É necessário criar gente sóbria, paciente, que não se desespere diante dos piores horrores e não se exalte frente a qualquer tolice. Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade [8].

CF. CADERNO 28 (III), PP. 10-13.

§ ⟨64⟩. *Lorianismo e G. Ferrero*. Recordar os despropósitos contidos na primeira edição de suas histórias: a medida linear [itinerária] persa confundida com [uma suposta]* rainha da qual se faz a biografia etc. [1]

CF. CADERNO 28 (III), P. 13.

|57A| § ⟨65⟩. *Revistas tipo*: «Osservatore» de Gozzi. A este tipo pertencem também, em formas modernas, revistas humorísticas, que, a seu modo, gostariam de ser de crítica dos costumes. As publicações tipo «Cri de Paris», «Fantasio», «Charivari». Em alguns aspectos, se enquadram neste tipo os assim chamados "elzeviri" ou "corsivi" dos jornais diários.

A «Frusta letteraria» de Baretti foi uma forma intermediária: bibliografia universal, crítica do conteúdo, com tendências moralizantes (crítica dos costumes, dos modos de ver, dos pontos de vista). «Lacerba» de Papini, na parte não "artística", também era deste tipo, a tendência "satanista" (*Gesù Peccatore, Viva il maiale, Contro la famiglia* etc., de Papini; *Giornale di Bordo* de Soffici; *Elogio della prostituzione* etc., de Tavolato) [1]. Este tipo geral pertence à esfera do "bom-senso" ou "senso comum": procura modificar a opinião média de uma certa sociedade, criticando, sugerindo, corrigindo, renovando, introduzindo novos "lugares-comuns". Se forem bem escritos, com "verve", com um certo distanciamento, mas, com interesse pela opinão média, elas podem ter grande difusão e exercer

* VARIANTE INTERLINEAR.

uma função importantíssima. Não devem ter nenhuma "carranca", nem científica nem moralizante; não devem ser "filisteias" e acadêmicas, em suma, nem revelar-se fanáticas ou predominantemente partidárias: devem colocar-se no próprio campo do "senso comum" distanciando-se dele o suficiente para permitir o sorriso de burla, mas não de desprezo ou de superioridade altiva.

«La Pietra», mote dantesco extraído dos versos de Pietra: "Assim, no meu falar, quero ser áspero"*. «La Compagnia della Pietra». [2] Todo estrato social tem seu "senso comum" que é, no fundo, a concepção da vida e a moral mais difundida. Toda corrente filosófica deixa uma | sedimentação de "senso comum": é este o |58| documento de sua efetividade histórica. O senso comum não é algo rígido e imóvel, mas se transforma continuamente, enriquecendo-se com noções científicas e opiniões filosóficas que penetraram no costume. O "senso comum" é o folclore da "filosofia" e fica entre o "folclore" propriamente dito (isto é, tal como é entendido) e a filosofia, a ciência, a economia dos cientistas. O "senso comum" cria o futuro folclore, isto é, uma fase mais ou menos enrijecida de uma certa época e lugar. (Precisaria fixar bem estes conceitos, repensando-os a fundo).

CF. CADERNO 24 (XXVII), PP. 16-18.

§ ⟨66⟩. *Colônias italianas.* No «Diritto Ecclesiastico», revista dirigida, entre outros, pelo Prof. Cesare Badii, da Universidade de Roma, e por Amedeo Giannini, conselheiro de Estado, publica-se, no número de março-abril de 1929, um artigo do advogado Prof. Arnaldo Cicchitti, "*La S. Sede nelle colonie italiane dopo il Concordato con il Regno*" [1], no qual duas vezes, nas p. 138 e 139, põe-se a Albânia entre as colônias italianas. O autor remete (sobre a questão se é ou não aplicável à religião católica apostólica romana o tratamento concedido nas colônias aos outros cultos) a seus estudos publicados na «Rivista di diritto pubblico», 1928 (pp. 126-131)

* NO MS ORIGINARIAMENTE O VERSO DANTESCO ERA CITADO DE COR DE FORMA APROXIMATIVA: " 'EU QUERO FALAR ÁSPERO COMO PEDRA' O ALGO SEMELHANTE". EM SEGUIDA O PRÓPRIO GRAMSCI COLOCOU A VERSÃO EXATA DO VERSO.

e 1929 (pp. 141-157), e na «Rivista delle Colonie Italiane», 1929 [2]: seria interessante ver se também nesses artigos a Albânia é considerada colônia.

§ ⟨67⟩. *Sobre o casamento religioso* com validade civil, é interessante notar que, de algumas passagens da revista mencionada acima [1], parece-me resultar que o Direito Canônico e o Tribunal da Sacra Rota concedem a dissolução do casamento (se não houver filhos) com bastante liberalidade, desde que haja amigos complacentes que testemunhem e que os dois cônjuges estejam de acordo (além do dinheiro para gastar). Disto resultará uma situação que favorece os católicos.

§ ⟨68⟩. *A questão sexual e a Igreja Católica. Elementos doutrinários.* O cânone 1013 diz: "|58A| Matrimonii finis primarius est procreatio atque educatio prolis; secundarius mutuum adiutorium et remedium concupiscentiae" ["A primeira finalidade do matrimônio é a procriação e a educação da prole; a segunda é a ajuda mútua e o remédio para a concupiscência"N.T.]. Os juristas discutem sobre a "essência" do casamento católico, distinguindo entre finalidade primária e objeto (primário?): finalidade é a procriação, objeto é a cópula. O casamento torna "moral" a cópula através do consentimento mútuo dos cônjuges; consentimento mútuo expresso sem condições limitativas. A comparação com outros contratos (por exemplo, de compra e venda) não se sustenta, já que a finalidade do casamento reside no próprio casamento: a comparação só teria sentido se o marido ou a mulher adquirissem direitos de escravidão sobre o outro, ou seja, se pudessem dispor do outro como de um bem (o que ocorre, em parte, por causa do não reconhecimento da igualdade jurídica entre o homem e a mulher; em todo caso, não para a pessoa física). O cânone 1015 indica o que "consuma" o contrato matrimonial: é o ato "quo coniuges fiunt una caro" ["pelo qual os cônjuges formam uma só carne"N.T.]: "Matrimonium baptizatorum validum dicitur *ratum*, si nondum consummatione completum est; *ratum et consummatum* si inter coniuges locum habuerit coniugalis actus, ad quem natura sua ordinatur contractus matrimonialis et quo coniuges fiunt una caro" ["O matrimônio

válido dos batizados é considerado ratificado quando não houver consumação plena; é ratificado e consumado se, entre os cônjuges, houver o ato conjugal, para o qual, por natureza, é ordenado o contrato matrimonial e pelo qual os cônjuges formam uma só carne"N.T.]. O significado de "uma só carne" deriva de uma frase de Cristo, que a repetiu do Gênese: "Non legistis quia fecit hominem ab initio, masculum et feminam fecit eos et dixit: propterea dimittet homo patrem suum et matrem, et adhaerebit uxori suae et erunt duo in carne una? Itaque jam non sunt duo, sed una caro. Qued ergo Deus coniunxit, homo non separet" ["Vocês nunca leram que o Criador, desde o início, os fez homem e mulher? E que ele disse: 'Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher, e os dois serão uma só carne?' Portanto, eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar"N.T.] (Mateus, XIX, 4-7). Ou seja, trata-se da copula, não do filho (que não pode ser separado, já que materialmente é um). O Gênese (II, 21-24) diz: "Dixitque Adam: haec vocabitur virago, quoniam de viro sumpta est. Quamobrem relinquet homo patrem suum et matrem et adhaerebit uxori | suae et erunt duo in carne |59| una" ["E Adão disse: ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem. Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une a sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne"N.T.]. (Deve-se ver se estes elementos podem ser interpretados como justificação da indissolubilidade do casamento, de modo que foram usados como contribuição da religião cristã à introdução da monogamia, ou se não significavam originariamente apenas a união sexual, isto é, algo que se contrapunha às tendências "pessimistas" da "pureza" com a abstenção sexual. Em suma, se refeririam aos sexos em geral, que são indissolúveis, e não a Pedro, Paulo, João, unidos a Catarina, Maria, Serafina). Cânone 1081, § 2.°: "Consensus matrimonialis est actus voluntatis quo utraque pars tradit et acceptat *ius* in *corpus*, *perpetuum* et *exclusivum,* in ordine ad actus per se aptos ad prolis generationem" ["O consenso matrimonial é um ato de vontade pelo qual cada uma das partes cede e aceita o direito sobre o corpo, perpétuo e exclusivo, em vista do ato que os habilita à procriação da prole"N.T.]. O § 1.° do mesmo cânone diz: "Ut matrimonialis

consensus haberi possit, necesse est ut contrabentes saltem non ignorent matrimonium esse societatem permanentem inter virum et mulierem ad filios procreandos" ["Para que possa haver consenso matrimonial, é necessário que os contraentes possam pelo menos não ignorar que o matrimônio é uma sociedade permanente entre o homem e a mulher para procriar filhos"N.T.] (deveria justificar e até mesmo impor a educação sexual, já que presumir que se saiba na prática significa apenas a certeza de que o ambiente fornece esta educação: ou seja, é uma simples hipocrisia e se termina por preferir as noções [casuais e] "doentias" às noções "metódicas" e educativas). Em alguns lugares existe [existia]* a convivência sexual experimental e só depois da fecundação ocorre [ocorria] * o casamento (por exemplo, em pequenas vilas como Zuri, Soddí etc., da antiga província de Oristano): era um costume considerado moralíssimo e que não despertava objeções, já que não produzira abusos, nem por parte das famílias nem do clero: em tais lugares, há casamentos muito precoces, fato ligado ao regime da propriedade muito dividida, que exige mais de um trabalhador, mas não permite trabalho assalariado. Cânone 1013, § 2.°: "essentiales matrimonii proprietates sunt unitas ac indissolubilitas, quae in matrimonio christiano peculiarem obtinent firmitatem ratione *sacramenti*" ["as propriedades essenciais do matrimônio são a unidade e a indissolubilidade, as quais, no matrimônio cristão, ganham firmeza por causa do sa-
|59A| cramento"N.T.]. Gênese (I, 27-28): | "Masculum et feminam creavit eos, benedixitque illis Deus et ait: Crescite et multiplicamini et replete terram" ["Homem e mulher os criou, e Deus os abençoou e lhes disse: crescei e multiplicai-vos e enchei a terra"N.T.] [1].

§ ⟨69⟩. *O Prêmio Nobel*. Filippo Crispolti conta, em um número do «Momento» de junho de 1928 (da primeira quinzena) [1], que quando em 1906 se pensou na Suécia em conferir o Prêmio Nobel a Giosuè Carducci, nasceu a dúvida de que um tal prêmio ao cantor de Satanás pudesse suscitar escândalo entre os católicos: solicitaram informações a Crispolti, que as deu por carta e num co-

* NO MS VARIANTE INTERLINEAR.

* NO MS VARIANTE INTERLINEAR.

lóquio com o embaixador sueco em Roma, De Bildt. As informações foram favoráveis. Assim o Prêmio Nobel a Carducci teria sido entregue por Filippo Crispolti.

CF. CADERNO 23 (VI), P. 25.

§ ⟨70⟩. "Impressões do cárcere", de Jacques Rivière, artigo publicado na «Nouvelle Revue Française», no terceiro aniversário da morte do autor (publica alguns trechos do artigo «La Fiera Letteraria» de 1º de abril de 1928). Depois de uma revista na cela: tomaram-lhe fósforos, folhas de papel e um livro: as conversações de Goethe com Eckermann, e provisões de alimento não permitidas. "Penso em tudo que me roubaram: estou humilhado, tomado de vergonha, horrivelmente esbulhado. Conto os dias que me cabe 'arrastar' e, embora toda a minha vontade esteja mobilizada neste sentido, não estou mais tão seguro de chegar até o fim. Esta miséria lenta desgasta mais do que as grandes provações. ⟨...⟩ Tenho a impressão de que dos quatro pontos cardinais possam se atirar sobre mim, entrar nesta cela, entrar em mim, a qualquer momento, arrancar-me o que ainda me resta e deixar-me num canto, mais uma vez, como uma coisa que não serve mais, depredado, violado. Não conheço nada mais deprimente do que esta expectativa do mal que se pode sofrer, associada à total impotência de evitá-lo. ⟨...⟩ Com gradações e nuanças todos conhecem este aperto no coração, esta profunda falta de segurança interior, este sentimento de estar incessantemente | exposto, sem defesa, a todos os acidentes, desde o |60| pequeno aborrecimento de alguns dias de prisão até a morte. Não há refúgio: nem salvação nem, sobretudo, trégua. Não resta nada senão dobrarse, apequenar-se o mais possível. ⟨...⟩ Uma verdadeira timidez geral tomara conta de mim, minha imaginação não mais me apresentava o possível com aquela vivacidade que lhe confere antecipadamente o aspecto de realidade: em mim ressecara a iniciativa. Acredito que teria me deparado diante das mais belas oportunidades de fuga, sem saber aproveitá-las; teria me faltado algo, não sei o que, que ajuda a preencher o espaço entre o que se vê e o que se quer fazer, entre as circunstâncias e o ato que nos torna donos delas; não mais teria tido fé em minha boa sorte: o medo me deteria" [1].

O choro no cárcere: os outros percebem se o choro é "mecânico" ou "angustiado". Reação diferente quando alguém grita: "Quero morrer." Raiva e desprezo ou simples alvoroço. Sente-se que todos se angustiam quando o choro é sincero. Choro dos mais jovens. A ideia da morte se apresenta pela primeira vez (envelhece-se de uma vez só).

§ ⟨71⟩. *O padre Gioacchino Ventura*. Livro de Anna Cristofoli, *Il pensiero religioso di Padre Gioacchino Ventura*, Milão, Soc. Ed. "Vita e Pensiero", 1927, em 8º., 158 pp. Resenha na «Fiera Letteraria» de 15 de janeiro de 1928, de Guido Zadei, muito severa. Ventura, frade siciliano, teria sofrido a influência de Bonald, de Lamennais, de De Maistre. Zadei cita um volume de Rastoul, Le Père Ventura, Paris, 1906, em 16º.,189 pp. [1]. (*Clero e intellettuali*) (*L'influenza del Lamennais*).

§ ⟨72⟩. *Os filhotes do Padre Bresciani*. Arte católica. O escritor Edoardo Fenu, num artigo "Domande su un'arte cattolica", publicado em «Avvenire d'Italia» e resumido na «Avvenire d'Italia» de 15 de janeiro de 1928, repreende em "quase todos os escritores
|60A| católicos" o tom |apologético. "Ora, a defesa (!) da fé deve decorrer dos fatos, do processo crítico (!) e natural do relato, isto é, deve ser, manzonianamente, o 'suco' da própria arte. É evidente (!) que um escritor verdadeiramente católico jamais baterá a cabeça contra as paredes opacas da heresia, moral ou religiosa. Um católico, pelo simples fato de sê-lo, já está investido daquele espírito simples e profundo que, transfundindo-se nas páginas de uma narrativa ou de uma poesia, fará da sua (!) uma arte simples, serena, de modo algum pedante. Portanto (!), é perfeitamente inútil tentar, a cada página, fazer-nos compreender que o escritor tem uma estrada a nos indicar, uma luz a nos iluminar. A arte católica deverá (!) pôr-se em condições de ser, ela mesma, aquele caminho e aquela luz, sem perder-se no amontoado dos sermões inúteis e das advertências ociosas." (Em literatura, "... se tirar dela poucos nomes, Papini, Giuliotti e, em certo sentido, também Manacorda, o balanço é praticamente falimentar. Escolas? ... *ne verbum quidem*. Escritores? Sim, com muita generosidade poder-se-ia extrair algum nome, mas quanto

fôlego para extrai-lo com os guinchos! A não ser que se queira rotular Gotta de católico, ou qualificar Gennari de romancista, ou aplaudir aquela inúmera caterva de perfumados e enfeitados escritores e escritoras para 'senhoritas'") [1].

Muitas contradições e impropriedades: mas a conclusão é justa: a religião é estéril para a arte, ao menos nos religiosos. Isto é, não existem mais "almas simples e sinceras" que sejam artistas. O fato já é antigo: remonta ao Concílio de Trento e à Contrarreforma. "Escrever" era perigoso, especialmente sobre coisas e sentimentos religiosos. A Igreja tem, desde então, usado um duplo parâmetro: ser "católico" é [tornou-se] algo facílimo e dificílimo ao mesmo tempo. É facílimo para o povo, ao qual não se exige mais do que crer genericamente e | ter respeito pela igreja. Nenhuma luta real contra as |61| superstições pagãs, contra os desvios etc. Na realidade, entre um camponês católico, um protestante e um ortodoxo, não há diferença "religiosa", há apenas diferença "eclesiástica". Dificílimo, ao contrário, é ser ativo intelectual "católico" ativo e artista "católico" (particularmente romancista e também poeta), pois se exige uma tal bagagem de noções sobre encíclicas, contraencíclicas, breves, cartas apostólicas etc., e os desvios históricos da linha da igreja são tantos e tão sutis que cair na heresia ou na meia heresia ou em um quarto de heresia é facílimo. O genuíno sentimento religioso tem sido ressecado: precisa ser doutrinários para poder escrever "ortodoxamente". Por isso, na arte, a religião não é mais um sentimento, é apenas um motivo, um tema. E a literatura católica pode ter só padres Bresciani, não mais S. Francisco, ou Passavanti, ou Tomás de Kempis. Pode ser "militância", propaganda, agitação, não mais pode ser efusão ingênua de sentimentos. Ou não é católica: veja o destino de Fogazzaro.

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 25-27.

§ ⟨73⟩. *A literatura italiana moderna de Crémieux*. A «Fiera Letteraria» de 15 de janeiro de 1928 resume um artigo, de G. Bellonci no *Giornale d'Italia* [1] muito estúpido e repleto de despropósitos. Crémieux argumenta que falta na Itália uma língua

moderna, o que é justo num sentido muito preciso: 1º) que não existe uma classe culta italiana unitária, que fale e escreva uma língua "viva" unitária; 2º) que entre a classe culta e o povo existe uma grande distância: a língua do povo ainda é o dialeto, com o subsídio de um jargão italianizante que, em grande parte, é o dialeto traduzido mecanicamente. Existe uma forte influência dos vários dialetos na língua escrita, pois também a classe culta fala a língua em certos momentos e os dialetos na fala familiar, ou seja, naquela mais viva e aderente à realidade imediata. Assim, a língua é sempre
|61A| um pouco fossilizada e estagnada e quando | quer ser familiar, se fragmenta em vários reflexos dialetais. Além do tom do discurso (a sequência do período) que caracteriza as regiões, há também o léxico, a morfologia e, em particular, a sintaxe. Manzoni "enxaguou" no Arno seu tesouro lexical, menos a morfologia e quase nada a sintaxe, que é mais conatural ao estilo e, portanto, à cultura artística pessoal. Também na França isso se verifica entre Paris e a Provença, mas em medida menor; num cotejo entre A. Daudet e Zola, tem sido descoberto que Daudet quase não conhece mais o passado remoto etimológico, substituído pelo imperfeito, o que se verifica em Zola apenas em medida menor.

Bellonci escreve: "Até o século XVI, as formas linguísticas descem de cima; a partir do século XVII, sobem a partir de baixo". Descomunal despropósito, por superficialidade. Precisamente até o século XVI, Florença exerce a hegemonia cultural, porque exerce uma hegemonia econômica (o Papa Bonifácio VIII dizia que os florentinos eram o quinto elemento da terra) e há um desenvolvimento a partir de baixo, do povo às pessoas cultas. Após a decadência de Florença, o italiano é a língua de uma casta fechada, sem contato com uma fala histórica. Não é esta, talvez, a questão posta por Manzoni, de retornar à hegemonia florentina e refutada por Ascoli, o qual, historicista, não acredita em hegemonias linguísticas por decreto-lei, sem a estrutura econômico-cultural? [2].

A pergunta de Bellonci: "será que Crémieux negaria que exista (que tenha existido, queria dizer) uma língua grega por terem

existido suas variantes dóricas, iônicas, eólicas?" — é efetivamente cômica e mostra como ele não compreendeu Crémieux.

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 57-58.

§ ⟨74⟩. *Stracittà e strapaese*. [Supercosmopolitismo e superregionalismo N.T.]. Elementos extraídos da «Fiera Letteraria» de 15 de janeiro de 1928. De Papini: "A cidade não cria, mas consome. Assim como é o empório para onde afluem os bens arrancados dos campos e das minas, para ela acorrem os espíritos mais vivos das províncias e as | ideias dos grandes solitários. A cidade é como uma |62| fogueira que ilumina porque queima o que foi criado longe dela e por vezes contra ela. Todas as cidades são estéreis. Nelas nascem proporcionalmente poucos filhos e quase nunca alguém de gênio. Nas cidades, goza-se, mas não se cria; ama-se, mas não se gera; consome-se,mas não se produz"[1].Orestante é ainda mais setecentesco.

No mesmo número da «Fiera Letteraria» encontram-se estas outras referências: "Nosso assado puramente regional apresenta-se com as seguintes características: aversão decidida a todas as formas de civilização que não sejam adequadas à nossa ou que arruínem, por não serem digeríveis, as habilidades clássicas dos italianos; além disso, defesa do sentido universal da *aldeia*, que é, para dizê-lo em poucas palavras, a relação natural e imanente entre o indivíduo e sua terra; finalmente, a exaltação de nossas características próprias, isto é, fundamento católico, sentido religioso do mundo, simplicidade e sobriedade fundamentais, aderência à realidade, domínio da fantasia, equilíbrio entre espírito e matéria" [2]; e este outro de Francesco Meriano (publicado no «Assalto»): "No campo filosófico, ao contrário, creio de encontrar uma verdadeira antítese: a antítese, mais do que centenária e sempre revestida de novos aspectos, entre o voluntarismo, o pragmatismo, o ativismo identificáveis no supercosmopolitismo e o iluminismo, o racionalismo, o historicismo identificáveis no superregionalismo" [3].

CF. CADERNO 22 (V), PP. 21-22.

§ ⟨75⟩. *Intelectuais sicilianos*. É interessante o grupo do «Ciclope» de Palermo. Mignosi, Pignato, Sciortino etc. Relações desse grupo com Piero Gobetti [1].

§ ⟨76⟩. *A crise do "Ocidente"*. A «Fiera Letteraria» de 29 de julho de 1928 publica alguns trechos de um artigo de Filippo Burzio em «La Stampa». Fala-se hoje de Ocidente como há alguns séculos se falava de "Cristandade". Existiu uma primeira unidade do Ocidente, a cristão-católica medieval; um primeiro cisma, ou crise, |62A| a Reforma |, com as guerras de religião. Depois da Reforma, após dois séculos, ou quase, de guerras de religião, realizou-se de fato, no Ocidente, uma segunda unidade, de outra índole, permeando profundamente toda a vida europeia e culminando nos séculos XVIII e XIX: e as resistências que encontrou não a invalidaram, tal como as heresias medievais não invalidaram a primeira. É esta nova unidade que está em crise (Burzio polemiza implicitamente com os católicos, os quais pretenderiam apropriar-se da "solução" da crise, como se esta se verificasse em seu terreno e eles fossem os antagonistas reais, embora sejam os resíduos ou os fósseis de uma unidade histórica já definitivamente superada). Ela se apoia em três pilares: o espírito crítico, o espírito científico, o espírito capitalista (talvez fosse melhor dizer "industrial"). Os dois últimos estão firmes (se "capitalismo" = "industrialismo", sim), o primeiro, ao contrário, não está mais, e por isto as elites espirituais do Ocidente sofrem de desequilíbrio e de desarmonia entre a consciência crítica e a ação (seria sempre a crise do "historicismo", por causa da oposição entre "sentimento", "paixão" e consciência crítica). Como apoio à ação, como ajuda à vida, o imperativo filosófico é tão cinza e vazio quanto o solidarismo científico. Neste vazio a alma agoniza, e disto dá algum indício a inspiração poética, que se tornou cada vez mais lúgubre ou febril. Quase nenhum dia em nosso tempo é alegre (mas esta crise não estará antes ligada à queda do mito do progresso indefinido e do otimismo que daí decorria, isto é, a uma forma de religião, mais do que à crise do historicismo e da consciência crítica? Na realidade, a "consciência crítica" se restringia a um pequeno círculo, hegemônico, sim, mas restrito; o "aparelho de governo" es-

piritual se rompeu e há crise, mas ela também é de difusão, o que levará a uma nova "hegemonia" mais segura | e estável). Devemos |63| salvar o Ocidente integral; todo o conhecimento, com toda a ação. O homem quis navegar, e navegou; quis voar, e voou; há muitos séculos pensa em Deus, será que isto não serve para nada? Alvorece, nasce, da criatura a mentalidade do criador. Se não se pode escolher entre os vários modos de vida, porque especializar-se significaria mutilar-se, só resta fazer tudo. Se a antiga religião parece esgotada, só resta rejuvenescê-la. Universalidade, interioridade, magia. Se Deus se esconde, resta o demiurgo. Homem do Ocidente, hic res tua agitur ["trata-se de coisa tua" N.T] [1]. (Observar como, em polos opostos, B. Croce e F. Burzio resistem à onda da nova "religiosidade" anti-historicista).

§ ⟨77⟩. *Clero e intelectuais.* Número comemorativo de «Vita e Pensiero» pelo 25° aniversário da morte de Leão XIII. Útil o artigo de Padre Gemelli sobre "Leone XIII e il movimento intellettuale". O Papa Leão é vinculado, no campo intelectual, à renovação da filosofia cristã, à orientação para os estudos sociais, ao impulso dado aos estudos bíblicos. Tomista, a ideia inspiradora de Leão XIII foi a seguinte: "Reconduzir o mundo a uma doutrina fundamental graças à qual a inteligência torne-se novamente capaz de indicar ao homem a verdade que ele deve reconhecer, e isso não só preparando o caminho para a fé, mas dando ao homem o meio de orientar-se de modo seguro sobre todos os problemas da vida. Desse modo, Leão XIII apresentava ao povo cristão uma filosofia, a doutrina escolástica, não como um quadro do saber, estreito, imóvel e exclusivo, mas como um organismo de pensamento vivo, suscetível de enriquecer-se com o pensamento de todos os Doutores e de todos os Padres da Igreja, capaz de harmonizar a especulação da teologia racional com os dados da ciência positiva, condição para estimular e harmonizar a razão e a fé; a ciência profana e a sagrada; a filosofia e a teologia; o real e o ideal; o passado e as descobertas do futuro, a oração e a ação, a vida interior e a vida social, os deveres do indivíduo e da sociedade, os deveres para com Deus e para com o homem" [1].

|63A| Leão XIII | renovou completamente a Ação Católica. Recordar que a encíclica *Rerum Novarum* é quase simultânea ao Congresso de Gênova, isto é, à passagem do movimento operário italiano do primitivismo a uma fase realista e concreta, embora ainda confusa e indefinida. A [neo] escolástica permitiu a aliança do catolicismo com o positivismo (Comte, donde Maurras). Na Ação Católica, saiu-se do puro abstencionismo mecânico do período posterior a 1870 e deu-se início a uma atividade efetiva, que levou à dissolução de 1898.

§ ⟨78⟩. *Bergson, o materialismo positivista, o pragmatismo.* Bergson ligado ao positivismo; se "rebela" contra o seu "ingênuo" dogmatismo. O positivismo tivera o mérito de devolver à cultura europeia o sentido da realidade, que se esgotara nas antigas ideologias racionalistas; mas, depois, cometera o erro de encerrar a realidade na esfera da natureza morta e, portanto, de também encerrar a investigação filosófica numa espécie de nova teologia materialista. A documentação desse "erro" é obra de Bergson. A crítica de Bergson... se adentrou, dessacralizando ídolos do absoluto e dissolvendo-os em formas de contingência fugaz, por todos os meandros do dogmatismo positivista, submeteu a um terrível exame a estrutura íntima das espécies orgânicas e da personalidade humana, e rompeu com todos os esquemas daquela mecânica estaticidade na qual o pensamento encerra o perene fluir da vida e da consciência.

Afirmando o princípio do eterno fluir e a origem *prática* de todo sistema conceitual, também as verdades supremas (!) corriam o risco de dissolver-se; e aqui, nessa fatal *tendência*, situa-se o limite (!) do bergsonismo. (Extratos de um artigo de Balbino Giuliano, resumido pela «Fiera Letteraria» de 25 de novembro de 1928) [1].

§ ⟨79⟩. Italo Chittaro, *La capacità di comando*. Casa Ed. De Alberti, Roma. Segundo uma resenha de V. Varanini na «Fiera Letteraria» de 4 de novembro de 1928, parece que neste livro estão condidas sugestões muito interessantes. Necessidade de estudos
|64| históricos para a preparação | profissional dos oficiais. Para comandar, não basta o simples bom senso: este, se existe, é fruto de um

profundo conhecimento e de longo exercício. A capacidade de comando é especialmente importante para a infantaria; se, em outro campo, torna-se especialistas em tarefas particulares, na infantaria torna-se especialistas em comando, isto é, na tarefa de conjunto: portanto, é necessário que todos os oficiais destinados a graus elevados tenham exercido comando na infantaria. Afinal, considera a necessidade da formação de um Estado-Maior amplo, eficaz, popular entre as tropas [1]. – *Livro a ser lido*.

CF. CADERNO 13 (XXX), PP. 30-30 A.

§ ⟨80⟩. *O público e a literatura italiana*. "Por uma razão ou outra, pode-se dizer que os escritores italianos não têm mais público. ⟨...⟩ De fato, um público quer dizer um conjunto de pessoas, não apenas que compra livros, mas sobretudo que admira homens. Uma literatura só pode florescer num clima de admiração e a admiração não é, como se poderia crer, a recompensa, mas o estímulo ao trabalho. ⟨...⟩ O público que admira, que admira realmente, de coração, com alegria, o público que tem a felicidade de admirar (nada é mais deletério do que a admiração convencional) é o maior animador de uma literatura. Infelizmente, vários sintomas indicam que o público está abandonando os escritores italianos." Leo Ferrero no "Lavoro" («Fiera Letteraria» de 28 de outubro de 1928) [1].

A admiração seria a forma de contato entre a nação e seus escritores. Hoje falta este contato, ou seja, a literatura não é nacional, porque não é popular. Paradoxo da época atual. E não há hierarquia na literatura, ou seja, faltam personalidades eminentes. Questão de por que e como uma literatura é popular. A "beleza" não basta: é necessário um conteúdo "humano e moral" que seja a expressão elaborada e completa das aspirações do público. Isto é, a literatura deve ser ao mesmo tempo elemento efetivo de cultura (civilização) e obra de arte (de beleza). Caso contrário, à literatura artística é preferida a literatura de folhetim, que, ao seu modo, é um elemento de cultura, degradada |, por assim dizer, mas atual. |64A|

CF. CADERNO 21 (XVII), PP. 13-14.

§ ⟨81⟩. Nino Daniele, *D'Annunzio politico*, São Paulo, 1928 [1]. Livro a ser lido.

CF. CADERNO 15 (II), P. 34.

§ ⟨82⟩. *Os filhotes de padre Bresciani*. Maddalena Santoro, *L'amore ai forti*. Romance. Bemporad, 1928 [1].

CF. CADERNO 23 (VI), P. 29.

§ ⟨83⟩. Pietro Pieri, *Il regno di Napoli dal luglio 1799 al marzo 1806*, Nápoles, Ricciardi, 1928, 330 pp., 25 liras (útil para compreender melhor a República Partenopea através da política dos Bourbon no breve período da Restauração) [1].

CF. CADERNO 19 (X), P. 120.

§ ⟨84⟩. Giovanni Maioli, *Il fondatore della Società Nazionale*, Soc. Naz. Per la Storia del Risorgimento, Roma, 1928 (contém 22 cartas de Giorgio Pallavicino e de Felice Foresti, sobre o periodo de 1856-1858, quando Pallavicino, presidente da Sociedade Nacional, cujo secretário era La Farina, trabalhava para criar um bloco liberal sobre os dois pilares "opinião italiana" – "exército sardo". Uma expressão de Pallavicino: "o revolucionário italiano, homem fortíssimo no campo de ação, é muitas vezes uma *criança* no campo do pensamento") [1].

Observar que, na atual historiografia do Risorgimento, que é tendenciosíssima a seu modo, se apresenta como "aguçado realismo político" tudo aquilo que coincide com o programa piemontês dos moderados: é um juízo de sabedoria atrasada bastante ingênuo e pouco penetrante e corresponde à concepção da "Gesta dei per Allobrogos", desempoeirada e envernizada com alguns conceitos modernos.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 120-21.

§ ⟨85⟩. Giuseppe Solitro, *Due famigerati gazzettieri dell'Austria* (Luigi Mazzoldi, Pietro Perego), Pádua, Draghi, 1927, 15 liras. (Na resenha publicada na «Fiera Letteraria» de 16 de dezembro de 1928,

Guido Zadei escreve que possui material inédito, e não aproveitado, sobre Mazzoldi e sobre uma curiosa polêmica na qual Filippo Ugoni acusa Mazzoldi de propaganda comunista) [1].

CF. CADERNO 19 (X), P. 121.

§ ⟨86⟩. Giovanni Crocioni, *Problemi fondamentali del Folklore*, Bolonha, Zanichelli, 1928 [1].

CF. CADERNO 27 (XI), P. 1.

§ ⟨87⟩. *Gentile e la filosofia della politica italiana*. | Artigo de |65| Gentile publicado no «Spectator» de 3 de novembro de 1928 e republicado na «Educazione fascista». "Filosofia que não se pensa, mas que se faz, e que por isso se enuncia e afirma não com fórmulas, mas com a ação" [1]. Todo Estado tem "duas" filosofias: a que se enuncia através de fórmulas e é uma simples arte de governo, e a que se afirma com a ação e é a filosofia real, isto é, a história. O problema consiste em ver em que medida estas duas filosofias coincidem ou divergem. A fórmula gentiliana, na realidade, é apenas a camuflagem sofística da "filosofia política" mais conhecida com o nome de oportunismo e empirismo. Se Bouvard e Pécuchet tivessem conhecido Gentile, teriam encontrado na sua filosofia a justa interpretação da atividade renovadora e revolucionária deles (no sentido não corrompido da palavra, como dizem hoje).

CF. CADERNO 13 (XXX), P. 30 A.

§ ⟨88⟩. *Gioberti*. No prefácio das *Letture del Risorgimento*, Carducci escreve: "Ao afastar-se da *Jovem Itália,* em 1834, voltou ao que Santarosa queria e chamava de *conspiração literária* e ele a fez com certa filosofia sua, combativa, que levava bem alto a tradição italiana, até que veio à liça com o *Primato* e, pregando a liga dos príncipes reformadores, à frente o Pontífice, atraiu as almas temerosas e os engenhos temerosos, atraiu e arrebatou o jovem clero, que, por seu turno, arrastava o povo religioso, até mesmo do campo." Noutro ponto, Carducci escreve: "[...] o abade italiano, refor-

mista e meio jacobino, como Parini, que sobrenadou na torrente da revolução, como Cesarotti e Barbieri, que se fizera, como Di Breme, apregoador do Romantismo e insuflador do carbonarismo de 1821, que, como Gioberti, participara das conspirações e anunciara o Primato da Italia e a Renovação, que apontara, como Rosmini, as mazelas da Igreja, que, como Andreoli e Tazzoli, subira ao patíbulo..." [1].

CF. CADERNO 19 (X), P. 121.

|65A| |§ ⟨89⟩. *Folclore*. [Giovanni] Crocioni [no volume *Problemi fondamentali del Folklore*, Bologna, Zanichelli, 1928] critica como confusa e imprecisa a divisão do material folclórico feita por Pitré em 1897, na premissa à *Bibliografia delle Tradizioni popolari* e propõe uma repartição sua em quatro seções: arte, literatura, ciência, moral do povo [1]. Também esta divisão é criticada como imprecisa, mal definida e muito ampla. Ciampini (Raffaele) na «Fiera Letteraria» de 30 de dezembro de 1928, pergunta: "Ela é científica? Como, por exemplo, incluir nela as superstições? E que quer dizer uma moral do povo? Como estudá-la cientificamente? E por que, então, não falar também de uma religião do povo?". O folclore, me parece, foi até agora estudado (na realiade até agora só se reuniu material bruto) como elemento "pitoresco". Seria preciso estudá-lo como "concepção do mundo" de determinados estratos da sociedade, que não são atingidos pelas correntes modernas de pensamento. Concepção do mundo não só não elaborada e sistematizada, porque o povo por definição não pode fazer isso, mas múltipla, no sentido de que é uma justaposição mecânica de diversas concepções do mundo, se até não é um museu de fragmentos de todas as concepções do mundo e da vida que se sucederam na história. Também o pensamento e a ciência moderna fornecem elementos ao "folclore", na medida em que certas afirmações científicas e certas opiniões, subtraídas de seu contexto, caem no domínio popular e são "adaptadas" no mosaico da tradição (a *Scoperta dell'America*, de Pascarella, mostra como as noções divulgadas pelos manuais das escolas primárias sobre Cristóvão Colombo e sobre outros personagens são assimilados bizarramente) [2]. O

folclore só pode ser compreendido como um reflexo das condições de vida cultural do povo, embora, muitas vezes, ele perdure também quando as condições sejam modificadas em combinações bizarras.

Decerto, existe uma "religião do povo", especialmente nos países católicos e ortodoxos (muito menos | nos protestantes). A moral do |66| povo é o costume e está estritamente ligada, como a superstição, às suas crenças religiosas reais: existem imperativos, que são muito mais fortes e tenazes do que aqueles da moral kantiana.

Ciampini considera muito justa a necessidade defendida por Crociani de que o folclore seja ensinado nas escolas onde se preparavam os futuros professores, mas depois nega que se possa colocar a questão da utilidade do folclore (quer dizer, do estudo do folclore). Para ele, o folclore (isto é, o estudo do folclore) é fim em si mesmo ou tem a única utilidade de oferecer a um povo os elementos para um mais profundo conhecimento de si mesmo. Etudar as superstições para erradicá-las, seria para ele como se o folclore matasse a si mesmo, enquanto a ciência é apenas conhecimento desinteressado, fim em si mesma!!! Mas, então, por que ensinar o folclore nas escolas que preparam os professores? Para aumentar a cultura desinteressada dos mestres? O Estado tem uma sua própria concepção da vida e procura difundí-la; é uma tarefa sua e um seu dever. Esta difusão não acontece sobre uma tábula rasa; entra em concorrência e se choca, por ex., com o folclore e "deve" superá-lo. Conhecer o folclore significa, para os professores, conhecer quais outras concepções operam na formação intelectual e moral das jovens gerações. Só que precisaria mudar o espírito das pesquisas folclóricas, além de aprofundá-las: o folclore não deve ser concebido como uma bizarria, uma esquisitice, uma coisa ridícula, uma coisa, apenas pitoresca: mas deve ser concebido como algo muito sério e que deve ser levado a sério. Somente assim o ensino será mais eficiente e mais formativo da cultura das grandes massas populares e desaparecerá o distanciamento entre cultura moderna e cultura popular ou folclore. Uma atividade deste gênero, em profundidade, corresponderia no plano intelectual ao que foi a Reforma nos países protestantes.

CF. CADERNO 27 (XI), PP. 1-5.

|66A| |§ ⟨90⟩. *La Voce e Prezzolini.* O artigo no qual Prezzolini defende a «Voce» e "reivindica de pleno direito um lugar para ela na preparação da Itália contemporânea" é citado na «Fiera Letteraria» de 24 de fevereiro de 1929* e, portanto, deve ter sido publicado em «Lavoro fascista» alguns dias antes (nos dez dias entre 14 e 24 de fevereiro) [1]. O artigo foi provocado por uma série de artiguetes da «Tribuna» contra Papini, no qual, por causa do estudo "*Su questa letteratura*" (publicado no primeiro número do «Pègaso»), descobriam-se traços do velho "protestantismo" da «Voce» [2]. O escritor da «Tribuna», ex-nacionalista da primeira «Idea Nazionale», não conseguia ainda esquecer os velhos rancores contra a «Voce», enquanto Prezzolini não teve a coragem de afirmar a sua posição desde então. Sobre esse assunto, Prezzolini publicou também uma carta no «Davide», que saía irregularmente em Turim em 1925-1926, dirigido por Gorgerino [3]. De resto, é preciso recordar seu livro sobre a *Cultura italiana*, de 1923, e seu volume sobre o "Fascismo" (em francês) [4]. Se Prezzolini tivesse coragem cívica, poderia recordar que a sua «Voce» certamente influiu muito sobre alguns elementos socialistas e foi um elemento de revisionismo. Sua colaboração e de Papini, bem como de muitos "vocianos", no primeiro «Popolo d'Italia».

§ ⟨91⟩. *Strapaese* [superregionalismo N.T.]. Mino Maccari na Stampa de 4 de maio de 1929 escreve: "Quando Strapaese se opõe às importações modernistas, sua oposição quer salvar o direito de selecioná-las a fim de impedir que os contatos nocivos, confundindo-se com os que podem ser benéficos, corrompam a integridade da natureza e do caráter próprios da civilização italiana, quintessência ao longo de séculos e hoje ansiando por uma síntese unificadora" [1].

CF. CADERNO 22 (V), P. 22.

§ ⟨92⟩. *Sobre o americanismo* Eugenio Giovannetti escreveu um artigo (Pègaso, maio de 1929, "Federico Taylor e l'americanismo"). Entre outras coisas, escreve (extratos dados pela «Italia Letteraria»

* NO MS ERRONEAMENTE: "24 DE FEVEREIRO DE 1928".

de 19 de maio): "A energia literária, abstrata, nutrida de retórica generalizante, hoje já não | é mais capaz de compreender a energia |67| técnica, cada vez mais individual e aguda, tecido originalíssimo de vontade singular e de educação especializada. A literatura enérgica está ainda na fase do Prometeu desacorrentado, uma imagem demasiadamente cômoda. O herói da civilização técnica não é um sem cadeias: é um ser silencioso que sabe levar aos céus suas cadeias de ferro. Não é um ignorante ocioso: é um estudioso no mais belo sentido clássico, já que *studium* significava "ponta viva". Enquanto a civilização técnica ou mecânica, como queiram chamá-la, elabora em silêncio este seu tipo de herói afirmativo, o culto literário da energia cria apenas um nefelibata relapso, um sonhador desenfreado" [1].

É curioso que não se tentou aplicar ao americanismo a pequena fórmula de Gentile da "filosofia que não se enuncia através de fórmulas, mas se afirma na ação" [2]; é curioso e instrutivo porque, se a fórmula tem algum valor, é precisamente o americanismo que pode reivindicá-lo. Quando se fala do americanismo, ao contrário, se acha que ele é mecanicista, grosseiro, brutal, isto é, "pura ação" e se contrapõe a ele a tradição etc. Mas esta tradição etc., por que não é assumida também como base filosófica, como filosofia enunciada em fórmulas por aqueles movimentos para os quais, ao contrário, a "filosofia é afirmada na ação"? Esta contradição pode explicar muitas coisas: diferença entre a ação real, que modifica essencialmente a realidade exterior (e, portanto, também a cultura real), que é o americanismo, e o ridículo espírito de gladiador que se autoproclama ação e que só modifica as palavras e não as coisas, o gesto exterior e não o interior do homem. A primeira está criando um futuro que é intrínseco à sua atividade objetiva e que frequentemente é ignorado. O segundo cria apenas fantoches aperfeiçoados, segundo um figurino prefixado, que irão cair no nada quando forem cortados os fios que lhe dão a aparência de movimento e de vida.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 22-23.

|67A| | § ⟨93⟩. *Os filhotes de Padre Bresciani*. Tommaso Gallarati Scotti. *Storie dell'Amor Sacro e dell'Amor Profano* [1]. Recordar da novela na qual se fala do falso corpo da santa trazido do Oriente pelos Cruzados e as considerações espantosas de Scotti. Depois do Frade Cipolla, de Boccaccio... (recordar *A relíquia* de Eça de Queiroz, traduzida por L. Siciliani [2] em uma coleção de Rocco Carabba, dirigida por Borgese: nela há um reflexo da novela de Boccaccio). Os bollandistas [3] são respeitáveis, porque pelo menos extirparam certas raízes de superstição (ainda que suas pesquisas permaneçam circunscritas a um círculo muito restrito e sirvam sobretudo para os intelectuais, para fazer crer aos intelectuais que o catolicismo combate as superstições), mas o esteticismo folclórico de Scotti é revoltante. Recordar do diálogo mencionado por W. Steed entre um protestante e um cardeal, a respeito de São Gennaro [4] e a nota de Croce, a respeito de uma conversa com um padre napolitano sobre São Gennaro, a respeito de uma carta de Sorel [5]. A figura de Scotti entra parcialmente entre os filhotes do Padre Bresciani. Como apêndice ou complemento paralelo.

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 27-28.

§ ⟨94⟩. *Proudhon, Jahier e Raimondi.* Na «Italia Letteraria» de 21 de junho de 1929, Giuseppe Raimondi escreve: "[...] fala-me de Proudhon, de sua grandeza e de sua modéstia, da influência que suas ideias exerceram no mundo moderno, da importância que essas ideias assumiram num mundo regido pelo trabalho socialmente organizado, num mundo onde a consciência dos homens vai evoluindo e se aperfeiçoando cada vez mais em nome do trabalho e de seus interesses. Proudhon tem feito um mito, humano e vivente, desses pobres interesses. Em mim, a admiração por Proudhon é sobretudo sentimental, instintiva, como um afeto e um respeito que herdei, que me foram transmitidos ao nascer. Em Jahier, é toda intelectual, derivada do estudo e, por isso, profundíssima" [1]. Este Raimondi é um discre-
|68| to poseur com a | sua "admiração herdada". Mais adiante anoterei um trecho de outro artigo seu, que destaca ainda mais essa pose [2].

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 48-49.

§ ⟨95⟩. Adriano Tilgher, *Homo faber*. História do conceito de trabalho na civilização ocidental, Roma, Libreria di Scienza e Lettere, 1929,15 liras [1].

CF. CADERNO 25 (XXIII), P. 16.

§ ⟨96⟩. *Adelchi Baratono* escreveu, no segundo número de «Glossa perenne» um artigo sobre o "Novecentismo", que deve ser riquíssimo de temas "provocantes". Entre outros: "A arte e a literatura de uma época só podem e devem ser (!) aquelas correspondentes à vida e ao gosto da época, e todas as recriminações, além de não servirem para mudar a inspiração e a forma, seriam também contrárias a todo critério histórico e, portanto, justo de julgamento" [1]. Mas a vida e o gosto de uma época são algo de monolítico? E então como pode se avaliar a "correspondência"? O Risorgimento era "correspondido" por Berchet ou pelo Padre Bresciani? A deploração queixosa e moralista seria certamente tola, mas pode-se fazer a crítica sem deplorar. De Sanctis foi um firme defensor da revolução nacional, contudo soube criticar Guerrazzi, e não apenas Bresciani. O agnosticismo de Baratono não é mais do que covardia moral e civil. (Ele considera impossível, por falta de objetividade e universalidade, o juízo de mérito sobre os contemporâneos).

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 28-29.

§ ⟨97⟩. *Salvadori, Valli e o lorianismo*. Valli e a sua interpretação "conspiratória" e maçônica do "Dolce Stil nuovo" (com os precedentes de D. G. Rossetti e de Pascoli) [1] e Giulio Salvadori, que em *Os Noivos* descobre o drama de Enrichetta (Lucia) oprimida por Condorcet, Donna Giulia e o próprio Manzoni (Dom Rodrigo, o Anônimo etc.), pertencem a um ramo do lorianismo. (De Giulio Salvadori e da sua interpretação ver um artigo em «Arte e Vita» de junho de 1920 e o livro póstumo *Enrichetta Manzoni - Blondel e il Natale del 33*, Treves, 1929) [2].

CF. CADERNO 28 (III), P. 13.

|68A| |§ ⟨98⟩. Lello Cangemi, *Il problema della durata del lavoro*, Florença, Vallecchi, 1929, 25 liras. (Da breve resenha de Luigi Perla na «Italia Letteraria» de 18 de agosto de 1929, deduz-se: o problema da jornada de trabalho, deslocado para segundo plano depois do melhoramento das condições econômicas que seguiram-se ao período de depressão iniciado em 1921, voltou agora à discussão, devido à crise economica atual. Exame da legislação vigente sobre o assunto nos vários países, trazendo à luz a dificuldade de uma regulamentação uniforme. O problema e ⟨a convenção⟩de Washington. Do ponto de vista da organização científica do trabalho. As pretensões teóricas e sociais, que dominaram o problema, mostraram-se inaplicáveis na ação legislativa prática. Contra as ideologias que pretenderiam abolir as injustiças sociais e terminam sempre, ao contrário, por multiplicá-las e torná-las mais graves, a prática confirmou que a simples redução da jornada de trabalho não pode, por si só (!), alcançar o objetivo de uma maior produtividade e de maiores vantagens (!) para o trabalhador. Em vez disso, foi demonstrada a utilidade de estabelecer um limite para o esforço laborativo; este limite não deve ser imposto com base em ideologias abstratas, mas deve resultar da coordenação racional de conceitos (!) fisiológicos, econômicos e éticos) [1].

§ ⟨99⟩. *Um famoso fanfarrão desmiolado* é Antonio Bruers, uma das muitas rolhas de cortiça que sobem à superfície lamacenta dos fundos turvos agitados. No «Lavoro fascista» de 23 de agosto de 1929, ele dá como provável a afirmação na Itália de uma filosofia "a qual, embora sem renunciar a nenhum dos valores concretos do idealismo, seja capaz de compreender, em sua plenitude filosófica e social, a exigência religiosa. Esta filosofia é o espiritualismo, doutrina sintética (!), que não exclui a imanência, mas confere o primado lógico (!) à transcendência, que reconhece praticamente (!) o dualismo e, portanto, confere ao determinismo, à natureza, um valor que se concilia com
|69| as exigências do experimentalismo". Esta doutrina | corresponderia ao "gênio predominante da estirpe itálica", da qual Bruers, apesar do nome exótico, seria naturalmente o coroamento histórico, espiritual, imanente, transcendente, ideal, determinado, prático e experimental, bem como religioso [1].

§ ⟨100⟩. Goffredo Bellonci, *Pagine e idee,* Ed. Sapientia, Roma. Ao que parece, trata-se de uma história da literatura italiana originalmente subvertida pelo lugar-comum. Este Bellonci não passa de uma caricatura do jornalismo literário; um Bouvard das ideias e da política, uma vítima de Mario Missiroli, que, por sua vez, já era uma vítima de Oriani e de Sorel [1].

§ ⟨101⟩. *Piedigrotta*. Num artigo no «Lavoro» (8 de setembro de 1929), Adriano Tilgher escreve que a poesia dialetal napolitana e, portanto, em grande parte, o sucesso das canções de Piedigrotta passam por uma intensa crise. Teriam secado suas duas grandes fontes: realismo e sentimentalismo. "A mudança dos sentimentos e do gosto foi tão rápida e desordenada, tão vertiginosa e súbita, e ainda está tão longe de se cristalizar em algo estável e duradouro, que os poetas dialetais que se aventuram em tais areias movediças para tentar levá-las à dureza e à clareza da forma estão condenados a soçobrar sem remédio" [1].

A crise de Piedigrotta é realmente um sinal dos tempos. A teorização do superregionalismo matou o superregionalismo (na verdade, pretendia-se fixar um figurino tendencioso de superregionalismo embolorado e basbaque). E, de resto, a época moderna não é expansiva e sim repressiva. Não mais se ri espontaneamente: esboça-se um sorriso sarcástico e se fazem mecânicas piadas provincianas. A fonte de Piedigrotta não secou; foi esvaziada porque se tornou "oficial" e os cantores populares se tornaram funcionários (ver o caso de Libero Bovio) (e cf. o apólogo francês sobre o funcionário corno).

§ ⟨102⟩. «*La Fiera letteraria*» *que se transformou depois em* «*L'Italia letteraria*» [1], sempre | foi, mas está se tornando cada vez |69A| mais, um saco de batatas. Tem dois diretores, mas é como se não tivesse nenhum e um secretário examinasse a correspondência que chega, tirando na sorte os artigos a publicar. O curioso é que os dois diretores, Malaparte e Angioletti, não escrevem em seu próprio periódico e preferem outras vitrines. Os esteios da redação devem ser Titta Rosa e Enrico Falqui; e, dos dois, o mais cômico é o segundo, que compila o "observatório da imprensa", saltitando à esquerda

e à direita, sem bússola e sem ideias. Titta Rosa é mais pontifical, dando-se ares de grande pontífice desencantado mesmo quando escreve disparates. Angioletti parece muito temeroso de lançar-se em alto-mar: não tem a desfaçatez de Malaparte. É interessante notar como a «Italia Letteraria» não arrisca a formular juízos próprios e espera sempre que os figurões falem primeiro. Foi o que ocorreu com Os *Indiferentes* de Moravia, mas foi mais grave ainda o caso de o *Malagigi* de Nino Savarese, um livro realmente saboroso, só resenhado quando entrou na lista tríplice para o prêmio dos trinta, tendo sido ignorado nas páginas da «Nuova Antologia» [2]. As contradições deste grupo de escrevinhadores são realmente divertidas, mas não vale a pena registrá-las. Lembram os Bandar Log do *Livro da selva*: "nós faremos, nós criaremos" etc. etc [3].

§ ⟨103⟩. Confederação Geral Fascista da Indústria Italiana, *Lo sviluppo dell'Industria Italiana*, Litografia de Genio Civile, Roma, 1929, 100 liras (78 tabelas policrômicas, que passam em revista a indústria italiana, de 1876 até 1928) [1]. Indispensável.

§ ⟨104⟩. *Jean Barois*. Recebe os sacramentos religiosos antes de morrer. Depois, a mulher encontra entre seus papéis o testamento, redigido nos anos da maturidade intelectual. Nele se lê: "Por temor de que a velhice e as doenças me enfraqueçam a ponto de fazer-me
|70| temer | a morte e induzir-me a buscar o consolo da religião, redijo hoje, na plenitude de minhas faculdades e de meu equilíbrio intelectual, meu testamento. Não creio na alma substancial e imortal. Sei que minha personalidade é um aglomerado de átomos cuja desagregação implica a morte total. Creio no determinismo universal..." O testamento foi lançado no fogo [1]. Pesquisar.

§ ⟨105⟩. *A filosofia americana*. Estudar a posição de Josiah Royce no quadro da concepção americana da vida. Que importância e que função teve o hegelianismo nesta concepção? Pode o pensamento moderno difundir-se na América, superando o empirismo-pragmatismo, sem uma fase hegeliana? [1].

§ ⟨106⟩. *A concepção religiosa de Maurras*. A «Rivista d'Italia» de 15 de janeiro 1927 resume um artigo de J. Vialatoux publicado

na «Chronique Sociale de France» de algumas semanas precedentes [1]. Vialatoux rechaça a tese defendida por Jacques Maritain em *Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques* (Paris, Plon, 1926) [2] que entre a filosofia e a moral pagãs de Maurras de um lado e a sua política de outro, exista apenas uma relação contingente, de modo que se se toma a doutrina política, abstraindo da filosofia, pode-se encorrer em algum perigo, como em todo movimento humano, mas nisso não há nada de condenável. Para Vialatoux, justamente, a doutrina política deriva (ou, pelo menos, está indivisivelmente ligada — G.) da concepção pagã do mundo (sobre este paganismo precisaria distinguir e esclarecer, entre a roupagem literária, extrínseca, em que consiste este assim chamado paganismo de Maurras e o núcleo essencial que afinal é o positivismo naturalista, tomado de Comte e mediatamente, do saint-simonismo, o que se insere no paganismo apenas pela nomenclatura de jargão da igreja). A cidade é o fim último do homem: realiza a ordem | humana apenas com as forças da natureza. Maurras é definível |70A| por seus ódios mais do que por seus amores. Odeia o cristianismo primitivo (a concepção de mundo dos Evangelhos, dos primeiros apologetas etc., o cristianismo até o Édito de Milão, em suma, que acreditava que a vinda de Cristo anunciava o fim do mundo e determinava, por isso, a dissolução da ordem política romana em uma anarquia moral corrosiva de todo valor civil e estatal) que para ele é uma concepção judaica.

Neste sentido, Maurras pretende descristianizar a sociedade moderna. Para Maurras, a Igreja Católica foi e será cada vez mais o instrumento dessa descristianização. Ele distingue entre cristianismo e catolicismo e exalta este último como a reação da ordem romana à anarquia judaica. O culto católico, suas devoções supersticiosas, suas festas, suas pompas, suas solenidades, sua liturgia, suas imagens, suas fórmulas, seus ritos sacramentais, sua hierarquia imponente são como um encantamento salutar para domar a anarquia cristã, para imunizar contra o veneno judaico do cristianismo autêntico. Segundo Vialatoux o nacionalismo da *Ação Francesa* não passa de um episódio da *história religiosa* de nosso tempo. (Preci-

saria acrescentar que o ódio de Maurras contra tudo o que cheira a protestantismo e é de origem anglo-germânica — Romantismo, Revolução francesa, capitalismo — não passa de um aspecto deste ódio contra o cristianismo primitivo; seria preciso também buscar em Auguste Comte as origens da sua atitude em relação ao catolicismo, que não é independente do renascimento livresco do tomismo e do aristotelismo).

CF. CADERNO 13 (XXX), PP. 29 A - 30.

§ ⟨107⟩. Filippo Meda, *Statisti cattolici*, Alberto Morano, Nápoles [1]. São seis biografias: de Daniel O'Connell, García Moreno, Ludwig WiN.T.horst, Augusto Bernaert, Giorgio Hertling, Antonio Maura. Expoentes do conservadorismo clerical (clérico-moderados italianos), |71| ou seja|, da pré-história do moderno popularismo católico. É indispensável para reconstruir o desenvolvimento histórico da Ação Católica. A biografia de García Moreno (Venezuela, me parece) [2] também é interessante para compreender alguns aspectos das lutas ideológicas na ex-América espanhola e portuguesa, onde ainda se atravessa um período de Kulturkampf primitivo, ou seja, onde o Estado moderno ainda deve lutar contra o passado clerical e feudal. É interessante notar esta contradição que existe na América do Sul entre o mundo moderno das grandes cidades comerciais da costa e o primitivismo do interior, contradição que se amplia pela existência de grandes massas de indígenas, por um lado, e de imigrantes europeus, por outro, cuja assimilação é mais difícil do que na América do Norte: o jesuitismo é um progresso em relação à idolatria, mas é um estorvo para o desenvolvimento da civilização moderna, representada pelas grandes cidades costeiras: ele serve como meio de governo para manter no poder as pequenas oligarquias tradicionais, que, por isso, travam apenas uma luta branda e débil. A maçonaria e a Igreja positivista são as ideologias e as religiões laicas da pequena burguesia urbana, às quais adere em grande parte o assim chamado sindicalismo anarquista, que faz do cientificismo anticlerical seu alimento intelectual. (Problema do despertar para a vida política e nacional das massas nativas: ocorreu algo similar no México, devido ao impulso de Obregón e Calles?).

§ ⟨108⟩. *Sobre o Risorgimento*. Publicações de Augusto Sandonà, que após o armistício realizou pesquisas nos arquivos vienenses para estudar a documentação austríaca official [1].

CF. CADERNO 19 (X), PP. 121-22.

§ ⟨109⟩. *Informantes e agentes provocadores da Áustria*. Os informantes que agiam no exterior e estavam sob as ordens da Chancelaria de Estado de Viena não deviam atuar como agentes provocadores: é o que se depreende das precisas instruções do príncipe de Metternich, que |, num despacho secreto de 8 de fevereiro de 1844 endereçado ao |71A| Conde Apponyi, embaixador da Áustria em Paris, assim se expressa sobre a missão que cumpria na capital francesa o famigerado Attilio Partesotti: "O grande objetivo que o Governo imperial se propõe não é encontrar culpados nem provocar ações criminosas [...]. Consequentemente, Partesotti deve se considerar como um observador atento e fiel e evitar com cuidado ser agente provocador" (Staatskanzlei). Assim escreve Augusto Sandonà no estudo: "Il preludio delle cinque giornate di Milano — Nuovi documenti", publicado na «Rivista d'Italia» (só li a primeira parte no número de 15 de janeiro de 1927) a respeito da acusação, lançada pelo Doutor Carlo Casati (Nuove Rivelazioni sui fatti di Milano del 1847-48, Milão, Hoepli, 1885) e pelo «Archivio triennale delle cose d'Italia» (vol. I, Capolago, Tip. Elvetica, 1850) contra o Barão Carlo Torresani, diretor-geral da polícia de Milão de 1822 a 1848, de ter organizado um serviço de agentes provocadores que encenassem tumultos [1]. Mas deve-se observar que, apesar das disposições de Metternich, os agentes provocadores podiam igualmente entrar em operação* por necessidade das polícias locais e também por necessidade pessoal dos próprios "observadores".

CF. CADERNO 19 (X), P. 122.

§ ⟨110⟩. *Contradições dos moderados antes de 1848*. A liga alfandegária, promovida por Cesare Balbo e firmada em Turim,

* NO MS: OPERASSEM.

em 3 de novembro de 1847, pelos três representantes do Piemonte, da Toscana e do Estado Pontifício, devia preparar a constituição da Confederação política, que depois foi suspensa pelo próprio Balbo, fazendo abortar inclusive a liga alfandegária. A Confederação era desejada pelos Estados italianos menores; os piemonteses [reacionários, entre os quais Balbo], acreditando já assegurada a expansão territorial do Piemonte, não queriam prejudicá-la com laços que a dificultariam (Balbo, nas *Speranze d'Italia*, havia sustentado que a Confederação era impossível enquanto uma parte da Itália estivesse nas mãos estrangeiras), e
|72| suspenderam a Confederação, dizendo | que ligas se estabelecem antes ou depois da guerra (a Confederação foi rejeitada em 1848, nos primeiros meses – verificar). Gioberti e outros viam na Confederação política e alfandegária, firmada mesmo durante a guerra, a necessária premissa para tornar possível o lema "A Itália o fará sozinha" [1].

Este episódio é de máxima importância, junto com o dos voluntários e da Constituinte, para mostrar como o movimento de 1848 fracassou em razão das intrigas dos reacionários, que depois foram os moderados do período sucessivo. Eles não souberam dar uma orientação nem política nem tampouco uma direção militar à revolução [antes de 1848].

CF. CADERNO 19 (X), P. 123.

§ ⟨111⟩. *De Augusto Sandonà*. 1°) *Contributo alla storia dei processi del 21 e dello Spielberg*, Turim, Bocca, 1911; 2°) "*L'idea unitaria ed i partiti politici alla vigilia del 1848*", «Rivista d'Italia», junho de 1914; 3°) Il Regno lombardo-veneto. *La costituzione e l'amministrazione*, Milão, Cogliati, 1912 [1].

CF. CADERNO 19 (X), PP. 121-22.

§ ⟨112⟩. *Padre Facchinei.* Na «Rivista d'Italia» de 15 de janeiro de 1927, foi publicado um artigo de Adolfo Zerboglio intitulado "Il

ritorno di padre Facchinei", autor de um libelo contra Cesare Beccaria, *Note ed osservazioni sul libro intitolato "Dei delitti e delle pene"*, publicado por volta de 1761 [1]. Dos trechos transcritos por Zerboglio (p. 27 da revista), revela-se que Facchinei já conhecia a palavra "socialistas": "Pergunto aos socialistas mais intransigentes: se um homem, encontrando-se em sua primitiva liberdade, e antes de ingressar em qualquer sociedade, pergunto, digo, se um homem livre tem o direito de matar um outro homem, que quisesse de alguma maneira tirar-lhe a vida? Estou seguro de que dessa feita todos os socialistas me responderiam afirmativamente." Mas o que significava na época esta palavra? No *Dicionário político* de Maurice Block a palavra "socialisme" é estabelecida em época mais tardia, por volta de 1830, se bem recordo [2].

|72A| § ⟨113⟩. *Revolução no direito penal e no processo penal e materialismo histórico*. A expressão de Marx no prefácio à *Crítica da economia política* (de 1859)* "tal como não se julga o que um indivíduo é pelo que ele pensa de si mesmo" [1] pode* ser relacionada à reviravolta acontecida no processo penal e às discussões teóricas a este propósito, então relativamente recentes. De fato, o velho procedimento exigia a confissão do acusado (especialmente no caso dos crimes capitais) para emitir a sentença de condenação, daí a tortura. No novo procedimento o interrogatório do acusado é [somente] um elemento, às vezes negligenciável, do processo (não se exige o juramento, se reconhece que o acusado pode mentir ou ser reticente) enquanto o primeiro lugar é tomado pelas provas materiais e testimoniais. Pesquisar se alguém relevou essa coincidência dos dois fenômenos e estudou o movimento pela renovação do direito processual e penal como um elemento [sugestivo] da inovação aportada por Marx no estudo da história (Sorel poderia ter feito a observação, porque combina com seu estilo).

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 28 BIS - 29 BIS.

* NO MS "1856".

* NO MS ORIGINARIEMENTE: "DEVE", DEPOIS CORRIGIDO COM "PODE". TAMBÉM A CITAÇÃO DE MARX ERA REFERIDA ORIGINARIAMENTE DE MANEIRA DIFERENTE E EM SEGUIDA FOI CORRIGIDA: CF. NOTA 1 DO PARÁGRAFO.

§ ⟨114⟩. *Risorgimento. Direção política e militar*. No estudo da direção política e militar impressa ao movimento nacional antes e depois de 1848, é preciso fazer algumas observações preventivas de método e de nomenclatura. Por direção militar não deve entender-se somente a direção militar em sentido estrito, técnico, ou seja, como referindo-se à estratégia e à tática do exército piemontês, ou das tropas garibaldinas ou das várias milícias improvisadas nas sublevações locais (5 jornadas de Milão, defesa de Veneza, defesa da República Romana, insurreição de Palermo em 1848 etc.). Deve-se entender-se, ao contrário, em sentido muito mais amplo e mais estritamente ligado à direção política propriamente dita. O problema
|73| era expulsar da Itália uma potência estrangeira, que |possuía um dos maiores exércitos da Europa de então e que, além disso, tinha na própria Itália, inclusive no Piemonte, adeptos que não eram poucos nem fracos. O problema militar era, portanto, este: "como conseguir mobilizar uma força que fosse capaz de expulsar da Itália o exército austríaco e de impedir que pudesse retornar com uma contaofensiva, dado que a expulsão violenta iria pôr em perigo o Império e, portanto, iria galvanizar todas as suas forças vitais para uma desforra". As soluções dadas teoricamente foram várias, todas contraditórias. "A Itália o fará sozinha". Esta foi a palavra de ordem de 1848. Mas, significou a derrota. A política ambígua, incerta, tímida dos partidos de direita piemonteses foi a causa principal da derrota: eles usaram uma astúcia mesquinha. Eles foram a causa da retirada dos exércitos dos outros estados italianos, napolitanos e romanos, por terem revelado muito cedo querer a expansão piemontesa e não uma confederação italiana; eles não favoreceram os voluntários: eles, em suma, queriam que os únicos vitoriosos em armas fossem os generais piemonteses. A ausência de uma política popular foi desastrosa: os camponeses lombardos e vênetos alistados pela Áustria foram o instrumento para sufocar a revolução de Viena. Eles não viam nenhuma relação entre a revolução de Viena a aquela de suas regiões: o movimento lombardo-veneto era uma coisa de senhores e de estudantes como o movimento vienense. Enquanto o partido nacional italiano deveria, com sua política revolucionária, promover ou favorecer a desagregação do Império austría-

co, com a sua inércia conseguiu que os regimentos italianos fossem um dos melhores apoios da reação austríaca. No entanto, esse deveria ter sido o seu objetivo estratégico: não destruir o inimigo e ocupar o território, o que seria objetivo inalcançável e utópico, mas desagregá-lo | por dento e ajudar os liberais autríacos a ir ao poder |73A| para mudar a estrutura interna do Império em sentido federalista ou, pelo menos, criar um estado prolongado de lutas internas entre as várias nacionalidades (o mesmo erro foi cometido por Sonnino durante a guerra mundial, mesmo contra a opinião de Cadorna: Sonnino não queria a destruição do Império habsbúrgico e recusou toda política de nacionalidades; mesmo depois de Caporetto, esta política foi feita malthusianamente e não deu os rápidos resultados que poderia dar). Mas, depois de afirmar "A Itália o fará sozinha" se procurou, depois da derrota, ter ajuda francesa, justamente quando os reacionário, inimigos de um Estado Italiano forte, foram ao governo na França.

A direção militar é, portanto, uma questão mais ampla do que apenas a direção do exército, da determinação do plano estratégico que este exército deve realizar: ela diz respeito à mobilização de forças populares para insurgir na retaguarda do inimigo e dificultar o seu movimento, ela tende a criar massas auxiliares de reserva, das quais se podem extrair novos exércitos e que dão ao exército "técnico" a atmosfera de entusiasmo e de ardor. A política popular não foi feita sequer depois de 1848: se buscou a ajuda da França e com a aliança francesa se equilibrou a força austríaca. A política da direita piemontesa retardou a unidade da Itália em 20 anos.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 109-12.

§ ⟨115⟩. *A respeito da* ameaça contínua que o governo de Viena fazia aos nobres do Lombardo-Vêneto de promulgar uma legislção agrária favorável aos camponeses (coisa que foi feita na Galícia contra os senhores poloneses e a favor dos camponeses rutenos) [1], são interessantes algumas particularidades contidas em um artigo da «Pologne littéraire» resumido no | «Marzocco» de 1º de dezem- |74| bro de 1929 [2]. O jornal polonês, investigando as causas históricas

do espírito militar dos poloneses, pelo qual se encontram voluntários poloneses em todas as guerras e guerrilhas, em todas as insurreições e em todas as revoluções do século passado, remonta a este fato: em 13 de julho de 1792, "uma nação que contava 9 milhões de habitantes, que tinha 70 mil soldados em armas, foi conquistada sem ter sido vencida". Em 3 de maio de 1791, fora proclamada uma Constituição, cujo espírito amplamente democrático podia se tornar um perigo para os vizinhos, o Rei da Prússia, o Imperador da Áustria e o Czar da Rússia, e que tinha muitos pontos de contato com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, votada pela Constituinte francesa em agosto de 1789. A Polônia foi conquistada com a plena conivência dos nobres poloneses, os quais, mais previdentes do que seus irmãos da França, não esperaram a aplicação da Carta constitucional para provocar a intervenção estrangeira. Preferiram vender a nação ao inimigo a ceder nem que fosse uma parte mínima da terra aos camponeses. Preferiram cair em servidão, eles próprios, a conceder a liberdade ao povo. Segundo o autor do artigo, Z. St. Klingsland, os 70 mil soldados tomaram o caminho do exílio e se dirigiram para a França, o que é pelo menos exagerado. Mas, o cerne dos acontecimentos é verdadeiramente instrutivo e explica boa parte dos acontecimentos até 1848, inclusive na Itália.

É interessante o fato de que um jornal polonês feito para o exterior prefira fazer remontar a partilha polonesa de 1792 à traição dos nobres mais do que à fraqueza militar da Polônia, não obstante a nobreza tenha ainda na Polônia uma função muito importante. [Talvez um episódio da luta de Pilsudsky contra Witos]. Estranha "questão de honra" nacional. Darwin, me parece, na sua *Viagem em volta do mundo de um naturalista*, narra algo similar sobre a Espanha: os espanhóis sustentavam que uma derrota da frota aliada franco-espanhola fora causada pela sua falta de lealdade, porque se
|74A| tivessem combatido | verdadeiramente, os espanhóis não poderiam ter sido vencidos [3]. Melhor desleais e traidores do que sem "espírito militar invencível".

CF. CADERNO 19 (X), PP. 117-18.

§ ⟨116⟩. *Intelectuais italianos*. Comparação entre a concentração cultural francesa, sintetizada no "Instituto da França" e a não coordenação italiana. Revistas de cultura francesas e italianas (tipo «Nuova Antologia» - «Revue des deux mondes»). Jornais diários italianos muito mais bem-feitos do que os franceses: eles cumprem duas funções — a de informação e de direção política geral, e a função de cultura política, literária, artística, científica, que não tem um órgão próprio difundido (a pequena revista para a média cultura). Na França, aliás, mesmo a primeira função distinguiu-se em duas séries de cotidianos: os de informação e os de opinião, os quais, por sua vez, ou dependem diretamente de partidos, ou têm uma aparência de imparcialidade (*Action Française - Temps - Débats*). Na Itália, pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos. Por exemplo: no pós-guerra, Giolitti tinha uma série de jornais que representavam as várias correntes ou frações do partido liberal democrático: «La Stampa», em Turim, que buscava influir sobre os operários e, de vez em quando, tinha acentuadas tendências reformistas (em «La Stampa», todas as posições eram eventuais, intermitentes, a depender de Giolitti estar ou não no poder etc.); a «Tribuna», em Roma, que era ligada à burocracia e à indústria protecionista (enquanto «La Stampa» era mais liberista — de modo mais acentuado quando Giolitti não estava no poder); «Il Mattino», em Nápoles, ligado às camarilhas meridionais giolittianas, com outros órgãos menores («La Stampa», graças a certa colaboração e a serviços de informação, estava à frente de um truste jornalístico do qual faziam parte, sobretudo, «Il Mattino», «La Nazione» e também «Il Resto del Carlino»).

«Il Corriere| della Sera» formava uma corrente à parte, que |75|
buscava ser na Itália o que ⟨ é ⟩ o «Times» na Inglaterra, guardião dos valores nacionais acima das diferentes correntes. De fato, estava ligado à indústria lombarda de exportação têxtil (e borracha) e, por isso, era mais permanentemente liberista: no pós-guerra, o «Corriere» estava à direita do nittismo (depois de ter apoiado Salandra). O nittismo tinha também uma série de jornais: o «Corrie-

re», à direita; o «Carlino», ao centro-direita; [«Il Mondo», ao centro-esquerda,] «Il Paese», à esquerda. O nittismo tinha dois aspectos: plutocrático, ligado à indústria protegida, e de esquerda. Uma posição à parte era ocupada pelo o «Giornale d'Italia», ligado à indústria protegida e aos grandes proprietários fundiários da Emília, do Centro e do Mezzogiorno. É interessante notar que os grandes jornais que representavam a tradição do Partido de Ação — «Il Secolo» em Milão, «Gazzetta del Popolo» em Turim, «Messaggero» em Roma, «Roma» em Nápoles — tiveram, entre 1921 e 1925, uma atitude diversa daquela de «La Stampa», do «Il Corriere», do «Giornale d'Italia» - «Tribuna», de «Il Mattino» e também de «Il Resto del Carlino».

«Il Corriere» foi sempre antigiolittiano, como expliquei numa nota anterior [1]. Mesmo na época da guerra líbica, «Il Corriere» se conservou neutro até poucos dias antes da declaração de guerra, quando publicou o artigo de Andrea Torre, barulhento e cheio de disparates [2].

O nittismo era ainda uma formação política em evolução: mas Nitti carecia de algumas qualidades essenciais a um homem de Estado, era muito medroso fisicamente e muito pouco decidido: porém, era muito esperto, mas essa é uma qualidade subalterna. A criação da Guarda Régia é o único ato político importante de Nitti: Nitti queria criar um parlamentarismo de tipo francês (deve-se notar como Giolitti buscava sempre as crises extraparlamentares: Giolitti, com esse "truque", queria manter formalmente intacto o direito do rei de nomear os ministros fora ou, pelo menos, à *margem* do Parlamento; em todo caso, impedir que o governo fosse excessivamente ligado ou exclusivamente ligado ao Parlamento), mas se colocava o problema das forças armadas e de um possível golpe
|75A| de Estado. Já que os carabineiros dependiam | disciplinarmente e politicamente do Ministério da Guerra, ou seja, do Estado-Maior (ainda que, financeiramente, dependessem do Ministério do Interior), Nitti criou a Guarda Régia, como força armada dependente do Parlamento, como contrapeso a qualquer veleidade de golpe de Estado. Por um estranho paradoxo, a Guarda Régia, que era um

exército profissional completo, ou seja, de tipo reacionário, deveria ter uma função democrática, como força armada da representação nacional contra as possíveis tentativas das forças irresponsáveis e reacionárias. Deve-se observar a luta oculta que se travou, em 1922, entre nacionalistas e democratas em torno dos carabineiros e da Guarda Régia. Os liberais, sob a máscara de Facta, queriam reduzir o corpo dos carabineiros ou incorporar uma grande parte deles (50%) à Guarda Régia. Os nacionalistas reagem e, no Senado, o general Giardino fala contra a Guarda Régia e consegue fazer dissolver sua cavalaria [3] (recordar a cômica e mísera defesa que «Il Paese» fez dessa cavalaria: o prestígio do cavalo etc. etc).

As diretivas de Nitti eram muito confusas: em 1918, quando era ministro da Fazenda, fez uma campanha oratória em favor da industrialização acelerada da Itália, inventando grandes mentiras sobre as riquezas minerais de ferro e de carvão do país (o ferro era aquele de Cogne, o carvão era a linhita toscana: Nitti chegou a afirmar que a Itália poderia exportar tais minerais, depois de ter abastecido uma sua indústria decuplicada; cf., sobre isso, «L'Italia in rissa», de F. Ciccotti) [4]. Defendeu, antes do armistício, uma apólice de seguro aos combatentes, de 1.000 liras, ganhando assim a simpatia dos camponeses. Significado da anistia aos desertores (italianos no exterior que não mais teriam feito remessas, sobre as quais o Banco de Descontos tinha quase o monopólio). Discurso de Nitti sobre a impossibilidade técnica da revolução na Itália, que produziu um efeito fulgurante no Partido Socialista (cf. o discurso de Nitti com a carta aberta de Serrati, de novembro ou dezembro de 1920 [5]. A Guarda Régia era formada por 90% de sulistas. Programa de Nitti sobre as bacias montanhosas na Itália | meridional, |76| que produziu tanto entusiasmo.

A morte do general Ameglio, que se suicidou depois de uma altercação pública com o general Tettoni, encarregado de uma inspeção administrativa sobre a gestão da Cirenaica (Ameglio era o generalíssimo da Guarda Régia) [6]. A morte de Ameglio, pela sua tragicidade, deve ser ligada ao suicídio do general Pollio em 1914 (Pollio tinha, em 1912, no momento da renovação da Tríplice,

assinado a convenção militar-naval com a Alemanha, que entrava em vigor em 6 de agosto de 1914: parece-me que, com base nessa convenção, o Emdem e o Göschen poderiam refugiar-se no porto de Messina: cf., sobre isso, as publicações de Rerum Scriptor na «Rivista delle Nazioni Latine» e em «L'Unità» de 1917-1918, que eu resumi em «Il Grido del Popolo») [7]. Em suas memórias, Salandra refere-se à morte "repentina" de Pollio (não diz que foi suicídio) [8]: o famoso "Memorandum" de Cadorna, que Salandra afirma não conhecer, deve refletir a visão do Estado-Maior sob a gestão Pollio e situar-se no quadro da Convenção de 1912; a declaração de Salandra de não tê-lo conhecido [9] é extremamente importante e repleta de significados sobre a política italiana e sobre a real situação do elemento parlamentar no governo.

No estudo dos jornais como função de partido político, é preciso levar em conta cada indivíduo e sua atividade. Mario Missiroli é um desses. Mas os dois tipos mais interessantes são Pippo Naldi e Francesco Ciccotti. Naldi começou como jovem liberal borelliano — colaborador de pequenas revistas liberais —, diretor de «Il Resto del Carlino»e de «Il Tempo»: foi um importantíssimo agente de Giolitti e de Nitti; ligado aos irmãos Perrone e, certamente, a outros grandes negocistas; durante a guerra, sua atividade é das mais misteriosas. A atividade de Ciccotti é das mais complexas e difíceis, embora seu valor pessoal seja medíocre. Durante a guerra teve atitudes disparatadas: foi sempre um agente de Nitti ou, por algum tempo, também de Giolitti? Em Turim, em 1916-1917, era
|76A| inteiramente | derrotista; convidava à ação imediata. Se pode-se falar de responsabilidades individuais pelos fatos de agosto de 1917, Ciccotti deveria ter sido considerado o mais responsável: ao contrário, foi apenas interrogado pelo promotor e nenhum processo foi aberto contra ele. Recordo a sua conferência de 1916 ou 1917, depois da qual foram presos cerca de cem jovens e adultos acusados de terem gritado "*Viva a Áustria*!". Não creio que ninguém tenha gritado isso, mas depois da conferência de Ciccotti, não teria sido estranho que alguém o tivesse feito. Ciccotti começou sua conferência dizendo que os socialistas eram responsáveis por uma grave

culpa: ter afirmado que a guerra era capitalista. Segundo Ciccotti, isso significava enobrecer a guerra. Então, com uma notável habilidade para despertar os sentimentos populares elementares, ele desenvolveu um romance de folhetim, com fortes tintas, que começava mais ou menos assim: — numa determinada noite, se reuniram no Café Faraglino, Vincenzo Morello (Rastignac), o senador Artom e um terceiro que não me lembro etc. etc.; a guerra se devera à conjuração desses três e ao dinheiro de Barrère. — Lembro-me de ter visto alguns operários, que conhecia como pessoas calmíssimas e equilibradas, ficarem com os cabelos em pé, frenéticos, saindo da sala, após a peroração, num estado de incrível excitação. No dia seguinte, «La Stampa» publicava um artigo não assinado, escrito por Ciccotti, no qual se afirmava a necessidade do bloco de aliança entre Giolitti e os operários, a ser feito a tempo, antes que o aparelho estatal caísse completamente nas mãos dos apulienses de Salandra. Alguns dias depois, «La Giustizia» de Reggio Emilia publicava o relatório de uma conferência de Ciccotti em Reggio, onde exaltara o prampolinismo etc. Recordo que mostrei esse jornal a alguns "duros", que estavam deslumbrados com Ciccotti e queriam que se fizesse uma campanha (claro por incitação do próprio Ciccotti) para |dar-lhe o «Avanti!» Ninguém ainda estudou a fundo os |77| fatos de Turim em agosto de 1917. É certíssimo que os fatos foram espontâneos e devidos à falta prolongada de pão, que, nos dez dias que antecederam os fatos, tinha determinado a falta total de qualquer alimento popular (arroz, polenta, batatas, legumes etc.). Mas a questão é exatamente esta: como explicar essa absoluta falta de alimentos? (Absoluta: na casa onde eu morava, eram puladas três refeições seguidas, depois de um mês no qual as refeições puladas foram crescendo: e era uma casa do centro). O prefeito Verdinois, na sua autodefesa publicada em 1925 [10], não dá explicações suficientes; o ministro Orlando advertiu Verdinois só administrativamente e, no discurso que fez à Câmara, ele também se saiu mal; nesse meio-tempo, nenhuma investigação foi feita. Verdinois acusa os operários, mas sua acusação é uma tolice: ele diz que os fatos não tiveram como causa a falta de pão, já que continuaram mesmo quando foi vendido o pão feito com a farinha dos depósitos mili-

tares. Mas «La Gazzetta del Popolo», já há vinte dias, previa graves fatos por causa da falta de pão e advertia cotidianamente para providenciar a tempo: naturalmente, depois mudou de tom e só falou de dinheiro estrangeiro [11]. Como foi se deixando faltar o pão numa cidade cuja região é escassamente cultivada para trigo e que se tornara uma grande fábrica de guerra, com uma população acrescida de 100 mil trabalhadores para produzir munições?

Tive a convicção de que a falta de pão não foi casual, mas devida à sabotagem da burocracia giolittiana, e, em parte, à inépcia de Canepa, que nem tinha a capacidade para seu cargo nem era capaz de controlar a burocracia que dependia do seu comissariado [12]. Os giolittianos eram de um fanatismo germanófilo incrível: eles sabiam que Giolitti não podia voltar ao poder, mas queriam criar um elo intermediário, Nitti ou Orlando, e derrubar Boselli; o mecanismo funcionou tarde, quando Orlando já estava no poder, mas o |77A| fato ⟨fora⟩ preparado ⟨para⟩ fazer cair | o Governo Boselli em uma poça de sangue turinês [13]. Por que Turim foi escolhida? Porque era quase toda neutralista, porque Turim fizera greve em 1915, mas sobretudo porque os fatos tinham importância particularmente em Turim. Ciccorti foi o principal agente dessa trama; ele ia com muita frequência a Turim, e nem sempre para pronunciar conferências para os operários, mas também para falar com o pessoal de «La Stampa». Não creio que os giolittianos estivessem em contato com a Alemanha: isso não era indispensável. O seu rancor era de tal forma pelos fatos de 1915 em Roma e porque acreditavam que a hegemonia piemontesa seria fortemente abalada ou mesmo destruída, que eram capazes de tudo: o processo de Portogruaro contra Frassati e a questão do coronel Gamba [14] mostram apenas que essa gente perdera todo controle. Precisaria ter visto a satisfação com que os redatores da «La Stampa», depois de Caporetto, falavam do pânico que reinava em Milão entre os dirigentes, bem como da decisão do «Corriere» de transferir todas as suas instalações, para compreender do que poderiam ser capazes: indubitavelmente, os giolittianos tiveram medo de uma ditadura militar que os encostasse contra a parede; falavam de uma conjura Cadorna-Albertini

para dar um golpe de Estado: a sua insistência para chegarem a um acordo com os socialistas era incrível.

Durante a guerra, Ciccotti serviu de intermediário para publicar no «Avanti!» artigos do Controle Democrático inglês (os artigos eram recebidos pela senhora Chiaraviglio). Lembro-me que Serrati narrou seu encontro em Londres com uma senhora que queria lhe agradecer em nome do Comitê e o espanto do pobre homem, que, em meio a essas intrigas, não sabia que decisão tomar. Um outro caso contado por Serrati: o artigo de Ciccotti contra o Banco Comercial autorizado, o artigo contra o Banco de Descontos censurado; o comentário de Ciccotti a um discurso de Nitti primeiro censurado, depois autorizado, após um telefonema de Ciccotti que mencionava (uma) promessa feita por Nitti e não publicado por Serrati etc. Mas o episódio mais interessante é aquele dos jesuítas, que, através de Ciccotti, tentavam fazer cessar a campanha em favor dos Santos Mártires [15]; o que, em troca, terão os jesuítas dado a Ciccotti? Mas, apesar de | tudo, Ciccotti não foi expulso, já que se- |78|
ria preciso dar-lhe a indenização jornalística. Um outro desses tipos foi Carlo Bazzi.

§ ⟨117⟩. *Direção política e militar no Risorgimento*. A incerteza política, as contínuas oscilações entre despotismo e constitucionalismo também tiveram seus efeitos sobre o exército piemontês. Pode-se afirmar que, quanto mais um exército for numeroso, ou seja, quanto mais profundas massas da população são incorporadas a ele, tanto mais cresce a importância da direção política sobre a meramente técnico-militar. A combatividade do exército piemontês era altíssima no início da campanha de 1848: os direitistas acreditaram que tal combatividade fosse expressão de um puro "espírito militar" abstrato, e começaram a intrigar para restringir as liberdades populares. O moral do exército decaiu. A polêmica sobre a "fatal Novara" está toda aqui. Em Novara, o exército não quis combater, por isto foi derrotado. Os de direita acusaram os de esquerda de ter levado a política no exército, de tê-lo desagregado. Mas, na realidade, o exército percebe uma mudança de orientação política, sem necessidade de desagregadores, a partir de uma multiplicidade

de pequenos fatos, cada um dos quais pode parecer insignificante, mas que, juntos, formam uma nova atmosfera asfixiante: portanto, a causa não é outra senão de quem mudou a direção política, sem prever as consequências militares, ou seja, substituiu uma política ruim no lugar da anterior que era boa, conforme ao fim. O problema é ligado ao conceito de oportuno e de conforme ao fim: se os homens fossem máquinas, o conceito de conforme ao fim seria simples. Mas, os homens não são um instrument material que se pode usar nos limites da sua coesão mecânica e física: no "conforme ao fim", portanto, é preciso sempre incluir a distinção "segundo o instrumento dado". Se com um martelo de madeira se golpeia um
|78A| prego, com a mesma energia com que se usaria um martelo | de aço, é o prego que penetra na madeira em vez de enfiar-se na parede. Com um exército de mercenários profissionais, a direção política é mínima (embora exista também neste caso de alguma forma): com um exército nacional formado por recrutamento o problema muda; nas guerras de posição feitas por grandes massas que só com grandes reservas de força moral podem resistir ao grande desgaste muscular, nervoso, psíquico, só ⟨com⟩ uma habilíssima direção política, que leve em conta as aspirações mais profundas das massas, se impede a desagregação e o desmantelamento.

A direção militar deve estar sempre subordinada à direção política, ou seja, os comandos do exército devem ser a expressão militar de uma determinada política. Naturalmente, pode ocorrer que os homens políticos não valham nada, enquanto no exército existam líderes que à capacidade militar conjuguem a capacidade política. Este é o caso de César e de Napoleão; mas em Napoleão viu-se como a mudança de política, aliada à presunção de ter um instrumento militar abstratamente militar, tenha levado à sua ruína: ou seja, também nestes exemplos de direção política e militar unidas em um mesma pessoa, a política era superior à direção militar. Os livros de César, mas especialmente o *De bello civili*, são um clássico exemplo de exposição de uma sábia combinação de política e arte militar: os soldados viam em César não apenas um grande líder militar, mas também um grande líder político.

Lembrar que Bismarck defendia a supremacia do político sobre o militar, enquanto Guilherme II, de acordo com o relato de Ludwig [1], advertiu raivosamente um jornal em que a opinião de Bismarck era referida ou se expressava uma opinião similar. Assim os alemães venceram brilhantemente quase todas as batalhas, mas perderam a guerra.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 112-14.

|79| |§ ⟨118⟩. *O problema dos voluntários no Risorgimento*. Há uma tendência em supevalorizar a participação das classes populares no Risorgimento, insistindo especialmente no fenômeno do voluntariado (ver, p. ex., o artido de Rota na «Nuova Rivista Storica») [1]. À parte o fato de que nestes artigos aparece que os voluntários eram malvistos pelas autoridades piemontesas, o que confirma precisamente a má direção politico-militar, mas em todo caso deve-se observer que há sobrevalorização. Mas, este problema do voluntariado coloca mais em evidência a deficiência da direção político-militar. O governo piemontês podia recrutar obrigatoriamente soldados em seu território estatal, proporcionalmente à sua população, como a Áustria podia fazer no seu território e em relação à sua população enormemente maior: uma guerra a fundo nestes termos, teria sido sempre desastrosa para o Piemonte depois de um certo tempo. Posto o princípio de que "a Itália o fará sozinha" era preciso ou aceitar a Confederação entre iguais com outros Estados italianos, ou propor a unidade política territorial sobre uma base política popular tal que as massas se levantasem contra os outros governos e constituíssem exércitos voluntários que acorressem ao lado dos piemonteses. Mas precisamente esta é a questão: que não se pode exigir entusiasmo, espírito de sacrifício etc. com base em um programa abstrato e na confiança genérica em um governo distante. Este foi o drama de 1848, mas não se pode acusar o povo: a responsabilidade é dos moderados e talvez ainda mais do Partido de Ação, isto é, no fundo da escassíssima eficiência da classe dirigente [2].

CF. CADERNO 19 (X), PP. 114-15.

|79A| |§ ⟨119⟩. *A demagogia*. As observações feitas sobre a deficiência de direção político-militar no Risorgimento [1] poderiam ser rebatidas com um argumento muito comum e gasto: "aqueles homens não foram demagogos, não fizeram demagogia.". É preciso se entender a respeito da palavra e do conceito de demagogia. Aqueles homens, efetivamente, não souberam guiar o povo, não souberam despertar-lhe o entusiasmo e a paixão, se se entende demagogia em seu significado originário. Mas eles alcançaram o objetivo que se propunham? É preciso ver: eles se propunham a [criar] o Estado moderno na Itália e não conseguiram, se propunham a criar uma classe dirigente difusa e enérgica e não conseguiram, de aproximar o povo ao Estado e não conseguiram. A mesquinha vida política de 1870 até 1900, a rebeldia elementar [e endêmica] das classes populares, a criação débil e mesquinha de uma camada dirigente cética e acomodada são as consequências daquela deficiência. Na ralidade, assim os homens do Risorgimento foram grandes demagogos: eles fizeram do povo-nação um instrumento, degradando-o, e nisso consite a máxima demagogia, no sentido pejorativo que a palavra tem assumido na boca dos partidos de direita, em polêmica com os partidos de esquerda, embora sejam os partidos de direita que têm sempre exercitado a pior demagogia.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 115-16.

§ ⟨120⟩. "Acreditem em mim, não tenham medo nem dos patifes nem dos malvados. Tenham medo do homem honesto que se engana; ele tem boa-fé consigo mesmo, acredita no bem e todos
|80| confiam | nele; mas, infelizmente, engana-se a respeito dos meios de conseguir o bem para os homens" [1]. Esta sugestão do Abade Galiani era dirigida contra os "filósofos" do século XVIII, contra os futuros jacobinos, mas se adapta a todos os maus políticos ditos de boa-fé.

§ ⟨121⟩. *Novara 1849*. Em fevereiro de 1849, Silvio Spaventa visitou D'Azeglio em Pisa e desta conversa traz lembrança num escrito político redigido na prisão perpétua em 1856: "Um homem

de Estado piemontês dos mais ilustres me dizia há um mês: Nós não podemos vencer, mas combateremos de novo: nossa derrota será a derrota daquele partido que hoje volta a nos lançar à guerra; e, entre uma derrota e uma guerra civil, nós escolhemos a primeira: ela nos dará a paz interna, a liberdade e a independência do Piemonte, que a outra não nos pode dar. As previsões daquele sábio (!) homem se concretizaram. A batalha de Novara foi perdida para a causa da independência e ganha para a liberdade do Piemonte. E Carlos Alberto, em minha opinião, sacrificou sua coroa mais a esta do que àquela." (Cf. Silvio Spaventa, *Dal 1848 al 1861*. Cartas, textos, documentos, publicados por B. Croce, 2ª. ed., Laterza, p. 58, nota) [1].

CF. CADERNO 19 (X), P. 116.

§ ⟨122⟩. *Temas e estímulos*. Macaulay atribui a facilidade de deixar-se enganar por sofismas quase pueris, até mesmo dos gregos mais cultos, devido à grande predominância do discurso vivo e falado na educação e vida grega. O hábito da conversa gera uma certa capacidade de encontrar com grande rapidez argumentos de alguma aparência que calam momentaneamente a boca do adversário [1]. Esta observação pode ser feita também para algumas classes da vida moderna, como constatação de uma fraqueza (operários) e causa de desconfiança (camponeses, os quais remoendo o que ouviram declamar e que os impressionou momentaneamente pelo brilho e encontrando as deficiências e a superficialidade, terminam | desconfiando do sistema). |80A|

Macaulay refere uma sentença de Eugenio de Savoia, o qual dizia que tiveram maior êxito como generais aqueles que foram postos subitamente à frente do exército e diante da necessidade de pensar em manobras grandes e abrangentes [2] (quem é muito minucioso por profissão, se burocratiza: vê a árvore e não mais a floresta, o regulamento e não mais a estratégia). A propósito da primeira observação pode-se acrescentar: que o jornal se avizinha muito à conversa, os artigos de jornal são em geral apressados, improvisados, similares em grandissíma medida, pela rapidez da concepção,

aos discursos de reunião. São poucos os jornais que têm redatores especializados e mesmo a atividade destes é em grande parte improvisada: geralmente, a especialização serve para improvisar melhor e mais rapidamente. Faltam, nos jornais italianos, as análises periódicas mais ponderadas e estudadas (teatro, por exemplo, política econômica etc.; os colaboradores suprem apenas em parte e eles nem sempre seguem a mesma orientação). Portanto, a solidez de cultura pode ser medida em três níveis: 1°, leitores apenas de jornais; 2°, leitores de revistas; 3°, leitores de livros; sem ter em conta uma grande multidão que não lê nem os jornais e forma opiniões através da pura conversa esporádica com indivíduos do seu mesmo nível geral que lêem os jornais, e aquela multidão que forma as convicções assistindo a reuniões periódicas e nos períodos eleitorais realizadas por oradores de níveis variadíssimos. Essa apatia impressionou-me especialmente em Milão, onde no cárcere era permitido «Il Sole»; no entanto, um certo número, também dos políticos, lia mais a «Gazzetta dello Sport» ; entre 2500 investigados, se vendiam no máximo 80 copias de «Il Sole»; mais lidas a «Gazzetta dello Sport» , a «Domenica del Corriere» , o «Corriere dei Piccoli» .

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 29 BIS - 30.

§ ⟨123⟩. *Investigar a origem histórica exata* de alguns princípios
|81| da pedagogia moderna: a escola | ativa, ou seja, a colaboração amigável entre professor e aluno; a escola ao ar livre: a necessidade de deixar livre, sob o vigilante mas não ostensivo controle do professor, o desenvolvimento das faculdades espontâneas do estudante.

A Suíça deu uma grande contribuição à pedagogia moderna (Pestalozzi etc.), graças à tradição genebrina de Rousseau; na realidade, esta pedagogia é uma forma confusa de filosofia ligada ⟨a⟩ uma série de regras empíricas. Não se levou em conta que as ideias de Rousseau são uma violenta reação contra a escola e os métodos pedagógicos dos jesuítas e, enquanto tal, representam um progresso: mas, posteriormente, formou-se uma espécie de igreja, que paralisou os estudos pedagógicos e deu lugar a curiosas involuções (nas doutrinas de Gentile e de Lombardo-Radice). A "espontanei-

dade" é uma destas involuções: imagina-se quase que na criança o cérebro seja como um novelo que o professor ajuda a desenovelar [1]. Na realidade, toda geração educa a nova geração, isto é, forma-a, e a educação é uma luta contra os instintos ligados às funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem "atual" à sua época. Não se leva em conta que a criança, desde quando começa a "ver e a tocar", talvez poucos dias depois do nascimento, acumula sensações e imagens, que se multiplicam e se tornam complexas com o aprendizado da linguagem. A "espontaneidade", se analisada, torna-se cada vez mais problemática. Além disso, a "escola", isto é, a atividade educativa direta, é somente uma fração da vida do aluno, o qual entra em contato tanto com a sociedade humana quanto com a societas rerum e se forma critérios a partir destas fontes "extra-escolares" muito mais importantes do que habitualmente se crê. A escola única, intelectual e manual, tem ainda esta vantagem: a de colocar o menino em contato, ao mesmo tempo, com a história humana e com a história das "coisas", sob o controle do professor.

|§ ⟨124⟩. *Os futuristas*. Um bando de estudantezinhos que fugiu |81A| de um colégio de jesuítas, fez uma pequena algazarra num bosque próximo e foi levado de volta sob a férula do guarda-florestal [1].

§ ⟨125⟩. *1919.* Artigos de «La Stampa» contra os técnicos de fábrica e publicações sensacionalistas dos salários mais altos [1]. Seria preciso ver se, em Gênova, a imprensa dos armadores fez a mesma campanha contra o pessoal mais graduado, quando este iniciou a agitação e foi auxiliado pelas tripulações.

§ ⟨126⟩. *1922*. Artigos do Senador Raffaele Garofalo, alto magistrado da Corte de Cassação, na «Epoca» de Roma, a propósito da dependência da magistratura em relação ao Poder Executivo e da justiça administrada por circulares. Mas é especialmente interessante a ordem de razões com que Garofalo sustentava a necessidade imediata de tornar a magistratura independente [1].

§ ⟨127⟩. *A questão dos jovens.* Existem muitas "questões" dos jovens. Duas me parecem particularmente importantes: 1º) A gera-

ção "velha" realiza *sempre* a educação dos "jovens"; haverá conflito, discórdia etc., mas se trata de fenômenos superficiais, inerentes a toda obra educativa e de refreamento, a menos que não se trate de interferências de classe, isto é, os "jovens" (ou uma parte conspícua deles) da classe dirigente (entendida no mais amplo sentido, não só econômico, mas também político-moral) se rebelam e passam para a classe progressiva, que se tornou historicamente capaz de tomar o poder: mas, neste caso, trata-se de "jovens" que da direção dos "velhos" de uma classe passam para a direção dos "velhos" de uma outra classe; de qualquer modo, permanece a subordinação real | dos "jovens" aos "velhos" como geração, mesmo com as diferenças de temperamento e vivacidade acima lembradas; 2°) Quando o fenômeno assume um caráter dito "nacional", isto é, quando não aparece abertamente a interferência de classe, então a questão se complica e torna-se caótica. Os "jovens" estão em estado de rebelião permanente, já que persistem suas causas profundas, sem que seja permitida a análise, a crítica e a superação delas (não de modo conceitual e abstrato, mas histórico e real); os "velhos" dominam de fato, mas [...] après moi le déluge [depois de mim o dilúvio, N.T.], não conseguem educar os jovens e prepará-los para a sucessão. Por quê? Isto significa que existem todas as condições para que os "velhos" de uma outra classe *devam* dirigir estes jovens, sem que possam fazê-lo por razões extrínsecas de pressão político-militar. A luta, da qual as expressões normais exteriores são sufocadas, liga-se como uma gangrena dissolutora à estrutura da velha classe, debilitando-a e apodrecendo-a: assume formas mórbidas, de misticismo, de sensualismo, de indiferença moral, de degenerescências patológicas psíquicas e físicas etc. A velha estrutura não contém e não consegue satisfazer as novas exigências: o desemprego permanente ou semipermanente dos chamados intelectuais é um dos fenômenos típicos desta insuficiência, que assume caráter agudo nos mais jovens, na medida em que não lhes deixa "horizontes abertos". Ademais, esta situação leva aos "quadros fechados" de caráter feudal-militar, isto é, aguça ela mesma os problemas que não sabe resolver [1].

|82|

§ ⟨128⟩. *Religião como princípio e clero como classe-ordem feudal*. Quando se exalta a função que a Igreja teve na Idade Média em favor das classes inferiores, esquece-se simplesmente de uma coisa: que esta função não estava ligada à | Igreja como expoente de um princípio re- |82A| ligioso-moral, mas à Igreja como organização de interesses econômicos bastante concretos, que devia lutar contra outras ordens que pretendiam diminuir sua importância. Portanto, esta função foi subordinada e incidental: mas o camponês não era menos extorquido pela Igreja do que pelos senhores feudais. Talvez se possa dizer o seguinte: que a "Igreja" como comunidade dos fiéis conservou e desenvolveu determinados princípios político-morais em oposição à Igreja como organização clerical, até a Revolução Francesa, cujos princípios são [próprios] da comunidade dos fiéis contra o clero, ordem feudal aliada ao rei e aos nobres: por isso, muitos católicos consideram a Revolução Francesa um cisma [e uma heresia], isto é, uma ruptura entre pastor e rebanho, do mesmo tipo que a Reforma, porém historicamente mais madura por ter ocorrido no terreno do laicismo: não padres contra padres, mas fiéis-infiéis contra padres. [O verdadeiro ponto de ruptura entre democracia e Igreja, porém, deve ser situado na Contrarreforma, quando a Igreja necessitou do braço secular (em grande estilo) contra os luteranos e abdicou de sua função democrática]*.

§ ⟨129⟩. *O mais difundido lugar-comum* sobre o Risorgimento é o de repetir de várias maneiras que essa reviravolta histórica foi possível por *mérito unicamente* das classes cultas. Onde esteja o *mérito* é difícil de entender. *Mérito* de uma classe culta porque sua função histórica é aquela de *dirigir* as massas populares: se a classe culta não conseguiu cumprir a sua função, não se deve por certo falar de *mérito*, mas de *demérito*, isto é, de imaturidade e de fraqueza íntima.

CF. CADERNO 19 (X), P. 115.

§ ⟨130⟩. *Itália real e Itália legal*. A fórmula encontrada pelos clericais, depois de 1870, para indicar o mal estar político nacional: contradição entre Itália legal e Itália real. Em Turim saiu até alguns

*ACRESCENTADO POSTERIORMENTE.

|83| anos antes da guerra um diário | (depois semanário), «L'Italia reale», dirigido pelo advogado Scala e orgão do mais baixo clericalismo [1]. Como surgiu a fórmula, por quem foi inventada e qual justificação teórico-político-moral lhe foi dada? Deve-se fazer uma pesquisa («Civiltà Cattolica», primeiros números da própria «Italia reale» de Turim etc.). Essa é, em geral, feliz, porque existia uma separação nítida entre o *Estado* (legalidade) e a *sociedade civil* (realidade), mas esta *sociedade civil* estaria toda e somente no "clericalismo"? Ter presente que esta mesma *sociedade civil* era algo de informe e caótica e assim permaneceu por muitas décadas; portanto, foi possível ao *Estado* dominá-la, superando sucessivamente as contradições que se apresentavam de forma esporádica, localista, sem nexo nacional. Nem o clericalismo, portanto, era a expressão desta sociedade civil, porque não conseguiu organizá-la nacionalmente, embora tenha sido uma forte e compacta (formalmente) organização nacional. Ter presente que esta organização não era politicamente homogênea e tinha medo das mesmas massas que dominava em um certo sentido. A fórmula do "non expedit" foi a expressão deste medo e incerteza; o boicote parlamentar, que parecia uma atitude duramente intransigente, era na realidade expressão do mais rasteiro oportunismo. A experiência política, especialmente francesa, havia demonstrado que o sufrágio universal e o plebiscito de base amplíssima podiam ser um aparelho favoravilíssimo às tendencias reacionárias clericais (ver a este propósito as ingênuas observações de Jacques Bainville na sua *Storia della Francia* que implicitamente recrimina o legitimismo por não ter tido confiança no sufrágio universal como, ao contrário, havia feito Napoleão III) [2]; mas o clericalismo sentia não ser a expresão real da "sociedade civil" |83A| italiana e que um sucesso teria sido efêmero e teria | determinado o ataque frontal das forças novas evitado em 1870. Experiência do sufrágio ampliado em 1882 e reação crispina. No entanto, a atitude clerical de manter *estática* a separação entre Estado e sociedade civil era objetivamente "subversiva" e uma nova organização expressa pelas forças que amadureciam nesta sociedade poderia aproveitar-se como campo de manobra para atacar o Estado; por isso, a reação estatal em 1898 golpeou, ao mesmo tempo, o socialismo e o cle-

ricalismo, considerando-os, com acerto, igualmente "subversivos" e objetivamente aliados. Disso, percebeu-se também o Vaticano e, assim, a partir deste momento começa a sua nova política, o abandono real do "non expedit" também no campo parlamentar (o município era tradicionalmente considerado *sociedade civil* e não Estado). Isso permite a introdução do sufrágio universal, o pacto Gentiloni e, portanto, a fundação do Partido Popular em 1919. A questão permanece (da Itália real e legal) mas em um plano mais elevado político e histórico, e daí os episódios de 1924-1926 até a supressão de todos os partidos, com a afirmação de ter alcançado uma identidade entre *real e legal*, porque a "sociedade civil" em todas as suas formas estava dominada por uma só organização estatal – de partido.

CF. CADERNO 19 (X), PP. 118-20.

§ ⟨131⟩. *Bainville e o sufrágio universal na França*. A afirmação de Bainville sobre o sufrágio universal que podia (e poderia servir) também ao legitimismo como servira a Napoleão III [1], é ingênua, porque baseada sobre um sociologismo ingênuo e abstratamente tolo. O sufrágio universal é considerado como um esquema sociológico, abstraido do tempo e do espaço. Na realidade, da história francesa houve vários "sufrágios universais" conforme mudaram historicamente as relações econômico-políticas. As crises do "sufrágio universal" na França são determinadas pelas relações entre Paris e a província. Paris | adota o sufrágio universal em 1848, mas |84| ele expressa um Parlamento reacionário-clerial que permite a Napoleão III fazer sua carreia. Em 1871* Paris deu um grande passo adiante porque rebela-se contra a Assembleia nacional formata pelo sufrágio universal, isto é, implicitamente Paris "compreendeu" que entre progresso e sufrágio universal "pode" haver conflito, mas esta esperiência hitórica, de valor inestimável, é perdida imediatamente, porque os seus portadores foram fisicamente suprimidos: não há, portanto, desenvolvimento normal. O sufrágio universal e

* NO MS "1970".

a democracia coincidem sempre mais com a afirmação do partido radical francês e a luta anticlerical: Paris perde sua unidade revolucionária (o sindicalismo é a expressão deste estado de coisas: o abstencionismo eleitroal e o economicismo puro são a aparência "intransigente" desta abdicação de Paris ao seu papel de liderança revolucionária da França, ou seja, eles também são rasteiro oportunismo, as consequências do banho de sangue de 1871) e a sua "democracia" [revolucionária] se divide em classes: pequenos burgueses radicais e operários de fábrica formalmente intransigentes, na realidade ligados ao radicalismo-socialismo que unifica em um plano intermediário cidade e campo. Depois, a guerra retoma o desenvolvimento, mas este ⟨é⟩ ainda incerto.

CF. CADERNO 13 (X), PP. 29-29 A.

§ ⟨132⟩. *O idealismo atual e o nexo ideologia-filosofia.* O idealismo atual faz coincidir ideologia e filosofia (isso significa, em última análise, a unidade [a partir dele] postulada entre real e ideal, entre prática e teoria etc.), ou seja, é um rebaixamento da filosofia tradicional frente à altura à qual a conduzira Croce com suas "distinções". Este rebaixamento é muito visível nos desdobramentos que o idealismo atual mostra nos discipulos de Gentile: os «Nuovi Studi» dirigidos por Ugo Spirito e A. Volpicelli [1] são o documento mais explícito que eu conheço deste fenômeno. A unidade de
|84A| ideologia e filosofia, quando | acontece deste modo remete a uma nova forma de sociologismo, isto é, nem história, nem filosofia, mas um conjunto de esquemas abstratos sustentados por uma fraseologia tediosa e repetitiva. A resistência de Croce a esta tendência é verdadeiramente "heróica": Croce, na minha opinião, tem viva a consciência de que todos os movimentos de pensamento modernos conduzem a uma revalorização triunfal do materialismo histórico, isto é, à reviravolta da posição tradicional do problema filosófico e à morte da filosofia entendida no modo tradicional. Ele resiste com todas as suas forças a esta pressão da realidade histórica, com uma inteligência excepcional dos perigos e dos meios dialéticos para evitá-los. Portanto, o estudo dos seus escritos do período de 1919 até

hoje é de maior valor: a preocupação de Croce nasce com a guerra mundial e com a sua afirmação de que essa é a "guerra do materialismo histórico" [2]. A sua posição "au dessus", em certo sentido, já é um indício de tal preocupação e é um alarme (na guerra "ideologia e filosofia" entraram em frenético conúbio). Também certas recentíssimas suas atitudes (ver o livro de De Man, livro Zibordi etc.) [3] não podem ser explicadas de outra forma porque estão muito em contradição com suas posições "ideológicas" (práticas) de antes da guerra.

CF. CADERNO 10 (XXXIII), P. 38 A.

§ ⟨133⟩. *Arte militar e arte política*. Ainda sobre os arditi [grupos de assalto N.T.] [1]. As relações que existiam em 1917-1918 entre as formações de arditi e o exército em seu conjunto podem levar e já levaram os dirigentes políticos a errôneas formulações de planos de luta. Esquece-se: 1°) que os arditi são simples formações táticas e pressupõem um exército pouco eficiente, mas não completamente inerte: e isso porque, se a disciplina e o espírito militar se relaxaram a ponto de aconselhar uma nova disposição tática, eles existem ainda em certa | medida, à qual corresponde precisamente a nova |85| formação tática; se não fosse assim, haveria certamente a derrota total e a fuga; 2°) que não se deve considerar o arditismo como um sinal da combatividade geral da massa militar, mas, inversamente, como um sinal de sua passividade e de sua relativa desmoralização.

Isto deve ser dito mantendo implícito o critério geral de que as comparações entre a arte militar e a política devem ser sempre estabelecidas cum grano salis, isto é, apenas como estímulos ao pensamento e como termos simplificativos ad absurdum: de fato, falta na militância política a sanção penal implacável para quem erra ou não obedece exatamente, falta o julgamento marcial, além do fato de que a formação política não se compara nem de longe à formação militar. Na luta política, além da guerra de movimento e da guerra de assédio ou de posição, existem outras formas. O verdadeiro arditismo, ou seja, o arditismo moderno, é próprio da guerra de posição, como se viu em 1914-1918. Também a guerra de movimento e a

guerra de assédio dos períodos anteriores tinham, em certo sentido, seus arditi: a cavalaria ligeira e pesada, os bersaglieri etc., as armas velozes em geral desempenhavam em parte uma função de arditi; assim, na arte de organizar as patrulhas, estava contido o germe do arditismo moderno. Este germe estava contido mais na guerra de assédio do que na guerra de movimento: serviço de patrulhas mais extensas e, especialmente, arte de organizar ataques inesperados e inesperados assaltos com elementos selecionados.

Outro elemento a se levar em conta é o seguinte: na luta política, não se pode macaquear os métodos de luta das classes dominantes sem cair em emboscadas fáceis. Nas lutas atuais, este fenômeno |85A| se verifica com frequência: | uma organização estatal debilitada é como um exército enfraquecido; entram em ação os arditi, isto é, as organizações armadas privadas, que têm duas missões: usar a ilegalidade, enquanto o Estado parece permanecer na legalidade, como meio para reorganizar o próprio Estado. Acreditar que se possa opor à atividade privada ilegal outra atividade semelhante, isto é, combater o arditismo com o arditismo, é uma tolice; significa acreditar que o Estado vá permanecer eternamente inerte, o que jamais ocorre, à parte as outras diversas condições. O caráter de classe leva a uma diferença fundamental: uma classe que deve trabalhar diariamente com horário fixo não pode ter organizações de assalto permanentes e especializadas, diferentemente de uma classe que possui amplas possibilidades financeiras e não está ligada, em todos os seus membros, a um trabalho fixo. Tais organizações, profissionalizadas, podem, a qualquer hora do dia ou da noite, desferir golpes decisivos e atacar de surpresa. Portanto, a tática dos arditi não pode ter, para certas classes, a mesma importância que para outras; para certas classes, faz-se necessária, porque apropriada, a guerra de movimento e de manobra, que, no caso da luta política, pode-se combinar com um útil e talvez indispensável uso da tática dos arditi. Mas fixar-se no modelo militar é tolice: a política deve, também aqui, ser superior à parte militar e só a política cria a possibilidade da manobra e do movimento.

De tudo o que se disse decorre que, no fenômeno do arditismo militar, é necessário distinguir entre função técnica de arma especial ligada à moderna guerra de posição e função político-militar: como função de arma especial, o arditismo ocorreu em todos os exércitos na guerra mundial; como função político-militar, ocorreu nos países politicamente não | homogêneos e enfraquecidos, que |86| tinham portanto como expressão um exército nacional pouco combativo e um Estado-Maior burocratizado e fossilizado na carreira.

§ ⟨134⟩. *Luta política e guerra militar*. Na guerra militar, alcançado o objetivo estratégico — destruição do exército inimigo e ocupação de seu território —, chega-se à paz. Deve-se também observar que, para que a guerra termine, basta que o objetivo estratégico seja alcançado apenas potencialmente: ou seja, basta que não haja dúvida de que um exército não pode mais lutar e de que o exército vitorioso "pode" o cupar o território inimigo. A luta política é enormemente mais complexa: em certo sentido, pode ser comparada às guerras coloniais ou às velhas guerras de conquista, ou seja, quando o exército vitorioso ocupa ou se propõe ocupar permanentemente todo ou uma parte do território conquistado. Então, o exército vencido é desarmado e dispersado, mas a luta continua no terreno político e da "preparação" militar. Assim, a luta política da Índia contra os ingleses (e, em certa medida, a luta da Alemanha contra a França ou da Hungria contra a Pequena Entente) conhece três formas de guerra: de movimento, de posição e subterrânea. A resistência passiva de Gandhi é uma guerra de posição, que em determinados momentos torna-se guerra de movimento e, em outros, guerra subterrânea: o boicote é guerra de posição, as greves são guerras de movimento, a preparação clandestina de armas e elementos combativos de assalto é guerra subterrânea. Há uma forma de arditismo, mas ela é empregada com muita ponderação. Se os ingleses estivessem convencidos da preparação de um grande movimento insurrecional destinado a aniquilar* sua atual superioridade estratégica (que consiste, em certo sentido, em sua possibilidade de manobrar através de linhas internas e de concentrar suas forças no

*** VARIANTE INTERLINEAR. ORIGINARIAMENTE: "IMPEDIR".**

|86A| ponto "esporadicamente" mais perigoso) com a compressão | de massa, isto é, obrigando-os a dispersar forças num teatro bélico tornado simultaneamente geral, para eles seria conveniente *provocar* a iniciativa prematura das forças combatentes indianas para identificá-las e decapitar o movimento geral. Da mesma forma, conviria à França que a direita nacionalista alemã se envolvesse num golpe de Estado aventureiro, que obrigasse a presumida organização militar ilegal a se manifestar prematuramente, permitindo uma intervenção, oportuna do ponto de vista francês. Assim, nestas formas de luta mistas, de caráter militar fundamental e de caráter político preponderante (mas toda luta política tem sempre um substrato militar), o emprego dos arditi exige um desenvolvimento tático original, para cuja concepção a experiência da guerra só pode dar um estímulo, não um modelo.

Um tratamento à parte deve ser dado à questão dos "comitadjis" balcânicos, que estão ligados a condições particulares do ambiente físico-geográfico regional, à formação das classes rurais e também à eficiência real dos governos. O mesmo vale para os grupos irlandeses, cuja [forma de] guerra e de organização se vinculava à estrutura social irlandesa. Os comitadjis, os irlandeses e as outras formas de guerra de guerrilha devem ser separados da questão do arditismo, embora pareçam ter pontos de contato [com ele]. Estas formas de luta são próprias de minorias [fracas mas exasperadas] contra maiorias bem organizadas, ao passo que o arditismo moderno pressupõe uma grande reserva, imobilizada por várias razões, mas potencialmente eficiente, que o sustenta e alimenta com contribuições individuais.

§ ⟨135⟩. *Americanismo*. O artigo de Carlo Pagni "A proposito di un tentativo di teoria pura del corporativismo" («Riforma Sociale», |87| setembro-outubro de 1929) [1] examina o volume de | N. Massimo Fovel *Economia e corporativismo* (Ferrara, S.A.T.E., 1929) e menciona outro texto do mesmo *Rendita e salario nello Stato Sindacale* (Roma, 1928), mas não percebe que nesses escritos Fovel faz do "corporativismo" a premissa à introdução na Itália dos sistemas industriais americanos. Seria interesante saber se Fovel escreve "extraindo da sua cabeça" ou tem atrás de si (praticamente, não apenas teorica-

mente) forças econômicas que o sustentam e o estimulam. A figura de Fovel é interessante em muitos aspectos; em um certo sentido faz parte da galeria do tipo Ciccotti-Naldi-Bazzi-Preziosi etc., mas é mais complexa. Fovel, que eu saiba, começou como "radical", antes da guerra: ele queria rejuvenescer o movimento radical tradicional, flertando um pouco com os republicanos, especilamente federalistas ou regionalistas («Critica Politica» de Oliviero Zuccarini). Durante a guerra deve ter sido giolittiano. Em 1919 entra no P.S. em Bolonha, mas jamais escreveu no «Avanti!». Em 1919 (ou ainda em 1918?) o conheci em Turim muito brevemente. Os industriais turinenses tinham comprado a velha e infame «Gazzetta di Torino» para torná-la seu órgão. Fiquei com a impressão de que Fovel aspirava tornar-se o diretor da nova publicação; certamente ele estava em contato com os ambientes industriais. Mas como diretor foi chamado Tomaso Borelli, jovem liberal, substituído por Italo Minunni da «Idea Nazionale» [2] (a «Gazzetta di Torino» tornou-se «Il Paese», mas não prosperou e foi suprimida). Em 1919 Fovel me escreveu uma carta curiosa, em que disse que "sentia o dever" de colaborar com o «L'Ordine Nuovo» semamalmente; eu lhe respondi, estabelecendo os limites da sua possível colaboração, muito fria e secamente e não tive mais notícias disso [3]. Fovel passou para o lado de Passigli-Gardenghi-Martelli, que havia feito de «Il Lavoratore de Trieste» um centro de negócios muito lucrativo e devia ter contatos com o ambiente industrial turinense. A este | propósito, é notável a tentativa |87A| de Passigli de transpotar-me a Trieste, como redator de «Il Lavoratore», cuja administração também teria gestido o «O.N.» mantendo eu a direção (Passigli veio a Turim para falar comigo e subscreveu 100 liras para o «O.N.») [4] : eu recusei e não quis nem mesmo ser colaborador de «Il Lavoratore» [5]. Em 1921, nos escritórios de «Il Lavoratore» foram encontrados alguns papéis pertencentes a Fovel e a Gardenghi, dos quais emergiu que eles jogavam na bolsa sobre os valores dos têxteis e, durante a greve dos têxteis vênetos liderada pelos sindicalistas de Nicola [Vecchi]*, dirigiam o jornal conforme os

* ACRESCENTADO POSTERIORMENTE. NO MS ORIGINARIAMENTE AS PALAVRAS, APAGADAS DEPOIS: "(NÃO LEMBRO O SOBRENOME)".

interesses do seu jogo. Depois de Livorno não sei o que fez Fovel. Em 1925 desponta ainda no «Avanti!» De Nenni e Gardenghi e monta a campanha pelos empréstimos americanos, imediatamente explorada pela «Gazzetta del Popolo» ligada ao eng. Ponti, da S.I.P [6]. Em 1925-1926 Fovel colaborou frequentemente na «Voce Repubblicana». Hoje defende o "corporativismo" como premissa à americanização e escreve no «Il Corriere Padano» de Ferrara.

O que me parece interessante na tese de Fovel é a sua concepção da corporação como um bloco industrial-produtivo autônomo, destinado a resolver em sentido moderno o problema do aparato econômico em sentido acentuadamente capitalista, contra os elementos parasitários da sociedade que se apropriam de uma parcela excessivamente vultosa da mais-valia, contra os chamados "produtores de poupança". A produção da poupança deveria, portanto, ser função do próprio bloco produtivo, através de uma agregação da produção a custo decrescente, através da criação de uma maior massa de mais-valia, que permita mais altos salários e, portanto, um mercado interno mais capaz e uma poupaça operária e mais altos lucros e portanto uma maior capitalização direta no próprio seio
|88| das empresas e não através da | intermediação dos "produtores de poupança", que são na realidade devoradores de mais-valia. Pagni está certo quando diz que não se trata de uma nova economia política, mas de uma nova política econômica; suas objeções, portanto, concretamente, são apenas a constatação do atrasado ambiente italiano para semelhante transformação econômica. O erro de Fovel consiste em não ter em conta a função econômica do Estado na Itália e do fato que o regime corporativo teve origens de polícia econômica, não de revoluçao econômica. Os operários Italianos nunca se opuseram, nem mesmo psssivamente, às inovações industriais tendentes a uma diminuição dos custos, à racionalização do trabalho, à introdução de mecanismos mais perfeitos e mais perfeitas organizações do conjunto da empresa; muito pelo contrário. Isso ocorreu na América e levou à liquidação dos sindicatos livres e à sua substituição por um sistema de isoladas (entre si) organizações por empresa. Uma análise cuidadosa da história italiana antes de 1922, que não

se deixasse levar pelas aparências exteriores, mas soubesse captar os motivos profundos do movimento, deveria chegar à conclusão de que precisamente os operários foram os portadores das novas exigências industriais e que, a seu modo, as afirmaram vigorosamente; pode-se mesmo dizer que alguns industriais perceberam isso e tentaram se servir disso (tentativa de Agnelli de absorver no complexo da Fiat o «O.N.» e a sua escola) [7]. Além destas considerações, se apresenta a questão: as corporações já existem, elas criam as condições nas quais as inovações industriais podem ser introduzidas em larga escala, porque os operários não podem opor-se a isso, nem podem lutar por serem eles mesmos os portadores dessa transformação. A questão é essencial, e o «hic Rhodus» da situação | italiana: |88A|
portanto, as corporações tornaram-se a forma desta transformação por uma daquelas "astúcias da providência" que faz com que os homens sem desejá-lo, obedeçam aos imperativos da história. O ponto essencial é este: isso pode acontecer? Somos necessariamente levados a negá-lo. A condição tratada acima é uma das condições, não a única condição nem mesmo a mais importante; *é apenas a mais importante das condições imediatas*. A americanização exige um determinado ambiente, uma determinada conformação social e um determinado tipo de Estado. O Estado é o Estado liberal, não no sentido do livre-cambismo, mas no sentido mais essencial da livre iniciativa e do individualismo econômico, que chegou por meios espontâneos, através do próprio desenvolvimento histórico, ao regime dos monopólios. O desaparecimento dos *rentistas* na Itália é uma condição da transformação industrial, não uma consequência: a política econômico-financeira do Estado é a força motriz desse desaparecimento: amortização da dívida pública, títulos nominais, taxação direta e indireta. Não parece que seja esta a direção atual da política ou que esteja se tornando. Ao contrário. O Estado vai aumentando os rentistas e criando quadros sociais fechados. Na realidade, até agora, o regime corporativo funcionou para defender posições ameaçadas das classes médias, não para eliminar estas, e está se tornando, pelos interesses constituídos que cria, uma máquina de conservação do status quo e não uma mola de propulsão. Porque? Porque o regime corporativo depende do desemprego e não

do emprego: defende para os empregados um determinado nível mínimo de vida que, se fosse livre a concorrência, entraria também em colapso, provocando graves convulsões sociais. Muito bem: mas
|89| o regime | corporativo, originado na dependência desta situação delicadíssima, cujo equilíbrio social é preciso manter a todo custo para evitar uma enorme catástrofe, poderia avançar através de pequeníssimas etapas, imperceptíveis, que modifiquem a estrutura social sem abalos repentinos: até mesmo a criança melhor e mais solidamente enfaixada se desenvolve normalmente.

Eis porque seria necessário saber se Fovel é a voz de um indivíduo ou o expoente de forças econômicas que buscam seu caminho. Em todo caso, o processo seria muito longo e novas dificuldades, novos interesses que nesse meio-tempo podem vir a se constituir, farão oposição tenaz ao seu desenvolvimento regular.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 24-29.

§ ⟨136⟩. *Novecentismo de Bontempelli*. O manifesto do "900" de Bontempelli é o artigo de Prezzolini "Viva l'artificio!", publicado em 1915 e reimpresso na p. 51 da coletânea de artigos de Prezzolini *Mi pare...* (Fiume, Ed. Delta, 1925) [1]. Uma série de ideias contidas neste artigo são desenvolvidas e desgastadas por Bontempelli, porque tornadas mecânicas. A sua comédia *Nostra Dea*, de 1925 [2], é uma extensão mecânica das palavras de Prezzolini impressas na p. 56. É visível como o artigo de Prezzolini é muito desajeitado e pedante: ressente-se do esforço feito pelo autor, depois da experiência de Lacerba, para se tornar mais leve e vivaz; o que poderia ser expresso numa epigrama é mastigado e insalivado com muitos trejeitos entediantes. Bontempelli imita a falta de jeito, multiplicando-a. Em Prezzolini, uma epigrama torna-se um artigo, em Bontempelli, um volume.

CF. CADERNO 23 (VI), P. 35.

§ ⟨137⟩. *Novecentistas e strapaesani*. Barroco e Arcádia adaptados aos tempos modernos.

CF. CADERNO 23 (VI), P. 35.

§ ⟨138⟩. *Risorgimento.* Se é verdade que a vida concreta dos Estados é fundamentalmente vida internacional, também é verdade que a vida dos Estados italianos até 1870, isto é, | a "história italiana" é |89A| mais "história internacional" do que história "nacional".

§ ⟨139⟩. *Ação Católica.* É possível fazer uma comparação qualquer entre a Ação Católica e instituições como os terciários franciscanos? Creio que não, embora seja válida alguma referência introdutória, para melhor definir as características da própria A.C. É certo que a criação dos terciários é muito interessante e possui um caráter democrático; ela ilumina melhor o caráter do franciscanismo, como retorno à igreja primitiva, comunidade dos fiéis e não somente do clero como vinha ocorrendo cada vez mais. Portanto, seria bom estudar o êxito desta iniciativa, que não foi grande, já que o franciscanismo não se tornou toda a religião, como era a intenção de Francisco, mas reduziu-se a uma das muitas ordens existentes. A A.C. assinala o início de uma época nova na história da religião católica: quando ela, de concepção totalitária do mundo, torna-se apenas uma parte e deve ter um partido. As diversas ordens religiosas representam a reação da Igreja (comunidade dos fiéis ou comunidade do clero), desde baixo ou do alto, contra a desagregação da concepção (heresias, cismas etc.): a A.C. representa a reação contra a apostasia de massas inteiras, isto é, contra a superação de massa da concepção religiosa do mundo. Não é mais a Igreja que estabelece o terreno e os meios da luta; ela deve aceitar o terreno que lhe é imposto de fora e servir-se de armas retiradas do arsenal de seus adversários (a organização de massa). A Igreja está na defensiva, isto é, perdeu a autonomia dos movimentos e das iniciativas, não é mais uma potência ideológica mundial, mas apenas uma força subalterna.

CF. CADERNO 20 (XXV), PP. 16-17.

§ ⟨140⟩. *A Constituição espanhola de 1812 no Risorgimento.* Por que foi tão popular? Seria preciso compará-la com as outras constituições promulgadas em 1848. Ela certamente era muito | liberal, especialmen- |90| te ao fixar as prerrogativas do parlamento e dos parlamentares.

CF. CADERNO 19 (X), P. 123.

§ ⟨141⟩. *Americanismo.* Do *Trastullo di Strapaese* de Mino Maccari (Florença, Vallecchi, 1928):

Por um penduricalho brilhante / Teu país não trocar: / O estrangeiro é traficante / Confiar nele vai só te arcar / Se for esperto e matreiro / Toda mistura susta / Quem ganha é sempre o forasteiro / Teu bem um mundo custa / Mais vale do vigário o arroto / Que a América e sua glória / No italiano mais roto / há mil anos de história / ⟨...⟩ Tabarino e ciarlestons / Te deixam tolo e murcho / Volta italiano a teus tons / Volta a comer o bucho / Italiano volta ao teu rincão / Não confiar nas modas da França / Cultive cebolas e pão / E bem cheia terás a pança [1].

Maccari, porém, foi ser redator-chefe de «La Stampa» de Turim e foi comer cebola no centro mais supercosmopolita e industrial da Itália.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 29-30.

§ ⟨142⟩. *Giuseppe Prezzolini e os intelectuais.* O *Codice della Vita italiana* (Editora a S.A. La Voce, de Florença, 1921) [1] conclui o período prezzoliniano originário, de escritor moralista sempre em campanha para renovar e modernizar a cultura italiana. Depois ele entra em crise, com altos e baixos curiosíssimos, até se arrebanhar na corrente tradicional e louvar o que havia vituperado.

Uma fase desta crise é representada pela carta de 1923 a P. Gobetti, "Per una società degli Apoti", republicada no livrinho *Mi pare...* (Fiume, Edizioni Delta, 1925) [2]. Sente que sua posição de "espectador" é "um pouco, um pouquinho covarde". "Não seria nosso dever tomar partido? Não há algo de enfadonho, de antipático, de triste, no espetáculo destes jovens [...] que estão (quase todos) fora
|90A| da luta, olhando os | combatentes e apenas se perguntando como e por que são dados os golpes?" Encontra a solução, cômoda: "Nossa tarefa, nossa utilidade, no presente momento e também [...] nos próprios embates que agora dividem e operam, no próprio esforço através do qual se prepara o mundo de amanhã, só pode ser aquele ao qual nos dedicamos, ou seja, o de esclarecer ideias, de destacar

valores, de salvar, acima das lutas, um patrimônio ideal, a fim de que ele possa voltar a frutificar nos tempos futuros." O seu modo de ver a situação é espantoso: "O momento que atravessamos é de tal modo crédulo, fanático, partidário, que um fermento de crítica, um elemento de pensamento, um núcleo de pessoas que olhem acima dos interesses, só pode fazer bem. Não estamos vendo muitos dos melhores tornarem-se cegos? Hoje, tudo é aceito pelas multidões: o documento falso, a lenda grosseira, a superstição primitiva são aceitas sem exame, de olhos fechados, e propostas como remédio material e espiritual. E quantos dos líderes têm como programa explícito a escravidão do espírito como remédio para os cansados, como refúgio para os desesperados, como panaceia para os políticos, como calmante para os exasperados! Poderíamos nos intitular a Congregação dos Abstêmios, 'daqueles que não as engolem', pois são evidentes e manifestos por toda a parte não só o hábito, mas também a vontade geral de engolir tudo isso."

Uma afirmação de singular jesuitismo sofístico: "É necessário que uma minoria, adequada a isso, sacrifique-se se for preciso e renuncie a muitos sucessos exteriores, sacrifique até mesmo o desejo de sacrifício e de heroísmo, não diria para ir precisamente contra a corrente, mas estabelecendo um ponto sólido, a partir do qual o movimento para frente será retomado" etc. etc.

Diferença entre Prezzolini e Gobetti; ver se a carta teve resposta e qual [3].

CF. CADERNO 23 (VI), PP. 35-37.

| § ⟨143⟩. *Qualidade e quantidade*. No mundo da produção significa apenas *bom mercado e alto preço*, ou seja, satisfação ou não das necessidades elementares das classes populares e elevação ou rebaixamento do seu nível de vida. Tudo o mais é romance ideológico de folhetim. Em uma empresa-nação, onde existe muita mão de obra e pouca matéria-prima, o grito "Qualidade" significa apenas querer empregar muito trabalho em pouca matéria, ou seja, querer especializar-se para um mercado de luxo. Mas isso é possível? 1°) Onde |91|

existe muita matéria-prima, são possíveis os dois sistemas, qualitativo e quantitativo, enquanto o mesmo não se aplica aos países pobres; 2°) A produção quantitativa pode ser também qualitativa, isto é, fazer concorrência à indústria puramente qualitativa entre setores da classe consumidora de objetos "selecionados", que não é tradicionalista por ser de nova formação; 3°) Qual indústria fornecerá os objetos de consumo das classes pobres? Será formada uma situação de divisão internacional do trabalho?

Trata-se, afinal, de uma formula de literatos desocupados, e de políticos demogogos que fecham os olhos para não ver a realidade. A qualidade deveria ser atribuída aos homens e não às coisas. E a qualidade humana eleva-se na medida em que o homem satisfaz um número maior de necessidades e torna-se independente delas. O alto preço do pão, devido ao fato de se pretender manter um número maior de pessoas ligado a uma determinada atividade, leva à desnutrição. A política da qualidade determina quase sempre seu oposto: quantidade desqualificada.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 30-31.

§ ⟨144⟩. Auguste Boullier, *L'île de Sardaigne. Description, Histoire, Statistique, Moeurs, État social*, Paris, E. Dentu, 1865 [1]. Boullier esteve na Sardenha quando se falava de sua cessão à França [2]. Também escreveu um outro volume, *Le Dialecte et les Chants Populaires de la Sardaigne* [3]. O livro não tem mais valor. É interessante por alguns aspectos. Boullier tenta explicar as causas das dificuldades |91A| que se apresentaram na Sardenha contra o desaparecimento de restos feudais (bens coletivos etc.), o que envaidecia os defensores do antigo regime [4]. Naturalmente, Boullier, que se põe de um ponto de vista ideológico puro, nada compreende da questão. São lembrados, além disto, alguns elementos que interessam as relações internacionais da Sardenha e sua importância no Mediterrâneo: p. ex., a insistência de Nelson para que o Governo inglês comprasse a Sardenha do rei (do Piemonte) mediante um foro de 500.000 esterlinos anuais. Segundo Nelson, a Sardenha é estrategicamente superior a Malta; além disto, poderia se tornar economicamente

lucrativa sob uma gestão inglesa, enquanto Malta economicamente será sempre deficitária [5].

§ ⟨145⟩. *O talento*. Hofmannsthal dirigiu a Strauss estas palavras, a propósito dos detratores do musicista: "Temos boa vontade, seriedade, coerência, o que vale mais do que o malfadado *talento*, do qual todo patife é dotado" (Recordado por L. Beltrami, num artigo sobre o escultor Quadrelli no «Marzocco» de 2 de março de 1930) [1].

§ ⟨146⟩. Na resenha escrita por A. De Pietri Tonelli na «Rivista di politica economica» (fevereiro de 1930) do livro de Anthony M. Ludovici, *Woman. A vindication* (2a ed., 1929, Londres) é dito: "Quando as coisas vão mal na estrutura social de uma nação, por causa da decadência das capacidades fundamentais de seus homens, afirma o autor, duas distintas tendências parecem sempre tornar-se evidentes: a primeira é a de interpretar mudanças, que são pura e simplesmente sinais da decadência e da ruína de velhas e sadias instituições, como sintomas de progresso; a segunda, resultante da justificada perda de confiança na classe dirigente, é a de dar a cada um, tenha ou não as devidas qualidades, a |segurança de ser indi- |92|
cado para fazer um esforço no sentido de ajustar as coisas" [1]. O autor faz do feminismo uma expressão desta segunda tendência (o que está errado, porque a afirmação de ser uma coisa não é a prova de que se é: o feminismo tem causas vastas e profundas). O autor pede um renascimento do "machismo".

CF. CADERNO 22 (V), P. 31.

§ ⟨147⟩. "Em mil circunstâncias de minha vida fiz saber que era verdadeiramente o prior da Irmandade de São Simplício." *V. Monti* [1].

§ ⟨148⟩. *Lorianismo*. A respeito das teorias altimétricas de Loria poderia-se recordar, para rir, que Aristóteles dizia que "as acrópoles são oportunas para os governos oligárquicos e tirânicos, e as planícies para os governos democráticos" [1].

CF. CADERNO 28 (III), PP. 13-14.

§ ⟨149⟩. *Norte e Sul.* A hegemonia do Norte teria sido "normal" e historicamente benéfica se o industrialismo tivesse tido a capacidade de ampliar seus quadros com um certo ritmo, para incorporar cada vez mais novas zonas econômicas assimiladas. Esta hegemonia teria sido, então, a expressão de uma luta entre o velho e o novo, entre o progressivo e o atrasado, entre o mais produtivo e o menos produtivo; teria ocorrido uma revolução econômica de caráter nacional (e de amplitude nacional), ainda que seu motor fosse temporária e funcionalmente regional. Todas as forças econômicas teriam sido estimuladas e à divisão teria se seguido uma unidade superior. No entanto, não foi assim. A hegemonia se apresentou como permanente; a divisão se apresentou como uma condição histórica necessária por um tempo indeterminado e, portanto, aparentemente "perpétua" para a existência de uma indústria setentrional.

Emigração. Compara-se Itália e Alemanha. É verdade que o de-
|92A| senvolvimento industrial, num primeiro momento, provocou | uma forte emigração na Alemanha, mas, num segundo momento, não só a extinguiu, mas reabsorveu uma parte dela e determinou uma notável imigração. Isto deve ser dito por uma simples comparação mecânica dos dois fenômenos emigratórios, o italiano e o alemão: se o confronto for aprofundado, então aparecerão outras diferenças essenciais. Na Alemanha, o industrialismo produziu, num primeiro momento, um excesso dos próprios "quadros industriais", e foram estes que emigraram, em condições econômicas bem determinadas: emigrou um certo capital humano já qualificado e dotado, junto com um certo estoque de capital financeiro. A emigração alemã era o reflexo de um certo excesso de energia ativa capitalista que fecundava economias de outros países mais atrasados, ou do mesmo nível, mas carentes de homens e de quadros dirigentes. Na Itália, o fenômeno foi mais elementar e passivo e, o que é fundamental, não teve uma solução, mas continua até hoje. Embora praticamente a emigração tenha diminuído e mudado de qualidade, o que importa observar é que tal fato não é função de uma absorção das forças restantes em quadros industriais ampliados, com um padrão de vida nivelado ao dos países "normais". É um produto

da crise mundial, isto é, da existência em todos os países industriais de exércitos de reserva nacionais superiores à normalidade econômica. A função italiana de produtora de reserva operária para todo o mundo acabou, não porque a Itália tenha normalizado seu equilíbrio demográfico, mas porque o mundo todo perdeu o próprio equilíbrio.

Intelectuais e operários. Outra diferença fundamental é esta: a emigração alemã foi orgânica, isto é, ao lado da massa trabalhadora emigraram elementos organizativos industriais. Na Itália, emigrou apenas [1] | a massa trabalhadora, predominantemente ainda amorfa, seja industrialmente, seja intelectualmente. Os correspondentes elementos intelectuais permaneceram e restaram também amorfos, isto é, não modificados em absoluto pelo industrialismo e pela sua civilização; produziu-se um formidável desemprego de intelectuais, que provocou toda uma série de fenômenos de corrupção e de decomposição política e moral, com reflexos econômicos não desprezíveis. O próprio aparelho estatal, em todas as suas manifestações, foi afetado, assumindo um caráter particular. Assim, os conflitos se envenenavam em vez de desaparecer, e cada uma destas manifestações contribuía para aprofundar os conflitos. |...95A|

§ ⟨150⟩. *A concepção do Estado segundo a produtividade [função] das classes sociais*. O livro de R. Ciasca sobre *Le origini del programma nazionale* [1] pode fornecer amplo material para desenvolver este tema. Para as classes produtivas (burguesia capitalista e proletariado moderno), o Estado só é concebível como forma concreta de um determinado mundo econômico, de um determinado sistema de produção. Conquista do poder e afirmação de um novo mundo produtivo são indissociáveis: a propaganda por uma também é propaganda pela outra: na realidade, somente nesta coincidência é que reside a origem unitária da classe dominante que é econômica e política ao mesmo tempo. Ao contrário, quando o impulso para o progresso não é estreitamente ligado a um desenvolvimento econômico local, mas é reflexo do desenvolvimento internacional que envia para a periferia suas correntes ideológicas [nascidas com base no desenvolvimento produtivo dos países mais

avançados], então a classe portadora das novas ideias é a classe dos intelectuais e a concepção do Estado muda de aspecto. O Estado é concebido como uma coisa em si, como um absoluto racional. Pode-se dizer isto: sendo o Estado a moldura concreta de um mundo
|96| produtivo e sendo os intelectuais o elemento | social que melhor se identifica com o pessoal de governo, é próprio da função dos intelectuais pôr o Estado como um absoluto: desse modo, é concebida como absoluta função histórica deles, é racionalizada sua existência. Este motivo é fundamental para o idealismo filosófico e está ligado à formação dos Estados modernos na Europa como "reação — superação nacional" da Revolução Francesa e do napoleonismo [revolução passiva [2]]*. Pode-se observar: que alguns critérios de avaliação histórica e cultural devem ser invertidos. 1º) As correntes italianas que são "etiquetadas" de racionalismo francês e de "iluminismo" são, ao contrário, precisamente as mais aderentes à realidade empírica italiana, na medida em que concebem o Estado como forma concreta de um desenvolvimento econômico italiano. A conteúdo igual convém uma forma política igual. 2º) Ao contrário, são precisamente "jacobinas" as correntes que aparecem como mais autóctones, na medida em que aparentam desenvolver uma corrente tradicional italiana. Esta corrente é "italiana", porque, tendo sido a "cultura", por muitos séculos, a única manifestação italiana nacional, o que é desenvolvimento desta manifestação tradicional mais antiga parece mais autóctono. Mas é uma ilusão histórica. Onde estava a base material desta cultura italiana? Não estava na Itália. Esta "cultura italiana" é a continuação do "cosmopolitismo" medieval ligado à Igreja e ao Império, concebidos como universais. A Itália tem uma concentração intelectual "internacional", acolhe e elabora teoricamente os reflexos da mais consistente e autóctone vida do mundo não italiano. Os intelectuais italianos são "cosmopolitas", não nacionais; até mesmo Maquiavel, no *Príncipe*, reflete mais a França, a Espanha etc., com seu labor pela unificação nacional, do
|96A| que a Itália [3]. Eis porque | chamaria de verdadeiros "jacobinos" os representantes desta corrente: eles verdadeiramente querem apli-

* ACRESCENTADO À MARGEM POSTERIORMENTE.

car à Itália um esquema intelectual racional, elaborado com base na experiência alheia e não na experiência nacional. A questão é muito complexa e plena de aparentes contradições, e, por isso, é preciso ainda examiná-la profundamente numa base histórica. De qualquer modo, no Risorgimento, os intelectuais meridionais revelam-se claramente serem estes estudiosos do "puro" Estado, do Estado em si. E, sempre que os intelectuais parecem "dirigir", a concepção do Estado em si reaparece com todo o cortejo "reacionário" que comumente a acompanha.

CF. CADERNO 10 (XXXIII), PP. 39 A - 40 A.

§ ⟨151⟩. *Relação histórica entre o moderno Estado francês nascido da Revolução e os outros Estados modernos europeus.* A questão é de sumo interesse, desde que não seja resolvida segundo abstratos esquemas sociológicos. Historicamente, ela deriva destes elementos: 1º) Explosão revolucionária na França; 2º) Oposição europeia à Revolução Francesa e à sua expansão pelos "canais" de classe; 3º) Guerras revolucionárias da França, com a República e com Napoleão, e constituição de uma hegemonia francesa com tendência a um Estado universal; 4º) Insurreições nacionais contra a hegemonia francesa e nascimento dos Estados modernos europeus mediante ondas sucessivas, mas não mediante explosões revolucionárias como a originária francesa. As "ondas sucessivas" ocorrem por uma combinação de lutas sociais de classes e de guerras nacionais, com predominância destas últimas. Deste ponto de vista, a "Restauração" é o período mais interessante: ela é a forma política na qual a luta das classes encontra quadros elásticos que permitem | |97| à burguesia chegar ao poder sem rupturas clamorosas, sem o aparelho terrorista francês. As velhas classes são rebaixadas da condição de "dirigentes" à de "governativas", mas não eliminadas nem sequer fisicamente suprimidas; de classes se tornam "castas", com determinadas características psicológicas, não mais com funções econômicas predominantes. Pode-se repetir este "modelo" de formação dos Estados modernos? Isto deve ser excluído, pelo menos quanto à amplitude e quanto aos grandes Estados. Mas a questão é de suma importância, já que o modelo França-Europa criou uma mentalidade.

Outra questão importante ligada à mencionada anteriormente é a do papel que os intelectuais acreditaram ter nesta fermentação política incubada pela Restauração. A filosofia clássica alemã é a filosofia desta época e é a que dá vida aos movimentos liberais nacionais de 1848 a 1870. Sobre isso, ver a conversão que Marx faz da fórmula francesa "liberté, fraternité, égalité" para os conceitos filosóficos alemães (*Sagrada família*) [1]. Esta conversão me parece teoricamente importantíssima: deve ser posta ao lado do que escrevi sobre a *Concepção do Estado segundo a produtividade (função) das classes sociais* (nota anterior 150) [2]. O que é "política" para a classe produtiva torna-se "racionalidade" para a classe intelectual.

O que é curioso é que alguns marxistas considerem a "racionalidade" superior à "política", a abstração ideológica superior à concretude econômica. Com base nestas relações históricas, deve-se explicar o idealismo filosófico moderno.

CF. CADERNO 10 (XXXII), PP. 39-39 A.

§ ⟨152⟩. *Marx e Hegel*. No estudo do hegelianismo de Marx deve-se recordar (dado, em especial, o caráter eminentemente
|97A| prático-crítico de Marx) que | Marx participou da vida universitária alemã pouco depois da morte de Hegel, quando deveria ser vivíssima a recordação do ensino "oral" de Hegel e das discussões apaixonadas, com referência à história concreta, que tal ensinamento certamente suscitou*, nas quais a concretude histórica do pensamento de Hegel devia resultar muito mais evidente do que nos escritos sistemáticos. Algumas afirmações de Marx, me parece que devam ser consideradas especialmente ligadas a esta vivacidade "conversativa": por exemplo, a afirmação que Hegel "faz os homens caminharem de cabeça para baixo". Hegel serve-se verdadeiramente desta imagem falando da Revolução Francesa; ele escreve que em um certo momento da Revolução Francesa (quando foi organizada a nova estrutura estatal), "parecia" que o mundo caminhasse sobre

* A PARTIR DE "PARTICIPOU NA VIDA UNIVERSITÁRIA ALEMÃ", ATÉ "TAL ENSINAMENTO CERTAMENTE SUSCITOU", O TEXTO SUBSTITUI ALGUMAS LINHAS APAGADAS COM CANETA E TORNADAS ILEGÍVEIS PELO PRÓPRIO GRAMSCI".

a cabeça ou algo similar (cf.). Parece-me que Croce perguntava [verificar aonde] de onde Marx recolheu essa imagem: ela está certamente em um livro de Hegel (talvez a *Filosofia do Direito*: não recordo), mas me parece que pela insistência com a qual Marx retorna (acho que Marx repete a imagem: conferir) passa a impressão de que em algum momento tenha sido objeto de uma conversa: ela verdadeiramente parece brotada em uma conversa, de tão fresca, espontânea e pouco "livresca" [1].

CF. CADERNO 10 (XXXIII), P. 39.

§ ⟨153⟩. *Conversação e cultura* (ver na p. 80 a nota: *Temas e estímulos*) [1]. A observação de Macaulay está contida em seu ensaio sobre "*Oratori attici*" (ver, para citar com exatidão, se for o caso) [2]. A observação ainda pode ser desenvolvida. É certo que a cultura, por um grande período, se desenvolveu especialmente na forma oratória ou retórica, ou seja, com nenhum ou pouco auxílio dos textos de outros meios didáticos ou de estudo em geral. Uma nova tradição começa na Idade Média, com os conventos e as escolas regulares. A *escolástica* representa o ponto mais | importante desta |98| tradição. Observando-se bem, o estudo da lógica formal feito pela escolástica é precisamente também uma reação contra o "facilonismo" demonstrativo dos velhos métodos de cultura. Os erros de lógica são especialmente comuns na argumentação falada. A arte da imprensa, em seguida, revolucionou todo o mundo cultural. Nesta investigação está, portanto, implícita outra, a das modificações qualitativas, além das quantitativas (expansão de massa), trazidas ao modo de pensar pelo desenvolvimento técnico e instrumental da organização cultural.

Também hoje, ideologicamente o teatro e o cinema possuem uma rapidez e uma área de ação enormemente mais amplas do que o livro (o teatro e o cinema podem ser comparados ao jornal e às revistas) mas em superfície, não em profundidade.

As academias e as universidades como meios [e organizações] de cultura. Nas universidades a exposição oral e o seminário. O

professor e o assistente; o assistente profissional e os "veteranos de Santa Zita" da escola de Puoti, de que fala De Sanctis [3], ou seja, a formação na própria classe de uma "vanguarda", de uma seleção espontânea dos alunos que ajudam o professor e continuam suas aulas, ensinando praticamente a estudar.

Estas observações foram-me sugeridas pelo *Materialismo histórico* de Bukharin* que se ressente de todas as deficiências da conversação [4]. Seria curioso fazer uma exemplificação de todos os passos que correspondem aos erros lógicos indicados pelos escolásticos, recordando a justíssima observação de Engels que também os "modos" de pensar são elementos adquiridos e não inatos, cuja posse corresponde a uma qualificação profissional [5]. Não possuí-los, não se dar conta de não possuí-los, não se pôr o problema de adquiri-los através de um aprendizado, equivale a querer construir um automóvel sabendo empregar
|98A| e tendo à própria disposição a oficina e os instrumentos de | um ferreiro de aldeia. O estudo da "velha lógica formal" já caiu em descrédito e, em parte, com razão. Mas o problema de promover o aprendizado da lógica se reapresenta se se colocar o problema de criar uma nova cultura em uma base social nova, que não tem tradições, como a velha classe dos intelectuais. Um "bloco intelectual" tradicional, com a complexidade de suas articulações, consegue assimilar no desenvolvimento orgânico de uma ciência o elemento "aprendiz", mesmo sem a necessidade de submetê-lo ao aprendizado formal. Mas nem mesmo isto acontece sem dificuldades e sem perdas. O desenvolvimento das escolas técnicas profissionais em todos os graus pós-elementares, reintroduziu o problema. Recordar a afirmação do prof. Peano que também no Politécnico e nas matemáticas se mostravam mais bem preparados os alunos provenientes do ginásio-liceu em comparação com aqueles provenientes das escolas-institutos técnicos [6]. Esta melhor preparação era dada pelo complexo ensinamento "humanista" (história, literatura, filosofia). Por que a matemática não pode dar os mesmos resultados? A matemática foi aproximada à lógica. No entanto, há uma enorme diferença. A matemática se baseia essencialmente na série numérica, ou seja, numa infinita série de igualdades (1

* NO MS: "BUKH".

= 1), que podem ser combinadas de modos teoricamente infinitos. A lógica formal "tende" a fazer o mesmo, mas só até certo ponto. A sua abstraçao se mantém só no início da aprendizagem, na sua formulação imediata nua e cura, mas se efetiva concretamente no próprio discurso em que essa própria formulação abstrata se realiza. Os exercícios de língua que se fazem no ginásio-liceu demonstram o seguinte: nas traduções latino-italiano, grego-italiano|, nunca há identidade |99| entre as duas línguas ou, pelo menos, esta identidade, que parece existir no início do estudo (rosa = rosa), vai sempre mais se complicando com o progredir da aprendizagem, ou seja, vai se afastando do esquema matemático até chegar ao histórico e psicológico, em que as nuanças, a expressividade "única e individualizada" têm prevalência. E isto não acontece só na comparação entre duas línguas, mas acontece no estudo da história de uma mesma "língua", ou seja, nas variações "semânticas" do mesmo som-palavra através do tempo e das suas funções mudadas no período. (Mudanças de som, de morfologia, de sintaxe, de semântica). (*Esta série de observações deve ser continuada e relacionada com as notas precedentes*).

CF. CADERNO 16 (XXII), PP. 30-31 BIS.

§ ⟨154⟩. *Clero e intelectuais.* Existe algum estudo orgânico sobre a história do clero como "*classe-casta*"? Parece-me que seria indispensável, como preparação e condição para todo o restante estudo sobre a função da religião no desenvolvimento histórico e intelectual da humanidade. A precisa situação jurídica e de fato da Igreja e do clero nos vários períodos e países, suas condições e funções econômicas, suas relações exatas com as classes dirigentes e com o Estado etc. etc.

§ ⟨155⟩. *Marx e Hegel* (cf. nota anterior) [1]. Antonio Labriola no texto *Da un secolo all'altro*: "Foi precisamente aquele *conservador* do Hegel quem disse que aqueles homens (da Convenção) foram os primeiros, depois de Anaxágoras, a tentar inverter a noção do mundo, apoiando esse sobre a razão" (cf. A. Labriola, *Da un secolo all'altro*, ed. Dal Pane, p. 45) [2].

CF. CADERNO 10 (XXXIII), P. 39.

§ ⟨156⟩. *Passado e presente*. De que modo o presente é uma *crítica* do passado, além de [e porque] uma "superação" dele. Mas, por isto, deve-se jogar fora o passado? Deve-se jogar fora aquilo que o presente criticou "intrinsecamente" e aquela parte de nós mesmos
|99A| que a isto corresponde. O que | significa isto? Que nós devemos ter consciência exata desta crítica real e dar-lhe uma expressão não só teórica, mas política. Ou seja, devemos ser mais presos ao presente, que nós mesmos contribuímos para criar, tendo consciência do passado e de sua continuação (e reviver).

§ ⟨157⟩. *Croce e os intelectuais*. Que importância teve o seu livro sobre a *Storia d'Italia dal 1871* [*] *al 1915*? É interessante observar a mudança de Croce da posição "crítica" para a "ativa". Livro de Bonomi sobre Bissolati. O livro de Zibordi sobre Prampolini. A tradução de Schiavi do livro de De Man [1]. O livro de De Man serve de ligação.

É interessante, todavia, a carta de Orazio Raimondo reproduzida por Castellano em seu livro *Introduzione allo studio delle opere di Benedetto Croce* [2]. Demonstra que também antes, a influência de Croce se fazia sentir por canais que permaneciam incontroláveis: o próprio Raimondo, maçom e verdadeiramente maçom, ou seja, embebido da ideologia maçônica até os ossos, e democrático; na sua defesa da (Tiepolo?) encontra-se todo o teísmo maçônico de forma clara e evidente [3].

CF. CADERNO 10 (XXXIII), PP. 38 A - 39.

§ ⟨158⟩. "*Animalidade" e industrialismo*. O industrialismo é uma contínua vitória sobre a animalidade do homem, um processo ininterrupto e doloroso de subjugação dos instintos a novos e rígidos hábitos de ordem, de exatidão, de precisão. Existe uma mecanização ou aspectos de uma mecanização. Mas todo novo modo de viver, no período no qual se impõe e luta contra o velho, não parece uma mecanização? Isso ocorre porque até agora as mudanças ocorreram por coerção *brutal,* ou seja, por imposição de uma classe sobre uma outra. A seleção

* NO MS: "70".

dos homens aptos ao novo tipo de civilização, isto é, ao novo tipo de trabalho ocorreu com inaudita brutalidade, lançando no inferno das subclasses os débeis, os refratários. Houve crises. Mas quem estava envolvido nesta | crise? Não as massas trabalhadoras, mas as classes |100| medias que também sentiram, mas indiretamente, a pressão pelo seu próprio sistema de vida e de trabalho. As crises de *libertinismo* foram numerosas: toda época histórica tem uma. Para obter uma nova adaptação ao novo trabalho, se exerce uma pressão em toda a área social, se desenvolve uma ideologia *puritana* que confere forma externa de persuação e de consenso à intrínseca coerção brutal. Obtido em uma certa medida o resultado, a pressão se quebra (historicamente essa ruptura se apresenta de diferentíssimos modos, como é natural, já que a pressão sempre assumiu formas originais, frequentemente pessoais, se identificou com movimentos de religiosidade, criou um aparelho próprio que se personificou em determinadas camadas ou castas, adotou o nome de um rei etc.) e surge a crise de *libertinismo* (a crise francesa depois da morte de Luís XIV, por exemplo), a qual, porém, só atinge superficialmente as massas trabalhadoras, ou as atinge sentimentalmente, já que deprava suas mulheres; com efeito, estas massas trabalhadoras já adquiriram os novos sistemas de vida e permanecem sujeitos à pressão pelas necessidades elementares de vida. O pós-guerra passou por uma crise semelhante, talvez a mais ampla que jamais foi vista na história; mas a pressão era exercida não para impor uma nova forma de trabalho, mas para as necessidadas da guerra. A vida nas trincheiras foi o principal objeto de pressão. Desencadearam-se especialmente os instintos sexuais, reprimidos por tantos anos em grandes massas de jovens dos dois sexos e tornados formidáveis pelo desaparecimento de tantos homens e pelo desequilíbrio dos sexos. As instituições ligadas à reprodução foram abaladas: matrimônio, família etc. e nasceu uma nova forma de "iluminismo" nestas questões. A crise se torna mais forte pelo contraste entre essa reação da guerra e a necessidade do novo método de trabalho que vai se impondo (taylorismo, racionalização). O trabalho demanda uma rígida disciplina | dos instintos sexuais, ou |100A| seja, um fortalecimento da "família" em sentido amplo (não desta ou daquela forma histórica), da regulamentação [e estabilidade] das relações sexuais.

Nesta questão o fator ideológico mais depravante é o *iluminismo*, a concepção "libertária" ligada às classes não manualmente produtivas. Fator que se torna grave se em um Estado as classes trabalhadoras não sofrem mais a pressão violenta de uma outra classe, se o novo hábito de trabalho deve ser adquirido apenas por meio de persuasão e de convicção. Forma-se uma situação de dualismo, entre a ideologia "verbal" que reconhece as novas necessidades e a prática "animalesca" que impede aos corpos físicos de absorver realmente os novos hábitos. Forma-se, isto é, uma situação de grande hipocrisia social totalitária. Por que totalitária? Em outras situações, a massa trabalhadora é *obrigada* a observar a virtude: quem a prega, não a observa, mesmo prestando-lhe homenagem verbal: a hipocrisia é de classe, não total; é uma forma transitória, porque explodirá em uma crise de libertinismo, mas quando as massas já tiverem assimilado a "virtude" em hábitos adquiridos. Neste segundo caso, ao contrário, não existindo o dualismo de classe, a "virtude" é afirmada, mas não observada nem por convicção nem por coerção: não haverá, portanto, aquisição de novos hábitos, necessários para o novo sistema de trabalho. É uma crise em "permanência" que somente a coerção pode interromper, uma coerção de novo tipo, porque, havendo apenas uma única classe, será autodisciplina (Alfieri que se faz amarrar na cadeira!). De qualquer modo, o inimigo a se combater é o iluminismo. E se não se criar a autodisciplina, nascerá alguma forma de bonapartismo, ou haverá uma invasão estrangeira, ou seja, se criará a condição de uma coação externa que faça cessar a crise de forma autoritária.

CF. CADERNO 22 (V), PP. 32-35.